



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO GEOCIENCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Helena Bonetto

**A INVISIBILIDADE NEGRA NA CIDADE DE PORTO ALEGRE:
Uma pesquisa sobre imaginários urbanos**

PORTO ALEGRE

2018

CIP - Catalogação na Publicação

Bonetto, Helena
A INVISIBILIDADE NEGRA NA CIDADE DE PORTO ALEGRE:
uma pesquisa sobre imaginários urbanos / Helena
Bonetto. -- 2018.
236 f.
Orientador: Álvaro Luiz Heidrich.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa de
Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. imaginário. 2. invisibilidade. 3. negra. 4.
urbano. 5. Porto Alegre. I. Heidrich, Álvaro Luiz,
orient. II. Título.

Helena Bonetto

A INVISIBILIDADE NEGRA NA CIDADE DE PORTO ALEGRE:

Uma pesquisa sobre imaginários urbanos

Tese de doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Doutora em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Álvaro Luiz Heidrich

Linha de Pesquisa: Análise Territorial

PORTO ALEGRE

2018

Helena Bonetto

A INVISIBILIDADE NEGRA NA CIDADE DE PORTO ALEGRE:
uma pesquisa sobre imaginários urbanos

Tese de doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Doutora em Geografia.

Aprovada em 07 de novembro de 2018

Prof. Dr. Orientador Álvaro Luiz Heidrich

Prof. Dr. Paulo Roberto Rodrigues Soares

Prof.^a Dr.^a Cláudia Luísa Zeferino Pires

Prof.^a Dr.^a Gládis Elise Pereira da Silva Kaercher

Prof.^a Dr.^a Cátia Antônia da Silva

Dedico este trabalho à minha filha Ana Luísa Bonetto Rodrigues, que abriu mão de estar com sua mãe e enfrentou comigo todas as adversidades do fazer, do construir e do escrever esta pesquisa, te amo!

AGRADECIMENTOS

Escrevi em março de 2018 sobre os males da pós-graduação em minha vida:

“Quem me conhece sabe que se puder nem falo do doutorado, mas hoje senti a necessidade de contar sobre os bastidores de uma pós-graduação:

O doutorado foi um período bem complicado da minha vida, uma virada completa, além de todos os problemas que tive que enfrentar com a pós-graduação e minha saúde...

Então se você tem um amigo ou amiga fazendo mestrado ou doutorado não ache que ele ou ela é super-homem ou super-mulher!

Ofereça um ombro, um café, uma escuta, pergunte se ele está bem, se não quer sua companhia. Muitas doenças mentais podem ser desenvolvidas neste período, é um tempo de muita pressão, desgaste e solidão.

Não fique e cobrando sua presença em tudo,: em festas, encontros, aceite que ele ou ela está em permanente pressão, preocupado, tentando dar conta do mundo...

Desculpe suas ausências, pergunte se não quer uma visita, pergunte como está a escrita, pergunte, não encha ele com muitos problemas, principalmente no período da escrita, entenda, por favor!

Ah, não diga que vai ajudar e esqueça, não ofereça ajuda e depois caia fora...

Não somos poderosos e não damos conta do mundo, precisamos de colo, de alguém que leia os textos, de alguém que diga que isso não é “mimimi”, alguém que perceba que fazer uma pós-graduação, sendo professor de escola pública, não é ser fantástico é ser sobrevivente!

É a partir desse desabafo que escrevo os agradecimentos desta tese, agradeço à minha filha em primeiro lugar e ao meu orientador. Espero não ter esquecido nenhum dos amigos e das amigas, que à suas maneiras, se fizeram sempre presentes Obrigada por estarem na minha vida. Compartilho com cada um de vocês um pedaço desta tese.

Preciso agradecer primeiramente à minha filha – Ana Luísa Bonetto Rodrigues, que com sua alma iluminada, doce, vibrante, salvou sua mãe da morte por mais de uma vez. Para ela dedico minha vida, minhas eternas desculpas pelas ausências, por ser uma mãe estranha perto das outras, mas cheia de amor incondicional. Ela me ensina, todos os dias, que o próximo vai ser encantador, com suas reflexões filosóficas, sua arte de observação, suas frases maravilhosas, “mãe tu já pensou que esse minutinho que vivemos não volta mais”; “mãe tu tá tão linda hoje”; “te amo, mãe”; “estuda, mãe”; “te fiz um cafezinho”; “um bolinho de chuva que não deu certo”; “acorda mãe”; “não desisti, vai dar certo”; “hoje tu vai dar um tempinho”; “porque não sou da tua cor?”; e outras, e outras...

Teus olhos grandes queimaram minha alma desde o dia que nos vimos pela primeira vez. Desde lá, foi paciente, entendeu uma mãe que é apaixonada por livros, pelas palavras, pela sala de aula, pelos estudos. Entendeu que ao invés de ficar ao teu lado nas noites frias de inverno, tive que ficar de pé lendo, escrevendo, resumindo. Estes quatro anos e meio foram desafiadores para você minha gigante Ana Luísa. Teu sorriso, tuas mãos quietinhas, teus bilhetinhos, teus chazinhos, comidinhas, leitura de livros para mãe digitar, tua

ajuda na hora de montar murais para análise de dados, teu abraço forte quando perdia meus documentos foi o alimento para minha alma, que se quebrou diversas vezes neste processo e teve como cola o teu amor, não tenho como agradecer. Esta página é apenas uma lembrança pequena do que vivemos juntas nestes últimos tempos, desejo que quando estiveres grande tenha histórias para contar sobre tua mãe e sobre tua presença, foste e é o motivo pelo qual minha energia não se findou. Te amo filha, que seja eterna nossa amizade, afeto e carinho! Dedico cada uma destas palavras a você, não sei se um dia compreenderás, mas é uma forma de pedir desculpa por todas as ausências, e falta de paciência contigo, neste tempo enorme da tua infância e início de adolescência, espero que um dia me perdoe!

Agradeço à minha mãe Iemanjá que esteve sempre presente em todos os momentos de exaustão, tristeza, alegrias e de dúvidas, preciso agradecer todos os dias a sua energia na minha vida.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Álvaro Luiz Heidrich, paciente, foi amigo, companheiro, incentivador, alento para todos os momentos difíceis, respeitando tempos, estando ao meu lado, apoiando decisões delicadas. Não tenho como agradecer a paz que foste nestes quatro anos. Sou grata por não ter apenas um orientador, mas pela humanização da pesquisa materializada na sua prática de orientações, escutas e trocas, obrigada.

À minha irmã, Daiana Bonetto, sempre incentivando mesmo distante, companheira para os obstáculos da vida, silenciosa, mas que me ensina sempre. Da minha família de sangue a única que talvez entenda o que é fazer um doutorado nas condições emocionais e materiais que este foi realizado. E à minha amiga e cunhada Fabíola, pelas suas palavras sempre afirmativas e de incentivo.

Yara Cerpa, minha amiga irmã que as Ciências Sociais me deu, e que a vida manteve, foi sempre uma inspiração e ombro quando estive sem alento, são anos de uma escuta firme, mas sempre tranquilizadora. Finalmente nos tornamos doutoras, e como tu mesmo disse, de onde viemos é uma trajetória e tanto! Não existem palavras para expressar minha admiração, respeito e amor! Para uma das minhas mães emprestada, Jacqueline Cerpa, agradeço também pelas palavras fortes vindas de uma mulher com histórias lindas e de exemplo do que nós, mulheres podemos ser!

À Meriene de Moraes, que me apresentou o feminismo na prática, e a possibilidade de um pensar desnaturalizado das relações afetivas. Sua amizade é um dos presentes do convívio na graduação em Geografia e ainda dos meses que juntas moramos. Em um curto espaço de tempo, aprendi mais sobre a sororidade entre mulheres, do que nos livros de sociologia! Tu sabes que uma parte de ti esta sempre comigo.

Ao Rafael Braga, que me ensinou a ser forte. Meu leitor assíduo, nossas trajetórias se cruzam, primeiro pela falta de empatia que se transformou em cumplicidade e depois pelo amor-amizade. Meu agradecimento é pouco frente a tua presença em minha vida!

Cristiano Quaresma, pela amizade que juntos fomos construindo, entre risadas, puxões de orelha e medos. Nós não sabíamos que o afeto seria materializado em cumplicidade, escuta e companheirismo!

Bruno, a Geografia foi generosa conosco, fomos colocados lado a lado para aprendermos juntos, para que não importasse horários, pois estamos sempre dispostos a pensar, criar, confidenciar. Foi importante estar contigo, em qualquer momento e de ter a certeza que ainda existem amigos para todas as horas e professores dispostos a construir outras realidades. Salve a Bom Jesus e a Restinga em nossas trajetórias!

Roberta Duran, a profissão e a Geografia com carinho, vão formando minha família escolhida. Minha irmã amada, obrigada pela companhia, pelas caronas, pelas trocas, pela força incessante nestes últimos anos, pelo respeito, pela tua garra. Admiro-te e sou eternamente grata por ter me dado uma família emprestada, a filha Nicolle Radde, uma mãe Liége Corseuil, e o polêmico-vibrante Leonel Radde.

Tatiane Mendes, amiga que a docência me deu. Fez-me descobrir uma beleza, que nem eu mesma sabia que tinha. Sempre incentivando, me acalmando, ouvindo e empurrando, tu sabes que és muito importante em minha vida!

Ana Cristina, professora inspiradora, mulher corajosa, presente em cada gota de suor desta escrita, obrigada por compartilhar da tua vida comigo, sendo inspiração e incentivo.

Natália, por ter me apoiado ao tomar uma das decisões mais difíceis da minha vida e não ter me deixado sozinha em nenhum momento. Admiro-te, pelo teu sorriso, verdade e amizade sempre!

Laís Cabral Menezes, pela calma, confiança, disposição da escuta e pela produção dos mapas. Rodrigo, colega e amigo de orientação, pelo apoio sempre, não só para esta tese, mas na vida!

Renan, amigo querido, sabemos o quanto temos em comum e quanto nossas vidas se tocam, mesmo que a distância. Sou feliz por tê-lo em minha vida, por acreditarmos na Geografia e por sabermos que ela é só amor!

Jerusa, pelo silêncio, confiança e abraço forte!

Iosvaldyr Carvalho Bittencourt Junior, obrigada por tornar-se presente nos momentos mais delicados, por ser uma inspiração por ser provocador e acolhedor. Ir a Osório foi decisivo para esta pesquisa e para minha trajetória como pesquisadora em construção, obrigada!

E a Francisca Dias, nossa Rainha Ginga de Osório que me adotou, de abraço, forte e alma linda! Obrigada!

Caroline Fraga e Priscila Martins, a escola Adventista, depois de anos, me deu duas irmãs lindas, que admiro muito e deixaram mais leve a escrita. Agradecer separado a vocês geraria ciúmes, então as coloquei juntinhas. Nosso amor não tem tamanho, e me sinto parte da família de cada uma, obrigada por estarem sempre comigo nas risadas e nas tristezas.

Everton Fiuza pelos dias de acolhimento e preparação da defesa de tese.

Patrícia Mazzoca, esses mistérios doces da vida fizeram com que fossemos morar pertinho, e de colegas nos transformamos em amigas. Sem você, com certeza esta tese não teria saído do pensamento. Na intensidade da escrita, fui agraciada por almoços, jantas, chimarrão e pipoca, também ganhei dois sobrinhos, Camila de sorriso largo, e Antônio, com seus cachinhos. Minha vida ficou mais feliz com vocês!

Márcia (Vila Bonita), que cuidou da minha aparência, é uma artista com os cabelos e com a alma, sempre me alegrando com sua risada linda.

Às amigas que estiveram por perto, em algum momento desta escrita, sempre me encorajando para que ela fosse concluída. Djanira Correa (mais uma das minhas mães), obrigada por estar presente em minha vida; Tatiana Rodrigues, por nossas conversas sobre espiritualidade, energias e autoconhecimento, anos de convívio e amizade que se cruzam sempre; Junara Ferreira, inspiração, diálogo e constância na luta e resistência por uma Universidade plural; Lizandra, pelo diálogo sincero, Vanessa Gil pela troca de experiências e Inaê pela energia, empurrão e sorriso afetuoso..

Liz, pela mão no ombro fraterno; Gabriela, por seu afeto incondicional e acolhimento nas transformações da minha vida, estamos espacialmente separadas, mas juntas em pensamento; Larissa Oyarzabal pelas conversas por mensagens nas noites de agonia, insegurança e quase desistência; Elaine Garcia, forte geógrafa, professora, resistência e inspiração na escola pública; Aline Possamai, pelas conversas e solidariedade sempre; Renata Silveira pelas preocupações com a escrita; Itamira pela preocupação com a saúde, Emília Morselli, pela energia; Ana Cristina Peruffo, pelas risadas; Tânia Schneider pela amizade sociológica e permanente; Adelaide pelas ligações na madrugada, em que rirmos juntas das nossas desgraças; Keli Siqueira Ruas pela partilha das dores e enfrentamentos que somente as mulheres conhecem. Ingrid Noal entrevistada que se transformou em parceira de trabalho, escrita e amiga; Luciane Alves Branco pelos recados por mensagem, pelo abraço forte e pelo sorriso; Maria Helena fortaleza e garra, Alessandra Hernandez ouvinte e parceira espiritual;

Minha psiquiatra Doutora Carmem Gimenez, que me acompanhou durante o último ano de doutorado, trabalhando a ansiedade, bloqueios e a depressão que fui acometida durante o processo de doutoramento, sem ela, não seria possível finalizar este trabalho. Quem dera todos os doutorandos e mestrandos pudessem ter um acompanhamento durante suas pesquisas, são centenas de nós que adoecem.

Ao amigo Marcus Vinicius, que contribuiu lendo e provocando a qualificação deste trabalho, sempre disposto ao diálogo fraterno e problematizador!

Aos amigos Carlos da Rosa, Cássio Camargo, Fred Schwingel, Marco Dorneles, Marcelo Marccionri, Fabiano Bart que estiveram presentes com palavras de afeto, na escuta, ou simplesmente incentivando.

Shin amigo de lutas, de papos de madrugada, de abraço forte e que quase as vezes sem queres tava lá incentivando a escrita!!

Ao amigo Oscar Sobarzo, que de orientador de mestrado passou a ser um grande incentivador e ouvinte. Sou muito feliz por nossa relação de amizade e respeito, mesmo distante com certeza a tese, iniciou em uma frestinha do mestrado.

Marcos Vinícius pela tua paciência nos momentos de aflição foste importante!

Leandro Machado por estar sempre vibrando, acompanhando e de longe e de perto contribuindo para que eu não esmorecesse em momentos de aflição; Amigo recente que se fez presente em todos os momentos de criação, obrigada!

Giuliano Lucas, pelos momentos de troca, alegria, girassóis, pelas lentes da fotografia, pela força do discurso, por ter contribuído, de alguma forma, para me libertar de muitas opressões, por apostar na potência deste trabalho e pela generosidade da escuta! Obrigada!

Aos geógrafos e geógrafas do meu coração, Raphael Carriconde, Os Ben-hurs Mateus Viegas, Gabriel Toja, Peterson Oliveira, Bruno Mazzoni, Thomas Vieira e Larissa, sou feliz, porque vocês fazem meus dias mais felizes com nosso grupo pseudosério no whatsapp.

Aos meus alunos e alunas da escola Estadual Ildo Meneghetti, localizada na Restinga, que acompanharam alegrias, desafios e tristezas desta tese, e que me escolheram como conselheira nos últimos dois anos; Aos que adentraram à Universidade Pública, admiro cada um deles, em especial Kalinka que seguiu os passos da profe aqui, caminhando pela Geografia.

Ao professor Manoel José Ávila da Silva por escutar, incentivar, por se alegrar pelas etapas da tese, compartilhar experiências foi muito importante.

À professora Cláudia Zeferrino pela amizade, apoio, proximidade, e por nossas outras Geografias!

Professora Adriana Dorfman pelas conversas e trocas nos corredores do departamento de Geografia da UFRGS.

Aos professores do departamento de Geografia da UFRGS, Paulo Soares, Francisco Eliseu Aquino, Marcelo Câmara, as conversas e trocas foram sempre de grande estímulo para não desistência.

Professora Carla Meinerz e professora Maria Aparecida Bermagamashi que me apoiaram na escuta quando minha bolsa de doutorado foi cancelada o Programa de Pós-graduação em Geografia.

Professora Gládis Elise Pereira da Silva Kaercher por ter provocado meu olhar para o urbano, através das lentes das relações étnico-raciais, viver e sentir a UNIAFRO foi o divisor de águas de minha vida e desta pesquisa.

A todos os integrantes da UNIAFRO.

Aos cursos pré-vestibulares que passei: Alternativa Cidadã, Zumbi dos Palmares e Esperança Popular da Restinga.

Ao Colégio Conhecer, no qual tive que me afastar para fazer o doutoramento. Agradeço aos colegas e amigos, saudades!

Aos narradores desta tese, em especial a Irene Santos que me recebeu com carinho, sorriso e empatia.

Por fim, agradeço ao Centro de Umbanda Caique Urubatã e São Cipriano pela energia, pelos conselhos e pela possibilidade de orientação espiritual em todos os momentos que precisei. Lugar que aquece meu coração e minha alma.

RESUMO

A presente pesquisa de doutorado em Geografia desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), intitulada - A invisibilidade negra na cidade de Porto Alegre: uma pesquisa sobre imaginários urbanos partiu da hipótese de que, embora entre os anos de 2010-2014 inúmeras iniciativas tenham sido direcionadas para visibilização das representações da escrita espacial negra na história de Porto Alegre, como o Museu de Percurso Negro, ainda persiste o imaginário dominante, constituído por representações que valorizam a cidade a partir da escrita espacial branca e de imigração europeia. O objetivo geral é compreender os processos de persistência de invisibilidade das representações negras nos imaginários urbanos da cidade. Os procedimentos metodológicos adotados para pesquisa formaram-se através de um mosaico de técnicas de coleta e análise de dados. Entre eles estão a pesquisa documental em panfletos, mapas e guia dos museus disponibilizados pela Secretária de Turismo, realização de entrevistas semiestruturadas no Centro Histórico de Porto Alegre no total de 46, inquérito por questionário através de plataforma online, com perguntas abertas e de múltipla escolha, com a finalidade de questionar os moradores sobre suas representações da cidade. Obteve-se também o levantamento dos monumentos na região central da cidade por meio da Secretária de Cultura do Município de Porto Alegre para análise dos grupos representados no Centro e no Parque Farroupilha (Parque da Redenção). Foram, ainda, realizadas entrevistas para obter narrativas com militantes, pesquisadores e, artistas negros, com a finalidade de visibilizar as representações da escrita espacial negra materializada em seus trabalhos. Os dados coletados estão apresentados através das narrativas espaciais turística, dos monumentos, dos moradores e de autores de trabalhos intelectuais, artístico-fotográficos e intervenções urbanas. As narrativas formam dois hologramas espaciais: sobre a invisibilidade negra, mais extenso e percorrido e sobre as narrativas de resistência, representações elaboradas para dar visibilidade ao negro em Porto Alegre. A trajetória de pesquisa permitiu chegar às seguintes considerações finais: nas narrativas às representações espaciais negras históricas da cidade de Porto Alegre continuam invisibilizadas devido a ausência do Museu de Percurso Negro nos materiais turísticos, tais como mapas, panfletos nem ao menos no guia de museus do Rio Grande do Sul. Apesar dos monumentos de visibilidade negra estarem presentes no centro da cidade, não são percebidos pelos entrevistados, não sendo vinculados a escrita espacial negra. Outra constatação alcançada é sobre a visibilidade desta escrita estar congelada no período da escravização. O estudo nos permite confirmar que a cidade de Porto Alegre apresenta no seu imaginário urbano o predomínio das representações dos imigrantes europeus relacionadas à fundação da cidade e vinculado ao trabalho que possibilitou seu desenvolvimento. Contudo, é importante destacar que as representações da identidade gaúcha, fortemente associada aos materiais analisados e nos monumentos presentes no centro histórico da cidade, também contribuem para a invisibilidade da escrita espacial negra na sua história, na medida em que não possuem representações com esse sentido nessa construção. Por fim, o

estudo nos leva a enfatizar a necessidade da implementação de políticas de representação da escrita espacial negra na cidade e o fortalecimento dos projetos existentes como o Museu de Percurso Negro e os Territórios Negros através da sua inclusão como pontos turísticos e percursos a serem realizados tanto por visitante, como também pelos moradores de Porto Alegre.

Palavras-chaves: Imaginário. Urbano. Invisibilidade. Cidade. Negros.

ABSTRACT

The present research of doctorate in Geography developed in the Program of Postgraduate in Geography of the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS), titled "A research on the urban life" between years of 2010-2014 the main initiatives were guided to the visibility of representations of black space writing in the history of Porto Alegre, such as the Black Route Museum, the dominant imaginary still exists, made up of representations that value the city from white space writing and European immigration. The general objective is the processes of persistence of invisibility of the black representations in the urban imaginaries of the city. The methodologies adopted for the research are formed through a mosaic of data collection and analysis techniques. Among them are the documentary research, pamphlets, maps and guides of the museums made available by the Secretary of Tourism, conducting semi-structured lectures in the Historic Center of Porto Alegre in a total of 46, through the research through the online platform, with open questions and choice with a purpose of questioning the residents about their representations of the city. Obtaining also the survey of monuments in the central region of the city through the Culture Department of the Municipality of Porto Alegre for analysis of the groups represented in the Center and in the Farroupilha Park (Redenção Park). Interviews were also conducted to obtain narratives with militants, researchers and artists, with a view to visualize representations of black spatial writing materialized in their works. The data are presented through tourist spatial narratives, monuments, residents and authors of urban intellectual, artistic and exhibitionist works. The narratives form a spatial hologram: on a black invisibility, more extensive and traveled and on narratives of resistance, representations elaborated to give visibility to the black in Porto Alegre. The research trajectory may arrive as a newcomer: in the narratives to the negative historical representations of the city of Porto Alegre remain invisible due to an absence of the Black Route Museum in the tourist fabrics, such as maps, pamphlets or at least no guide of museums of Rio Grande do Sul. Black visibility monuments are not present in the city center, they are not forgotten by the interviewees, they are not linked to black space writing. Another finding reached a demand in this freeze in the period of enslavement. The study allows the city of Porto Alegre to expose its imaginary the predominance of the representations of the immigrants on the city and those linked to the work that enabled its development. However, it is important to highlight the representations of body identity that are related to the materials analyzed and the monuments present in the Historic Center of the city, also contributed to the invisibility of spatial writing in its history, since there are no representations with this meaning in this construction. For example, the study leads us to emphasize the implementation of the declaration of directives of black spatial nature in the city and the strengthening of projects such as the Black Route Museum and the Black Territories on their part as sights and routes to be undertaken, as well as the residents of Porto Alegre.

Keywords: Imaginary. Urban. Invisibility. City. Black.

LISTA DE FIGURAS

Mapa 01 - Localização de Porto Alegre – RS	30
Mapa 02 - Museus de Porto Alegre – RS.....	127
Mapa 03 - Monumentos do Centro Histórico.....	150
Mapa 04 - Monumentos do Centro Histórico.....	158
Gráfico 01 - Total de Trabalhos por Área de Concentração sobre Imaginários Urbanos	32
Gráfico 02 - Área de Concentração e Imaginários Urbanos.....	33
Gráfico 03 - Contagem dos Monumentos do Centro Histórico por classificação.....	157
Gráfico 04 - Visibilidade dos Marcos do Museu de Percurso Negro.....	161
Gráfico 05 - Relação com a cultura em Porto Alegre: negra, alemã, italiana, portuguesa - açoriana, outras?	180
Gráfico 06 - Idade dos Entrevistados.....	181
Gráfico 07 - Autodeclaração dos entrevistados	183
Gráfico 08 - Renda dos entrevistados	184
Gráfico 09 - Localização da moradia dos entrevistados	185
Gráfico 10 - Cruzamento dos dados de autodeclarados brancos na pergunta: Quando você escuta falar sobre o Rio Grande do Sul, você pensa automaticamente em que grupos culturais?	185
Gráfico 11 - Cruzamento dos dados de autodeclarados negros na pergunta: Quando você escuta falar sobre o Rio Grande do Sul, você pensa automaticamente em que grupos culturais?	186
Gráfico 12 - Quando você pensa na história de Porto Alegre quais destes grupos se destacam pela importância?	187
Gráfico 13 - Qual destes grupos culturais você acredita que mais contribui para o desenvolvimento da cidade de Porto Alegre?	188
Gráfico 14 - As imagens estão localizadas em Porto Alegre? Caso não, em que Estado brasileiro poderiam estar?	189
Gráfico 15 - Você conhece o Museu de Percurso Negro em Porto Alegre?	190

Gráfico 16 - Você já observou esta placa no Parque da Redenção ou Parque Farroupilha?	191
Gráfico 17 - Bairros que você evitaria em Porto Alegre	192
Figura 01 - Elementos que compõem os imaginários urbanos	99
Figura 02 - Quadro Síntese	123
Figura 03 - Conceitos guia da Tese	124
Figura 04 - Saída de Campo no Parque da Redenção	131
Figura 05 - Marcha Zumbi dos Palmares (nov. 2016)	132
Figura 06 - Apresentação Grupo Temático Pedagógico Ponto Z	133
Figura 07 - Exposição Porto Negro – Memorial Erico Verissimo – Trabalhos Leandro Machado, Giliano Lucas, Pelópidas Thebano, Estevão Lula da Fontoura e registros das rodas de conversa.....	134
Figura 08 - Sopapo Poético – Irene Santos – Lançamento do documentário - Outros Carnavais	135
Figura 09 - Primeiro Campo nos marcos de Museu do Percurso Negro	161
Figura 10 - Tambor na Praça Brigadeiro Sampaio	162
Figura 11 - Pegada Africana na Praça da Alfândega	162
Figura 12 - Bará do Mercado Público de Porto Alegre	163
Figura 13 - Painel Afrobrasileiro no Largo Glênio Peres	164
Figura 14 - Pegada Africana	165
Figura 15 - Nomes do Parque da Redenção	166
Figura 16 - Monumento ao Expedicionário	167
Figura 17 - Recanto do Europeu	168
Figura 18 - Recanto do Europeu	168
Figura 19 - Recanto Oriental	169
Figura 20 - Fonte Francesa (chafariz de ferro, doado pelo governo da França no século XIX)	169
Figura 21 - Placa Lanceiros Negros	173
Figura 22 - Primeira Saída de Campo/Painel Afrobrasileiro (nov.2016)	174
Figura 23 - Primeira Saída de Campo/ Pegada Africana (nov.2016)	174
Figura 24 - Primeira Saída de Campo/ Tambor (nov.2016)	175
Figura 25 - Quarta Saída de Campo com colegas geógrafos Natália e Bruno (jan.2017).....	180
Figura 26 - Questionário Imaginários Urbanos de Porto Alegre	187

Figura 27 - As imagens estão localizadas em Porto Alegre? Caso não, em que Estado brasileiro poderiam estar?	189
Figura 28 - Placa Espaço Lanceiros Negros	201
Figura 29 - Iosvaldyr Bittencourt Jr - Saída de Campo – Geografia Cultural – UFRGS	201
Figura 30 - Iosvaldyr Bittencourt Jr - Saída de Campo: Geografia Cultural – UFRGS	203
Figura 31 - Roda de Conversa na Exposição Porto Negro	204
Figura 32 - Roda de Conversa na Exposição Porto Negro	208
Figura 33 - Espelho, 2015, Giuliano Lucas	209
Figura 34 - Negro em Preto e Branco e Colonos e Quilombolas	213
Quadro 01 - Perfil dos Documentos da Secretaria de Turismo de Porto Alegre coletados em março de 2017	141
Quadro 02 - Categorias dos Panfletos Turísticos	143
Quadro 03 - Inventário dos Monumentos do Centro Histórico de Porto Alegre	153

LISTA DE ABREVIATURAS

RS - Estado do Rio Grande do Sul

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UNIAFRO - Curso de Aperfeiçoamento UNIAFRO – Política de Promoção da Igualdade Racial

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

AC – Análise de Conteúdo

IHGB - Instituto Histórico e Geográfico

EDUCAFRO - Rede de Cursinhos Populares Educação e Cidadania para Afrodescendentes e Carentes

OBSERVAPOA - Observatório da Cidade de Porto Alegre

PVNC- Pré-Vestibular para Negros e Carentes

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	22
1.1	DO DEBATE SOBRE A CATEGORIA DE RAÇA AO PROJETO DE BRANQUEAMENTO DA NAÇÃO BRASILEIRA - UM PASSO PARA COMPREENDER A INVISIBILIDADE NEGRA DO RIO GRANDE DO SUL.....	34
1.2	INVISIBILIDADE NEGRA NO RIO GRANDE DO SUL E PORTO ALEGRE.....	49
2	FUNDAMENTOS TEÓRICOS	65
2.1	IMAGINÁRIOS E SUAS DEFINIÇÕES.....	65
2.1.1	Imaginários Urbanos	73
2.1.2	Imaginários Urbanos sob a ótica da Geografia – Alicia lindón e Daniel Hiernaux	82
2.2	DIÁLOGO ENTRE AS DEFINIÇÕES DE IMAGINÁRIOS URBANOS E OS REGIMES DE REPRESENTAÇÕES DE STUART HALL	94
2.3	ANTES DA COMPREENSÃO DOS HOLOGRAMAS ESPACIAIS – CONCEPÇÕES DE LUGAR.....	
2.4	HOLOGRAMAS ESPACIAIS.....	115
3	CAMINHOS, TRAÇADOS, TRAJETOS, SENSIBILIDADE E PERCURSOS DE UMA METODOLOGIA QUE SE FEZ NO TRILHAR DE UMA TESE	124
4	HOLOGRAMA ESPACIAL DA INVISIBILIDADE NEGRA EM PORTO ALEGRE	134
4.1	NARRATIVAS TURÍSTICAS - HOLOGRAMA ESPACIAL DA INVISIBILIDADE NEGRA EM PORTO ALEGRE.....	140
4.2	NARRATIVAS DOS MONUMENTOS HISTÓRICOS À REDENÇÃO.....	153
4.3	NARRATIVA DA RUA AO VIRTUAL.....	174
4.4	UNÍCULO DOS PONTOS-NARRATIVAS – O HOLOGRAMA ESPACIAL – A COMPROVAÇÃO DE UMA TESE.....	195
5	HOLOGRAMA DA VISIBILIDADE NEGRA EM PORTO ALEGRE/RS – AS NARRATIVAS DE RESISTÊNCIA	200

6	O SUL DE OLIVEIRA SILVEIRA – POR RONALD AUGUSTO - UM CAPÍTULO PARA CONTINUAR.....	220
7	CONCLUSÃO.....	224
	REFERÊNCIAS.....	231

1 INTRODUÇÃO

Toda tese tem uma história a ser contada e esta não seria diferente, contudo ela começa a ser gerada antes mesmo do ingresso no doutorado e possui um laço forte com minha trajetória como mulher branca, primeira integrante da minha família sanguínea que ingressou em uma Universidade Federal. Meus pais moram ao lado do Campus da UFRGS e eu não tinha ideia que era apenas 20 minutos de caminhada até ali, mas que se transformaram em anos de dedicação para o ingresso via vestibular.

A preparação para ingresso na universidade teve seu início no Curso Pré-Vestibular Alternativa Cidadã, voltado para pessoas de baixa renda que desejam ingressar no ensino superior. Eram nos anos 2000, não havia cotas na universidade, mas já existia intensa discussão sobre a democratização do ingresso neste espaço, principalmente nas universidades públicas. Fiquei durante quatro anos frequentando o curso e lá aprendi sobre as desigualdades, diferenças entre classes sociais, sobre o racismo e o porquê de alguns ingressarem mais rapidamente no ensino superior e outros não, descobri que não era apenas minha a responsabilidade por não conseguir passar no vestibular.

O Curso Pré-Vestibular Alternativa Cidadã tem sua história relacionada com outro curso pré-vestibular, o Zumbi dos Palmares, o qual foi criado por professores e professoras, na sua maioria negra, constituindo-se em uma proposta lançada pelo Frei Franciscano David Raimundo dos Santos, mais conhecido como Frei Davi.

Frei Davi foi presidente da Rede de Cursinhos Populares a Educação e Cidadania para Afrodecendentes e Carentes (EDUCAFRO). É uma das lideranças do Movimento Negro. A Educafro é responsável pelo movimento de fundação de diversos cursinhos no Brasil inteiro na década de 1990. Em uma reunião na baixada Fluminense, Estado do Rio de Janeiro, militantes daquela comunidade, do movimento negro, juntamente com Frei Davi e a pastoral da Igreja Católica, sentiram a necessidade de criar uma alternativa para jovens e adultos negros e pessoas carentes daquela região. Iniciaram em 1992, com o Cursinho Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC). Após cinco anos de

resultados positivos, a experiência se estendeu para São Paulo, constituindo em 184 núcleos.

O modelo do PVNC foi replicado em outros Estados do Brasil, o Pré-Vestibular Alternativa Cidadã também adotou a mesma forma de organização. O curso era gerido por professores e alunos. Todas as decisões eram tomadas em assembleias, gastos, insatisfações, grade de horários, tudo passava por todos, foi minha primeira escola de democracia direta.

Na grade de horários das disciplinas tínhamos Cultura e Cidadania, onde nos anos 2000, discutíamos as ações afirmativas nas universidades – como as cotas para negros e para estudantes de escola pública nas instituições federais. Então, minha formação se inicia lá. A semente sobre a temática racial foi lançada naquele espaço e seguiu sendo um dos temas de meu interesse.

A opção pelas Ciências Sociais também foi influenciada pela vivência no Alternativa Cidadã, em 2004, quando ingresso na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), no curso de licenciatura em Ciências Sociais. Logo que entrei engravidei de Ana Luísa, minha única filha, e casei (durante o doutorado me separei), estudar, trabalhar e dar conta de uma família alterou muitos sonhos e caminhos. Ser mãe e acadêmica ainda é um desafio para as mulheres no Brasil, e foram incontáveis os desafios e frustrações que precisei encarar, tive sempre a sensação de estar correndo atrás dos meus colegas, professores, e senti que a universidade não era um espaço feito para mim, que não deveria estar naquele lugar. Chamava esse sentimento de solidão acadêmica.

Ainda chamo, mas em 2006, fui selecionada para o Programa Conexões de Saberes, o qual era destinado a estudantes oriundos da classe popular e primeiros ingressantes na universidade. Neste momento se dá uma virada na minha formação pois encontrei estudantes iguais a mim, com mesmos sentimentos e dificuldades. O Programa permitiu a construção de uma rede de apoio para que nenhum de nós evadíssemos ou desistisse de estudar. Lá também que discutimos e participamos da implantação das ações afirmativa na UFRGS.

Foi lá também que pude ter o primeiro contato com o que chamam de excelência acadêmica (Pesquisa e Extensão), pois os grupos de estudantes divididos em territórios de atuação espalhados por Porto Alegre desenvolviam

trabalhos como extensionistas em diferentes comunidades. Eu fui trabalhar no Bairro Restinga, juntamente com outros colegas, por uma demanda da Associação Núcleo Esperança I, para criar o primeiro Curso Pré-Vestibular popular da Restinga, o Curso Pré-Vestibular Esperança Popular da Restinga em 2006, o qual continua existindo até os dias do hoje.

No curso, atuei como professora de sociologia juntamente com outros colegas, onde a temática racial era permanente. Nossos alunos eram na sua maioria negros e negras, e o bairro é historicamente formado por populações removidas de ocupações vistas como “irregulares” na cidade de Porto Alegre, tive a felicidade de ficar no curso até minha formatura nas Ciências Sociais.

A experiência de vivenciar a Restinga durante longos anos fez com que a escolhe-se o bairro para compreender seu processo de organização política. Ingresso em 2011 no mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRGS, motivada pelas experiências docente e pelo convívio com o professor Alfredo Gugliano pesquisador do Orçamento Participativo de Porto Alegre, o qual impulsionou minha vontade de ser pesquisadora, incentivando e me chamando para trabalhar como bolsista de iniciação científica. Eu já havia me candidatado durante a licenciatura, mas nunca tinha sido selecionada. Então, durante a permanência no bacharelado em Ciências Sociais aceitei o desafio da iniciação científica, o qual permitiu descobrir que além de ser professora, morava em mim uma vontade de ser pesquisadora.

Fui estudar a organização das lideranças comunitárias no Orçamento Participativo no bairro Restinga e suas percepções topofílicas e topofóbicas do lugar em que moravam. Tornei-me mestra pela UFRGS, mas durante a pesquisa identifiquei falas recorrentes sobre o bairro Restinga em Porto Alegre/RS, relativas à imagem que os moradores e não moradores possuem deste local. Essas imagens mentais que interferem no cotidiano dos moradores atribui, a este fenômeno a formação de imaginários urbanos sobre o aquele lugar. Consequentemente foi despertada em mim a curiosidade de continuar a pesquisar, mas desta vez o foco seria os processos de construção dos imaginários urbanos naquele local.

A minha curiosidade permaneceu com a convivência com os alunos e com a nomeação no concurso para professora de geografia da escola Estadual Engenheiro Ildo Meneghetti, localizada no bairro Restinga, continuou

alimentando a ideia de estudo dos imaginários urbanos vem da experiência da docência e das vivências no bairro.

Assim, ingressei novamente no Programa de Pós-Graduação em Geografia para doutoramento. Inicialmente a pesquisa tinha como foco o bairro Restinga, contudo dois fatos foram importantes para ampliação desse foco. O primeiro foi a convivência no o Núcleo de Estudos Geografia e Ambiente (NEGA) e o contato com Quilombo dos Alpes, localizado no bairro Glória em Porto Alegre, no ano 2014, que fez com que a pesquisa tivesse sido parcialmente desenvolvida no quilombo. Porém, com as observações, convivência, e a compreensão da realidade dos moradores, cheguei a conclusão de que a comunidade tinha demandas muito mais urgentes do que uma pesquisa do doutorado. Desta problematização, parti para entender a totalidade da cidade de Porto Alegre e os seus imaginários urbanos atravessados pela valorização e a visibilização das origens europeias e pela invisibilização da escrita espacial histórica dos negros na cidade.

O segundo fato foi a seleção para tutoria do curso a distância do Curso de Aperfeiçoamento (UNIAFRO) – Política de Promoção da Igualdade Racial na UNIAFRO, o qual tinha como objetivo a formação de professores da educação básica para implementação da lei 10.639/2003 e a qualificação para a educação antirracista. A tutoria consistia em auxiliar as professoras nas aulas e no acompanhamento dos alunos nos polos de educação a distância no interior do Estado do Rio Grande do Sul.

Para atuar no curso, os tutores realizaram formações sobre a lei, sobre o conceito de raça, sobre a educação das relações étnico-raciais e o racismo. Na aula inaugural do curso, o professor doutor antropólogo: kabengele Munanga, reconheci do pelo seu trabalho sobre o tema foi convidado a realizar uma conferência durante a manhã para os professores e professoras, tutores e tutoras e cursistas da UNIAFRO, e durante a tarde todos realizaram os Territórios Negros, projeto implementado em Porto Alegre pela Secretária de Educação do Município. Durante o trajeto tornei-me consciente de dimensões da cidade que não tinha conhecimento, mesmo tendo cursado Ciências Sociais e ainda estar no curso de licenciatura de Geografia na UFRGS. Ao observar a visibilidade destes territórios para maioria dos professores que convivo, para meus alunos e provavelmente para uma grande maioria da população que

reside em Porto Alegre, me senti provocada a compreender a invisibilidade da escrita espacial negra nesta cidade e a relação com os imaginários urbanos sobre este local que está imbricado com a história da formação do Estado do Rio Grande do Sul (RS).

O lugar de onde escrevo é de ser mulher, branca, com sobrenome de imigrantes italianos, criada em uma periferia de Viamão, educadora popular durante 10 anos e professora da escola pública em um dos bairros mais negros de Porto Alegre. Sou uma educadora que não passo por um dia da docência sem tocar nas questões raciais ou sem escutar em algum momento dos meus educandos e minhas educandas situações de racismo pelos quais passaram.

Esses fatos fazem com que eu esteja permanentemente refletindo sobre o racismo no Brasil e a luta antirracista, portanto está tese não é apenas um trabalho acadêmico para ser engavetado ou para cumprir um ritual de obtenção de título, é uma construção laçada pelas experiências individuais, coletivas e de docências.

E pela luta diária por uma educação antirracista que eduque a população branca deste país para compreensão de que o racismo é fenômeno estruturante e deve ser atacado com políticas afirmativas para promoção de equidade nas dimensões culturais, religiosas, econômicas e de representações nas cidades.

O Brasil ainda vive em seu cotidiano o racismo e a desigualdade racial, e ainda não reconhecemos o privilégio da população branca no ingresso no ensino superior, na valorização de suas culturas advindas dos imigrantes, na valorização da sua força de trabalho, da livre expressão religiosa e nas representações raciais. Nós brancos, estamos largamente representados na mídia, nos monumentos da cidade, nas revistas e na história brasileira. Portanto para combater o racismo é crucial que reconheçamos nossos privilégios e compreendamos que não podemos ter a dimensão do racismo porque em nossas trajetórias nunca experimentamos seus efeitos, mas combatê-lo é dever e compromisso de toda a população brasileira.

Na obra de Alberto Guerreiro Ramos encontrei as reflexões para continuar entendendo que a ciência se faz através da solidariedade entre pesquisadores, devendo ser uma ciência engajada com a realidade e não estar alheia a ela. Segundo o pesquisador, os temas científicos de um país dizem

muito sobre ele. Assim diante dessas prerrogativas a tese aqui apresentada, não pertence unicamente a mim, pois tenho como interlocutores: os narradoras e as narradoras entrevistadas, os espaços marcados pelos sujeitos negros produtores do espaço urbano de Porto Alegre, os educandos e as educandas da escola Ildo Meneghetti localizada no bairro Restinga, em Porto Alegre/RS e os amigos (as) que estiveram sempre na escuta atenta.

Nas páginas que seguem apresenta-se ao leitor um projeto de construção científica engajado com a realidade e sensível à problemática do racismo no Brasil. O racismo é observado na concretude da cidade de Porto Alegre, através da desigualdade de signos que representam a cultura negra no seu Centro Histórico até o Parque Farroupilha, chamado popularmente como Redenção.

No atual cenário brasileiro onde vivenciamos uma onda conservadora racista, homofóbica e machista, de perseguição aos grupos que combatem essas práticas, o tema desta tese poderia se tornar menos importante. O genocídio negro foi denominado por Abdias do Nascimento como um processo de racismo ao modo brasileiro. Assim mas a temática aqui apresentada é extremamente necessária para construção de uma nação plurirracial.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em seu site de notícias refere-se ao aumento da população de pretos e pardos em nosso país, conforme:

Entre 2012 e 2016, enquanto a população brasileira cresceu 3,4%, chegando a 205,5 milhões, o número dos que se declaravam brancos teve uma redução de 1,8%, totalizando 90,9 milhões. Já o número de pardos autodeclarados cresceu 6,6% e o de pretos, 14,9%, chegando a 95,9 milhões e 16,8 milhões, respectivamente. É o que mostram os dados sobre moradores da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016, divulgados hoje pelo IBGE. (IBGE, 2012) (fonte: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencianoticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18282-pnad-c-moradores.html>).

Vale lembrar que nas pesquisas realizadas pelo IBGE, é respeitada a autodeclaração, sendo que o entrevistado pode escolher uma das cinco opções do questionário: branco, pardo, preto, amarelo ou indígena. Os números apresentados acima evidenciam o crescimento da autodeclaração da população como preta e parda, grupos que foram tratados na presente pesquisa sob a denominação de negros. A adoção desta classificação não elimina

a ciência da autora que a população negra no Brasil é formado por grupos grupos étnicos que foram traficados de locais diferentes do continente de África e foram separados dos seus grupos linguísticos e culturais pelos colonizadores portugueses de forma estratégica para evitar sua organização novo território. No RS os negros e negras eram pertencentes a região do que conhecemos como Guiné Setentrional, conforme Bittencourt Jr (2010):

Eram chamados Minas, precedentes da costa do Ouro (Fantes) e da Costa dos Escravos (Popôs) e da região de Guiné Meridional vieram os negros Bantos, procedentes de Angola, Cassange e do Congo. Assim podemos falar que os africanos trazidos a força e escravizados do RS denominavam-se genericamente de angolas, congos, minas e moçambiques (BITTENCOURT JR, 2010, p 23)

E ainda não podemos esquecer que o RS se inseria no comércio interno de escravizados não sendo o primeiro destino dos negros e das negras traficadas pelos portugueses colonizadores.

Dito isso, possuímos um maior número de população negra em nosso país, ainda precisamos reconhecer que estamos engatinhando na igualdade de direitos civis entre brancos e negros, fato que se tornou o alimento das reivindicações do Movimento Negro no Brasil. Não é difícil perceber que estruturalmente em desigualdade apresenta-se em nosso cotidiano, a desigualdade racial em números, os dados estão baixo: Na revista do Instituto de Pesquisas Econômica Aplicada (IPEA) a respeito do retrato das desigualdades raciais e de gênero em nosso país, publicada em 2011, encontramos dados estatísticos que comprovam a desigualdade racial entre a população negra e branca na educação e desemprego:

Observa-se que a média de anos de estudos da população com 15 anos ou mais de idade aumentou de 5,5 anos, em 1995, para 7,5 anos, em 2009, representando um aumento de 2 anos no período. Considerando-se a população negra, identifica-se um aumento de 2,4 anos no mesmo intervalo, o que não representa ainda o rompimento das desigualdades: em 2009, os/as negros/as tinham 6,7 anos de estudos, contra 8,4 anos da população branca (RETRATOS DA DESIGUALDADE, 2011, p. 21).

O desemprego é também uma realidade permeada de desigualdades de gênero e raça. Assim, a menor taxa de desemprego corresponde à dos homens brancos (5%), ao passo que a maior remete às mulheres negras (12%). No intervalo entre os extremos, encontram-se as mulheres brancas (9%) e os homens negros (7%) (RETRATOS DA DESIGUALDADE, 2011, p. 27).

O genocídio negro é denunciado por Abdias do Nascimento em seu livro – O Genocídio do Negro Brasileiro – Processo de um Racismo Mascarado. O prefácio da edição brasileira, escrito por Florestan Fernandes, nos fala sobre a hipocrisia do Estado em não admitir que é um dos principais responsáveis pelo genocídio negro em nosso país.

Vou citar, por exemplo, mortes que se tornaram fatos históricos no período em que esta tese foi tecida de 2014 a 2018: Cláudia Silva Ferreira, auxiliar de serviços gerais assassinada em março de 2014, foi baleada em uma operação no Morro da Congonha no Rio de Janeiro e arrastada por um carro da Polícia Militar. Quatro anos depois outra morte torna-se caso nacional, desta vez Marielle Franco, mulher, negra, ativista, vereadora eleita em 2016, com mais de 40 mil votos; novamente o cenário do assassinato é o Rio de Janeiro. Nesse caso, trata-se de um crime político, pois Marielle denunciava e criticava a intervenção federal no Rio de Janeiro¹. Segundo o site de notícias Geledés (de 16 de abril), trata-se de um crime político que tem como alvo não apenas Marielle, mas todo um movimento de politização, resistência, cidadania e empoderamento de mulheres negras. Estes dois assassinatos, são fatos históricos no Brasil. Conforme o Atlas da Violência de 2017 (IPEA), as mortes do Brasil possuem raça e gênero.

Diante deste contexto de desigualdade e de genocídio da população negra, poderíamos pensar na relevância social de uma pesquisa que tem como tema: a invisibilidade das representações negras nos imaginários urbanos na Cidade de Porto Alegre - RS entre 2010-2014.

A luta pela representatividade negra nas cidades brasileiras é uma demanda importante a ser conquistada, é outra dimensão da equidade racial. Além disso, torna-se urgente a transformação das representações sobre a população negra em nosso país, as quais quase sempre são estereotipadas.

Em face dessa situação a pergunta desta tese é: como, **e por que**, a invisibilidade das representações negras persistiram nos imaginários urbanos

¹ Em 16 de fevereiro de 2018, o governo federal decretou uma intervenção na área de segurança pública no estado do Rio de Janeiro. Como Interventor, foi designado um general do Exército, Walter Souza Braga Netto, que passa a ter comando direto sobre as polícias estaduais, sobre o Corpo de Bombeiros e sobre a Secretaria de Administração Penitenciária até 31 de dezembro desse ano. O decreto foi posteriormente aprovado pela Câmara dos Deputados e pelo Senado Federal no dia 20 de fevereiro desse mesmo ano. Para saber mais acessar: <http://observatoriodaintervencao.com.br/a-intervencao/contexto/>

da Cidade de Porto Alegre entre 2010-2014 embora existesse representações da escrita espacial negra na sua história? Na intenção de respondê-la, o objetivo geral é: Compreender os processos de persistência de invisibilidade das representações negras nos imaginários urbanos da cidade de Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul, entre 2010-2014. E a Hipótese: embora entre anos de 2010-2014, inúmeras iniciativas tenham sido direcionadas para visibilização das representações da escrita espacial negra na história de Porto Alegre, como o Museu de Percurso Negro, ainda persiste o imaginário dominante, constituído por representações que valorizam a cidade branca e de imigração europeia.

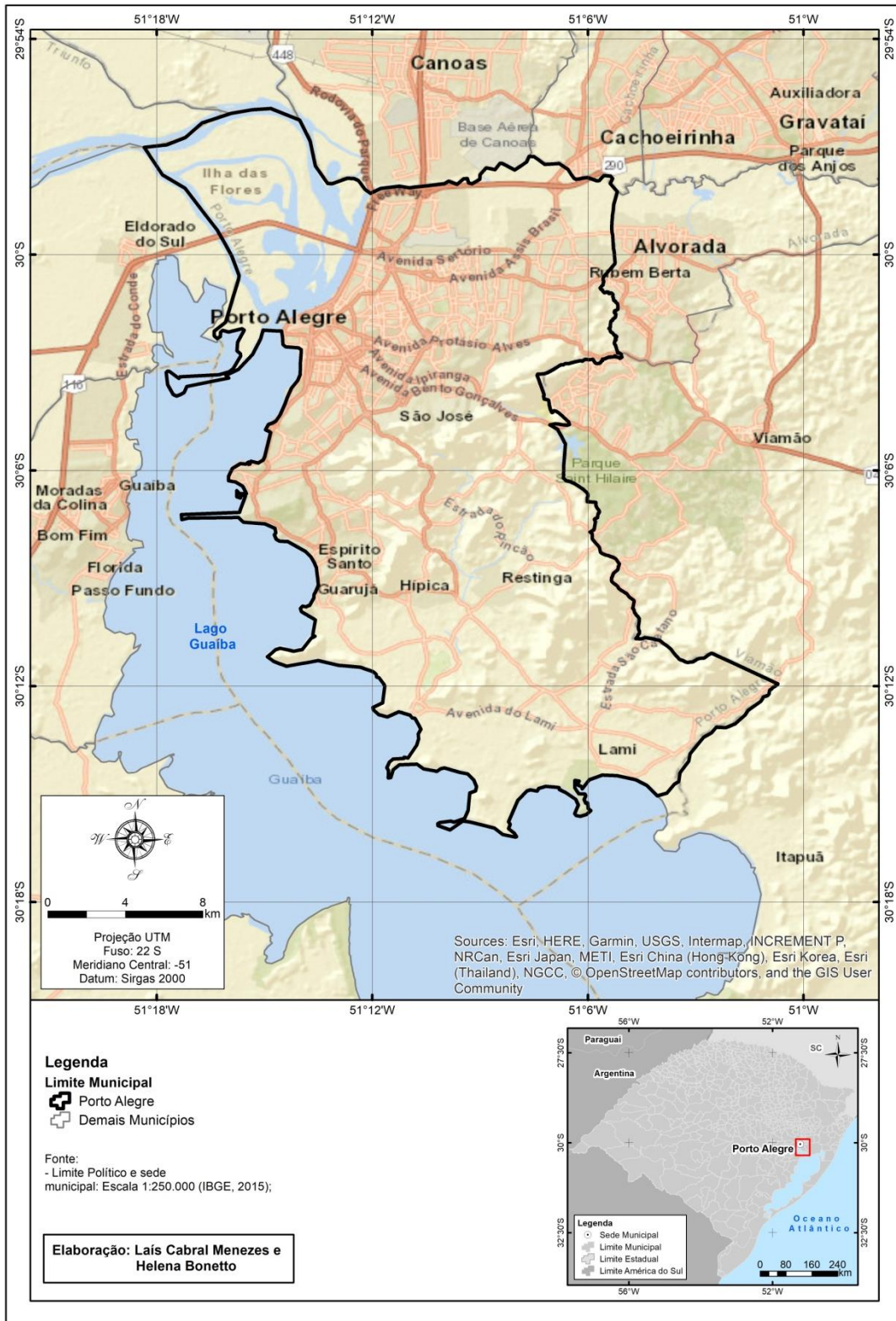
O recorte temporal que guiou a pesquisa corresponde inicialmente a primeira fase de implantação do Museu do Percurso Negro, a qual seria a entrega do Tambor que está localizado na Praça Brigadeiro Sampaio no Centro de Porto Alegre, ocorrido no ano de 2010. Já, o ano de término corresponde a data de entrega do Painel Afrobrasileiro, a quinta fase no Museu do Percurso Negro. O museu do Percurso do Percurso Negro é um projeto resultante da organização da comunidade negra de Porto Alegre, a qual estabeleceu como bandeira a luta pela representatividade negra em Porto Alegre. O projeto tem como objetivo demarcar o espaço da capital gaúcha com obras públicas que representem a memória, a identidade e a cidade dos negros que construíram Porto Alegre (Mapa 01).

A tese justifica-se pela sua relevância social, por problematizar a visibilidade da escrita espacial negra na história de Porto Alegre, visando tornar-se um documento que possibilite a construção de políticas de representação para esta cidade e que quebrem com o imaginário social de que estaríamos na “Europa brasileira” e sendo por um povo constituído apenas por imigrantes de origem portuguesa, italiana e alemã.

Além disso, visa proporcionar a inserção do Museu de Percurso Negro nos materiais turísticos de Porto Alegre e a construção de material pedagógico de divulgação dos territórios negros de Porto Alegre nas escolas da rede municipal, estadual e particular da cidade, bem como servir de fomento para políticas de memória com recorte racial com objetivo da visibilidade da população negra como produtora histórica do espaço urbano da capital gaúcha. Pretende-se também, que sirva de combate ao racismo às marcações culturais

que representam a história da população negra em Porto Alegre e no Brasil. Tornando visíveis as marcações culturais, econômicas e históricas tendo em vista a permanente invisibilidade no imaginário urbano quando comparada com outros grupos que povoaram Porto Alegre, tais como italianos e alemães.

Mapa 01: Localização de Porto Alegre - RS



Elaborado por: Menezes; Bonetto (2018).

Os dados sobre a população negra em Porto Alegre e suas condições sociais foram obtidas por meio OBSERVAPOA (Observatório da Cidade de Porto Alegre). É possível observar o maior reconhecimento identitário dos negros nos levantamentos recentes, pois registra-se que a população negra aumentou sua participação demográfica, saindo do 16, 56% em 2000, para 20,24% em 2010. (OBSERVAPOA, 2013, p. 03). Acreditamos que a autodeclaração nas categorias preto e pardos tem crescido devido às ações afirmativas, e a visibilidade dada às questões raciais na imprensa.

Ao trazermos esses dados não queremos dizer que os negros não estiveram presentes ao longo da história de Porto Alegre, mas demonstrar que compõem o perfil étnico desta cidade, que passam a se reconhecer e a serem reconhecidos como negros, conforme Santos (2005, p. 25):

Entretanto, se a presença branca no Rio Grande do Sul está fartamente documentada, a presença negra aparece nos documentos de forma subalterna e ocasional. Utilizada esta documentação oficial, sabe-se que a presença negra no RS começou com a expedição vinda de Laguna (SC), comandada por João de Magalhães.

Outro dado significativo apontado pelo OBSERVAPOA (2013), no qual utiliza as regiões do Orçamento Participativo, para apresentar os dados de maior incidência do contingente populacional identificado como negro em Porto Alegre.

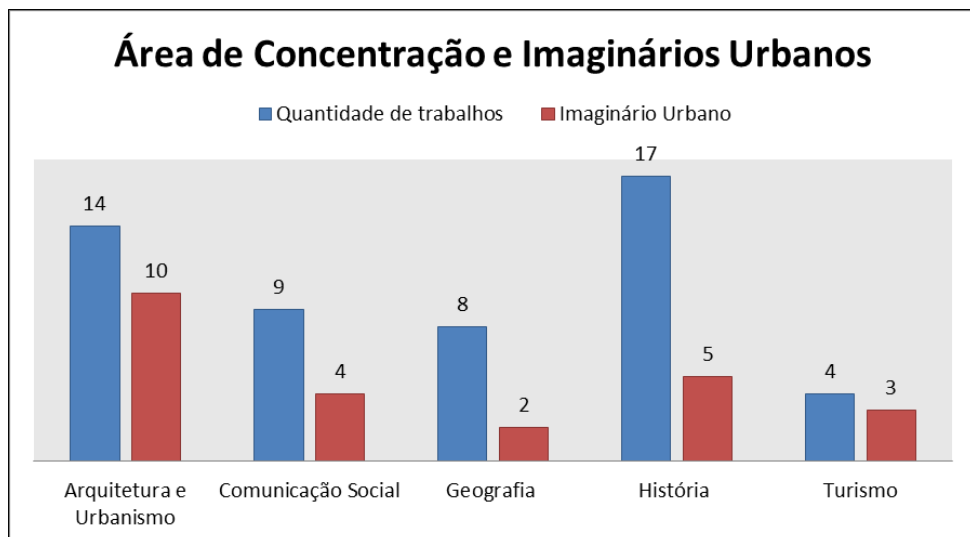
As regiões com menor incidência de identificação negra são: Noroeste e o Centro que perfazem, respectivamente: 7, 35% e 7, 23%, sendo que a maior concentração está no Nordeste e Restinga que possuem respectivamente 38, 62 e 38,5%. (OBSERVAPOA, 2013).

A tese justifica-se também pela escassez de trabalhos acadêmicos com o mesmo recorte de pesquisa na Geografia, tendo a finalidade de demonstrar que os imaginários urbanos ainda estão ausentes da vasta produção científica na Geografia brasileira. Elaborei para este estudo um levantamento de teses e dissertações sobre este tema no portal a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)². No levantamento chegamos ao número de 75, sendo que 25 são teses e 50 são dissertações, confirmando-se a escassez de

² Optei por este banco de dados, por reunir trabalhos defendidos até o ano de 2015 por brasileiros em instituições de todo nosso país e no exterior.

trabalhos científicos (teses e dissertações) sobre imaginários urbanos nos Programas brasileiros de Pós-Graduação em Geografia brasileiros (Gráfico 01):

Gráfico 01 – Total de Trabalhos por Área de Concentração sobre Imaginários Urbanos

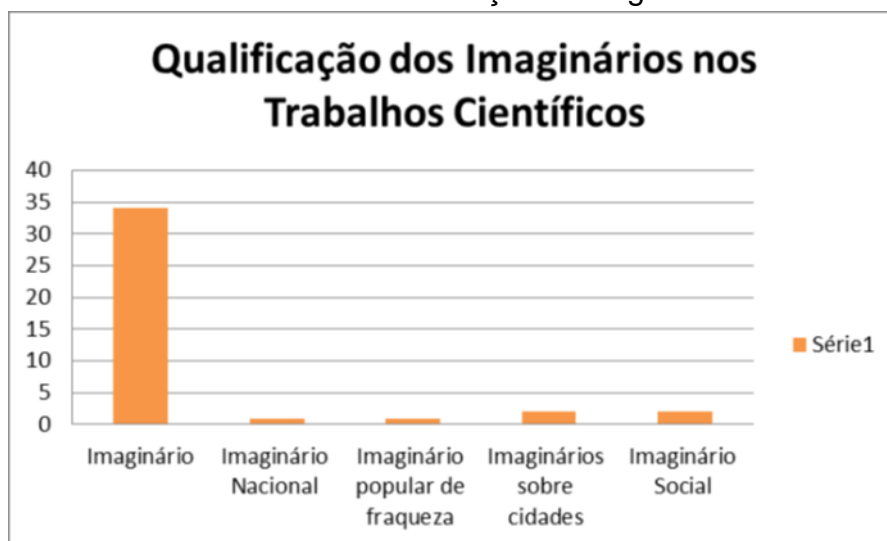


Fonte: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)

Nota: elaborado pelo autor

No gráfico 01, observamos que os trabalhos sobre imaginários urbanos concentram-se nos programas de Arquitetura e Urbanismo, na Geografia encontramos apenas dois trabalhos, sendo que um deles está no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRGS. Na busca pelos trabalhos pela palavra-chave imaginários, encontramos diferentes qualificações, tais como: imaginários, imaginários do medo, geográficos, de Porto Alegre, imaginário popular, sociais, entre outros, o gráfico 02 exemplifica, outras abordagens para os imaginários nos trabalhos acadêmicos brasileiros.

Gráfico 02 - Área de Concentração e Imaginários Urbanos



Fonte: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)

Nota: elaborado pelo autor

Para além de apresenta a escassez de trabalhos sobre os imaginários urbanos, procurei ao longo da tese propor um conceito de imaginários urbanos dentro da perspectiva adotada, e relacionando com as definições de representação, bem como construir um conceito e experimentar diferentes procedimentos metodológicos de coleta de dados e análise de dados. Também busquei aprofundar a aplicação de Holograma Espacial, proposta teórico-metodológica da geógrafa Alicia Lindón, tendo como base as narrativas também espaciais compostas por diferentes formas de representações materiais e imateriais da cidade de Porto Alegre.

A tese inicia com a discussão sobre o conceito de raça e, após, sobre a invisibilidade do negro em Porto Alegre e no RS. Em continuidade percorremos os conceitos de imaginários sociais e imaginários urbanos e o diálogo com as representações.

Assim, chegamos aos caminhos metodológicos, ao holograma espacial da invisibilidade negra em Porto Alegre e às narrativas que o compõem. Segue-se o holograma da visibilidade negra e por último um capítulo dedicado a Oliveira Silveira e, por fim, as considerações finais.

Desejo a todos uma boa leitura e que possam compreender que as páginas que se seguem são resultado de um incansável esforço teórico e analítico, sempre tendo em vista que uma pesquisa que se propõem como inovadora e com relevância social, tem seus limites, mas também inúmeros caminhos de possibilidades de seguir adiante pelas minhas mãos e pelas de outros pesquisadores que se interessem pelo tema.

1.1 DO DEBATE SOBRE A CATEGORIA DE RAÇA AO PROJETO DE BRANQUEAMENTO DA NAÇÃO BRASILEIRA - UM PASSO PARA COMPREENDER A INVISIBILIDADE NEGRA DO RIO GRANDE DO SUL

Começo este capítulo com uma frase de Milton Santos sobre a dificuldade de ser um intelectual negro no Brasil. Perguntado sobre isso, ele responde:

É difícil ser negro, é difícil ser um intelectual, e essas duas coisas juntas dão o que dão. É difícil ser negro porque fora das situações de evidência o cotidiano é muito pesado para os negros, é difícil ser intelectual porque faz parte da cultura nacional não ouvir tranquilamente uma palavra crítica. (Trecho do documentário - Encontro com **Milton Santos**: O mundo global visto do lado de cá, 2006).

A construção da ideia de raça no Brasil e em outros países da América Latina marca os processos históricos de formação dos Estados nacionais. É preciso, para falar desta categoria, primeiramente admitir que ela é estruturante das relações socioespaciais, assim como também é explicação para as desigualdade sociais em nosso país. Ela constitui um mediador e como expõe dos Anjos (2013), raça é um acontecimento que eclode sempre que a distribuição das chances de mobilidade social está pertinentemente

correlacionada a traços de fenótipo. Aprofundaremos logo em seguida esta afirmação.

Por isso, antes de prosseguirmos com a abordagem sobre a invisibilidade negra no Rio Grande do Sul, acreditamos na importância de discutirmos o conceito de raça e de racismo, e suas implicações para a invisibilidade total ou parcial dos negros no sul do país.

As considerações devem estar nítidas para o leitor, primeiro, o porquê do termo raça nesta tese, já que biologicamente não existem raças humanas. Optamos pelo uso de raça, pois socialmente as pessoas são identificadas pelo seu fenótipo no Brasil.

Nas ciências sociais, mais especificamente na Sociologia, o termo raça já foi amplamente discutido³, e o porquê de optarmos ainda pelo seu uso é sua presença no cotidiano das relações sociais. A opção pelo termo raça, nos dias atuais, se dá devido esta ser uma mediadora das relações socioespaciais no Brasil e em outros países da América Latina.

Para Guimarães (2003), quando nos perguntamos sobre o que é raça e precisamos entender que a resposta depende, pois existem pelos menos dois caminhos para sua análise, um reivindicado pela biologia através genética e outro pela Sociologia. Ainda em Guimarães (2003) encontramos as seguintes observações, o termo raça não desapareceu do discurso científico da Biologia e dos discursos que explicavam a vida social, como na Antropologia Física que considerava a existência de uma raça humana e subespécies. A divisão em raças estaria associada à diferenciação de grupos sociais, por características psíquicas e intelectuais. Assim, é significativo ressaltar que por muito tempo foi considerado pela ciência, segundo o autor:

³ BASTIDE, Roger & FERNANDES, Florestan. Brancos e negros em São Paulo. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1959.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Como trabalhar com "raça" em sociologia. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, p.93-107, jun. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151797022003000100008&lang=pt#nt01>. Acesso em: 11 jul. 2016.

Quijano, Aníbal. ¡Que tal raza! (Tema central). En: Ecuador Debate. Etnicidades e identificaciones, Quito : CAAP, (no. 48, diciembre 1999): pp. 141-152. ISSN: 1012-1498. Acesso em: 05 jul.2014

Todos sabem que o que chamamos de racismo não existiria sem essa ideia que divide os seres humanos em raças, em subespécies, cada qual com suas qualidades. Foi ela que hierarquizou as sociedades e populações humanas e fundamentou certo racismo doutrinário. Essa doutrina sobreviveu à criação das ciências sociais, das ciências da cultura e dos significados, respaldando posturas políticas insanas, de efeitos desastrosos, como **genocídios da população negra** todos os dias no Brasil e holocaustos. (GUIMARÃES, 2003, p. 96, grifo nosso).

Na história mundial da ciência pós-segunda guerra, houve um movimento para a não utilização da raça como uma categoria científica na Antropologia, Sociologia e na Biologia. O debate sobre a existência de raças na Biologia se encerra com o advento da genética, pois através dela afirma-se a inexistência de uma relação entre genes e características psíquicas e intelectuais. Contudo, o discurso racial continua a permear as relações socioespaciais. Assim, raça é construto social, portanto para Sociologia: “são discursos sobre as origens de um grupo, que usam termos que remetem à transmissão de traços fisionômicos, qualidades morais, intelectuais, psicológicas, entre outros.” (Guimarães, 2003, p. 96).

A raça para Quijano (2009), é um instrumento de dominação social que foi imposto pelos colonizadores portugueses e espanhóis. Sendo, segundo este autor, um dos mais eficazes nos últimos 500 anos. Produzida no início da formação da América e do capitalismo, na passagem do século XV para o XVI, nos séculos seguintes foi imposta sobre toda a população do planeta como parte da dominação colonial da Europa (QUIJANO, 2009, p. 43). Juntamente com a classificação racial de toda uma população, veio a dominação econômica, social e do saber. Desta forma foram distribuídas, de acordo com Quijano (2009), novas identidades sociais e geoculturais do mundo. Populações inteiras passaram a ser denominadas, como “Índio”, “Negro”, “Asiático” (antes “amarelo”), “Branco” e “Mestiço”, por sua vez, “América”, “Europa”, “Ásia”, “África” e “Oceania”. A partir dessa distribuição fundou-se o poder eurocêntrico mundial, onde a dominação foi justificada, utilizando características físicas de cada uma destas populações de forma pejorativa e topofóbica.

Quijano (2009) vai discutir as categorias de raça e gênero, dentro do padrão capitalista, nas relações de poder no capitalismo mundial, colonial/moderno e eurocentrado, tendo como pano de fundo o processo de

colonização da América Latina por portugueses e espanhóis. Processo que para autor perdura até os dias de hoje, como colonialidade do poder e do saber, isto é, como padrões de dominação eurocentrados. Para ele, uma das expressões dessa colonialidade é o racismo, não sendo apenas uma das manifestações, mas inegavelmente a mais perceptível e onipresente. É importante também dizer que para ele a categoria de raça não é utilizada biologicamente, contudo nas relações de poder ela se expressa, pois é um construto ideológico, e sendo eficaz como instrumento de dominação social.

A categoria raça está intrinsecamente ligada com a cor nos países da América Latina, Quijano (2009) aponta que a ideia de cor é anterior a categoria de raça. Para o pesquisador, a primeira raça que surge são os povos originários, chamados pelos colonizadores de “índios”, portanto, segundo este a primeira associação entre raça e cor nasce na “América”. De acordo com autor:

Afirmo que “a ideia de “raça” nasce com “América” e originalmente se refere às diferenças entre” “índios” e conquistadores, principalmente “castelhanos”. As primeiras pessoas denominadas a que os futuros europeus aplicam a ideia de “cor” não são sem dúvidas, “os índios”. São os escravos sequestrados e negociados desde as costas de que agora se conhece como África, e os quais se chamará “negros”. Mas, ainda que sem dúvida pareça estranho, não foi a eles que originalmente se aplicou a ideia de “raça”, apesar de que os futuros europeus já os conheciam muito antes de chegar às costas da futura América (QUIJANO, 2009, p. 47).

Segundo o pesquisador nem os próprios portugueses e espanhóis se identificavam como brancos. A cor viria durante o século XVIII, com a expansão dos processos de escravização das populações do continente africano. E na construção de identidades dominadoras, White (branco), e as identidades dominadas, Black (Negro). Para finalizar, Quijano (2009, p. 48) nos diz que:

“cor” não é “raça”, ela torna-se relação que socialmente se estabelece: de fato “cor” é uma forma tardia e eufemística de dizer “raça”, que se impõe mundialmente desde o final do século XIX.

A correlação entre raça e cor, historicamente baseada nas diferenças biológicas, se estabelece e se traduz em correlações entre a cor e as características físicas, que acabam por classificar os grupos sociais que não possuem a cor branca e os considerando incapazes de se desenvolverem culturalmente e mentalmente.

Para Quijano (2009) no século XVII se constitui o mito da modernidade e com ele uma escala de desenvolvimento histórico entre as raças, isto é, a raça primitiva correspondia aos “indígenas” que poderiam ser civilizados pelos brancos europeus; os negros incivilizados, que só possuem corpo sem alma, e europeus brancos civilizados. O binarismo do eurocentrismo entre incivilizados/civilizados segue em outras dimensões de dualismo como corpo/mente, subjetividade/razão. Sendo o cartesianismo o ponto de partida do pensamento ocidental, o corpo foi objetificado e separado da mente, os seres pensantes seriam os europeus/brancos, e os desprovidos da razão e não pensantes seriam os povos originários e os negros do continente africano.

A categoria raça analisada por Quijano (2009), marca a construção histórica do Brasil, assim pensamos na raça como um dos elementos estruturantes do nosso país e um dos principais fatores de desigualdade entre os brasileiros.

Vejamos então como no Brasil, as relações socioespaciais são processos racializados constituídos através da nossa história. Para Guimarães (2003), raça é um conceito que surge de forma nativa no Brasil, pois durante muitos anos os portugueses/brancos utilizaram mão de obra negra/escravizada do continente africano, condicionando essa população a um único lugar, o da escravização, e justificando a expropriação do seu trabalho através de discursos raciais, primeiramente teológicos, pois para os portugueses católicos/brancos a utilização da mão de obra negra era justificada através da afirmação de que não possuíam alma e, após, científicos, porque segundo a hierarquização social das raças, negros e povos originários eram incivilizados, apenas corpos sem razão.

Em Guimarães (2003) e Schwarcz (1993; 1998) encontramos referência ao mito de que os negros são descendentes de uma tribo amaldiçoada de Canaã, e os escravocratas acreditavam que tinham a missão de civilizar os filhos de Cã. Este é um dos exemplos de como os brancos/colonizadores/portugueses acreditavam que tinham uma missão civilizadora.

A categoria raça, como estruturante do Brasil, deve ser pensada socialmente e como mediadora das relações socioespaciais, e não de forma biológica. Em Schwarcz (1993; 1998), encontramos evidências de um país, que

no século XVIII, era uma nação multiétnica, miscigenada. Contudo, segundo a autora, o diretor do Museu Nacional do Rio Janeiro em 1911, no I congresso Internacional das Raças apresentará como solução para nosso desenvolvimento o branqueamento da população, estimava ele que em um século a nação brasileira tornar-se-ia totalmente branca.

A tese de Lacerda (diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro no ano de 1846), segundo Schwarcz (1993) pressupunha o Brasil como uma nação em transição que algum dia, através de cruzamentos, passaria a ser branca, compreendendo o branco sempre como o civilizador, o ser pensante, a cor que corresponde ao desenvolvimento⁴.

O projeto de nação do Estado Brasileiro não incluía uma população negra ou predominantemente negra, pois este fato era encarado como sendo um problema para o desenvolvimento do país. As teorias oitocentistas na Europa chegaram tardiamente, e sem nenhum espírito crítico por aqui, para elite brasileira (Schwarcz, 1993). O cruzamento de raças no Brasil era entendido como questão central para compreensão do destino da nação (Schwarcz, 1993). O termo raça no Brasil nunca expressou neutralidade, esteve sempre associado a uma imagem de Brasil e a causa da falência da nação residia na mestiçagem.

Para Schwartz (1998) e Ramos (1954), grandes pensadores da época, como Nina Rodrigues, médico da escola baiana e adepto ao darwinismo social e à poligenia, acreditavam que o cruzamento intenso das raças acabaria por depreciar toda população brasileira. Nina Rodrigues e Oliveira Viana foram os homens da ciência que mais se equivocaram sobre as relações de raça, ambos se basearam na inferioridade do negro no Brasil, pois:

Há, em Nina Rodrigues, acerto traço de sadomasoquismo quando trata de nossa questão étnica, o que parece patente numa afirmação como esta: "a raça negra no Brasil... *há de constituir sempre* um dos fatores de nossa inferioridade como povo" (o grifo é meu). Segundo a inteligência deste ponto de vista, seria insolúvel a inferioridade do povo brasileiro. Neste, o escritor maranhense-baiano teria visto uma espécie de lesão definitiva e, brasileiro que era, ao proclamá-la, deveria ter sentido na própria carne a imputação depressiva (RAMOS, 1954, p.4).

⁴ Falaremos sobre os estudos brasileiros mais recentes, relativos aos privilégios que a branquitude possui no Brasil, ao final desta discussão sobre a categoria de raça no Brasil.

A mestiçagem era vista como problema a ser combatido pelo Estado nacional, tendo em vista suas implicações para o desenvolvimento do país. O fruto do cruzamento de raças resultaria sempre em indivíduos com tendência a vícios, vagabundagem e doenças.

Existia uma versão romântica sobre a mestiçagem, de um grupo que se reuniu entorno do Instituto Histórico e Geográfico (IHGB), que de acordo com Schwarcz, “elegeu os bons selvagens como modelos nacionais e basicamente esqueceu-se da população negra.” (SCHWARCZ, 1998, p.177).

As teorias raciais, principalmente o darwinismo social e evolucionismo social foram amplamente adotadas no Brasil, e ainda, são acolhidas por um grande número de estabelecimentos de ensino (Schwarcz, 1993). A década de 1870, também é tida como referência na história das ciências no Brasil. Segundo Schwarcz (1993): “é um marco pela entrada do ideário positivo-evolucionista, em que os modelos raciais em análise cumprem um papel fundamental” (SCHWARCZ, 1993, p.19), sendo também o período de fortalecimento de centros de ensino nacionais, como: os museus etnográficos, as faculdades de direito e medicina e os institutos geográficos. De acordo com autora a inserção de modelos teóricos raciais e liberais em nosso país, acaba por provocar um paradoxo

O paradoxo do contraditório é a vigência contemporânea dos modelos liberais de atuação política e concepção de Estado. Liberalismo e racismo corporificam modelos teóricos explicativos de sucesso: o primeiro funda-se no indivíduo e sua responsabilidade pessoal; e o segundo retira a atenção colocada no sujeito para centrá-la na atuação do grupo entendido como resultado de uma estrutura biológica singular (SCHWARCZ, 1993, p. 19-20).

Para compreendermos as afirmações da pesquisadora precisamos entender o contexto das doutrinas raciais do século XIX. Ela parte da noção de “perfectibilidade” em que os povos originários são considerados primitivos, sendo início do gênero humano. Segundo ela os homens americanos transformam-se em objetos privilegiados para a nova percepção, que reduzia a humanidade a uma espécie, uma única evolução e uma possível “perfectibilidade”. Essa noção permanece no século XIX, mas ganha outros significados, passando a existir raças civilizadas e raças a serem civilizadas, partindo de um pressuposto eurocentrado do mundo, assim todos os grupos

que não são classificados como brancos, portanto aqueles que estão localizados fora dos países colonizadores são racializados.

Contudo, para a pesquisadora, os povos originários são vistos como “bons selvagens”, os quais, segundo filósofos como Rousseau são naturalmente bons, e seriam corrompidos pela evolução social. A construção de imagens negativas do Novo Mundo se intensifica a partir da metade do século do XVIII, com a expansão da colonização destes territórios e obtenção de conhecimento sobre as populações que neles habitavam, sendo o contexto intelectual do século XVIII na Europa, pós Revolução Francesa a difusão da:

1 - visão humanista herdeira da revolução francesa que naturaliza a igualdade humana (considerando nações, povos e jamais raças diferentes) e 2- diferenças básicas entre os homens, que no século XVIII será mais influente, estabelecendo correlações rígidas entre patrimônio genético, aptidões intelectuais e inclinações morais (SCHWARCZ, 1993, p.44).

Tendo em vista estes fatos históricos no início do século XIX, como efeito das concepções humanísticas, da dominação dos povos originários e da escravização da população negra do continente africano, o termo raça é introduzido na literatura mais especializada do século por Georges Cuvier. O autor inaugura a ideia de existência de heranças físicas permanentes entre os vários grupos humanos, estabelecendo um debate entre doutrinas racistas como ciências que se dividiam em monogenismo e poligenismo e descreve o debate no século XIX entre essas concepções, em que os primeiros acreditavam na unicidade da humanidade e estavam relacionadas ao discurso religioso e ao poligenismo, vinculado a sofisticação biológica, constituindo-se como uma constatação de dogma da igreja. Assim, ele permitiu o fortalecimento de uma interpretação biológica na análise do comportamento dos seres humanos, encorajado pelo nascimento da fenologia, antropométrica e craniologia técnica (SCHWARCZ, 1993, p.65).

Ciências que correlacionavam características físicas com intelectualidade e comportamentos sociais, tendo alguns cientistas expoentes como:

Antropologia criminal - Cesárea Lombroso que relacionava natureza biológica com comportamento criminoso, conforme a autora: argumentava ser a criminalidade um fenômeno físico e hereditário, e como tal um elemento objetivamente detectável nas diferentes sociedades. Paul Broca – as diversidades humanas observáveis são

um produto direto das diferenças na estrutura racial e usavam a craniologia para investigar raças puras, e condenava a hibridação, mestiços são estéreis (SCHWARCZ, 1993, p.65-67).

As ideias de Charles Darwin também foram reinterpretadas para explicações de fenômenos sociais e impregnadas por uma série de preconceitos, por exemplo: casamentos interraciais gerariam seres degenerados e fracos. Assim as máximas de Darwin eram adaptadas como justificativas para uma hierarquização social, onde a raça civilizada era o branco colonizador europeu, que não deveria misturar-se com outras raças para não degenerar sua espécie e nem formar indivíduos que seriam degenerados, fracos, estéreis e com tendências criminosas. Assim a evolução das raças seria a chegada delas ao um ideal de brancura e a civilidade do homem europeu, seriam os mais adaptados. Os termos da época eram civilização e progresso, modelos universais a serem atingidos, portanto, todas as populações passariam pelos mesmos estágios de evolução, assim chegaríamos aos ideais do evolucionismo social.

É válido ainda destacar que paralelamente as ideias do darwinismo e do evolucionismo social, as escolas deterministas geográficas (representadas por Ratzel e Buckle), relacionavam características dos lugares, como temperatura e comportamentos; habilidades com qualidades morais. Discursos de determinismo geográfico perduram até os dias de hoje, e seguidamente através de afirmações que se referem aos povos que trabalham mais que outros, pois residem em locais frios; e povos que tem tendência a preguiça, a gostar de festas, relacionados a locais com temperaturas mais quentes. Discursos deste tipo criaram imaginários geográficos que a população que mora no sul do país é mais trabalhadora e do nordeste é mais festiva. Ou também que os “gaúchos” são mais fechados em função do frio, e os baianos mais alegres em função do calor. É preciso estar atento a esses discursos para não continuarmos a reproduzi-los.

No Brasil, as teorias raciais expostas ganharam adeptos entre os pensadores e ampla discussão relacionada a mestiçagem do país, ora vista como um fator positivo, ora vista como problema nacional. Munanga (1999) discute a mestiçagem no Brasil, observando que no século XIX, sem o avanço de descobertas sobre as leis da hereditariedade, os cientistas consideravam o fruto da mestiçagem uma incógnita, pois “não faziam ideia do que poderia

acontecer com filhos de relações interraciais” (MUNANGA, 1999, p. 29). O pesquisador também aponta que, no contexto colonizador, o mestiço era um elemento ameaçador ao sistema, pois rompia com o maniqueísmo do sistema branco/negro, negro/escravizado, sendo um elemento perturbador da ordem sócio racial (MUNANGA, 1999).

A mestiçagem no final do século XIX era vista ora para negar a mestiçagem, ora para degradar a boa raça (branca e colonizadora), ora para reconduzir a espécie a seus traços originais (MUNANGA, 1999).

A intelectualidade brasileira no final do século XIX e início do século XX acreditava que a mestiçagem, segundo Munanga (1999), era um obstáculo para uma nação que se pensava como branca. Seguindo a mesma linha de raciocínio, mas não tratando do Brasil, Quijano (2005) afirma que a população latino-americana observa-se em um espelho eurocêntrico, o qual nos conduziu a pensar sempre que a pluralidade racial em nossos países era um problema e um impedimento ao desenvolvimento.

Contudo, os padrões de desenvolvimento foram impostos pela modernidade eurocêntrica, onde se acreditava que todos os locais do mundo teriam que passar pelos mesmos estágios evolutivos, chegando, a “civilização”.

Para resolver a degeneração resultante da mestiçagem, o Estado brasileiro, adotou a política de branqueamento, trazendo imigrantes italianos e alemães para nosso território, contudo fracassou no seu propósito. Entretanto, nas relações sociais “perdurou a ideia do branqueamento, pairando sempre nas cabeças de negros e mestiços, pois inconscientemente todos buscam ingressar em uma identidade branca por julgarem-na superior” (MUNANGA, 1998, p.16). Um dos fatores apontados por Munanga (1998) para a inviabilidade de mobilização do movimento negro, em torno de pautas pertinentes a esta população, viria da cristalização do ideal de branqueamento nacional vivo em nosso cotidiano.

Sobre o impedimento do desenvolvimento do Brasil em função da mestiçagem, encontramos em Ramos (1959) e Munanga (1999) referência a autores que fugiram dessa lógica de explicação, Alberto Torres trouxe outros elementos para o debate, tais como:

[...] a verdadeira raiz do problema nacional estava na alienação da elite nacional, foi por isso que se tornaram presa fácil das teorias de

degenerescência propagada pelos racistas europeus, Torres teve coragem de romper com as ideias deterministas de referência ajudando a exorcizar o determinismo de referência e a inferioridade racial e abrindo caminhos para novas indagações sobre a nacionalidade brasileira (MUNANGA, 1999, p. 62).

Segundo (SCHWARCZ, 1998) nos anos de 1930, a representação da mestiçagem tornou-se o símbolo de nossa identidade. A mistura do sangue e da cultura, como: o samba, a capoeira, o futebol, eram redensões apenas verbais, mas não se traduzia no cotidiano. SCHWARCZ (1998) demonstrando ser uma pretensa democracia racial:

A partir dos anos de 1930, quando a propagada ideia de “democracia racial”, formulada de modo exemplar na obra de Gilberto Freyre, foi exaltada de maneira a se menosprezar as diferenças diante singular”. Assim, comparada ao período anterior, quando miscigenação significava no máximo uma aposta no branqueamento, esse contexto destaca-se na valorização diversa à mistura, sobretudo cultural, que repercute em momentos futuros (SCHWARCZ, 1998, p. 178).

O mito da democracia racial é fundado na ideia da mistura das três raças que compõem o Brasil. Seria resultado dos povos originários, negros do continente africano e brancos colonizadores europeus. A construção da democracia racial como pseudoverdade de convivência e harmonia entre os grupos sociais no Brasil acabou por formar um tipo de racismo à brasileira, no qual a maioria da população afirma não ser racista, mas nas suas práticas socioespaciais do cotidiano naturaliza a inferioridade intelectual, psicológica e relaciona, de forma generalista, os negros a situações tofofóbicas. Poder-se-ia citar inúmeros exemplos, como: grandes escritores negros que foram durante anos embranquecidos, como: Machado de Assis, os possíveis criminosos possuem cor no Brasil. Grandes intelectuais negros quase sempre são invisibilizados, piadas depreciativas em relação aos negros reproduzindo estereótipos e entre outras situações.

A ideia de democracia racial tem como expoente Gilberto Freire e seu, livro tido como clássico das Ciências Sociais no Brasil “Casa Grande e Senzala”. O autor oferece um “novo modelo para sociedade multirracial brasileira, invertendo o antigo pessimismo, e introduzindo os estudos culturalistas como alternativa de análise” (SCHWARCZ, 1998, p.194). Porém, mesmo invertendo o sentido da mestiçagem no Brasil, Freire não rompeu com a hierarquização do branco em sua obra, e ainda criou a condição que mesmo

que a pele seja branca no Brasil todos nós temos algumas características negras, o que eliminaria qualquer possibilidade de preconceito e ainda legitimou uma série de absurdos e de violências que ocorreram durante o período escravagista no Brasil.

Cabe lembrar que em 30 de maio de 1939, para exaltar a tolerância entre as raças formadoras do Brasil. Além de elementos da cultura negra, nesse período passou a ser relacionado à identidade nacional, o futebol - esporte de origem inglesa que foi associado aos negros; a capoeira deixou de ser criminalizada e passou a ser modalidade esportiva em 1937. O samba passou da repressão à exaltação, de “dança de preto” a canção brasileira para exportação; e nesta época, também foi escolhida a padroeira do Brasil: “Nossa Senhora Aparecida que representaria a mestiçagem meio branca e meio negra” (SCHWARCZ, 1998, p.196).

Contudo, a incorporação de elementos negros na identidade nacional não foi suficiente para esta nova versão, pois alimentou a justificativa para que o racismo ficasse sempre congelado ao período escravocrata de nosso país, sendo extinto após a abolição oficial da população negra, como se uma suposta “cura” tivesse sido feita. Após a libertação de toda uma população negra, o racismo ficou cristalizado nesse período e ainda não foi encarado por nossa sociedade como problema estrutural, concreto, que gera desigualdades sociais, tais como o desemprego e a estigmatização dos negros até os dias atuais.

A interpretação dada sobre a democracia racial no Brasil provou uma série de estudos patrocinados pela UNESCO para verificar as relações étnico-raciais no Brasil. Os projetos de pesquisadores renomados empenharam-se em verificar como se dava no cotidiano brasileiro esta democracia racial, entre estes se encontra o projeto de Roger Bastides e Florestan Fernandes sobre os brancos e negros em São Paulo, que chegou à conclusão de existir uma profunda desigualdade econômica e de oportunidades e econômicas entre as raças, como Schwarcz nos fala: “neste estudo em vez da democracia surgiram indícios de discriminação, em lugar da harmonia o preconceito” (SCHWARCZ, 1998, 202). E ainda sobre a obra de Florestan Fernandes, a autora escreve sobre o constante fato de o brasileiro ter vergonha de ser racista, mas continuar reproduzindo o racismo no seu cotidiano, chamado por

ele “o preconceito de não ter preconceito”. Assim temos algumas denominações para racismo em nosso país, racismo às avessas, racismo à brasileira, chegando à negação do racismo e das desigualdades raciais.

O geógrafo Milton Santos ao falar da experiência de ser negro em outros países e no Brasil, torna concreta as linhas que acima foram escritas. Em um dos poucos textos que fala sobre a condição de ser negro no Brasil – intitulado *Ética enviesada da sociedade branca desvia enfrentamento do problema negro*, diz o seguinte:

Aqui, o fato de que o trabalho do negro tenha sido, desde os inícios da história econômica, essencial à manutenção do bem-estar das classes dominantes deu-lhe um papel central na gestação e perpetuação de uma ética conservadora e desigualitária. Os interesses cristalizados produziram convicções escravocratas arraigadas e mantêm estereótipos que ultrapassam os limites do simbólico e têm incidência sobre os demais aspectos das relações sociais (SANTOS, 2000, p.1).

Santos (2000) é pontual e nítido quando nos deixa a par de como se dão as relações socioespaciais em nosso país, quando da ascensão dos negros:

Por isso, talvez ironicamente, a ascensão, por menor que seja, dos negros na escala social sempre deu lugar a expressões veladas ou ostensivas de ressentimentos [paradoxalmente contra as vítimas]. Ao mesmo tempo, a opinião pública foi, por cinco séculos, treinada para desdenhar e, mesmo, não tolerar manifestações de inconformidade, vistas como um injustificável complexo de inferioridade, já que o Brasil, segundo a doutrina oficial, jamais acolhera nenhuma forma de discriminação ou preconceito [racismo] (SANTOS, 2000, p. 1).

O debate sobre raça e racismo no Brasil foi encarado sempre pelas elites brasileiras de forma adversa, tema que parece estar sempre congelado, mesmo sendo mediador das relações socioespaciais.

Historicamente teremos como principal protagonista e agente da luta contra o racismo e inclusive denunciando a falácia da democracia racial o movimento negro em suas diversas formas de organização. Entre as frentes de luta estão igualdade de acesso às universidades federais, a saúde da população negra, a formação de professores e a obrigatoriedade do ensino de África na escola, a partir lei 10.639, além das lutas por representatividade em todos os setores sociais, em especial o ensino de África na concretude das cidades, tais como em monumentos e nome de ruas. E não somente isso, a luta por serem reconhecidos como agentes produtores do espaço urbano não apenas como escravizados, mas marcando o espaço urbano com suas

manifestações culturais e religiosas. É necessário tornar a falácia da democracia racial em experiência vivida, como acesso a possibilidade à educação, à representatividade, à saúde e a todos os campos dos direitos civis.

Assi, pensemos como se expressam as relações raciais no espaço, e a razão de estudá-las no âmbito da Geografia. Em Santos (2010, p.145) encontramos importantes reflexões:

Sendo raça um princípio social de classificação entre os indivíduos, enquanto tal, ela regula comportamentos e relações, interfere nas trajetórias de indivíduos e na inserção social de grupos, sendo então um fator crucial na constituição da nossa estrutura social e espacial e ainda neste sentido que apontamos aqui que, se acreditamos que a raça é um elemento que regula as relações sociais, de alguma forma suas manifestações estão imbricadas na Geografia.

Santos (2010) evidencia o projeto de nação em que as elites e o Estado, tiveram como foco o branqueamento da população que e durante muito tempo afirmaram a existência de uma democracia racial e a persistência do racismo. Estes fatos possuem dimensões espaciais, ou seja, lugares, territórios, paisagens marcadas pela distinção racial:

Existem, portanto, geo-grafias do racismo e das relações raciais: o racismo, ao definir clivagens sociais e hierarquizar indivíduos e grupos a partir de seus pertencimentos raciais, se expressará na constituição de “lugares” (nos sentidos espacial e social) onde a presença dos desfavorecidos será majoritária (lugares da pobreza, da despossessão, da subalternidade) e lugares onde a sua presença será minoritária (lugares da riqueza, do poder, do saber socialmente legitimado, etc.) (SANTOS, 2010, p. 146).

Saindo da discussão geográfica, ainda temos entre os estudos raciais no Brasil, o crescimento de um caminho que busca entender a constituição do branco quanto raça dotada de privilégios historicamente construídos no país e no mundo. Entre estes estudos encontra-se a pesquisadora Lia Schucman (2012), qual tem como foco de pesquisa compreender a categoria de raça a partir das pessoas brancas, pois ela afirma que a maioria dos estudos sobre raça está centrada em negros e povos originários, o argumento dela que ao estudarmos negros e povos originários estamos condicionando estes grupos, repomos a ideia de que eles possuem raça e o branco não tem, ou seja, o branco encontra-se sempre de fora, sendo o ele representante da humanidade, e o restante são outros.

A pesquisadora fala que o processo de formação de identidade racial se dá através do reconhecimento do outro, sendo que o conceito utilizado por Schucman (2012) é o de branquitude que não pode ser confundida com brancura (brancura cor da pele). Branquitude é um lugar que é relacional, pois tem a ver com a posição que as populações brancas ocuparam principalmente na América Latina, como colonizadores, presentes em sociedades estruturadas pelo racismo produzindo privilégios simbólicos e materiais. Os privilégios simbólicos estão nos padrões sociais de beleza, por exemplo, como sendo o que é bonito relacionado diretamente com pessoas brancas de olhos azuis.

Assim, como poderíamos pensar a racialização das representações sociais e as expressões da branquitude nos imaginários urbanos da cidade de Porto Alegre? Como essas representações estão relacionados à imigração europeia, sendo qualificada de forma positiva e as representações negras caracterizadas de forma negativa?

Ao tratarmos da categoria de raça nesta tese como a categoria mediadora das relações socioespaciais no Brasil, compreende-se que ela invisibiliza o branco enquanto raça e o negro enquanto sujeito, como ser pensante, positivado e transformador do espaço urbano, um marcador histórico da cidade através do seu trabalho, que constrói e formou as cidades no Brasil.

A discussão racial visibiliza o branco sempre como produtor do espaço urbano. No caso dos imaginários urbanos de Porto Alegre, os imigrantes europeus como formadores históricos desta cidade com suas representações concretas no centro e nos arredores, através de monumentos, arquitetura e pontos turísticos a serem visitados, e os negros sempre como seres escravizados.

Visibiliza o branco como produtor deste espaço, representado e reconhecido no imaginário urbano de Porto Alegre e o negro invisibilizado e enclausurado na periferia urbana sempre em uma condição topofóbica, isto é, condicionado pelo crime, violência e pelo tráfico de drogas. Assim, tornou-se necessário explorar os conceitos raça e racismo historicamente para compreender a invisibilização da ancestralidade, das manifestações culturais e da história dos negros como agentes produtores do espaço urbano no Rio Grande do Sul.

1.2 A INVISIBILIDADE NEGRA NO RIO GRANDE DO SUL E PORTO ALEGRE

Na produção científica sobre o Negro no Rio Grande do Sul encontramos com frequência a reivindicação da sua participação em diferentes dimensões, tais como: econômica, cultural, religiosa, artística, histórica, territorial e literária da presença negra neste Estado para além do período escravocrata. Entre esses trabalhos estão: Leite (1996), Bakos e Bernard (1991) Oliven (1996), Santos (2005), Bittencourt Jr (1995; 2005;), Santos (2005), Rosa (2014) entre outros.

A explicação, para Leite (1996), da invisibilidade dos negros no perfil étnico da população gaúcha se deve a forte valorização dos elementos ligados à imigração de italianos e de alemães para esta região do país. Segundo Santos (2005) a presença branca no Rio Grande do Sul está fartamente documentada, já presença negra aparece nos documentos de forma subalterna ou ocasional.

Para Leite (1996), a invisibilidade dos negros na região sul se deve a políticas de branqueamento que trouxeram imigrantes de países europeus para esta região, ausência de políticas públicas, de pesquisas, de formas de representação literária e a segregação socioespacial. A autora é enfática ao escrever que os negros foram tratados como inexistentes nesta região do Brasil.

A invisibilidade dos negros no sul do país é resultado de uma política de branqueamento no sul do país atingiu seu sucesso. Leite (1996) aponta que os projetos de um país mais branco, com adoção de medidas legais para migração de europeus principalmente para a região sul adotadas pelo Estado brasileiro entre os séculos XIX e início do XX concretizaram-se.

Sendo esses projetos responsáveis pela invisibilização dos negros nesta região do país. Os “ex-escravizados” eram considerados como entrave para o desenvolvimento do país e de uma “verdadeira nação”.

O branqueamento é apontado como projeto de nação em Schwarcz (1993; 1998) e de Munanga (1999); Neste no último encontramos a discussão da identidade nacional.

A tese de Munanga (1999) aborda o processo de formação da identidade nacional no Brasil a partir aos métodos eugenistas que visaram o embranquecimento da sociedade. Se o embranquecimento tivesse sido hipoteticamente completado, a realidade racial brasileira seria outra. No lugar de uma sociedade totalmente branca ideologicamente branca, nasceu uma nova sociedade plural constituída de mestiços, negros, índios, brancos e asiáticos cujas combinações em proporções desiguais dariam ao Brasil seu colorido atual.

Para Leite (1996) as políticas de branqueamento do Brasil defendiam sua aplicação na região sul e abrangiam diferentes dimensões em nosso país, dimensões culturais, políticas e ideológicas:

A defesa do branqueamento foi unânime, porem diversificada na sua fundamentação. Passou por diversos argumentos, mas principalmente pela crença de seu sucesso iria ser conseguido pela via do sul, quer pela presença irrelevante dos negros, quer pela expectativa da intensa mestiçagem entre europeus brancos imigrantes e africanos negros ex-escravos. (LEITE, 1996, p.38-39).

A defesa do branqueamento via sul do Brasil se justificava pelo estatístico que deveria ser ocupado pelos imigrantes europeus. Para Leite (1996), a invisibilidade dos negros é um dos suportes da ideologia do branqueamento, podendo ser identificada em diferentes tipos de práticas representações. Em Leite (1996), encontramos que a noção de invisibilidade foi utilizada pela primeira vez por Ralph Ellison em 1990 para falar da invisibilidade dos negros na sociedade Norte Americana, este era o tema do romance Homem Invisível. De acordo com Leite, não é que o negro não seja visto, ele é visto como inexistente.

É interessante observar que este mecanismo, posteriormente percebido também no Brasil, ocorre em diferentes regiões e contextos, revelando-se como uma das principais formas de o racismo se manifestar. Como um dispositivo de negação do outro, muitas vezes inconsciente, é produtor e reprodutor do racismo: “A invisibilidade pode ocorrer no âmbito individual, coletivo, nas ações institucionais e nos textos científicos (LEITE, 1996, p.41)”.

Para autora a invisibilidade dos negros no Rio Grande do Sul e Santa Catarina se dá nos textos científicos também. A suposta inexpressividade da população de negros no sul, uma branda discriminação racial e as relações

mais igualitárias entre patrões e negros escravizados trabalhavam lado a lado e por isso eram tratados de forma mais igualitária, seriam os fundamentos para a construção de mitos explicativos, que para Leite (1996) beiram a ingenuidade e servem para justificar as desigualdades e a afirmação de uma suposta democracia racial.

Ela, afirma que, ao contrário da identidade brasileira inclusiva a identidade do sul é construída a partir da negação do negro, sendo o elemento principal constituinte desta identidade no âmbito da Nação, a branquidade dos imigrantes europeus, desde o século XIX, branqueando as práticas e as representações do sul e efetivando o sucesso da política migratória e de uma ideologia racista (LEITE, 1996, p.50).

Da mesma forma que Leite (1996), Oliven (1996) trata da questão da invisibilidade dos negros no Rio Grande do Sul, a qual estaria associada à construção da identidade gaúcha, a qual se tornou extremamente desbotada em termos relativos aos “indígenas” e aos negros. A invisibilidade teria como chave de compreensão as questões: raciais, sociais e simbólicas relativas a população negra no Rio Grande do Sul.

Ruben Oliven (1996) afirma que a historiografia tradicional invisibilizou a presença negra no Estado do RS, afirmando que ao contrário do que aconteceu em outros Estados brasileiros, como a Bahia, que o negro encontra-se entre o perfil étnico da população, no Rio Grande do Sul existe o reconhecimento do negro quanto escravizado, mas não como formador da identidade gaúcha.

Para o autor, a identidade do gaúcho residiria nas peculiaridades que envolvem a formação do Rio Grande do Sul, como por exemplo: a posição estratégica de fronteira e o seu povoamento e integração tardia ao Brasil, que contribuíram para a construção da identidade gaúcha calcada em um passado rural que tem como cenário o pampa e a figura idealizada do gaúcho.

No artigo sobre o imaginário étnico da população do Rio Grande do Sul, Mário Maestri (2008) vai além dos questionamentos sobre as representações do perfil étnico da formação do RS, partindo da pintura feita por Aldo Locatelli (1915-1962) na sala de reuniões do Palácio Piratini, sede do poder executivo do Estado do Rio Grande do Sul para estruturar seu argumento sobre da invisibilidade dos negros nas representações sobre a população do RS.

No painel de Aldo Locatelli estão representados: os lusitanos, os nativos guaranis, os bandeirantes paulistas e lagunenses e os colonos italianos e alemães. Para Maestri, Aldo Locatelli só reproduziu o que estava presente no imaginário da população rio-grandense da época, não existindo lugar para o negro escravizado e tão pouco como trabalhador, conforme:

Como se seu sangue e suor jamais tivessem frutificado o solo rio-grandense. Uma visão assumida, alimentada e ampliada pela historiografia, que negou-minimizou a importância da escravidão e do cativo na construção do Rio Grande. Hoje há consenso sobre a importância da escravidão na antiga formação social rio-grandense, que alguns autores definem como predominantemente escravista (MAESTRI, 2008, p.54)

O reconhecimento por parte da historiografia das influências e presenças de diferentes grupos étnicos na constituição do RS é notória, contudo, o “imaginário étnico histórico” é uma construção subjetiva da população rio-grandense sobre os grupos étnicos que formaram o RS. Conforme o autor o painel de Aldo Locatelli:

Apenas fixou o “imaginário étnico histórico” dominante no Sul. A maioria da população rio-grandense acredita que o Rio Grande seja essencialmente produto do esforço do homem livre, luso-brasileiro e, sobretudo, ítalo germânico. Na superficial e mítica visão geral da população sobre o passado rio-grandense, a contribuição dos africanos e dos afro-descendentes à formação social sulina é desqualificada e ignorada (MAESTRI, 1994, p.54).

No artigo Maestri revisa as principais obras sobre a história do RS e afirma que, do mesmo modo que no painel de Aldo Locatelli, as contribuições da população negra em nosso Estado foram desqualificadas, desmerecidas ou ignoradas apesar RS estar entre as principais províncias escravistas. Em 1872, o Estado era a sexta região em números absolutos de cativos. A ocupação do RS se deu por diferentes grupos étnicos, sendo que alguns deles vieram para ocupar terras e outros para serem escravizados.

Maestri (1994) é categórico nesta divisão nos dizendo que o grupo que veio para colonizar era branco e, não raro, eram portugueses natos, em contraponto aos negros, que foram trazidos para este Estado para trabalhar nas charqueadas, nas lavouras, transportes aquáticos, olarias, entre outros. Entretanto, mesmo sabendo dessa realidade, criou-se um mito de que a presença negra neste Estado é quase que insignificante e que não teria sido fundamental para o desenvolvimento do RS.

A historiografia relativa ao RS, conforme Maestri (2008), contribui para a invisibilidade das contribuições negras para o Estado. O pesquisador traz importantes relatos de viajantes que estiveram no RS, tal como Saint-Hilaire que, segundo o autor, defendia que o maior patrimônio da província era sua população sem miscigenação. Patrimônio como a ser mantido, “Saint-Hilaire fez precocemente uma defesa da excelência racial do rio-grandense” (MAESTRI, 1994, p.60).

Em Maestri (1994) encontramos inúmeros exemplos ao longo da historiografia sobre RS da desqualificação e da invisibilidade da presença negra neste Estado do sul do país, entre eles estão o mito democracia pastoril e a pureza étnica no RS. Acreditava-se que no trabalho pastoril senhores e escravos trabalhavam junto, o que possibilitava a aproximação de classes. Em Bakos e Bernard (1991), encontramos mais informações sobre o mito da democracia pastoril ou democracia racial dos pampas, conforme segue: “a historiografia tradicional sul rio-grandense enfatiza que o negro não foi fundamental na economia gaúcha e as relações entre escravizados e seus senhores eram cordiais “ (BAKOS; BERNARDS, 1991, p. 70).

As pesquisadoras ainda destacam que o tratamento pela historiografia tradicional que perdurou o mito de democracia racial fez com que pouco se soubesse sobre a história da inserção dos negros libertos no RS. Apesar da historiografia tradicional sobre RS silenciar a presença negra no RS, em Bakos e Bernard (1991) encontramos a preocupação de além de tornar visível o legado negro na história do RS, bem como a importância importante também desfazer estereótipos negativos construídos sobre os negros ao longo de séculos, o qual para as autoras têm sua origem no preconceito racial.

O processo de integração e a permanente busca de identidade fizeram com que grupos negros do RS se organizassem entorno da pesquisa histórica das raízes negras do nosso Estado. Essa releitura da história levou o grupo Palmares, de Porto Alegre, a propor a data de 20 de novembro, morte de Zumbi dos Palmares, como Dia Nacional da Consciência Negra (BAKOS; BERNARD, 1991).

As autoras reúnem eram história e literatura na sua análise, partindo da questão quilombola e das formas de resistências desta população neste Estado, passando pela questão das alforrias, destacando a importância das

confrarias, espaços onde os negros se reuniam para prestar assistência mútua. Em Porto Alegre encontramos uma das mais antigas confrarias do Brasil – A Nossa Senhora do Rosário fundada em 1786, localizada no centro de Porto Alegre, local em que, os negros e negras se reúnem para obter educação formal, conversar e para se

Bernard e Bakos (1991) apontam que a imprensa se constitui como uma das principais formas de resgatar a história do negro no Rio Grande do Sul, tendo em vista que possível ter acesso a diferentes dimensões sociais desta população dentro e fora da cidade de Porto Alegre, ressaltamos que ao longo do século XIX, um jornal editado por um grupo negro.

As autoras fazem referências a três períodos da imprensa rio-grandense, a primeira é marcada pela fundação do Diário de Porto Alegre, nas páginas dos jornais é possível encontrar anúncios, recompensas e denúncias relativas aos negros escravizados em Porto Alegre, a segunda fase é baseada em comentários de outras pessoas e deixando de lado as informações, a terceira fase é marcada pela criação do Correio do Povo.

Os jornais são importantes fontes históricas que nos permitem retornar no tempo, para entendermos nosso presente. Nas páginas dos jornais, na primeira fase contemporânea a escravidão Bernard e Bakos (1991) descrevem os jornais que surgiram no RS para desenvolver uma campanha antiescravagista sendo um exemplo o jornal: A Voz do Escravo (Pelotas). Na Fase pós-abolição teremos o jornal editado por um grupo de negros sendo a voz das insatisfações, dos casos de racismo, dos problemas vivenciados pela população negra da cidade de Porto Alegre – O Exemplo. Na década de 1970 a imprensa negra coloca em circulação uma Revista intitulada O Tição com objetivo de abordar questões relativas aos problemas vividos pela população negra no Brasil.

Apesar de as autoras destacarem a importância da imprensa para conhecermos mais detalhes sobre a presença e o legado da população negra no Estado do RS, Rosa (2014) nos alerta sobre o papel da imprensa na exaltação e manutenção da imagem do RS como Estado branco e europeizado, conforme, segue:

Essa imagem de região “embranquecida” e “europeizada” é reforçada anualmente através de jornais e reportagens dedicados a noticiar para todo o

país o “rigoroso inverno” e as ocasionais “nevascas” sulinas. “Retratado dessa forma, o Rio Grande do Sul – europeu, frio e distante – surge e ressurgue sempre como um forte contraponto à imagem de um Brasil tropical e mestiço” (ROSA, 2014, p. 1).

Contra-pondo-se aos imaginários que são fortalecidos pela imprensa local e são diariamente renovados por reportagens que dão ênfase à imigração italiana e germânica, Oliven (1996) aponta que em eventos de inversões sociais como no carnaval, verificamos a presença simbólica dos negros e dos indígenas, no entanto:

O envolvimento dos negros no carnaval da capital é muito marcante, com várias escolas de samba ligadas a grupos de negros tradicionais. Mas a festa não recebe a importância que ela tem, por exemplo: no Rio de Janeiro, Salvador, Recife e Olinda (OLIVEN, 1996, p. 55).

O pesquisador também destaca outras contradições ainda presentes nos dias atuais. Quando se fala do RS, acaba-se falando pouco sobre a presença do negro em nossa cultura, mesmo sendo este um Estado com grande concentração de práticas religiosas identificadas como umbandistas e de batuque. A notícia de julho de 2012 sobre os dados censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) veiculada por um dos jornais com maior circulação (Zero Hora) do RS corrobora as afirmações de Ruben Oliven em 1996 sobre a religiosidade dos gaúchos:

Os dados sobre religião do Censo 2010, divulgados nesta sexta-feira pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), consagram o Rio Grande do Sul como o Estado dos extremos religiosos. Estão em território gaúcho o município mais católico, o mais evangélico, o mais umbandista, o mais islâmico e o mais mórmon do país. Mas surpreendente é a força das religiões afro-brasileiras. Apesar de ser o segundo Estado mais branco do país, o Rio Grande do Sul tem a maior proporção nacional de adeptos da umbanda e do candomblé — 1,47%, quase cinco vezes o percentual da Bahia. Estão em terra gaúcha as 14 cidades com mais seguidores dessas religiões, a começar por Cidreira (Zero Hora, online, 2012).

Não podemos deixar de refletir que no texto da notícia, o jornalista destacou que, apesar de ser o Rio Grande do Sul o segundo Estado mais branco do país existem, sim, práticas religiosas que historicamente estão relacionadas com a presença negra em nosso país. Desse modo parece necessário ressaltar nosso passado marcado pela imigração europeia, o que significaria a frase: “Apesar de ser o segundo Estado mais branco do país, o

Rio Grande do Sul tem a maior proporção nacional de adeptos da umbanda e do candomblé”, essa afirmação nos dá pistas do papel da imprensa na perduração dos imaginários sociais que reafirmam o Estado como o mais europeu do Brasil.

Essas contradições no RS não estão apenas no campo religioso, Oliven (1996) também nos lembra da eleição, em 1982, de Alceu Collares para o governo estadual. Na ocasião atribuíram, a sua derrota ao fato dos eleitores em regiões que predominam a colonização alemã e italiana não teriam votado em Alceu Collares, por ser negro. Entretanto, foi eleito como prefeito de Porto Alegre em 1985, e em 1990 elegeu-se como governador do Estado.

Porto Alegre não está imune aos contextos descritos acima. Ao longo da história desta cidade, que certos grupos sociais são lembrados pelos papéis que teriam desempenhado historicamente, como por exemplo: no mito fundador de Porto Alegre. Para Pesavento (1999) está relacionado com imigração dos casais açorianos.

Porto Alegre teria nascido sobre uma aldeia indígena foi dividida em três sesmarias, recebeu os casais açorianos no século XVIII e uma imigração europeia nos séculos XIX e XX. Todavia, celebra seu aniversário rememorando apenas o passado da colonização açoriana, apagando a ancestral – e teimosamente atual – presença indígena, assim como, a de outros imigrantes e a dos negros, que também não são lembrados nos meios de comunicação. Os imigrantes alemães também têm referências quanto sua presença em Porto Alegre, ganhando até um período na história da cidade que abrange a segunda metade do século XIX até 1930. Daí o fato de ser chamada a capital Singer (1977) de “a cidade dos alemães”. A referência aos alemães, segundo Monteiro (1995, p. 33), teria vindo da seguinte forma:

Nesse período, crescia a influência da presença alemã na cidade com as práticas de esportes como o ciclismo, o remo e o tiro valorizavam-se o rio e os arraiais para passeios e piqueniques. Fundam-se uma série de sociedades e clubes congregando a comunidade imigrante. A influência também estava presente no estilo arquitetônico dos prédios, estabelecimentos comerciais, novas empresas e sociedades fundadas.

Para Pesavento (1995) os imigrantes alemães no final do século XIX constituem uma grande parte da elite de Porto Alegre, assim como no restante atribuíram a sua derrota a domicílios eleitorais onde predominaram as

colonizações alemã e italiana sugerindo aos leitores dessas cidades do Estado, o branqueamento da cidade acontecia na medida em que se intensificava a imigração europeia para o sul do país.

O Centro de Pesquisa Histórica de Porto Alegre, por meio da Coordenação de Memória Cultural realiza pesquisas sobre os bairros de Porto Alegre, o material disponibilizado pela prefeitura, traz importantes pistas para pensarmos as formas de ocupação do espaço de Porto Alegre pela população negra, pelos imigrantes italianos, pelos imigrantes alemães e pelos judeus.

Na pesquisa sobre os bairros, se reproduz de certa maneira as imagens que historicamente são relacionadas à presença negra. Elas aparecem sempre em processo de remoção dos locais de moradia para outros locais distantes. Já os imigrantes alemães, italianos e judeus estão relacionados com a compra de terras, modernização e o seu desenvolvimento. O memorial dos bairros exemplifica a afirmação de Pesavento (1995, p. 84):

Os banidos do espaço nobre da cidade não tinham condição de acesso aos terrenos que se valorizavam, nem muitas chances de ingressar no mercado formal de trabalho, face ao estigma da escravidão que associava o negro à vadiagem, à contravenção e ao crime.

Os locais de concentração negra em Porto Alegre foram historicamente sendo apagados da história da cidade em diferentes escalas. Bairros foram removidos, ruas as quais identificam a presença negra em Porto Alegre ganharam outros nomes, por exemplo: A Colônia Africana.

A área da Colônia Africana corresponde a uma parte do atual bairro Rio Branco, onde se encontra as ruas Castro Alves, Casemiro de Abreu, Vasco da Gama, Liberdade e Cabral, correndo em direção oeste-leste, e as ruas Mariante e Esperança (atual Miguel Tostes) aproximadamente correndo na direção norte-sul. (KERSTING, 1998, p. 101).

A Colônia Africana foi objeto de estudo de Pesavento (1995), Kersting (1998) e Rosa (2014). Não podemos analisar de forma ingênua seu esquecimento na história de Porto Alegre, naquele local residiam aqueles que deveriam ser banidos de Porto Alegre, aqueles que deveriam ser varridos da cidade, pois não representavam a modernidade, a civilidade, aquilo que as elites e a gestão de Porto Alegre da época desejava para cidade.

Em Pesavento (1995), encontramos uma importante reflexão sobre a Porto Alegre do século XIX e a exclusão dos negros da cidade, a pesquisadora vai abordar os caminhos da construção dos imaginários sociais de Porto Alegre a partir das crônicas antigas e da imprensa local.

Pesavento (1995) nos deixa nítido o papel importante da imprensa nesta construção. Os jornais da época foram determinantes na construção do imaginário social da Colônia Africana, pois veiculavam notícias que depreciavam o local, associando à desordem a população negra que habitava no local.

Além da Colônia Africana, Pesavento (1995), nos fala sobre outros locais da cidade, os territórios negros, para a autora a modernização da centralidade de Porto Alegre expulsou a população negra daquele local. Demonstrando que para os gestores da época, o centro da cidade deveria ser o cartão postal e deveria se promover uma verdadeira varredura dos pobres daquele local.

A pesquisadora afirma que poderíamos encontrar negros por todas as ruas, conforme: em tempos de escravidão, os negros partilhavam os espaços dos brancos moradores da urbe, porque constituíam o que se poderia chamar de parte de seu patrimônio e do pessoal de casa. Mas, nos referimos aos territórios negros da cidade e seu processo de exclusão do espaço urbana que se construía (PESAVENTO, 1995).

Entre os territórios negros estava a cidade baixa. O nome desta região da cidade não se dá apenas pela topografia do local, mas das características da população que lá habitava. Na cidade baixa encontramos, segundo Pesavento:

Gente de menor importância, que não tinha maiores posses para morar na cidade alta, a área é reconhecida como território negro também por ser um refúgio para os escravos fugidos da servidão (PESAVENTO, 1995, p.82).

A pesquisadora faz referência ao imaginário social da época, que envolvia uma parte da cidade baixa que se limitava entre a Rua Venâncio Aires e República, João Pessoa, chamado de emboscada, conhecida como um local violento e de crime. Para Pesavento:

As emboscadas representavam para os negros fugidos a anti-imagem da liberdade, primeiro pouso de uma fuga, sendo que para os ocupantes da franja urbana de Porto Alegre a violência significa as ações dos capitães do mato

para capturar os negros fujões dos seus senhores (PESAVENTO, 1995, p.83).

A Cidade Baixa ao longo dos anos e com o aumento da população do centro, torna-se o local de moradia dos imigrantes italianos que conviviam com uma população majoritariamente de negros no mesmo espaço, contudo os negros que ali habitavam foram sendo empurrados para arredores, por exemplo: o Arraial da Baronesa que ficou conhecido popularmente por Areal da Baronesa, devido a grande quantidade de areia existente naquela área, que anteriormente integrada às Emboscadas, como região que aceitava os negros fugidos. Após a morte da Baronesa, em 1888, o Areal tornou-se um território preferencialmente de ocupação de negros libertos (PESAVENTO, 1995).

Para Pesavento (1995) há sempre um contraponto entre ordem e desordem em Porto Alegre, a desordem estaria ligada aos locais em que a população negra residia e a ordem e a civilidade que estabelecia com a burguesia e com a cidade Branca. E ainda, com crescimento, a desescravização e a modernização da cidade aumentaram as dificuldades para a população negra obter moradia no centro. Conforme Pesavento (1995) formou-se um cinturão negro em torno da cidade (lembrando que o atual centro histórico compreende a cidade de Porto Alegre do século XIX) branca que se aburguesava lentamente, embelezando-se conforme os processos do século.

Não podemos esquecer que a modernização da cidade seguia os princípios da higienização, estéticos e morais, empurrando para arrabaldes das cidades todos aqueles que eram indesejáveis, não podiam ser vistos e não correspondiam ao ideal de cidade que Porto Alegre gostaria de se tornar, é claro que no projeto de modernização da cidade todos aqueles que não se enquadravam neste ideal estavam automaticamente excluídos de Porto Alegre.

Germano (2008) afirma que a expulsão dos negros para periferia de Porto Alegre é antiga, vem desde a “limpeza” dos becos no século XIX, da modernização que de acordo com a pesquisadora removeu:

Núcleos habitacionais inteiros que formavam as favelas porto-alegrenses das décadas de 1950, como a Ilhota. A remoção desses núcleos levou à constituição de bairros periféricos como a Restinga, Vila Jardim e outros, que têm sua origem na desterritorialização de áreas negras da cidade, como Cabo Rocha, Ilhota, Colônia Africana e Areal da Baronesa (GERMANO, 2008, p. 104).

Outros locais também foram renomeados, esquecidos, e não são lembrados ou associados a presença negra em Porto Alegre, por exemplo: a rua principal do bairro Santana até o século XIX, segundo a pesquisa sobre a história dos bairros, era chamada de Rua dos Pretos Forros, em 1887, passa a ser 28 de setembro, fazendo uma homenagem a promulgação da Lei do Ventre Livre e em 1885 passa a ser denominada Santana.

Na pesquisa realizada e coordenada por Armando Silva, importante referência nos estudos sobre os imaginários urbanos na América Latina, e que faz parte de uma pesquisa de maior abrangência que englobou diversas capitais da América Latina e da Espanha, e que teve como resultado a publicação de uma coleção de livros chamados Cidades Imaginadas. Entre as cidades pesquisadas encontra-se Porto Alegre, sua participação no projeto foi justificada pela sua importância entre as metrópoles da América Latina e Espanha que participaram do “Projeto Cidades Imaginadas”: Assunção, Bogotá, Buenos Aires, Caracas, La Paz, Cidade do México, Montevidéu, Cidade do Panamá, Quito, Santiago do Chile, São Paulo, Barcelona e Sevilha.

O resultado do projeto foi à publicação de um livro intitulado: Porto Alegre Imaginada de autoria de Jacks, Morigi e Oliveira publicado em 2009, os procedimentos metodológicos envolveram uma enquete, coleta de notícias de jornais, (imprensa escrita e televisiva), fontes oficiais e análise cultural de escritores que se dedicaram a escrever sobre a cidade, a análise dos dados busca dar conta de três eixos, segundo Jacks; Morigi e Oliveira (2009, p. 46):

Como a cidade se mostra e como cidadãos a vivenciam percebem, a origem às representações urbanas construídas por um ponto de vista hegemônico, do ponto de vista cidadão trata-se de ver a cidade a partir de condicionantes sociais: classe social, gênero e idade.

Os resultados obtidos através da pesquisa apontam que embora Porto Alegre tenha nascido sobre uma Aldeia Indígena e possua em sua composição uma população composta por diferentes grupos sociais, tais como: descendentes de italianos, alemães, judeus, indígenas e africanos, (...) celebra seu aniversário rememorando apenas o passado da colonização açoriana, apagando a ancestral e teimosamente atual – ‘presença indígena, assim como a dos descendentes de imigrantes europeus e africanos que não são lembrados nos meios de comunicação’ (JACKS, MORIGI e OLIVEIRA, 2009, p. 87-88).

É possível ainda que os dados levantados pela pesquisa usados para a reflexão sobre os imaginários dos porto-alegrenses sobre a cidade nos revelam alguns aspectos interessantes sobre suas representações, entre personalidade que identifica Porto Alegre está o poeta Mário Quintana, o estilo musical a gauchesca ou regional, entre outros. Entre os dados levantados junto aos moradores apresentados não encontramos nenhum que faça referência a presença negra da cidade. Os dados nos levam a pensar porque entre os imaginários da cidade, não se encontram personalidades negras, por exemplo? Porque o carnaval foi lembrando apenas nos dados que falam sobre a Restinga? Porque as contribuições da presença negra em Porto Alegre ainda são invisíveis?

Um dos exemplos da invisibilidade da escrita espacial histórica negra em Porto Alegre, encontramos em Germano (2009), há exemplo de que as manifestações culturais nas quais os negros estão fortemente envolvidos, como o carnaval de Porto Alegre, são invisibilizadas. A autora nos diz que a imagem da cidade no período de janeiro e fevereiro é de esvaziamento:

No entanto, apesar do grande número de pessoas que se concentram em torno do carnaval de rua, Porto Alegre não é conhecida como uma cidade carnavalesca. A imagem que se tem da cidade nos dias de carnaval, geralmente no mês de fevereiro ou março, é de uma cidade “vazia”, abandonada pela maioria dos seus habitantes que ruma para o litoral. Costuma-se dizer que, no verão e, particularmente, no carnaval, a vida social e cultural da cidade “morre”, para renascer apenas após a quarta-feira de cinzas.

Ao mesmo tempo, Porto Alegre tem tido nos últimos anos inúmeras iniciativas de visibilização da importância da população negra na formação desta cidade, como por exemplo: o Projeto dos Territórios Negros que busca demonstrar através de um trajeto realizado de ônibus por pontos do centro de Porto Alegre a contribuição dos negros na história desta cidade, o museu de Percurso do Negro em Porto Alegre, o qual busca visibilizar a comunidade negra no sul do país através da construção de obras de arte em espaços públicos da cidade. A construção as obras de arte busca demarcar os territórios em que a presença negra esteve e está na formação de Porto Alegre.

Mesmo considerando estas iniciativas, diante do que se consolidou como imaginários hegemônicos podem verificar que a cidade Porto Alegre não

foge da europeização do restante do Estado RS, sendo possível até mesmo afirmar que os discursos, ideias, imagens que possuímos desta cidade estão vinculadas aos imigrantes europeus de diferentes nacionalidades, ou seja, uma cidade predominantemente vinculada há uma população branca.

Por conseguinte para Junior Bittencourt (2010) a europeização fez com que os negros ficassem invisibilizado ao longo da história do RS, portanto é necessário tornar visível a presença negra em Porto Alegre de acordo com Junior (2010): os negros de fato percorreram os caminhos desta cidade, disseminando seu trabalho, inteligência, cultura, religiosidade e artes, construíram estratégias que sobrecodificaram a Porto Alegre açoriana.

A cidade de Porto Alegre apresenta-se ainda como contraditória, pois ao mesmo tempo em que os meios de comunicação de grande circulação ressaltam o as origens europeias, é a primeira cidade no Brasil com um quilombo urbano a receber o título definitivo de sua terra: o quilombo da Família Silva. E, o segundo quilombo que obteve a titulação foi Areal da Baronesa. A cidade possui ainda outros dois em processo de titulação da terra, são eles: Fidélis e Alpes.

É dentro dessa contradição que se encontra a problemática deste projeto de doutorado aqui apresentado, busca-se aprofundar e compreender esses imaginários sociais, os quais se constituem como imaginários urbanos, pois estão relacionados com as formas de habitar na cidade, e ainda que a literatura aponte a coexistência de negros e imigrantes de diferentes origens europeias, das contribuições culturais, artísticas, econômicas da presença negra no Estado do RS e em Porto Alegre, porque continuamos observando a invisibilidade desta presença negra em nossa cidade?

Para Germano (2008) e Pesavento (1995) os negros foram negados no tempo enquanto agentes históricos, em um contexto de desprivilegio, não apenas através do silêncio da história oficial, mas também através de representações que alimentam práticas de discriminação no imaginário social de Porto Alegre, contribuindo para exclusão ou marginalização, material e simbólica deste segmento social.

Em Pesavento (1995) observamos importantes pistas para compreender a construção dos imaginários sociais da cidade de Porto Alegre relacionados à a produção espacial da ancestralidade negra nessa cidade.

No jogo entre invisibilidade e visibilidade, a historiadora nos revela que aos negros foi negada a sua escrita espacial positivada em Porto Alegre, pois foi negado o direito de serem sujeitos de um passado construído pela cidade branca que se civilizava e que constrói a sua memória visibilizando a escrita negra espacial somente quando está associada a práticas sociais condenáveis, isto é, crime, violência, a bagunça, a desordem, a malandragem, entre outras.

Sobre a invisibilidade do legado da população negra no RS e em Porto Alegre, o historiador Pedro Vargas em entrevista a TV Educativa do Rio Grande do Sul (TVE) fala sobre invisibilidade do negro do RS e em Porto Alegre. Para Pedro Vargas o negro aparece historicamente com não sendo importante para Estado, como se ele não estivesse presente nas ruas e não tivesse um legado histórico, “ o negro aparece sempre como um personagem periférico”, a construção do mito do gaúcho e expoentes na literatura como Érico Veríssimo e nas artes como Aldo Locatelli contribuíram para construção de um mito sobre o gaúcho que tornou o negro sempre como personagem periférico.

Para o historiador o museu do percurso negro surge como uma forma de combater o paulatino esquecimento da memória negra em Porto Alegre. Vargas dá o exemplo do Parque Farroupilha, o qual é chamado pelos moradores da cidade de Redenção:

Redenção está ligado a questão da história negra, quatro anos antes da Lei Áurea o Parthenon Literário, em 1884, praticamente quatro anos antes da Lei Áurea, fez um documento que chama-se Redenção dos Cativos que de certa forma eles estimulavam os proprietários a libertar seus escravos, então o local que se chamava Campos da Várzea passou a ser chamado de Redenção, mas quando a gente entra na redenção tem recanto europeu, recanto budista e praticamente nenhuma menção, de fato, porque de fato, porque isto está no imaginário das pessoas até hoje, o próprio bairro- o Rio Branco, era Colônia Africana até boa parte do século X, era bairro onde saiu boa parte de mães de santo e pai de santo importantes entre década de 1930-1940, também não existe nenhuma menção, nenhuma placa, podia ter um nome antigo, não existe, os caminhos do carnaval, dos negros, não existe nenhum marco, aí surge a ideia de marcar estes locais como monumentos, porque um monumento? Porque monumento pressupõe trabalho, o que justamente o que se dizia que não existia pela parte dos negros, parecia que não trabalhavam, que chegaram ao RS em momento, um marco seria visível, concreto, também provocaria um estranhamento na população não-negra, mas porque? Mas cadê o homem europeu, provoca um debate, mas não conta que tem o nome da rua, arquitetura que os europeus já estão representados. Para qualquer política o debate trás aliados, ninguém faz nada sem aliados dos mais

variados grupos sociais e etnias Neste caso priorizar a cultura material em detrimento imaterial no caso do percurso do museu de percurso negro, vem em função da questão do trabalho (VARGAS, 2015).

Tendo em vista as observações acima sobre a desigualdade da visibilidade das produções, construções e representações negras na cidade de Porto Alegre RS, podemos relacionar os conceitos de raça, racismo e branquitude, tendo em vista o projeto de limpeza urbana em que os negros desta cidade em que os negros foram “limpos” do centro da cidade com sua cultura, religiosidade e manifestações culturais e passam ter sua história, seu reconhecimento como agentes produtores do espaço de forma positivada e sua ancestralidade marcada na cidade, só a partir de 2010 com a criação do museu do Percurso Negro urge a necessidade de continuar explorando as imbricações espaciais destes fenômenos e de seu reflexo nas representações que compõem os imaginários urbanos no período aqui analisado.

Finalizando a seção acima podemos observar que a visibilidade negra está relacionada alguns eventos na cidade de Porto Alegre, tais como: o carnaval, manifestações religiosas e em grande número da população de determinados bairros como a Restinga, a Bom Jesus, e em situações de violência e tráfico, a invisibilidade esta relacionada ao desenvolvimento econômico através do seu trabalho, sua escrita espacial na formação histórica da cidade e outros elementos de valorização. Por não possuírem representações valorativas não estão presentes no imaginário da cidade dominante, o qual predomina a valorização do trabalho europeu que teria desenvolvido o RS.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

2.1 IMAGINÁRIOS E SUAS DEFINIÇÕES

O capítulo aqui aberto tem como objetivo discutir os conceitos de imaginário, imaginários sociais e os imaginários urbanos. Em torno do conceito de imaginários existe uma polissemia, sendo considerada por Hiernaux (2007a) como um conceito guarda-chuva cabendo diversas definições embaixo dele. E ainda, como os conceitos de imaginário/imaginação/representação estão relacionados entre si o que acaba por gerar uma confusão ao ponto de tornarem-se sinônimos Legros; Patrick et al. (2014). Lindón (2008) observa que o imaginário social não é representação do mundo real, tão pouco um espelho do real, contudo está laçado da realidade, sem ela não existiria. Assim ao longo do capítulo procuramos deixar nítido o conceito de imaginários sociais e imaginários urbanos.

Sobre as relações e confusões entre imaginários/imaginação e representações, Castoriadis (1982) destaca que as representações, a imaginação, o imaginário sempre foram reduzidos ou relacionados a sensação, a percepção, estando sempre submetidos a uma normatividade, a uma ontologia da verdade, assim sendo conduzidos sob o ponto de vista do que pode ser verdadeiro ou falso na realidade. Castoriadis (1982) traz para palco analítico das Ciências Sociais a imaginação, um tanto renegada pelos estudos sobre os fenômenos sociais, pois estaria sempre ligada ao que não pode ser considerado como verdadeiro.

A definição de imaginários tornou-se importante para o andamento desta pesquisa, pois para o senso comum tudo aquilo que se remete ao imaginário está na ordem do não real ou falso. Mas, o que é o imaginário? Ao perguntarmos o que é? Não necessariamente nos leva a um fechamento do conceito, uma restrição dele, mas é preciso partir de algum lugar. Primeiramente recorreremos ao dicionário para verificar sua definição aqui como palavra e não como conceito, no dicionário de Português de Aurélio Buarque de Holanda, imaginário significa aquilo que existe somente na imaginação, ilusório ou fantástico. Essa definição do dicionário carrega a história da construção da ciência, pois como veremos abaixo, a imaginação, os

imaginários e as representações foram delegados ao campo das subjetividades. Portanto, não poderiam ser provadas suas existências, logo não poderiam ser consideradas relevantes para construção dos campos científicos.

Contudo, a definição da palavra não esta longe da definição atribuída ao conceito de imaginários, em Silva (2007) encontramos sua relação com falso, o que não existe, não sendo parte da realidade. O imaginário é considerado volátil, entretanto conforme o autor: “o imaginário pode ser visto justamente como complementação do real, sua ampliação, sua face escondida, sua extensão ao modo luminoso” (SILVA, 2017, p.35). O imaginário está ancorando na realidade, na vida cotidiana, não pode ser um “outro”, ou seja, descolado completamente do real, pois se alimenta do real, tem seus pilares nele.

O imaginário em diferentes abordagens teóricas, tais como: Hiernaux (2007a, 2007b, 2008), Lindón (2007a, 2007b, 2008), Castoriadis (1982), Durand (2002), Pesavento (1997, 1999, 2000, 2002) Silva (2001, 2006) e Silva (2017) entre outros, ora encontra-se mais perto da imaginação, ora como parte do real. E por vezes como uma relação entre o real e a imaginação que produz sentidos para compreensão do que chamamos de realidade. Não podemos confundir a noção de imaginário com falsa realidade, para Legros; Patrick et al. (2014, p.111):

O imaginário não é uma forma social escondida, secreta inconsciente que vive sob as fibras do tecido social. Ele não é reflexo, o espelho deformado, o mundo revirado ou a sombra da realidade, uma sociedade subterrânea, mas ele estrutura, no fundo, o entendimento humano.

Historicamente, nas Ciências Sociais, segundo os autores Pesavento (1995), Hiernaux (2012) e Lindón (2012), os imaginários aparecem como tema de pesquisa em um momento de crise dos paradigmas explicativos das Ciências Humanas, de acordo com Pesavento (1995):

“uma “crise dos paradigmas” que implica uma mudança de conteúdo e método, assim como o ecletismo teórico é percebido por diferentes autores, independentemente de suas análises e seus enfoques” (PESAVENTO, 1995, p.10).

Assim, Pesavento (1995) aponta a crise dos paradigmas explicativos como um ponto importante para a inserção dos imaginários, tendo em vista que a vinculação com o racionalismo cartesiano fez com que temas voltados para a subjetividade, como por exemplo: a imaginação e a sensibilidade fossem

renegados a segundo plano. Segundo Lindón; Hiernaux (2012, p. 11), “as Ciências Sociais tem experimentado um desencanto pela racionalidade como chave da compreensão das sociedades contemporâneas”.

Os autores convergem para o pensamento de Durand (1984) que problematiza a inserção da imaginação na tradição científica Ocidental, a imaginação para autor parece sempre renegada ao plano das emoções, dos sentimentos e não sendo possível estar entre os objetos de pesquisa.

Contudo, abordar os imaginários, não é puramente conter-se ao simbolismo, segundo Durand (2002), o imaginário é uma força composta por diferentes símbolos que estão em constante mudança e se constituem como representações de mundo entrelaçadas às culturas em que estão inseridos.

Para Rocha (1995), no artigo sobre iniciação a teoria de Gilbert Durand, a imaginação é atributo que possibilita a criação de significado, os cientistas sociais estão a todo o momento criando significado, utilizando a razão para analisar fatos. Todavia é a imaginação é a força para criação de novas teóricas, metodologias e paradigmas. O ato de imaginar permite a nós recriar e potencializa nossas pesquisas.

A inclusão dos imaginários nas análises das Ciências Sociais está relacionada à retomada da dimensão simbólica destas ciências, tendo em vista que durante muitos anos essa dimensão ficou esquecida ou secundarizada dentro destas análises. Podemos afirmar que uma ciência social que não leva em conta a dimensão simbólica está mutilada e acaba por ser reduzida, e os estudos urbanos até a década de 1990 são exemplo disso, pois para Lindón (2008, 2007, 2012, 2010) e Hiernaux (2007a, 2007b, 2008), estes estariam preocupados com as questões econômicas e com as formas da cidade, as pesquisas praticamente esqueceram-se desta dimensão como constituinte da cidade. Para Legros, Patrick et al. (2014, p. 10):

O imaginário alimenta e faz o homem agir. É fenômeno coletivo, histórico, social. Uma sociologia sem imaginário é uma sociologia mutilada, desencarnada, tendo em vista que as ligações e relações entre o real e o imaginário demonstram a complexidade na qual estamos imersos.

Portanto, uma Ciência Social que se furta de uma abordagem dos imaginários é uma ciência que se furta da complexidade, do simbólico, da pluralidade da construção dos fenômenos socioespacial.

Para Pesavento (1995; 1999), uma abordagem dos imaginários sociais deve levar em consideração a complexidade da realidade. Ela e Canclini (2007) convergem na afirmação de que é preciso um enfoque transdisciplinar que busque não mutilar o olhar sobre o social, tendo em vista que sua constituição é plural e envolve dimensões materiais e imateriais.

Para Canclini (2007) uma única disciplina não pode dar conta do real sozinha, por isso, ele aposta na transdisciplinaridade para a compreensão dos imaginários. Para Pesavento (1995a), a abordagem transdisciplinar se dá pela falência dos métodos explicativos, fato que fez com que se abrissem novas possibilidades de diálogo com outras disciplinas. E ainda, para pesquisadora: “a decantada crise dos paradigmas e a complexidade da vida contemporânea impôs aos “leitores do urbano” uma concepção multifacetada de análise” (PESAVENTO, 1999, p.9).

Assim, antes de iniciarmos uma discussão sobre os imaginários urbanos, situamos as definições para o conceito de imaginário social. É importante destacar a produção teórica dos seguintes autores: Cornélius Castoriadis na obra *A instituição imaginária da sociedade*, que segundo Lindón (2008), o pesquisador dedica-se a entender o imaginário social como pilar para constituição da sociedade e da história; Gilbert Durand com *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. Castoriadis e Durand são considerados pesquisadores cuja suas contribuições construíram os pilares para a compreensão dos imaginários sociais. Contudo, não podemos desmerecer a produção científica sobre os imaginários sociais da autora brasileira – Sandra Pesavento, que ao longo seus estudos desenvolveu caminhos teórico-metodológicos para o entendimento desse tema.

Nas linhas abaixo realizamos uma síntese do pensamento de Gilbert Durand e logo após de Cornélius Castoriadis. Durand fundou em 1967, na França, um centro de estudos sobre imaginário - o *Centre de Recherches sur l'Imaginaire*, em Charnbéry, que passa a publicar a revista *Circé*.

Durand (1984) estudou imaginários procurando observar as estruturas que os formam, contudo estas estruturas não estão cristalizadas, mas em permanente mudança. O autor um dos fundadores desta área da ciência que estuda os imaginários, Durand apresentou um repertório teórico-epistemológico para o estudo do imaginário:

Ele ressaltou cinco aspectos da complexidade e da dinâmica da matéria mítica que permitem compreender as variações do imaginário e os seus efeitos históricos e “societais”. A polissemia da maioria das figuras simbólicas, as derivações que explicam suas recepções heterogêneas na história das comunidades, as identificações culturais que dão ao símbolo ou ao mito uma amplitude determinada e particular (LEGROS; PATRICK et al., 2014, p. 94).

Muito embora não seja o foco da tese aprofundar os estudos do imaginário a partir de Gilbert Durand. Mas pela sua importância, seguem abaixo alguns aspectos sobre uma das suas obras mais importante: *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*.

O imaginário conforme Duran (1984) faz parte da essência do espírito, são fôlegos contra morte, sendo um trajeto onde os símbolos são modelados pelos sujeitos dentro de uma determinada cultura.

Ressalta em sua obra as inúmeras tentativas de definição dos imaginários e alcançando a ideia de que os imaginários são: “uma vasta constelação de imagens constantes e que aparecem estruturadas por um certo uso de isomorfismo dos símbolos que convergem” (DURAND, 1984, p. 43). Neste contexto o autor segue o método de convergência, onde existem *schémes* relacionados com as emoções e sentimentos, os quais seriam um conjunto, ou seja, um universo de pré-imagens, as quais seriam representadas nos arquétipos. Por exemplo: a sensação de subida representada no arquétipo do chefe, ou do movimento em ondas do mar. Essas representações estão aglomeradas em símbolos com isoformas, isto, com a mesma forma nos arquétipos, que a partir desses agrupamentos, os quais são representações concretas dos arquétipos, podendo ser de ordem natural ou cultural.

Através de seu repertório inúmeros cientistas foram influenciados para os estudos dos imaginários urbanos sendo que até os dias de hoje Gilbert Durand segue sendo uma das principais referências para essa área de estudo. Os próprios autores que são a base para as discussões dos imaginários urbanos – Alicia Lindón e Daniel Hiernaux fazem referências ao autor. Patrick Legros, Frédéric Monneyron, Jean Bruno Renard e Patrick Tacussel que escreveram – *Sociologia do Imaginário* dedicam-se a revisão dos textos de Durand, entre outros tais como Bernard Debarbieux.

Outro autor extremamente importante para o estudo dos imaginários é Cornelius Castoriadis. Para ele aquilo que chamamos de real está sempre

permeado pelo imaginário, que não é o que se conveniu denominar com fictício ou não correspondente à realidade, que foi inventado ou não tem correspondência com real. Para o pesquisador, as instituições sociais (religiões, valores, normas, crenças) só tem sua continuidade por serem produtos e produtoras dos imaginários sociais, conforme:

A criação incessante e essencialmente indeterminada social-histórica e psíquica de figuras/formas/imagens, a partir das quais somente é possível falar-se de “de alguma coisa”, Aquilo que denominamos de “realidade” ou “racionalidade” (CASTORIADIS, 1982, p. 13).

Para uma compreensão maior dos imaginários sociais de Castoriadis recorreremos à leitura de Lindón (2008): ela traz de sua compreensão o imaginário como um fenômeno individual e coletivo e ao mesmo tempo singular. A pesquisadora destaca que a obra de Cornelius Castoriadis é uma pedra angular, sem negar outros clássicos e autores contemporâneos para compreensão dos imaginários sociais.

Segundo Lindón (2008), para Castoriadis os imaginários seriam dominantes, derivados destes dominantes e radicais. O imaginário radical seria movido pela motivação de transformação social, seriam as resistências e as lutas contra os imaginários dominantes. O imaginário segundo ou derivado alimentar-se-ia da apropriação da sociedade da imaginação particular, assim o sujeito não pensará, não imaginará além do que se induz socialmente a pensar e a fazer.

Na teoria de Castoriadis, conforme Lindón (2008) o imaginário não é uma representação no sentido de um espelho que duplica a realidade de um objeto ou sujeito. Em outras análises é muito difícil diferenciar a representação de certos imaginários, o autor diz que em alguns casos se constituem de representações de um objeto, sujeito, lugar ou situações. Os imaginários não são representações, mas esquemas de representações, um monumento em si não é um imaginário, mas uma representação de um determinado grupo social ou acontecimento histórico.

No Brasil, encontramos uma importante referência no campo da História Cultural: a pesquisadora Sandra Pesavento, nos seus estudos sobre imaginários sociais e urbanos relativos à cidade de Porto Alegre/RS (1997, 1999). Além disso, cabe destacar sua vasta produção sobre a História da

Cidade de Porto Alegre. Pesavento (1999) compreende os imaginários a partir do campo das representações e, como expressão do pensamento, se manifesta por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade. O imaginário segundo a pesquisadora “é uma representação do real, enuncia, se reporta e evoca outra coisa que não está explícita e não está presente” (PESAVENTO, 1999, p. 242).

Por consequência, para ela a sociedade é instituída imaginariamente toda vez que ela se expressa simbolicamente através de um sistema de ideias-imagens que constituem o real. Portanto, o imaginário enquanto representação revela um sentido ou envolve uma significação para além do aparente.

E ainda sobre os imaginários sociais, conforme Lindón (2008) eles podem ser compreendidos como um conjunto de ideias e imagens mentais em constante recriação, acumuladas e tecidas por parte dos indivíduos ao longo de suas vidas. Contudo, não resta dúvida que os indivíduos não elaboram estas tramas a partir de um vazio, portanto esta elaboração acontece através da relação com outros indivíduos e através de ferramentas socialmente construídas como a linguagem, conforme:

Os imaginarios sociales están vivos en los individuos, surge del encuentro de unos individuos con otros y nunca podrán ser propiedad exclusiva de alguien de alguna forma también se puede asumir que los imaginarios sociales emergen en los objetos materiales. (LINDÓN, 2008, p. 41).

Os imaginários sociais derivam na literatura sobre o tema, tais como: imaginários turísticos, oníricos, ambientais, espaços distantes. Sobre os imaginários dos espaços distantes encontramos referências em Rodolfo Bortoncello, o qual busca, nas práticas sociais turísticas, explicação para a construção destes imaginários. Para Bortoncello (2012) a escolha do lugar a ser visitado pelos viajantes está diretamente ligada à distância em que eles se encontram; usando o exemplo da Patagônia Argentina, que demonstra a força do distante na construção dos imaginários, sendo a distância um valor positivo para quem escolhe aquele lugar para ser visitado.

De acordo com Bortoncello (2012), a Patagônia representa um antagonismo e o estranhamento dos turistas com relação aos lugares em que residem. Além disso, outros aspectos alimentam os imaginários relativos à Patagônia, como por exemplo: a passagem de Charles Darwin, a passagem de

outros viajantes importantes por lá e a beleza natural. Dessa forma, as histórias locais alimentam os imaginários da Patagônia como um lugar ímpar que deve ser conhecido.

Os imaginários turísticos também são estudados por Hiernaux (2002) com a finalidade de observar como operam ou são motivadores para atração de turistas para determinados locais, quais seriam os elementos que os compõem e dão sentido às viagens, tornando-se guias para visitação dos turistas, tais como: a paisagem, a história, os mitos e outros fatores. O autor analisa como esses elementos operam para determinar quais os locais serão atrativos.

Além dos imaginários turísticos, podemos observar uma abordagem dos imaginários voltada para os sonhos, os chamados imaginários oníricos que exploram as experiências dos habitantes da cidade a partir do sonhar. A pesquisa de Munhoz (2006), que coletou sonhos de diversos atores sociais e analisou. Concluiu que os habitantes das cidades sonham frequentemente com situa es de medo, de ansiedade, de violência e de insegurança.

Em Lind n (2008) encontramos uma deriva o para os imaginários urbanos, sendo que na América Latina o número de estudos tem crescido nos últimos anos, decorrente dos giros na ciência geográfica. No entanto, segundo autora não tem sido frequente a compreensão dos imaginários urbanos que levem a uma reflexão profunda sobre a cidade e o urbano. Para Lind n (2008) não podemos entender os imaginários como abordagens subjetivas da cidade precisamos ir além desta afirma o. Abaixo veremos estudos sobre imaginários urbanos dentro e fora da ciência geográfica.

2.1.1 Imaginários Urbanos

Os imaginários urbanos nos permitem estudar a cidade não apenas como um fragmento, mas na relação com os lugares que as compõem. Para Pesavento (2004,1995) a cidade poderia ser definida em termos culturais como cronotopo, ou seja, uma unidade no tempo e no espaço. Para a pesquisadora, recuperar a cidade como objeto de estudo, é explorá-la para além das materialidades, das formas, isto é, compreender os sistemas simbólicos que estão ali presente. A cidade está em constante movimento e por muitas vezes inventa-se o seu passado para recriar o futuro.

Entre os autores que se destacam na produção sobre imaginários urbanos está Armando Silva e Nestor Canclini. Armando Silva é um dos autores que nesta pesquisa contribui para pensar os instrumentos metodológicos de coleta de dados para compreensão dos imaginários urbanos. Uma importante ferramenta metodológica elaborada pelo autor foi o questionário semiestruturado, contudo tenho ciência das limitações deste tipo de instrumento para pesquisas qualitativas.

Já Nestor Canclini através de seu trabalho de investigação utilizando grupos focais de entrevistados que circulavam pela Cidade do México, como por exemplo: taxistas. Contribuiu para compreensão da fragmentação da cidade e como ela alimenta os imaginários urbanos daquele lugar. Contudo, o aporte teórico dos autores citados acima não se assemelha as proposições de Daniel Hiernaux e Alícia Lindón da Universidade Autônomo do México, os quais tenho estudado desde 2011. E acredito que trazem importantes considerações sobre os estudos dos imaginários urbanos a partir do campo das ciências geográfica, nos permitindo relacionar as concretudes da cidade com a suas dimensões simbólicas, sem privilegiar nenhum dos aspectos, sendo essa relação à' composição explicativa para os imaginários urbanos.

Armando Silva que possui uma vasta contribuição sobre a temática⁵ e Nestor Canclini (1997, 2007) que também se dedica a pesquisar os imaginários

⁵ Los imaginarios nos habitan, Quito, FLACSO, 2008, Imaginarios urbanos: nuevos urbanismos ciudadanos, Fundacion Antoni Tapies y Actar Editores, Barcelona, Buenos Aires imaginada (Ed) secretaria de Cultura de Buenos Aires, 2007, La Paz imaginada (editor), Madrid-Bogotá,

urbanos, contudo adotam abordagens que não se tocam no campo teórico e metodológico.

Armando Silva, filósofo, é um dos principais pesquisadores sobre imaginários urbanos na América Latina, tendo um grande projeto de pesquisa sobre o tema que envolve diferentes cidades do continente sul americano e europeu.

Armando Silva (2001), propõe-se a estudar a cidade: “como sendo um lugar de acontecimento cultural e um cenário de um efeito imaginário” (Silva, 2001, p. XXIII). A cidade para ele vai além da materialidade, estando envolvida por mitos, por sua história, sendo permeada pelas relações sociais, materialidade, representações e imaginários urbanos.

Para o autor, os imaginários urbanos se constituem como uma base para pensar a cidade por outro ângulo, ao invés da materialidade, mirando não mais as formas, mas seus habitantes, seus sentimentos, suas percepções e suas culturas. O imaginário afeta a percepção que os cidadãos possuem da cidade, em suas fabulações, segredos, origens. Para Silva (2001) a elaboração dos imaginários por parte dos cidadãos não é uma questão volúvel, envolve um série de dinâmicas discursivas e sociais muito profundas e densa manifestação cultural.

A proposta metodológica de Silva (2001; 2006) é denominada qualitativa, pois busca identificar os imaginários a partir do ponto de vista dos cidadãos. Agregando procedimentos metodológicos quantitativos, como por exemplo, o uso de um amplo questionário com perguntas fechadas e abertas para levantamento das percepções dos cidadãos em relação a suas cidades.

A análise de dados realizada por Silva (2006) aplica técnicas estatísticas permite fazer projeções para formar <croquis ciudadanos>, os quais permitem obter a percepção sobre temas urbanos variados. Entre eles estão: “desde meras sensaciones como miedos o afectos por lugares hasta evocaciones

Taurus, 2007. *Proyectar imaginarios*, (coautor) La Balsa libros, Bogotá, 2006. São Paulo imaginado (editor), edición bilingüe, Madrid-Bogotá, Taurus, 2006. 2006 *Metodología de investigación en imaginarios urbanos*, CAB, Bogotá, 2006. 2005. *Quito imaginado*, (editor), Madrid-Bogotá, Taurus, 2005. 2004 *Montevideo imaginado* (Editor) Madrid-Bogotá, Taurus, 180 Págs. 2004 *Barcelona imaginada* (Ed) Madrid- Bogotá, Taurus, 2004. *Santiago Imaginado* (ED.), Madrid Bogotá, Taurus, 258 Págs. 2004 “*Montevideo Imaginado*” (ED.) Madrid-Bogotá, Taurus, 2004. *Bogotá Imaginada*, Madrid-Bogotá, Taurus, 2004, págs.

libres, tales como la percepción del futuro o visiones catastróficas compartidas” (SILVA, 2006, p.45).

Os *croquis ciudadanos* estão diretamente ligados aos territórios urbanos e vão além de um simples mapa, para Silva (2001) os territórios são concebidos além da sua materialidade, podendo ter mais do que uma denominação. Assim o pesquisador afirma que “a noção de mapa e de croqui aludem à representação, sendo que o território não é mapa e croqui. O croqui vive a contingência sua própria história social” (SILVA, 2001, p.24).

O caminho metodológico de Silva (2001) visa dar conta do processo de construção de imaginários de uma cidade, no caso da pesquisa sobre Imaginários Urbanos das cidades de São Paulo (BRASIL) Bogotá (Colômbia). O autor percorre um longo trajeto de adoção de técnicas de pesquisa, o qual engloba: registros visuais, análise de narrativas e de pontos de vistas no caso do estudo sobre as vitrines e análise de parques com ficha de observação. Nesse livro o autor apresenta uma novidade a elaboração de croquis segundo o modo como os cidadãos imaginam suas próprias cidades.

Para dar conta da elaboração dos croquis o pesquisador elaborou um questionário semiestruturado buscou entender os imaginários da Cidade de Bogotá – Colômbia e São Paulo – Brasil.

Armando Silva faz uma ressalva a aplicação dos questionários com inúmeras inquietudes e para obtenção dos imaginários das cidades, entendendo, os limites de uma ferramenta com estas características possui. Silva (2006), através da aplicação de sua metodologia, chega a ruas significativas, identifica porque as pessoas vão ao centro, a percepção que os cidadãos têm de suas cidades, por exemplo: Buenos Aires é vista como cansada, Bogotá como perigosa, Chile como triste, México como perigosa, São Paulo como alegre, entre outras representações.

Armando Silva chega a algumas conclusões preliminares, tais como: os centros urbanos concentram grande poder simbólico, são representantes da história das cidades, é onde estão localizados os equipamentos culturais, ainda se encontram fortemente representados nas notícias dos jornais, centralizam as manifestações populares e, dependendo do período do dia, têm populações diferenciadas.

Através da pesquisa com enfoque nos centros das grandes cidades da América Latina, é possível verificar os fatores que contribuem para a construção das cidades imaginadas, como: os personagens que habitam aquele local, as manifestações políticas, assim como as expressões culturais e artísticas. O autor faz uma ressalva sobre as centralidades, as quais não são imaginados da mesma maneira, demonstrando dados que correspondem aos centros mais representativos envolvidos no projeto.

Contudo, ao terminar a leitura (2001, 2006) das produções de Armando Silva, fiquei provocada em relação aos questionários e o processo de formação dos imaginários, pois fazendo uma leitura crítica, mesmo com a elaboração delicada do autor, as respostas dos questionários são descritas em suas frequências e não respondem como são construídos os imaginários? Quais os processos que estão envolvidos para suas permanências na cidade? Como se dá movimento dos imaginários? As respostas levam a acreditar na repetição de signos que compõem os sistemas de representação que formam os imaginários, mas não demonstram como efetivamente operam no cotidiano das cidades. Acredito que ainda existe uma lacuna nessa forma de metodologia, que poderia levar em consideração outras técnicas para que assim efetivamente cumpra-se o objetivo do autor da construção de croquis a partir do olhar dos cidadãos imaginam sua própria cidade.

A crítica realizada acima encontra reverberação na pesquisa realizada por Canclini (2007), descrita em seus aspectos principais abaixo, juntamente com sua ressalva sobre a elaboração dos *croquis cidadãos*. Canclini (2007) ressalta a importância do diálogo entre as disciplinas. Apostando que os estudos dos imaginários se constituiriam como sendo uma nova etapa dos estudos urbanos, não mais tão centrados nas questões da materialidade, mas com sua relação com as subjetividades.

Os imaginários urbanos foram estudados por Canclini (2010), na Cidade de México, a partir de fotografias e de grupos de viagens na cidade, considerando que os viajantes são aquelas pessoas que percorrem trajetos longos.

Entre os participantes da pesquisa estavam: taxistas, trabalhadores e vendedores ambulantes. Para a pesquisa, Canclini (2010) e seu grupo de pesquisadores utilizaram fotografias que datavam das décadas de 1940 e

1950, além de recorrerem também ao banco de fotografias Paolo Gaspari e a investigações sistemáticas de sociólogos e antropólogos do Programa de Estudos sobre Cultura Urbana da Universidade Autônoma Metropolitana do México. Segundo:

Propusimos estas 52 fotografías a 10 grupos de enfoque formados com personas que viajan intensamente por la ciudad. Partimos da hipótese de que las percepciones sobre los viajes estarían más elaboradas en los que tienen por actividad habitual, diaria, el circular por la ciudad. Em cuanto al criterio de selección de los viajeros, supusimos que las estructuras cognitivas, perceptivas e imaginarias poderían ser presentarse diferenciadas según las ocupaciones por cuales se viaje (CANCLINI 2010, p. 115).

Os grupos focais foram criados a partir da separação dos viajantes por idade, ocupação e classe. Dessa forma, eles assistiam a um vídeo sobre a Cidade do México, depois era solicitado que contassem suas experiências diárias de ir e vir na cidade. Por fim, os participantes escolhiam dez fotos de cinquenta e duas que representavam melhor suas viagens na cidade. Canclini nos esclarece sobre a tarefa dos pesquisadores no grupo focal:

Nuestra intervención se limitaba a propiciar que todos intervinieran y agregar ocasionalmente alguna pregunta que activara la discusión sobre las fotos la argumentación entre posiciones divergentes. Finalmente, preguntábamos por qué lugares de la ciudad les gustaba viajar, por cuáles no, y si creían que faltaban fotografiar otras situaciones relacionadas com los viajes (CANCLINI 2010, p. 117 - 118).

Para a análise dos dados levou-se em consideração as imagens que se repetiam nas entrevistas e a emergência dos conteúdos grupais, as quais permitiram verificar também os sentidos do cotidiano.

A análise das conversas apontou que os viajantes se deslocam pela cidade para trabalhar, para se divertir, para consumir, para ir a manifestações, cultos religiosos, para se comunicar. Entre as fotos escolhidas, predominaram aquelas relacionadas ao trabalho, e o consumo cultural está restrito pelas distâncias, sendo que a maioria usa o tempo livre para descansar e ficar em casa. Os setores com maior nível educativo valorizam mais ir ao centro, visitar museus, igrejas, ruas e casas antigas. e possuem mais tempo para atividades contemplativas, evitam circular pelos bairros populares, atribuindo questões negativas aos imigrantes, aos ambulantes e outros setores.

Os viajantes da cidade são obrigados a se defrontarem, nas viagens, com diferentes realidades na cidade. Contudo os imigrantes do interior do México, também as narrativas policiais estiveram presentes nos grupos, os policiais são ineficientes, corruptos e diretamente responsáveis pelos assaltos. De acordo com Canclini (2010), a interpretação das fotos e dos relatos dos viajantes apresentava:

Una tensión entre lo real y lo imaginario, en lo referente a la inseguridad y, sobre todo, a las intervenciones policiales, las narraciones se presentan como relatos de lo imaginado pero que serían, por carácter encubierto de los hechos, el único modo de aludir a lo real (CANCLINI, 2010, p. 127).

O trabalho apontou que a construção dos imaginários se dá pela fragmentação do espaço urbano, visto que o ato de imaginar ajuda de alguma forma a viver nesta fragmentação. Para Canclini (2010), as pesquisas qualitativas são especialmente úteis para entender a relação entre o sujeito ou os grupos de sujeitos que vivem em condições objetivas, e como constroem seus mundos entre o público e o privado. Segundo Canclini (2010, p. 131):

Una vasta zona de esos mundos privados es imaginaria, y por eso resulta comprensible que se manifieste no tanto cuando se hacen encuestas y se busca sumar generalidades como cuando se muestran imágenes y se invita a contar lo que cada uno ve y fantasea partir de ellas.

Canclini (2010) faz uma crítica à ideia de croquis estatísticos para estudar os imaginários. Para o pesquisador, mesmo entrevistando um grande número de pessoas, nunca saberemos os limites entre o real e o imaginário, existindo um limite tênue entre estereótipos que uns grupos possuem dos outros, como orientam suas condutas e “al tratar estos asuntos con métodos cualitativos sólo podemos arribar a otro nivel de conocimiento, que fue brevemente anunciado hace unos” (CANCLINI, 2010, p.132).

O estudo realizado por Canclini (2010) tornou-se importante para essa pesquisa, pois traz ideias de caminhos metodológicos para os capítulos analíticos que seguem no corpo desta tese.

Além de abordar os autores Néstor Canclini e Armando Silva acreditamos na importância de escrever sobre a obra da historiadora Sandra Pesavento primeiramente por ter uma produção significativa sobre imaginários sociais e urbanos, e ainda por seus estudos sobre a história do Rio Grande do

Sul e da cidade de Porto Alegre no âmbito da História Cultura. Tendo ainda inúmeros orientandos que seguiram pesquisando a temática dentro e fora da área de conhecimento da História. E dedicamos também à leitura dos imaginários urbanos através da sua obra por trazer reflexões sobre a percepção do urbano, dos imaginários urbanos e dedicando-se a desenvolver uma metodologia específica de leitura da cidade.

Para Pesavento (2007) a cidade sempre foi reduto da sensibilidade e existindo uma necessidade de representar essa cidade através do tempo. Faz parte do ethos urbanos. As representações acontecem através da música, da literatura e de imagens e ainda pelas práticas cotidianas daqueles que a habitam. As representações da cidade são entendidas como imaginários por Pesavento (2007) sendo elas o motor de ação do homem ao longo de sua existência, responsáveis pelas criações humanas e por movimentarem as utopias.

Na década de 90 quando emerge a História Cultura a cidade passa a ser abordada pelo viés além do palco da reprodução capitalista, a partir do viés desta área a cidade torna-se um objeto de reflexão a partir das representações sociais que produz e que se objetivam em práticas sociais (PESAVENTO, 2007, p.13). Contudo, a autora não desconsidera a materialidade da cidade, sendo ela uma obra e um artefato. Conforme Pesavento (2007, p. 14), além da materialidade a cidade é:

Mas a cidade, na sua compreensão, é também sociabilidade: ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos. Marcas, todas, que registram uma ação social de domínio e transformação de um espaço natural no tempo.

A cidade, portanto, é objeto da produção de imagens e discursos que produz significados, sentidos e representações, imaginários. Os imaginários urbanos para Pesavento (2007, p. 15):

[...] como todo o imaginário, diz respeito a formas de percepção, identificação e atribuição de significados ao mundo, o que implica dizer que trata das representações construídas sobre a realidade caso, a cidade.

Os imaginários urbanos foram estudados por Pesavento (1999) tendo como fonte, os principais cronistas e suas obras de literatura que foram produzidas sobre Porto Alegre.

Para Ferrara (2008) os imaginários urbanos supõem: “uma associação de fragmentos que, montados, constroem um retrato metafórico da cidade, pois a imagem é o retrato de um imaginário” (FERRARA, 2008, p. 199). Esses imaginários atribuem significados à cidade, sendo um processo de acumulação de múltiplos significados sobre a cidade e não correspondendo diretamente à sua realidade. Contudo, são fragmentos da cidade, reproduzindo discursos, imagens e memórias.

Para Ferrara (2008), “a escala de valores seria fundamental para entender os imaginários urbanos porque remonta meandros do indivíduo em seus emaranhados de sentimentos, memórias, experiências e informações urbanas” (Ferrara, 2008, p. 199). Sendo o imaginário sempre instável e não oferecendo nenhum tipo de segurança, os discursos não verbais tornam a cidade metafórica, dando caráter de representação, atribuindo signos e mediando a forma como a cidade passa a ser conhecida. A pesquisadora ainda destaca o papel da mídia na criação dos imaginários urbanos.

Uma constatação importante ao longo destes quatro anos de estudo sobre os imaginários e os imaginários urbanos foi de que ao ter acesso a livros sobre o tema, tais como: Lima e Fernandes (2000); Pinheiro e Silva (2004); na grande maioria se vinculavam a análises dos imaginários a partir da literatura, da música, de crônicas sobre a cidade e a jornais de grande circulação.

Sandra Pesavento, pesquisadora que em sua produção científica sobre o tema tem uma análise dos imaginários urbanos através da produção literária sobre a cidade de Porto Alegre. A leitura dos trabalhos de Pesavento com enfoque na literatura conduziu a pesquisa de autores que trabalham fora deste espectro de análise, com mote na literatura, mas que estejam mais preocupados com o cotidiano da cidade, suas materialidades e entrelaçamento com a construção de imaginários, não desconsiderando as outras produções, as quais são importantes fontes de inspiração para trabalho. Mas o objetivo desta pesquisa é trabalhar com a relação entre materialidade e imaterialidade na cidade, na produção de imaginários dominantes que persistem historicamente como verdadeiros sinônimos da nomeação das cidades.

Os imaginários urbanos ganham outros aspectos a serem pesquisados, tais como: os imaginários do medo. Um exemplo de estudo sobre este imaginário encontra-se em Martel (2006), que estuda a cidade de San Salvador do ponto de vista das Geografias da insegurança e dos imaginários do medo. Porém, nesse trabalho vamos nos deter aos imaginários urbanos e como eles marcam os espaços públicos.

A metodologia empregada pela pesquisadora foi dividida em etapas: a primeira consistiu em desenvolver um marco conceitual e um diagnóstico sobre a questão da violência; após verificou-se os estudos sobre violência com enfoque epidemiológico ou judicial e, por fim, foi realizado o trabalho de campo, com observação participante e entrevistas coletivas com usuários dos espaços. Martel (2006) parte do conceito de imaginários do medo, que são:

La invención personal o colectiva que se hace de la ciudad construída y que tiene como fundamento la vivencia cotidiana de la inseguridad, y que permite que se constituya una representación determinada de los espacios urbanos, principalmente los públicos. Es desde los imaginarios del miedo que se constituyen las formas de nombra (y estigmatizar) estos sitios y sujetos sociales identificados con la inseguridad y el riesgo (MARTEL, 2006, p. 120).

Entre os trabalhos que destacam pela ousadia de pesquisas está de MacCannel (2012), que apresenta os imaginários urbanos e sua constituição como uma forma atrevida para a descoberta de novos fundamentos para o outro urbanismo, que leva em consideração as sensibilidades, segundo o autor:

Sería, como ya se explicó, um urbanismo sin fronteras, incluyendo en él lo mejor de nuestros sueños y fantasias. Los imaginários luchan, por encontrar su camino de regreso hacia el pacto social y promover el bien público, para prevalezca sobre los intereses privados (MACCANNEL, 2012, p 116).

MacCannel (2012) ainda aposta nos imaginários urbanos abordados a partir das pesquisas de Armando Silva sobre as cidades Latino Americanas, uma aposta para a convergência de novas ideias que articulam o coletivo, as artes públicas e as cidades do futuro.

2.1.2 Imaginários Urbanos sob a ótica da Geografia – Alicia Lindón e Daniel Hiernaux

Após passar pelos aspectos relevantes sobre os imaginários/imaginários urbanos, passamos para os referências teóricos desta tese, pilares que permitiram e guiaram os caminhos metodológicos e as análises, é a partir do conceito de imaginários urbanos de Alicia Lindón e Daniel Hiernaux que teceremos nossa pesquisa sobre “A invisibilidade das representações negras nos imaginários urbanos na Cidade de Porto Alegre - RS entre 2010-2014”.

Além da História Cultural e da Filosofia, a Geografia tem se dedicado, nos últimos anos, ao estudo dos imaginários. Encontramos uma produção expressiva com um esforço teórico-metodológico do grupo de pesquisa coordenado por Alicia Lindón e Daniel Hiernaux, na Universidade Autónoma do México (UAM), o qual tem se dedicado a temáticas relacionadas à Geografia Humana. O resultado deste esforço está na publicação de inúmeros artigos e dois livros: *Lugares e Imaginarios en la Metrópolis*, publicado em 2006, e *Geografía de los Imaginarios* publicado em 2012.

Para Hiernaux e Lindón (2007a), o crescente interesse pelo estudo dos imaginários urbanos na América Latina se deve à interdisciplinaridade dos estudos urbanos, marcados pela sua capacidade de articular diferentes pensadores e conceitos de diversas áreas das ciências sociais. Hiernaux e Lindón (2006) no *Tratado de Geografía Humana* publicado pela Universidade Autônomo do México, com o objetivo de fazer uma reflexão da Geografia Humana a partir da América Latina dedicam-se em capítulo a fazer uma revisão da Geografia Urbana, a partir de sua consolidação enquanto campo científico observando os estudos mais tradicionais ligados a Geografia Regional. Contudo, os autores nos falam sobre a inovação dos temas urbanos a partir da metade dos 1980 e 1990, apontando três fatores relevantes para esta invocação, são eles: a volta dos exilados pela ditadura, sendo a figura de Milton Santos uma das principais, o qual publicou *L'espace Partagé* (1975), o avanço tecnológico de circulação de informação na América Latina e a Globalização que teve notório impacto no contexto urbano e nas metrópoles latino-americanas, as cidades tem se constituído um verdadeiro nó do Sistema Econômico Mundial.

Entre os temas apontados como inovadores para Geografia Urbana, os pesquisadores apontam: as cidades médias, a desindustrialização das cidades e refuncionalização urbana das cidades, bairros fechados, imaginários urbanos, gentrificação e suburbanização, patrimônio urbano e memória da cidade, a governabilidade e poder espacializado.

Para Lindón e Hiernaux (2008) e Hiernaux (2007b), o estudo dos imaginários urbanos oferece a possibilidade de renovação do campo dos estudos urbanos. No entanto, Lindón destaca que, apesar da produção numerosa de estudos sobre o imaginário urbano, não se tem entrado num consenso sobre sua denominação.

Para Lindón (2002, 2007a) e Hiernaux (2007, 2008a, 2008b) o campo dos estudos urbanos foi marcado, a partir dos anos noventa, por uma abertura e pela inclusão das dimensões subjetivas, intersubjetivas e culturais. Segundo os autores, essas dimensões contribuem para a compreensão do espaço urbano na atualidade, o qual se apresenta multidimensional e complexo. Uma das provas da abertura dos estudos urbanos foi à inclusão dos imaginários urbanos, segundo Lindón (2007c, p. 31):

La inclusión de los imaginarios dentro del campo de los Estudios Urbanos, antes que nada representa la apertura de este campo, que tradicionalmente ha estado orientado por enfoques diversos pero casi siempre de tipo objetivista y/o materialista.

Este último argumento aparece também nos estudos de Hiernaux (2007a) e Lindón (2007a), os quais destacam que, até os anos noventa, os estudos urbanos tradicionais centravam-se em aspectos materiais da cidade, tais como: a economia, a população, a política, entre outros. Contudo, nos últimos anos, este campo de estudo tem se aberto para abordagens que resgatam a dimensão simbólica da cidade. Para Lindón (2007a), essa dimensão foi esquecida durante o tempo das análises sobre os fenômenos urbanos, sendo até mesmo renegadas por este campo teórico.

Os imaginários urbanos são uma importante porta de entrada para o estudo das cidades. A partir de suas subjetividades:

La incorporación de lo subjetivo entre los elementos fecundos para analizar la ciudad de hoy debe asociarse con el rechazo creciente a los análisis realizados unilateralmente desde las formas materiales o desde las imposiciones de la economía y la organización social. (HIERNAUX, 2006, p. 29).

Entretanto, não podemos confundir os imaginários urbanos com imaginários sociais. A cidade é trama tecida pelos imaginários urbanos, contudo nem todo imaginário social é urbano e nem todo urbano é social, para Lindón e Hiernaux (2008b, p. 8 - 9):

Por ello, los imaginarios urbanos no son simplemente imaginarios sociales de alguna ciudad en particular, sino una clase específica de imaginarios sociales que incluye en su entretendido de sentido al espacio urbano. En otros términos: el espacio se hace parte intrínseca de la construcción de sentido.

Em Lindón (2008) os imaginários sociais presentes em uma sociedade não são equivalentes aos imaginários urbanos, pois os imaginários sociais correspondem às relações sociais sem necessariamente ter um componente espacial, já os imaginários urbanos tem a espacialidade como fator determinante para sua constituição. Assim existem imaginários de grupos sociais que habitam a cidade, mas que não se incluem a espacialidade não considerando como variável, e reduzindo a cidade a uma localização.

Hiernaux (2010) a ponta a dificuldade da diferenciação entre os imaginários sociais e os imaginários urbanos para tornar nítida esta diferença, ele usa o exemplo do medo que acomete não somente as pessoas que habitam o urbano, o medo seria um sentimento que alimentaria o imaginário urbano, contudo não está relacionado somente ao urbano, mas aos desastres naturais, ao terrorismo então para Hiernaux (2010) o imaginário do medo está relacionado com urbano.

Quando a referência ao imaginário social (coletivo) se traduz em comportamentos urbanos, tais como a segregação social e a delimitação física, o imaginário social passa a ser urbano. Assim, justificando sua análise a partir de uma das tarefas da Geografia (humana) seria observar a relação entre os imaginários urbanos e outros imaginários da sociedade (HIERNAUX, 2010, p. 93).

Para Hiernaux (2006), os imaginários são criações incessantes de formas, figuras, discursos e imagens. Esta definição preliminar de Hiernaux (2007a) dos imaginários urbanos pretende destacar que escapam apenas da materialidade do urbano, pois estão associados ou relacionados ao componente da subjetividade social que tem sido frequentemente negado pela Geografia.

A definição dada por Hiernaux (2006) para os imaginários urbanos são processos cognitivos e de memória, os quais não negam suas expressões materiais, tais como: formas arquitetônicas, grafites, performances e outras manifestações.

A abordagem dos imaginários a partir da Geografia humana é defendida por Hiernaux e Lindón (2012) devido às possibilidades que essa disciplina oferece, com suas ferramentas e suas análises a partir do ponto de vista das espacialidades. Os autores ainda ressaltam que a Geografia não poderia ficar de fora desta temática, e ressaltam que outros campos científicos já possuem uma longa tradição dentro dos imaginários, entre eles encontramos: a Psicologia Social, a Sociologia e as Artes. Em uma abordagem geográfica dos imaginários é ressaltada por Hiernaux e Lindón (2012), através de outros argumentos. Para os autores, é uma necessidade no contexto de renovação de temas de pesquisa geográficos, pois assume que o espaço geográfico não se reduz apenas à materialidade, mas também ao enfretamento da articulação analítica que leva em consideração as escalas diferentes para a explicação dos fenômenos sociais, bem como o jogo entre materialidade e imaterialidade.

A inclusão dos imaginários possibilita compreender a relação que a sociedade possui com o espaço por diferentes dimensões, fugindo apenas da materialidade, trazendo também para a Geografia. É necessário destacar que os imaginários estão relacionados com a subjetividade social, constituindo-se como um desafio para uma disciplina que tradicionalmente esteve relacionada com a materialidade.

A geografia, para Lindón e Hiernaux (2012) não poderia se abster do campo das imagens/imaginários, para Hiernaux (2010, p. 21) “A geografia humana tem como compromisso decifrar os imaginários urbanos, compreender os seus elementos estruturantes, como se difundem e a força que possuem na produção do espaço urbano.”

Pois, nos encontramos em um momento histórico em que as imagens são mediadoras dos cotidianos, dos fenômenos mundiais, e do desenvolvimento dos meios de comunicação. As imagens expressam significados e fazem com que as pessoas criem e recriem seus universos. Contudo, os autores nos alertam para não confundirmos imagens com imaginários:

Es importante notar la diferencia entre una imagen como expresión gráfica y el entretelado de diversas imágenes, significados y valores, que orientan a las personas su vida práctica, es decir, nuestro hacer en el mundo, nuestro hacer el mundo y nuestro ser en el mundo. Esto último es más que una imagen. Se trata de un imaginario social (LINDÓN e HIERNAUX, 2012, p. 10)

Os imaginários são a articulação de tramas de significados, e para os pesquisadores suscitam diferentes questionamentos, tais como:

Quais são os imaginários sociais mais relevantes sobre o mundo atual em certos microcosmos? Qual relação entre o mundo concreto e as práticas das pessoas? Como têm se configurado os ditos imaginários? (LINDÓN e HIERNAUX, 2012, p. 11).

Para Hiernaux e Lindón (2012), a Geografia deveria se interessar pelos imaginários sociais, pois os autores que se dedicam a estudar aos imaginários geralmente deixam de fora a dimensão espacial, segundo:

Y tramas de sentido en las cuales entretelen esas imágenes, contienen muchos elementos espaciales. Sin embargo, en ocasiones los estudiosos de la dimensión imaginaria no siempre analizan lo espacial de dichos imaginarios. Por ello, para la geografía que incluyen lo imaginario, esto se cristaliza en priorizar la indagación de esos espacialidades imaginadas (LINDÓN; HIERNAUX, 2012, p. 16).

Entretanto, em sua produção científica, Lindón e Hiernaux chamam a atenção para o crescente número de trabalhos que trazem como temática os imaginários urbanos e até mesmo certos modismos em torno desse conceito. Para Hiernaux (2007) o imaginário urbano tem sido utilizado como um conceito guarda-chuva, e nessa temática se enquadram múltiplos trabalhos. Segundo Lindón (2007a, p. 36 - 37):

Los imaginarios junto con las normas y valores, realizan un proceso de cualificación a través del sentido, de la materialidad del mundo: los imaginarios son redes o tramas de significados específicos, reconocidas socialmente, que le otorgan cualidades a la ciudad y sus lugares. Por ser tramas de significados no pueden ser reducidos al significado que se le otorga a un elemento un objeto. Indudablemente, los imaginarios no se configuran fuera de los contextos y procesos históricos, sino dentro de ellos. Por eso tampoco son inmutables.

Para Lindón (2007a, 2007b), os imaginários urbanos são processos de qualificação dos lugares da cidade a partir das experiências sociais e das práticas socioespaciais dos sujeitos em determinados lugares da cidade. Contudo, esse processo de qualificação se dá de forma complexa, tendo em vista que, segundo Lindón e Hiernaux, os imaginários urbanos são compartilhados socialmente, não estão desvinculados da história e da

realidade vivenciada nesses lugares e conferem sentidos e características particulares a esses lugares da cidade. Assim, é a partir dos imaginários urbanos socialmente construídos e compartilhados que determinados lugares são classificados como inseguros ou seguros, entre outros. Dessa forma, os imaginários urbanos são processos de qualificação dos lugares da cidade e que, para Lindón (2007a), unem simbolicamente práticas, lugares, objetos e sujeitos, permitindo contar histórias, atribuir valores e significados, imaginar futuros e reconstruir passados.

Em Hiernaux (2006), ainda encontramos aspectos importantes a serem levados em consideração, tais como: os imaginários não estão vinculados ao espaço absoluto (não são apenas localizações) nem ao tempo linear. Os imaginários urbanos não podem ser medidos atravessando temporalidades e espaços diferentes, atravessando a ordem do tempo tradicional (presente, passado e futuro). Assim, eles atravessam os tempos e as espacialidades, podendo fazer referências a materialidades que não existem mais na cidade, mas que continuam presentes nas memórias de seus habitantes. Conforme Hiernaux (2006, p. 37):

Los Imaginarios operan entonces desde o mental, pero toman cuerpo y se pueden entender sólo si intuye su espacio – temporalidad que forma parte del mismo imaginario, pero al mismo tiempo derivan em su materialidade inmediata o medita.

É dentro deste contexto que Hiernaux (2008, p. 18) define como imaginários urbanos: “a aquellos imaginarios sociales construidos social y esencialmente a partir de las imágenes y representaciones de la ciudad”. Para Lindón (2007a), os imaginários são construções sociais, coletivas, as quais são compartilhadas socialmente, influenciando e orientando as práticas e discursos dos sujeitos sociais.

Para Hiernaux (2008) os imaginários urbanos são formados através de processos dinâmicos, os quais conferem significados às representações da cidade. Para Hiernaux (2007), é nesses processos que se encontra a força criativa dos imaginários, pois eles vão além das simples representações, criando imagens que guiam e orientam as ações dos sujeitos sociais.

Nesse sentido, Hiernaux (2007a) destaca que, através dos estudos sobre o imaginário do espaço urbano, é possível reconstruir lugares da cidade

como um todo ou apenas fragmentos dela. Para Lindón (2007a), a cidade é como um mosaico de lugares que foram socialmente construídos em um processo inacabado. O espaço urbano, com seus lugares, condensa valores, normas, símbolos e imaginários sociais.

Segundo Lindón (2007a), o processo de qualificação dos lugares pelos imaginários urbanos é complexo, pois esses imaginários são compartilhados socialmente, dão sentido a certos lugares e conferem-lhes características de forma particular. Portanto, para Lindón (2007a), os imaginários urbanos são definidos como uma trama de significados, dos quais os sujeitos se valem para construir e reconstruir os lugares das cidades.

Os imaginários urbanos estão relacionados a diferentes associações realizadas aos espaços da cidade. Para Canclini (2007), há inúmeras questões a serem estudadas dentro da temática dos imaginários, entre elas encontramos: a segurança, a insegurança, além da relação entre moradores nativos e migrantes.

Hiernaux (2007c) ressalta que as diferentes formas de habitar a cidade acabam por expressar diferentes imaginários urbanos, ou seja, sujeitos sociais de diferentes grupos constroem diferentes imaginários. Assim, existem imaginários urbanos masculinos, femininos, noturnos, diurnos, entre outros. Em Hiernaux (2007a), encontramos o papel dos meios de comunicação de massa na construção dos imaginários urbanos atuais, pelo bombardeio de imagens que oferecem ao público que as consomem.

Podemos fazer uma síntese sobre as considerações mais relevantes para compreensão dos imaginários urbanos através de Lindón (2008a): são tramas de sentido magma de significados sociais relativos ao espaço urbano em geral e as diferenças de lugares; estão ancorados nas instituições sociais da cidade, no cotidiano dos habitantes e nas formas espaciais; participam da construção da cidade socialmente e em termos materiais, não são representações em si, mas sistemas de representações;

Os imaginários segundo Hiernaux (2010) não são elementos passivos, mas atuantes, pois conduzem os seres humanos a determinados comportamentos, neste caso no e com o espaço.

Em seus estudos, o autor ainda evidencia que os imaginários urbanos estão ligados ao prazer ou gosto que os sujeitos sociais têm com determinados

lugares, os quais são denominados como tofílicos. Por outro lado, encontramos imaginários que estão relacionados ao rechaço a certos lugares, os quais são chamados de tofóbicos.

Hiernaux (2006) apresenta um estudo sobre os modelos de imaginários dos centros históricos atuais, são eles: os imaginários patrimonialistas e os imaginários pós-modernos, nas cidades latino-americanas. O estudo não parte de um caso particular, mas de figuras referenciais que se apresentam em diferentes realidades.

Os imaginários patrimonialistas foram definidos por Hiernaux (2006, p. 33) como sendo: “el conjunto de figura/formas/imágenes a partir de las cuales la sociedad actual, o por lo menos una parte de ella, concibe la presencia de elementos materiales o culturales del pasado en nuestro tiempo y nuestro espacio de hoy”. Esses imaginários estão presentes nos pensamentos atuais sobre a cidade, são uma referência para os grupos que podem decidir sobre as transformações do espaço urbano, entre eles estão os políticos, promotores urbanos, empresários entre outros. Para Hiernaux (2006, p. 33):

El imaginario patrimonialista tiende a plantear que las manifestaciones materiales de las culturas urbanas del pasado deben ser rescatadas, preservadas e enarboladas por las sociedades actuales. Esto proviene de la perspectiva que busca revalidar un pasado de fuerte presencia para la producción actual de identidad y formas de cohesión social.

Cabe destacar que os imaginários patrimonialistas estão centrados nos elementos materiais que fazem referência ao passado e são resultados das disputas de grupos na cidade, os quais ganham suas representações do passado naquele espaço, através de relações de poder, sejam elas políticas, econômicas ou culturais. Os imaginários pós-modernos representam as transformações dos centros das cidades a partir do desenvolvimento das novas tecnologias e do seu uso como lugar de consumo. A presença desses dois imaginários nos centros urbanos acaba por instalar um conflito entre a preservação da memória dos centros com a finalidade de explicar o presente, e o desenvolvimento econômico que transforma os centros em lugares para consumo e para serem consumidos.

As chaves para entender o conflito entre os imaginários patrimonialistas e pós-modernos está no conceito de história para cada um. Segundo Hiernaux

(2006), a história, para os patrimonialistas, é a memória constituinte da identidade, já para os pós-modernos é um recurso, uma forma de vender a cidade. O pesquisador lança ainda a pergunta: Será possível permitir que a história seja elemento a ser vendido, objeto da ganância? Do consumo?

O conflito também se apresenta materialmente nas formas de viver nos centros humanos. O questionamento principal é: eliminaremos as formas tradicionais que ali estão em nome do desenvolvimento da cidade? Do consumo? Do turismo? Ou optamos pela preservação em nome da identidade local? O conflito parte do centro, mas estende-se por toda cidade. Hiernaux (2006) não responde à pergunta, deixando-a como uma provocação para pensarmos sobre estes imaginários constituintes das grandes cidades da América Latina. E termina seu texto escrevendo:

Quedar por construirse una reflexión sobre como evitar a degradación de los centro conjugando los diversos imaginarios em una visión unificada de los centros históricos, menos excluyente pero tambien dinámico. (HIERNAUX, 2006, p. 40).

O autor ainda destaca a importância de criar, construir metodologias que nos permitam compreender o habitar a cidade a partir do ponto de vista dos imaginários urbanos. Conforme o autor, “me parece que para cada situação é necessário que o pesquisador invente a maneira de olhar segundo o que se quer olhar” (CANCLINI, 2010, p. 148) e deixa o seguinte questionamento: Por que o imaginário tem tanta importância na constituição da cidade?

A pesquisadora Alicia Lindón parece responder à interrogação lançada por Canclini em seu livro sobre os imaginários urbanos da Cidade do México, quando nos alerta que os imaginários não correspondem diretamente à realidade. Segundo ela:

No obstante cabe observar que esta mirada no implica asumir al imaginario como representación directa de las formas materiales. Ambos aspectos – materialidade e imaginario – terminan siendo los complejos marcos em los cuales se desarrollan modos de vida urbanos particulares. (LINDÓN, 2006, p. 85).

A pesquisadora estuda como o imaginário (norte) americano dominante na cidade do México está presente e segue estando, inclusive nas periferias mais pobres. Lindón (2006) parte dos imaginários dominantes construídos pelos moradores dos subúrbios norte-americanos, os quais estabeleceram uma

relação topofílica com seus espaços de moradia. A topofilia é mediada pela paisagem, tranquilidade, além de sentimentos de segurança:

La sensación de agrado y bienestar no deriva del vínculo con unos vecinos em particular ni con una casa particular, con un estilo de vivienda, de entorno y de vecindario y de vida, más allá de lo particular: un estilo em el que las estructuras físicas favorecen la privacidad y autonomía, la separación sin aislamiento (LINDÓN, 2006, p. 91).

Lindón (2006) considera o imaginário suburbano norte americano dominante, pela sua capacidade de penetração em diferentes espaços socioculturais, e por ser apropriado por sujeitos diversos, dificultando a construção de outros imaginários. Lindón (2006) destaca a força destes imaginários suburbanos mesmo em grupos sociais muito pobres, além da capacidade de reprodução e manutenção de suas ideias-forças. A ressignificação destes imaginários se dará através da prática dos sujeitos no seu cotidiano, visto que:

[...] la construcción de las tramas de sentido la realizan sujetos particulares que habitan esse territorio periférico, desde posiciones concretas que ocupan em la sociedad y desde sus específicos contextos espacio-temporales en los que viven la periferia. Por ello, la resemantización no produce outro imaginario sobre la periferia que substituía al imaginario dominante, sino que lo abre uma multiplicidad de variantes, todas ellas relacionadas con esse imaginario dominante (LINDÓN, 2006, p. 11).

Lindón (2006) apresenta um quadro com os principais aspectos levantados através da pesquisa das experiências situadas no tempo e no espaço, com sujeitos moradores da periferia da Cidade do México, através dos imaginários urbanos dominantes dos *subúrbios* norte americanos e sua ressignificação nos imaginários urbanos da periferia da Cidade do México.

Os principais aspectos apontados são sobre o nome *subúrbio*: revela-se como uma forma autônoma em relação à cidade. Já a *periferia* aparece como excluída, distante do centro e relacionada com a cidade. Quanto à distância da cidade: o *subúrbio* significa liberdade, tranquilidade enquanto que para *periferia* significa perigo. A *natureza* para os *subúrbios* apresenta-se com a ideia de pureza, tranquilidade; já para a *periferia* a *natureza* é hostil, representa riscos de desastres, tais como inundações, além de dificultar a vida. O *vazio de objetos nos subúrbios* representa trânsito com tranquilidade; já nas periferias, o *vazio* indica as carências, faltas e pobreza. O último aspecto é o *vazio de*

memória, para o subúrbio é a possibilidade de construir uma memória, para sonhar, progresso; já para a periferia leva a história de agressões, de ataques, perigo.

As reflexões sobre a inclusão da dimensão simbólica nos estudos relativos às cidades e à periferia busca acabar com a mutilação desses espaços, pois esses lugares não estão desprovidos de significados, “aunque durante mucho tiempo los há analizado como si no existiram” (LINDÓN, 2006, p. 98). Por mais que o pesquisador estude os imaginários, não conseguirá conhecê-los e compreendê-los totalmente.

Outra questão apontada pela pesquisadora é a presença de imaginários dominantes, que acabam por mobilizar outros imaginários, mas nunca os substituem. “Por eso en un imaginario <dominante>, aun cuando en su diffusion se múltipla em muchos imaginarios diferentes, pero siempre conectados con el dominante” (LINDÓN, 2006, p. 100).

Em outro trabalho sobre os imaginários suburbanos na cidade do México, antes é preciso estabelecer e apresentar a comparação que a autora faz sobre este imaginário em contraposição Estados Unidos/México. Nos Estados Unidos este imaginário urbano está relacionado a tranquilidade, ausência de muros e não propriedade da casa própria, contudo na cidade do México está relacionado a aquisição da casa própria e sua transmissão a próximas gerações e não necessariamente a tranquilidade. Para autora o imaginário suburbano no México difunde a ideia de dominação e colonizadora de tranquilidade.

As ideias desenvolvidas previamente permitem sublinhar que o imaginário suburbano é um imaginário dominante e colonizador que constrói e reconstrói a expansão do modelo suburbano a partir da apropriação deste ideal por parte de alguns habitantes da cidade, mas suas características a porosidade dos imaginários dominantes suburbanos no México permite a formação de imaginários de resistência e de inovação.

Entretanto, buscando mais esclarecimentos sobre a concepção de imaginários dominantes e de resistência, recorreremos a Hiernaux e Lindón (2008). A questão sobre os imaginários dominantes e de resistência surge com problema da reprodução socioespacial das cidades, os imaginários dominantes são aquelas imagens e sistemas de representação que persistem na cidade e

orientam práticas socioespaciais, os quais contribuem para determinadas decisões dos habitantes da cidade, por exemplo: o imaginário urbano dominante é que o bairro Restinga de Porto Alegre/RS é violento, sendo este um fator para que a população em geral não visite aquele espaço ou não queira estabelecer moradia naquele local. Portanto, pesquisas sobre os imaginários dominantes permitem:

Asimismo, permite comprender que la reproducción de ciertos patrones urbanos puede estar promovida desde ciertos imaginarios urbanos. Al mismo tiempo, la producción de las ciudades de acuerdo con nuevos patrones urbanos también podría entenderse a partir del impulso y el potencial de otros imaginarios urbanos (LINDÓN; HIERNAUX, 2008, p. 9)

Para os autores os imaginários dominantes estão relacionados à modelos urbanos, projetos imobiliários, estratégias publicitárias e outros produtores capitalistas do espaço urbano. Contudo, a porosidade dos imaginários dominantes permite a constituição de imaginários de resistência, de acordo com:

Aquellos que propugnan por una ciudad y una vida urbana distintas de las que inducen los imaginarios dominantes: la conservación de la calidad tradicional de la vida urbana (que sustenta, por ejemplo, las políticas de gentrificación urbana) o la valorización de la multiculturalidad urbana como contratendencia a la ciudad difusa y homogeneizante, entre otros (LINDÓN e HIERNAUX, 2008, p. 9).

Os imaginários urbanos de resistência atuam, muitas vezes, apropriando-se de lugares, recorrendo a memória para se contrapor aos imaginários urbanos dominantes, com o objetivo de marcar a cidade com outros sistemas de representação, conseqüentemente outras práticas sociais e espaciais emergem, contrapondo os imaginários dominantes.

Por fim, nos interessa estas relações entre imaginários urbanos dominantes e de resistência para quebrar com a ideia de que os imaginários urbanos seriam neutros ou não estariam relacionados a conflitos de representatividade no espaço urbano da cidade, é através destes conceitos que esperamos explicar a invisibilidade dos sistemas de representações negras na história da cidade de Porto Alegre/RS, que acabam por alimentar o imaginário dominante o qual relaciona a cidade a imigrações de populações europeias.

Para dar conta de nosso propósito tomamos a crítica de Lindón (2008), que nos diz: as pesquisas sobre imaginários urbanos acabam por utilizar metodologias que fragmentam o urbano, o fragmento da cidade pode oferecer uma maior compreensão, desde uma visão hologramática (Lindón 2007a; Lindón 2007b). E se pergunta sobre: acaso um fragmento contém mais fragmentos? O fragmento fala da cidade? O fragmento contém a reprodução da cidade? A proposta hologramática busca integrar os fragmentos da cidade, e seus lugares com a reprodução/produção socioespacial da cidade.

Na próxima seção travei um diálogo entre Stuart Hall e as representações e os imaginários urbanos, conceitos chaves para está tese.

2.2 DIÁLOGOS ENTRE AS DEFINIÇÕES DE IMAGINÁRIOS URBANOS E OS REGIMES DE REPRESENTAÇÕES DE STUART HALL

Os imaginários urbanos são compreendidos como um conjunto de representações a partir da literatura de Lindón e Hiernaux já amplamente revisada neste trabalho. Contudo, na produção intelectual observei a lacuna sobre o que seriam as representações. Tendo em vista que esta pesquisa desenvolve um argumento de tese sobre os imaginários urbanos com um recorte racial em Porto Alegre/RS, na obra *Cultura e Representações* de Stuart Hall encontro as definições que respondem àquelas lacunas, além de também contribuir com o enfoque sobre representações raciais e os elementos que as formaram e seus processos de permanência. E, ainda, pontos de convergência com a literatura de Lindón e Hiernaux, os quais são apresentados ao longo deste texto.

O pesquisador também é impar ao analisar as representações raciais em suas relações de poder e dominação historicamente constitutivas e estruturantes das relações socioespaciais, o regime de representações dos negros é resultante de um longo processo histórico profundamente marcado pela colonização. As teorias raciais desenvolvidas pela ciência do século XIX, e o posicionamento da igreja Católica em relação a escravização da população negra do continente africano. Apresento abaixo um diálogo entre as definições e convergências dos autores, os quais foram utilizados como aportes teóricos desta tese. Principalmente a definição de representação e como e como ela

torna-se de suma importância para os imaginários urbanos e para análise dos dados desta tese.

Hall (2006) define a representação como produção de sentidos pela linguagem, a qual também a expressa. O autor nos traz o exemplo de um copo, um signo linguístico, e seu significado um recipiente para beber água em português. Neste momento aparece à representação, a ligação entre conceito e linguagem.

Para Hall (2006) existem grandes sistemas de representação, o primeiro faz parte dos ordenamentos que carregamos mentalmente. Seriam as representações mentais que carregamos sobre determinados conceitos, contudo o autor faz uma ressalva sobre a elaboração de conceitos simples (cadeira, mesa, cama, entre outros objetos) e a elaboração de conceitos mais abstratos (amizade, morte, amor, entre outros). Para os imaginários urbanos, ainda observamos a elaboração de conceitos sobre fatos, pessoas e lugares que nunca vivemos. Quais seriam as representações que temos de determinada cidade, mesmo nunca tendo a visitado? Ou, como determinados fragmentos de cidade são evitados, mesmo que nunca se tenha tido a experiência de ter ido até lá? O segundo grande conjunto de signos, ou seja, de representação, pois para nos comunicar necessitamos de uma linguagem comum, para estabelecer relações entre conceitos e as palavras escritas, objetos, sons, imagens. Para Hall (2006) “as palavras, imagens e sons que utilizamos carregam sentidos, são signos” (Hall, 2006, p.37). Desse modo, a relação entre conceitos, coisas e signos são os elementos que chamamos de representação.

A representação também é entendida, como representação política, pois por ITAASSU (2006)⁶, a representação para Hall (2006) é política e deve assim ser vista:

Na primeira afirmação: não há dúvida, a virada epistemológica e o rompimento com a noção metafísica de “representação” possibilitaram outras percepções da prática representativa, que ganha assim um caráter fortemente “constitutivo” como representação política onde seu ato de representar não constitui somente a identidade, mas a própria qualidade existencial, ou a realidade (ontologia), da comunidade política, sendo representada em seus valores, interesses, posicionamentos, prioridades, com seus

⁶ Autor da apresentação do livro Cultura e Representação de Stuart Hall. Hall, Stuart. Cultura e representação. Rio de Janeiro : Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

membros e não membros, suas regras e instituições, nesse contexto a representação como política, não ter voz ou não ser representado pode significar nada menos que opressão existencial (ITAASSU, 2006, p.13).

A opção pela compreensão de Hall (2006) sobre as representações também aconteceu devido a sua análise se desenvolver no caminho de observação, indagação e análise de imagens que serão entendidas como representações raciais em sua obra. É importante destacar que Hall (2006) através de um interrogatório da imagem (expressão usada pelo autor) constrói sua análise com a finalidade de entender como as imagens que nos circundam funcionam como produtoras de realidades, valores, identidades e outros atribuídos, principalmente na situação particular da população negra no processo de produção de imagem. O interrogatório da imagem e das representações dos negros em sociedades como a britânica de Hall (2006) converge para problemática de pesquisa desta tese, portanto uma das principais justificativas para que sua definição de representação em sua obra torna-se conjuntamente com as definições de imaginários urbanos de Lindón e Hiernaux as definições norteadoras desta tese.

Para Hall (2006) uma das principais fontes produtoras de imagem é a mídia, pois ela produz efeitos em diferentes contextos sociais, tornando visíveis determinados conteúdos e outro não, fato que torna concreto sua relação de poder, através do interrogatório das imagens vinculadas em revistas, jornais e campanhas publicitárias. Hall (2006) analisa a constituição de representações relacionadas historicamente aos negros e sua permanência na atualidade. E ainda, a possibilidade de uma política de imagens em que as representações dos negros não estejam apenas relacionadas a atributos negativos, mas que ressaltem de forma afirmativa esta população.

As representações para Hall (2006) fazem parte do círculo de cultura, aqui definido pelo autor como “significados compartilhados” através do uso da linguagem, meio pelo qual damos sentido e intercambiamos significados, contudo a linguagem não é apenas composta por palavras faladas ou escritas. Para ele a linguagem é fundamental para os sentidos e para a cultura, sendo invariavelmente considerado o repositório-chave de valores e dos significados culturais.

Mas, é importante entender que linguagem é composta por signos que possuem sentidos, sendo que os sentidos são fixados por nós e são construídos socialmente. Os sentidos não são fixos estão em constante mudança e são transitórios. As práticas produzem sentidos e atribuem significados aos objetos. Aqui observamos a convergência entre Lindón, Hiernaux e Stuart Hall, pois para todos eles os sentidos são construídos socialmente e não são fixos. Ai reside à concepção construtivista de interpretar a realidade, pois quem fixa os sentidos somos nós. Os objetos em si não possuem sentido, como por exemplo: um cavalo só um cavalo porque atribuímos este sentido.

O construtivismo entende que a linguagem tem caráter público e social, as coisas não significam por elas próprias, elas ganham sentidos por nós através de sistemas de representações. Assim são entendidos os imaginários urbanos. São qualificações dos lugares da cidade que estão sempre em movimento, são sistemas de representações que ganham sentidos atribuídos por nós.

E ressaltamos que o signo para Hall (2006) possui materialidade além da dimensão simbólica. Sistemas representacionais são compostos também de materialidades e dimensão simbólica:

Signos também devem ter dimensão material. Os sistemas representacionais consistem nos sons reais que emitimos com nossas cordas vocais, nas imagens que fazemos câmeras em papéis fotossensíveis, nas marcas que imprimimos com tintas em telas, nos impulsos digitais que transmitimos eletronicamente. A representação é uma prática, um tipo de “trabalho” que usa objetos materiais e efeitos. O sentido depende não da qualidade material do signo, mas de sua função simbólica. Porque um som ou palavra em particular, indica, simboliza ou representa um conceito, ele pode funcionar, na linguagem, como signo e transportar sentido – ou como os construtivistas significar (HALL, 2006, p.49).

Convergindo para a noção de imaginário urbano, ele não é a apenas uma dimensão simbólica do lugar, mas também a dimensão material que marca determinados lugares.

Acredito aqui delinear a diferença entre o imaginário urbano, entendendo que ele é um construto social, ou seja, um modelo/imagem criado mentalmente, formado a partir das representações materiais e imateriais de grupos sociais, de fatos históricos, de pontos turísticos ou paisagens naturais

que marcam e qualificam através de signos e símbolos o lugar-cidade. Contudo, é importante fazer uma ressalva, pois os imaginários urbanos se traduzem materialmente quando, por exemplo, em nossas práticas socioespaciais evitamos determinados espaços por termos um imaginário topofóbico em relação a eles.

As representações são expressas por uma linguagem que é composta por objetos concretos, no caso desta tese, monumentos do centro histórico da cidade de Porto Alegre, por imagens e discursos relativos a cidade presentes nos folhetos turísticos e nas entrevistas presenciais ou virtuais realizadas para tese.

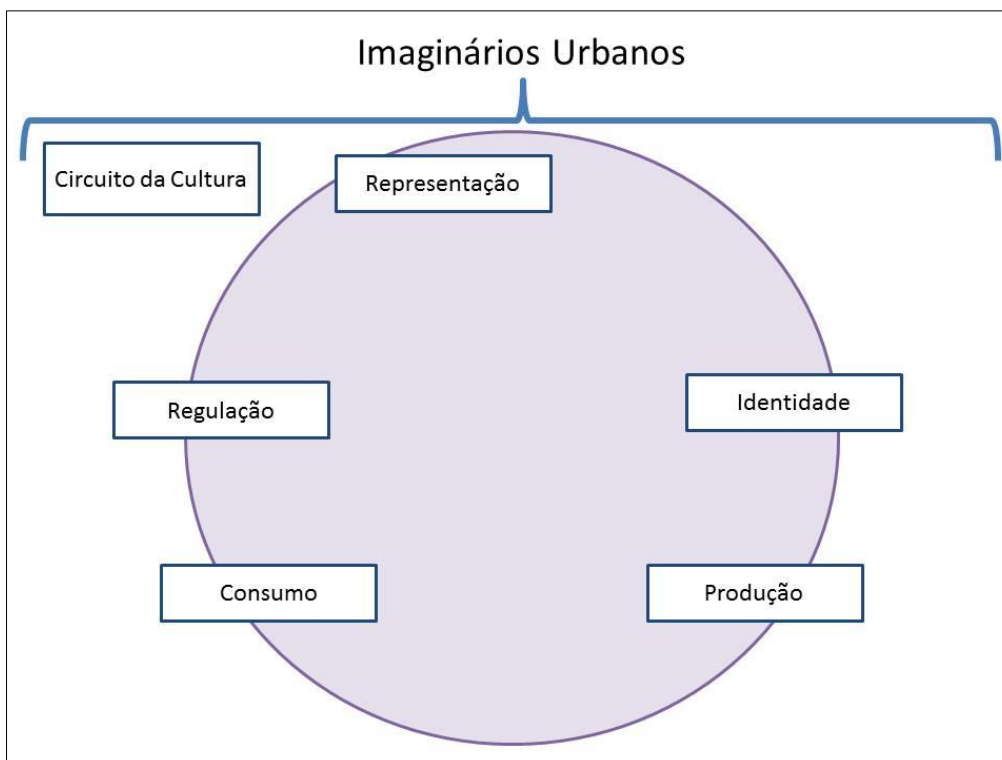
Para compreensão principalmente da construção das narrativas espaciais, acredito que a concepção de linguagem apresentada por Stuart Hall é fundamental para o desenvolvimento analítico da tese, pois a linguagem não é apenas um conjunto de palavras:

As palavras faladas ou escritas, ela é composta por signos e símbolos que englobam sons, escritos, imagens eletrônicas, notas musicais e até objetos, para significar ou representar para os outros indivíduos nossos conceitos, ideias, sentimentos dentro das diferentes culturas (Hall, 2006, p. 18).

Sendo a linguagem, o que está demarcando a produção de sentidos em uma cultura, tendo em vista que ela não é apenas o que falado ou escrito, é através da linguagem composta por signos que se carregam os sentidos. O compartilhar da linguagem se dá quando possuímos um mapa conceitual comum, assim envolvido por um círculo de cultura. Entendemos por isso, em acréscimo às ideias trabalhadas por Hall, que os imaginários urbanos por serem compostos por conjuntos de representações produzidas a partir da linguagem. Como podemos observar abaixo na Figura 01:

Entretanto, entendo que os imaginários urbanos são atravessados pela cultura de local, pela identidade dos grupos sociais, pelos padrões de consumo e produção e compostos pelas representações materiais e imateriais.

Figura 01 – Elementos que compõem os imaginários urbanos



Fonte: Stuart Hall (2006). Elaboração da autora

O entendimento da produção de representações é central na obra de Hall e para nós também, pois as narrativas espaciais são uma linguagem demarcada por imagens, sons, objetos em sua concretude. Neste estudo signos e símbolos marcam o lugar-cidade de Porto Alegre. Estas narrativas espaciais produzem representações que alimentam imaginários urbanos sobre essa cidade, como se expõe pela análise nos capítulos seguintes.

Aqui é importante destacar que para Hiernaux (2008) os imaginários urbanos são imaginários sociais constituídos pelas representações da cidade. É neste exato momento que as concepções de Hall (2006) sobre as representações se tocam com as de imaginários urbanos, pois a partir de suas reflexões chegamos a noção de imaginário urbano como um conjunto de representações da cidade que encontram sua expressão através da linguagem falada, escrita, materializada através de objetos, sons e imagens. Linguagens estas que compõem as narrativas espaciais e tornam as dinâmicas, pois através delas podemos observar quais as representações (signos e símbolos) que se repetem em diferentes narrativas espaciais aqui abordadas e que acabam por constituir os imaginários urbanos dominantes sobre a cidade de

Porto Alegre. Tomamos a definição de Hall (2006) de que signos são palavras, objetos, imagens, sons que carregam sentidos. Os sentidos sobre determinados conceitos são dados pelos sistemas de representações.

O encontro entre Stuart Hall, Alicia Lindón e Daniel Hiernaux também acontece com a relação que estabelecem com a virada cultural em suas áreas de conhecimento, pois para Hall a virada cultural nas Ciências Sociais foi a possibilidade de novos temas e a abertura para outras abordagens com ênfase na cultura, não como uma condição intelectual, material ou de acumulação de dinheiro, mas como o meio em que possibilita o compartilhar de códigos e significados nos diferentes grupos, para Hall (2006, p. 20) a cultura é:

Basicamente, à cultura diz respeito à produção e ao intercâmbio de sentidos – o “compartilhamento de significados” – entre os membros de um grupo ou sociedade; Sobre o “os significados compartilhados” em toda cultura existe uma diversidade de significados a respeito de qualquer tema e mais de uma maneira de representá-lo ou interpretá-lo.

A cultura cria laços de pertencimento, sentimentos de nação, por exemplo, pois nos identificamos dentro de uma comunidade que possui hábitos em comum e nossas práticas socioespaciais são guiadas dentro de uma determinada cultura que partilha sentimentos, valores, concepções entre outros códigos compartilhados, assim provocam efeitos em nosso cotidiano sistematicamente.

E ainda, para o autor conferimos sentidos e representamos o mundo que nos envolve através deste sistema de regramento das relações sociais cotidianas, o qual chamamos de cultura, através dos estudos culturais tomamos contato com a dimensão simbólica da vida, dimensão que até o “giro cultural na Geografia” também era descartado das análises da Geografia urbana, a qual estava centrada em questões relativas a economia, aspectos materiais da cidade (dinâmicas populacionais, crescimento industrial, fluxos de capitais, entre outros aspectos da concretude da cidade).

É através do giro cultural na geografia que outras dimensões da cidade passam a serem abordadas, por exemplo: a geografia brasileira foi fortemente marcada pelas concepções advindas do materialismo histórico dialético, a qual sem sombra de dúvidas contribui para sua consolidação da geografia como uma ciência humana de extrema relevância em nosso país.

Contudo os efeitos desta abordagem são observados até hoje quando outros campos dentro das ciências geográficas que buscam consolidação acabam por serem estigmatizados ou entendidos como menos relevantes, tal como a Geografia cultural, mesmo sendo um dos campos que permitem abordar temas relacionados a sexualidade, ao gênero e a raça, ainda é alvo de crítica e discussões sobre sua pertinência como construtora de saber.

A temática desta tese, a qual busca relacionar dimensão simbólica com as dimensões concretas do espaço tem na Geografia Cultural a porta de entrada para o desenvolvimento do estudo. Por conseguinte sabemos da importância deste debate, principalmente para desconstrução de que a Geografia cultural brasileira só aborda temas sem relevância social e política, voltados para estudos relacionados com a literatura, alimentação, música entre outras temáticas.

A pesquisa aqui apresentada abre a discussão e torna concreta a importância da Geografia Cultural como uma porta de entrada para estudos relacionados ao combate do racismo em nosso país. Para a possibilidade de uma Geografia descolonizada que emerge do cotidiano dos sujeitos que habitam nossas cidades, além da análise dos processos de construção dos imaginários urbanos que ainda perpetuam representações dominantes dos grupos culturais brancos e imigrantes que colonizaram este país. Sendo elas as imagens da civilização e desenvolvimento de uma nação, que não reconhece ainda, os sujeitos negros como produtores do espaço urbano e sua cultura como marcante e fundamental para formação das cidades brasileiras.

Aberto e fechado os parênteses sobre a relevância da virada cultural e da Geografia Cultural, voltamos a questão das representações por Stuart Hall. Na obra de Hall (2006) por abordar as representações raciais construídas historicamente, no caso quais são os significados atribuídos a atletas negros em grandes campanhas publicitárias e reportagens em revistas. Estes significados estão alinhavados aos significados atribuídos a população negra ao longo da história pelos países ocidentais, principalmente sobre seus atributos físicos, intelectuais e sexuais. O autor explora a formação destes sentidos a partir de eventos históricos, como a primeira colonização – das Américas, a segunda colonização - do continente africano a partir de sua partilha e as migrações para Europa.

De acordo com Hall (2006) as imagens visuais são extremamente poderosas. O autor trabalha com um repertório de imagens, que através de efeitos visuais expressa a diferença pela mídia que se utiliza de forma discursiva, ou seja, utiliza repertórios e regimes de representação para demarcar as diferenças raciais, reproduzindo grandes afirmações que, atribuídas aos negros atravessaram a história mundial, originam-se do binarismo que acaba por reduzir a realidade e não está livre do juízo de valor. “Sempre sendo uma relação de poder, assim segundo ele deveríamos escrever **branco/preto, mulher/homem, classe alta/classe baixa, britânicos/estrangeiros** para demarcar as relações de poder” (HALL, 2006, p.155).

Ao abordar questões relativas à representação da diferença, uma área contestada por ele, as vê sistematicamente de forma estereotipada. Têm o contexto do período escravagista ou do imperialismo, que produziu o espetáculo do "outro". Através de uma série de imagens demonstra como são recorrentes estereotipagem dos negros, em Hall (2006, p. 140):

Principalmente na publicidade que utiliza de modelos negros, as reportagens jornalísticas sobre imigração, os ataques raciais ou crimes urbanos e os filmes e revistas que tratam da "raça" e etnicidade como temas importantes.

Além de demonstrar a estereotipagem das representações das diferenças, o pesquisador aponta um caminho para uma política de representações que trace caminhos mais "positivos" para representações raciais.

Outro objetivo deste pesquisador é aprofundar os significados das representações como um conceito e o seu funcionamento dentro do circuito cultural. No campo das diferenças é necessário que elas constituam fator importante na produção das identidades sociais. Existindo um repertório de representações e suas práticas usadas para marcar a diferença racial e significar o "outro" racializado na cultura popular ocidental, na qual foram importantes três encontros: a escravização, a colonização da África e as migrações. As ideias sobre raça e as imagens da diferença advêm destes três encontros e podemos afirmar que as representações que compõem os imaginários raciais são construídas a partir destes encontros também.

O autor trás exemplos já citados por outros pesquisadores citados no capítulo sobre invisibilidade negra. Um deles é sobre a crença por parte dos cristãos, usada pela Igreja Católica através da Bula Pontifex em 1455, que estabelece a justificativa para escravização e a exploração da África pelo Reino de Portugal de que os negros eram filhos de um personagem bíblico, Cam, Canaã. E ainda, encontrava-se nesta crença a justificativa para os negros serem "servos dos servos de seus irmãos", conforme Hall (2006, p. 162):

O Iluminismo que classificou as sociedades ao longo de uma escala evolutiva de "barbárie" a "civilização", via a África como mãe de todos que monstruosa na natureza e no século XIX foi considerada como enclausurada e abandonada historicamente.

No caso brasileiro, a formação do Estado escravagista que se utilizou da mão de obra negra, mas que no momento que "libertou" os escravizados não criou políticas públicas para a população como mão de obra assalariada. Optando por uma política de higienização racial, onde milhares de imigrantes italianos foram trazidos para cá, com a prerrogativa de que os negros não possuíam "capacidade" técnica para o desenvolvimento do país. Formando representações raciais calcadas no discurso científico, que defendia hierarquização das raças, onde os brancos possuem atributos positivos e os negros carregavam sempre atributos negativos, como a malandragem, a promiscuidade, a vagabundagem. Além de estigmatizar e criminalizar uma série de práticas culturais e religiosas, que são próprias desta população durante séculos, estes fatos históricos são determinantes para produção de significados que constituem as representações raciais no Brasil.

Outro exemplo histórico sobre os signos que formam os regimes de representação dos negros no Brasil encontra-se em Barbosa (2006), que nos fala como os imigrantes europeus podiam adotar livremente seus costumes, idiomas, ensino e calendário durante a República Velha (1880-1960), entretanto quando se avalia de forma comparada a afrocultura no Brasil encontramos que:

Até 1985 (advento do governo Sarney), não era possível as pessoas pobres (na maioria não brancos) andarem pelas ruas sem carteira de Trabalho. Caso a mesma não estivesse assinada, o portador podia ser preso por "vadiagem", crime que só pode existir na imaginação escravizadores. Nas regras não escritas da repressão policial, a prisão por treze vadiagens podia colocar o indigitado na lista "esquadrão da morte". Observe-se a ironia o hábito da escolha do

número treze, obedecem a mística do azar 13º apóstolo (Judas). Os templos religiosos da afrocultura (“terreira”, “tendas”, etc.) eram autorizados a funcionar pela Delegacia de Costumes e Diversões, sendo, pois moralmente comparadas aos bares, boates, e casas de prostituição, vê-se aqui o peso brutal o Estado (BARBOSA, 2006, p. 19).

Verifica-se, com nitidez, a vinculação ao que há de negativo no Brasil a população negra e ao que há de positivo a população de imigração e o papel do Estado Brasileiro na permanência das políticas de criminalização desta população em nosso país. O fato do Estado brasileiro, a partir de suas elites dominantes e dos colonizadores, os quais optaram por uma força de trabalho escravizada delegando, segundo Barbosa (2006), “um lugar específico para está população na sociedade de dominação, de acordo que não é lugar de um todo societário, mas apenas o de suas camadas menos importante - e do ponto de vista da cultura formal e dominante – descartáveis” (BARBOSA, 2006, p.24).

São estas representações e outras que alimentam um imaginário social de que os negros brasileiros não foram determinantes no desenvolvimento do Estado brasileiro, pois não eram trabalhadores assalariados e sua cultura não estava relacionada ao ideal de civilidade e os bons costumes características atribuídas aos imigrantes brancos e europeus "homens trabalhadores" que podiam transformar o país em uma grande potência.

É preciso entender que as representações raciais brasileiras têm seus significados produzidos historicamente e para sua compreensão não podemos fugir das políticas adotadas pelo Estado brasileiro quando optou pelo branqueamento da população do país pelo medo da africanização e da carga “negativa” da população negra para o desenvolvimento intelectual, moral e econômico do Brasil já descrito no capítulo sobre a invisibilidade negra, mas para verificar a posição do Estado, em Côrtes (2005, p. 37):

O primeiro, de 28 de junho de 1890, determinou que os agentes diplomáticos e cônsules brasileiros e a polícia dos portos deveriam impedir a entrada de criminosos, mendigos, indigentes e indígenas da Ásia e da África. Os africanos e asiáticos só poderiam ser admitidos mediante autorização do Congresso Nacional. O segundo, de nº 7.967, de 18 de junho de 1946, estabelecia: “imigrantes serão admitidos de conformidade com a necessidade de preservar e desenvolver o Brasil, na composição de sua ascendência europeia”.

No Estado do Rio Grande do Sul, verificamos as afirmações acima, contudo o discurso é mais complexo, pois nega o passado escravagista e até a

presença de negros neste território. Maestri (2008) ao analisar a historiografia sobre o trabalhador escravizado no RS 1819 - 2006, afirma a partir da alegoria do Painel pintada por Aldo Locatelli (1915 - 1962):

Expressa que a inexistência do sangue e suor dos negros tivesse frutificado o solo rio-grandense, uma visão assumida, alimentada e ampliada pela historiografia, que negou-minimizou a importância da escravidão e do cativo na construção do Rio Grande (MAESTRI, 2008, p. 54).

Seguindo as proposições acima, os discursos racializantes no Brasil ou em outros países são conduzidos a partir de um binarismo entre branco/preto, no caso brasileiro branco seria o colonizador português ou os imigrantes europeus que chegam ao país no século XIX. No caso da análise de Hall são os britânicos e os norte-americanos, e nos dois casos os negros são traficados para serem escravizados pelos brancos em seus diferentes continentes, segundo Hall (2006, p. 169):

Foi produzido historicamente um profundo binarismo entre branco (civilização) e negro (selvageria), existindo uma oposição entre raças "negra" e "branca". A raça branca está relacionada ao desenvolvimento intelectual - requinte, aprendizagem e conhecimento, crença na razão, presença de instituições desenvolvidas, governo, forma leis e "contestação civilizada" em sua vida emocional, sexual e civil, os quais estão associados à "cultura" e por outro lado, a ligação entre as "raças" negras e tudo o que é instintivo - a falta de "requinte civilizado" na vida sexual e social, dependência dos costumes e rituais e falta de desenvolvimento de instituições civis tudo que está ligado a "natureza". Finalmente, há a oposição polarizada entre "a pureza racial" de um lado e a "poluição, originada dos casamentos mistos, do hibridismo e de cruzamento raciais".

Aqui o autor consegue resumir as representações construídas historicamente e alimentam imaginários sociais relativos a populações que habitam o continente europeu e o continente africano, podemos estender para a ocupação das cidades brasileiras, nos locais com maioria negras e pobres o imaginário urbano é constituído por uma série de signos e símbolos de incivilidade, malandragem, medo da violência física que compõem as representações das periferias urbanas e alimentam os imaginários urbanos dominantes que estes locais são tofofóbicos, ou seja, são inviáveis de circulação ou devem ser evitados. Em minha dissertação de mestrado demonstrei nitidamente este imaginário urbano relativo ao Bairro Restinga, localizado a 22 km do centro de Porto Alegre, o qual é habitado por maioria

negra e ainda é resultado de um projeto de limpeza urbana do centro da cidade de locais onde a população negra habitava. As lideranças comunitárias entrevistadas foram categóricas sobre a série de representações que a mídia fazia e faz do bairro, sempre relacionando com crime, tráfico e violência de diferentes tipos e raramente com a organização do bairro, suas conquistas, eventos culturais ou fatores positivos.

As lideranças comunitárias chegavam a visitar os jornais de grande circulação para tirar a Restinga das páginas policiais dos jornais. Observamos aqui a convergência entre raça e classe social, isto é, uma população negra e pobre relacionado a representações negativas do lugar. Todos os dias receberam estas notícias os de "fora do bairro" e alimentamos nossos imaginários urbanos com estas representações, mas este tipo de imaginário topofílico em reflexo diário na vida dos moradores, são taxados de criminosos, não conseguem empregos e evitam até mesmo de revelar que são moradores da Restinga, aqui seria muito importante uma política de representações, pois através dela poderíamos romper um ciclo de representações negativas relativas ao bairro e intervir com uma virada de representações positivas que incidisse na forma como os moradores se sentem e como o restante da cidade imagina a Restinga.

Stuart Hall analisou as imagens vinculadas em publicidade e nos jornais onde os negros são encontram-se como figura central. Através deste interrogatório da imagem procura compreender os regimes de representação e a prática da estereotipagem, como está última estabelece ligação entre representação, diferença e poder. É a estereotipagem como prática representacional da diferença o elemento-chave do exercício violência simbólica. Podemos aqui estabelecer um diálogo entre o regime de representações raciais que de forma dominante são estereótipos relativos aos negros no Brasil e fora dele, assim podemos entender que os imaginários sociais dominantes relativos a esta população são construídos através de regimes de representações estereotipadas em que as características físicas e morais estão vinculadas ao que há de negativo em nossa sociedade.

Hall (2006) é enfático sobre o poder dos estereótipos nos regimes de representação. Por trás da prática da estereotipagem estão preso os estereótipos binários, tais como: infantis/supersexuados, no caso do Brasil

imigrante europeu branco: trabalhador-negro preguiçoso, o binarismo que moveu os regimes de representações raciais, sendo que no Rio Grande do Sul, é o território onde isso se revela bastante forte.

Acreditei ser necessário fazer este aprofundamento sobre a relação entre representação e os imaginários urbanos, pois através destes apontamentos e da análise dos dados coletados, a hipótese desta tese procede como afirmativa, tornando-se evidente após a definição de representações. Espero que ao operacional este conceito nos capítulos analítico do Holograma Espacial fique mais palpável para os leitores. Antes veremos as concepções de lugar.

2.3 ANTES DA COMPREENSÃO DOS HOLOGRAMAS ESPACIAIS – CONCEPÇÕES DE LUGAR

Para compreendermos os Hogramas Espaciais, proposta teórico-metodológica de Lindón (2007b, 2006, 2008a), observei os pontos de partida da pesquisadora, ou seja, em quais concepções de cidade, lugar e imaginários urbanos, este último já foi amplamente discutido na sessão anterior, a autora esteve ancorada.

Em primeiro lugar para Lindón (2007b) a cidade é uma construção social permanente e os lugares que se constituem estão em constante movimento e transformação. Não podemos confundir aqui lugar com localização. Outros autores são importantes para compreender o conceito de Lugar, o qual segundo Relph (2012) foi esquecido pela Geografia até a década de 1990. Ele nos oferece algumas explicações para esse fato: primeiramente a ciência geográfica estaria relacionada à descrição da terra e ao período de colonização do mundo, processo o qual se dá intensamente pelos europeus. Para o autor a Geografia teria se dedicado a descrição dos lugares e sua diversidade, enquanto outras Ciências Sociais tentavam se tornar mais científicas, desenvolvendo leis com base quantitativa para explicar os processos sociais. Esse foi um momento oportuno para propor uma redefinição da Geografia como ciência espacial (RELPH, 2012).

O momento foi infeliz para pesquisador, pois a filosofia e a física já haviam superado os modelos cartesianos de espaço, enquanto a Geografia

ficou presa à redução do espaço em uma dimensão. Para ele a ciência espacial achatava a Geografia, pois desde seu nascimento desenvolvia o estudo dos lugares e das regiões, contudo deixou de lado as relações entre as pessoas e o espaço:

A defesa do lugar na Geografia nos anos 1970 e 1980 foi inicialmente uma alternativa para achatamento da disciplina. Os cientistas espaciais haviam justificado sua abordagem apelando para autoridade dos filósofos da ciência (RELPH, 2012, p.19).

Uma vez que lugar é o fenômeno da experiência, era apropriado que ele fosse explicado por uma abordagem fenomenológica. Assim, como Lindón (2006a, 2007a), reconhece a importância de Tuan (1980; 1983) para abordagem do conceito de lugar.

É interessante também observar que para Relph (2012) as abordagens com ênfase no lugar ressurgem na década de 1990, atreladas às transformações da paisagem construídas na Europa e nos Estados Unidos, as quais eram destruídas rapidamente em nome da modernização dos locais. Para Relph (2012) o lugar ressurgiu com a preocupação com preservação do patrimônio das cidades e sua perda, e ainda como uma contrapartida ao universalismo do pensamento, se alinhou a uma proposta pós-modernidade que tem o lugar como foco:

O lugar ressurgiu das sombras da academia nos anos 1990, relacionado em parte ao movimento intelectual geral de se afastar de proposições universalistas do pensamento moderno e do projeto em direção ao pós-modernismo e à diferença, seja racial, sexual, política ou arquitetônica. Como fonte da diferença, lugar passou a atrair a atenção de várias disciplinas. Arquitetura e planejamento que apenas três décadas antes haviam se dedicado à padronização e aos estilos internacionais, se voltam em busca da inspiração para as tradições regionais e para identidade de lugar (RELPH, 2012, p.20-21).

Para Relph (2012) existem diferentes caminhos para uma abordagem que se utiliza do lugar, são eles: lugar como reunião, localização, fisionomia do lugar, espírito de lugar, sentido de lugar, raízes e enraizamento, interioridade, lar, lugar-sem-lugaridade, nós, exclusão/inclusão, sentido contaminado de lugar, construção de lugar, fabricação de lugar.

Vejamos alguns dos caminhos de abordagem que Relph destaca: **O lugar como reunião** é para autor a forma como nos conectamos com o mundo por meio de lugares que geralmente possuem nome e identidade como

indivíduos ou membros de uma comunidade; **a localização** é uma característica comum mais não essencial para lugar; **fisionomia do lugar** é a forma do lugar e ajuda na compreensão das diferenças entre os lugares; **o espírito do lugar** esta relacionado a lugares excepcionais (igrejas e outros sítios); **sentido do lugar** é a capacidade de apreciar e apreender suas qualidades.

Quanto aos caminhos, raízes e enraizamento, muitas vezes o lugar é entendido como eterno, imóvel, mas Deleuze e Guatarri, sugerem a noção de rizoma abrindo a possibilidade para raízes simultâneas, interioridade é familiaridade que um morador tem com lugar diferente de um turista, lar, onde está nossas raízes mais profundas, nós – para Harvey e Massey são nós de redes nacionais e internacionais, entre outras definições.

Para Relph (2012) a essência do lugar reúne sentido geográfico, atividades econômicas, sociais, históricas, sentidos relacionados com corpo como sensação de bem estar, medo, tristeza, a imaginação entre outros, sendo mediado pelas experienciais do cotidiano, para o pesquisador:

O ser é sempre articulado por meio de lugares específicos, ainda que tenha sempre que se entender para além deles para compreender o que significa existir no mundo. Essa interpretação é, penso eu, não somente a mais importante contribuição para os debates sobre lugar, mas também uma perspectiva de enorme significado ético e prático. (RELPH, 2012, p.29-30).

Além das compreensões de lugar de Reph (2012), Oliveira (2012) nos diz que para nortear a discussão sobre lugar é importante nos guiar através das noções de lugar e de sentido. A autora parte do verbete de lugar do dicionário, lugar como local e localização, contudo o lugar não é apenas matéria ou forma. Para Oliveira a concepção do sentido do lugar está relacionado com os significados ou as significações que ele ganha. Ampliando a discussão em relação ao conceito Oliveira (2012) deixa nítidas as dimensões que o lugar pode tomar. De acordo com a pesquisadora:

O lugar em todas as suas preocupações filosóficas e epistemológicas estão amarradas à importância e a complexidade do fato de representar lugares. É aceito universalmente que a lógica do lugar coincide sempre, em linhas gerais, com o paradigma que em cada época o Homem obteve às interrelações entre si mesmo e seu meio ambiente. Em outras palavras, o lugar, como limite, é um balanço rítmico entre a razão e história ou movimento e pausa (OLIVEIRA, 2012, p.6-7).

Não poderíamos deixar de lado para a discussão de lugar, o geógrafo Milton Santos, que em sua obra *A Natureza do Espaço*, atribui a esta dimensão do espaço onde emergem as identidades, enquanto mediação do processo de globalização entre o global-local, ou seja, o lugar não é um fragmento, mas contém em si a totalidade em movimento. O lugar para Santos (2006) é o nó que amarra as verticalidades (ações e objetos que atuam em diferentes escalas) e as horizontalidades (ações e objetos que possuem sua expressão e atuação no local), sendo articulação de forças verticais e horizontais que estão em permanente interação relacionada com o capital em tempos de globalização.

Para Santos o lugar (2006) na globalização é retomado em sua força, pois com este movimento acreditava-se que o mundo se tornaria cada vez mais homogêneo, sendo que as características particulares desapareceriam. O autor aponta o movimento contrário desta afirmação, pois os lugares ganham força pela sua diversidade, heterogeneidade, pela sua diferenciação. De acordo com autor:

A história concreta do nosso tempo repõe a questão do lugar numa posição central, conforme, aliás, impõe-se, ao mesmo tempo, a necessidade de, revisitando o lugar no mundo atual, encontrar os seus novos significados. Uma possibilidade nos é dada através da consideração do cotidiano (SANTOS, 2006, p. 213).

E ainda, para Santos (2006) é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade, contudo “cada lugar é ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente” (SANTOS, 2006, p. 220).

O lugar é na perspectiva de Santos (2006) um mediador entre as forças globais e locais. Por mais que autor dê pistas sobre sua concepção de lugar como referencia às atuações subjetivas dos sujeitos que os habitam, ele acaba por ressaltar a importância desta dimensão espacial para as dinâmicas do capital na globalização. Considera a cidade com modernização contemporânea como o mais significativo dos lugares, pois nela todos os capitais, todos os trabalhos, todas as técnicas e formas de organização podem aí se instalar,

conviver, prosperar e onde se expressam as formas hegemônicas e em que os fracos podem subsistir.

Seguindo a lógica de Santos (2006) sobre a dinâmica do lugar em tempos de globalização, Abreu (2011, p. 21) nos fala sobre a importância que ganha o lugar dentro de uma:

Instantaneidade das comunicações que permitiram a homogeneização do espaço global, se ela está contribuindo para todos os lugares sejam eles bastante parecidos, ela também vem dando estímulo para que cada lugar, na busca por sua sobrevivência e de individualidade, procure se diferenciar o mais possível dos demais.

A tensão entre singularidade e homogeneização do lugar que acaba segundo autor ressaltando a primeira característica do lugar, para Abreu (2011) está intimamente relacionada ao passado e a sua preservação. No processo de globalização busca-se a identidade dos lugares e busca pelo passado que está materializado na paisagem e preservado em “instituições de memória” ou vivo na cultura e no cotidiano dos lugares (ABREU, 2011, p. 21).

Portanto, difere-se da concepção de lugar explorada por Lindón (2007a, 2008a, 2006a) que se centra na Geografia humanística como ponto de partida, onde o lugar está intrinsecamente ligado com uma trama de significados atribuídos pelos sujeitos que se relacionam de forma direta ou indireta com determinados lugares. Para Santos (2006) lugar em uma referência na rede global, sendo nó, oferece resistência ou não à implantação do capital e suas tentativas a homogeneização dos espaços, enquanto para Lindón (2007b, 2008a, 2008b) o lugar esta, intrinsecamente, ligado as práticas espaciais dos sujeitos que habitam as cidades, a exemplo de práticas, as quais conferem significados aos lugares que estão em constante movimento e ligados em rede.

O conceito de lugar é entendido por Lindón (2006a, 2007b, 2008e,) dentro da concepção da Geografia humanística, a qual tem como principal referência o geógrafo Yi-Fu Tuan. Em Tuan (1980; 1983) o lugar refere-se ao espaço dotado de valor simbólico, emocional, sentimental e de memória. Portanto, o espaço só passa a ser lugar quando adquire essas características. O espaço torna-se lugar a partir das experiências vividas em determinados locais. Assim, o que apenas é uma localização na cidade transforma-se em um lugar quando passa a ter definição e significado.

O lugar para Tuan (1983) pode ser apreendido através das experiências que os sujeitos vivenciam neles, sendo conceituais ou íntimas. O pesquisador aponta que as experiências podem ser afetadas pela a forma de determinados locais da cidade, tais como templos, igrejas, paisagens naturais e construídas. As experiências também podem ser afetadas por relatos de viajantes, revistas, internet, no caso das conceituais.

Os lugares são conceituados por Tuan (1983), este os caracteriza a partir das experiências que vivemos neles, podendo ser íntimos, como nossa casa, ou a cidade em que vivemos na infância. Podem também ser visíveis ou invisíveis. A visibilidade pode se dar, segundo a partir dos objetos materiais que existem em determinados lugares que nos chamam atenção, tais como: o nome de uma rua, de um monumento, uma praça.

A relação que estabelecemos com os lugares para Tuan (1980;1983) se dá pela escala, proximidade, sendo possível estabelecer relações topofílicas ou topofóbicas, sendo que a topofilia é o prazer, a felicidade, a sensação de bem-estar e a topofobia é o rechaço, a insegurança, o medo, o pavor de estar em determinados lugares. Podemos entender em lugares que nos trazem sensações boas e lugares que nos trazem sensações negativas.

Em Lindón (2007a) observamos que o lugar aparece como sendo um construto das experiências no cotidiano, os sujeitos constroem o lugar, ao mesmo tempo que são construídos, o lugar é centro de significados, de tramas, sentidos que está sempre em movimento e em constante transformação. O lugar para Lindón (2007a) pode abarcar materialidades e imaterialidades. Pelo constante movimento do lugar, os sujeitos podem construir lugares topofílicos ou topofóbicos, sendo que conforme Bonetto (2013) esta relação não é binária e depende de fatores, tais como: gênero, raça, idade, período do dia (noite-dia), distância e proximidade.

É necessário ainda avançar no sentido de entender o que seria a experiência de lugar nas grandes cidades, em contextos de fragmentação. E de falta de uma experiência espacial da cidade em sua totalidade, ou como as características ou como são caracterizados os lugares, determinam as experiências dos habitantes das cidades, orientam suas práticas espaciais ou limitam suas experiências de circulação, desejos de conhecer outros pedaços

da cidade, onde residem ou afetam seus sentimentos, e alimentam seus imaginários com relação a determinados espaços.

Lindón (2007, 2008) tem como objetivo compreender a cidade através do estudo dos imaginários urbanos, segundo a autora aproximarmos a compreensão da cidade a partir do ângulo dos imaginários consequentemente orientados para entendimento da construção social do espaço urbano. Para Lindón (2007b) a cidade é um mosaico de lugares que são construídos socialmente e estão em permanente transformação, ao mesmo tempo em que são moldados pelos sujeitos, moldam os sujeitos que neles vivem suas experiências espaciais, os imaginários urbanos qualificam os lugares.

A cidade pode ser entendida como lugar carregado de significados, de memórias de acontecimentos materializados na sua paisagem ou preservados em instituições de memória, Lindón (2007a) não aprofunda a relação entre lugar e memória, mas dá um indicativo da potência deste encontro, segundo ela:

O lugar reconhece uma memória de acontecimentos passados associado a esse lugar. Isso será relevante porque é possível que a memória do lugar que reconheça o sujeito resultante e entrelaçado de alguma maneira na construção presente do lugar (LINDÓN, 2007a, p. 43).

Em relação a memória, como elemento que funda a identidade do lugar, Abreu (2011) nos trás importantes contribuições, primeiramente porque nos interessam aqui memórias coletivas e compartilhadas, pois as “individuais não são alvo deste estudo. Assim a memória de um lugar, a memória de uma cidade, é, portanto, uma memória coletiva” (ABREU, 2011, p. 24). O pesquisador não ignora a importância das memórias individuais para recuperação das memórias da cidade, contudo elas são subjetivas e podem nos levar a cair em armadilhas, por isso devemos estar atentos a elas. Para Abreu (2011) a memória possui a dimensão individual, mas está sempre ancorada ao social. Para a definição de memória coletiva Abreu (2011) traz outro autor: Halbwachs (1990) “que afirma que a memória coletiva envolve memórias individuais, entretanto é substancialmente o conjunto de lembranças socialmente construídas e referenciadas a um grupo que transcende o individuo e está em permanente movimento” (ABREU, 2011, p. 26).

Em relação à cidade a memória coletiva é preservada não apenas nas formas urbanas, para Halbwachs apud Abreu (2011, p. 27):

As memórias coletivas eternizaram muito mais registros, em documentos, do que em formas materiais inscritas na paisagem. São estes documentos que, ao transformar a memória coletiva em memória histórica, preservam a memória das cidades. São eles também que nos permitem contextualizar os testemunhos do passado que restaram na paisagem (ABREU, 2011, p. 27).

Para o pesquisador a recuperação das memórias coletivas de uma cidade não pode restringir apenas às formas urbanas herdadas de outras temporalidades.

E através desta prerrogativa Lindón vai ancorar seu pensamento sobre a construção social da cidade, a luz do construtivismo geográfico, no sentindo mais amplo. O construtivismo, para Lindón, não está relacionado diretamente com os estudos urbanos, contudo a pesquisadora aponta alguns autores, os quais vêm dando aporte aos estudos sobre a cidade e particularmente a certas Geografias urbanas, são eles: Maturana , Varela, Schutz, Berger e Luckman.

O tema das representações espaciais na Geografia não tardou em reconhecer o que em outras áreas das Ciências Sociais já havia observado. Para Lindón (2007b, p. 34) a crise das representações vem “es decir la crisis de las representaciones deriva del sentido literal de re-presentar como reproducción fiel de lo real (las representaciones miméticas).

A autora se refere a uma forte discussão relacionada à racionalidade cartográfica que ao invés de nos levar a um construtivismo geográfico, nos leva desconstrutivismo, pois limita a compreensão de processos que estão sempre em movimento no espaço.

A pesquisadora aponta a virada cultural ou giro cultural na Geografia, que permitiu a abordagem da espacialidade através de uma mirada dos sujeitos, com abordagens mais subjetivas por/pelas suas experiências espaciais e práticas socioespaciais. Para Lindón (2007b) em outras Ciências Sociais a perspectiva com ênfase nas subjetividades já está consolidada, já na Geografia, pelos estudos focarem na materialidade e na objetividade esta abordagem é ainda uma fronteira a ser ultrapassada. No construtivismo geográfico o sujeito é cognoscente como construtor de seu conhecimento.

2.4 HOLOGRAMAS ESPACIAIS

Além de apresentar definições teóricas sólidas para o estudo dos imaginários urbanos, Lindón também nos apresenta uma proposta metodológica qualitativa, ou seja, nos possibilita uma ferramenta, um caminho para compreender os imaginários urbanos, a qual a pesquisadora cunhou de hologramas espaciais. Recurso este concebido dentro da perspectiva do construtivismo geográfico, em uma nota de rodapé contida em Lindón (2007a), a autora deixa nítido a trajetória da proposta que inicialmente era chamado de hologramas sócios territoriais (Lindón, 2006b; 2007a, 2007b), mas que na atualidade ela optou por chamar de hologramas espaciais, por entender que espaço inclui o social, o que evitaria o uso da expressão socioespacial.

A ideia de holograma de Lindón (2007a) vem de inspiração da física, sendo de uso metafórico para aplicação nos estudos urbanos, além disso, é uma técnica fotográfica que gera uma imagem tridimensional. Conforme Lindón (2007) a holografia trata de um procedimento técnico de iluminação para fazer visível algo, que ao contrário, não tem visibilidade (LINDÓN, 2007P.40), não fugindo da concepção apontada por Santos (2006) quando trata da relação entre local-global e a força do lugar neste jogo de escalas diante do contexto de globalização que vivemos, define através Edgar Morin (1990, p. 44) que "hoje cada um de nós é como o ponto singular de um holograma que, em certa medida, contém o todo planetário que o contém".

Assim, Lindón (2007a, 2007b) tratará do Holograma Espacial como um ponto (lugar que contém outros lugares) sendo compreendida através das experiências dos sujeitos habitantes da cidade, conseqüentemente a autora transpôs para o estudo da construção social dos lugares a ideia do holograma. O objetivo da autora é dar visibilidade as dimensões de distintos imaginários urbanos na construção social dos lugares na cidade.

Tendo em vista que hologramas estariam ligados diretamente à interpretação como uma fonte luminosa para os dados coletados para investigação, sendo possível transformar uma imagem bidimensional em tridimensional. E ainda, romper com uma perspectiva corológica que somente avalia a distribuição dos objetos e dos seres vivos no espaço. O holograma está relacionado com a produção científica de Edgar Morin (2015) que ao

definir os princípios da complexidade, dialógico, recursivo e hologramático, define o último como a relação entre partes/todo, não sendo apenas a soma das partes, ou a simples decomposição delas, assim o todo está na parte como a parte está no todo.

Em Pablo Navarro encontramos a definição de holograma social, o autor compara com a fotografia hologramática onde podemos ter diferentes informações para além do objeto, no holograma cada ponto ou região do mesmo contém informações sobre a totalidade do objeto, mas Navarro nos alerta que sendo o fragmento do holograma pequeno, menos nítida torna-se a informação contida nela. A técnica ainda joga com a relação entre as partes para reconstruir o objeto analisado. E ainda, para não deixar dúvidas sobre a definição de holograma:

Un holograma, en este sentido, sería una realidad que dispondría, en cada uno de sus puntos, de información acerca de la totalidad de sí misma. Parece lícito considerar que los puntos básicos que configuran un espacio social son los individuos que interactúan en el mismo. Atribuir una constitución hologramática a un tal espacio equivale a postular que cada uno de esos individuos posee información sobre la totalidad social de la que forma parte. (NAVARRO, 2009, p. 17 - 18).

O holograma espacial consiste em uma proposta teórico-metodológica que inicia com um recorte chamado por Lindón de cenário urbano, neste cenário será observada a construção social dos lugares através das narrativas que irão permitir compreender outros lugares através do relato de vida dos sujeitos, contudo a metodologia está aberta segundo correspondência trocada com a pesquisadora, o importante é ter em vista que os lugares estão imbricados redes de lugares, os quais são invisíveis ou parcialmente visíveis. Na perspectiva hologramática um lugar socialmente construído contém outros lugares sempre, a uma busca permanente pela não fragmentação da cidade e pela análise espacial dos fenômenos. A análise é focada na mirada espacial como a pesquisadora enfatiza em seus trabalhos (LINDÓN, 2006a; 2007b).

Os Hologramas espaciais, é uma proposta teórico-metodológica que visa se constituir como recurso construtivista, para se estudar a cidade e seus lugares a partir dos imaginários urbanos, enfatizando seus componentes espaciais, assim como:

[...] se enfatiza la componente espacial, que estaba presente en la idea original del Aleph borgiano pero que se desdibuja en el holograma social. El holograma espacial sería un escenario situado en un lugar concreto y en un tiempo igualmente demarcado, con la peculiaridad de que en él están presentes otros lugares que actúan como constituyentes de ese lugar. (LINDÓN, 2007b, p.42)

A autora nos alerta sobre a impossibilidade de levar a ideia Alephborginiana ao extremo, onde um holograma espacial seja um cenário no qual estão presentes todos os lugares da cidade, esta prerrogativa poderia resultar na impossibilidade de execução da proposta teórica e metodológica de Lindón (2006a, 2007b). A compreensão destes lugares em outros lugares é possível através das experiências espaciais dos autores que estão nestes cenários. Mas, a pesquisadora aponta a importância de observar as formas espaciais que marcam estes cenários urbanos.

Para utilizarmos a noção de cenários, precisamos entender que não são pedaços ou recortes do espaço que estão imóveis ou cristalizados, não são apenas a materialidade, mas sua carga simbólica que carregam e como a presença dos atores ali modificam estes cenários, explicamos porque pode-se correr o risco de entender estes cenários como pedaços do espaço recortados pelo pesquisador e delimitado por ele sem levar em consideração as dinâmicas materiais e simbólicas envolvidas na sua constituição como lugar que possui uma identidade e uma memória.

Lindón (2007b, 2008a, 2006b) apresenta em sua produção científica como se dá a construção do holograma espacial, primeiramente parte-se de *escenário urbano*, traduzido por nós como cenário urbano, no entanto precisamos fazer uma ressalva, pois na tradição geográfica, cenário pode nos levar a pensar em um recorte espacial estático ou tradição cartesiana que impregnou as definições de espaço durante longos anos nesta disciplina, sem movimento, ligado apenas a uma área, é justamente isso que Lindón (2007b) quer evitar com o termo. Os cenários urbanos são definidos por Lindón (2008, p. 53):

En la perspectiva planteada los escenarios urbanos efectivamente tienen anclaje en un lugar, con toda la materialidad que ello implica y también con la carga simbólica que conlleva cada lugar, como sucede con la profundidad social de los lugares de memoria colectiva.

Os cenários urbanos são o ponto de partida dos hologramas espaciais. É através dele que entenderemos a construção social dos lugares. O cenário é

formado por lugar se constitui pela atuação de outros lugares, de acordo com Lindón (2007a) “o cenários urbanos são circunstancias banais em aparência, mas com grande valor metodológico porque condensam elementos chaves acerca da construção do sentido de lugar” (LINDÓN, 2007a, p.42).

É importante ressaltar que a rede de significados dos cenários urbanos é aprendida na proposta de Lindón (2007a) através de relatos de vida, em que a fala torna-se um texto, o qual será profundamente interpretado sempre buscando a invisibilidade ou visibilidade parcial dos lugares contidos no cenário urbano.

Contudo, a pesquisadora nos alerta para que os cenários urbanos sejam formas de aproximação da cidade, requerendo investimento dos estudiosos, saindo de uma visão de área para uma virada de olhar que aprofunde as percepções entre os cenários que estão invisíveis ou parcialmente visíveis. Lindón (XXXX) como uma pesquisadora que procura compreender a cidade em suas dinâmicas macro e micro escalares está permanentemente preocupada com o que Souza (2011) denomina uma “visão de sobrevoos”, que consiste em analisar as sociedades e seus espaços a partir do “alto” e a “distância” o que significaria, de ponto de vista político, examinar os homens e seus grupos sociais quase exclusivamente “de longe”, “à distância” – vale dizer, “sem adentrar as suas casas, sem mergulhar em seu cotidiano” (SOUZA, 2011, p. 148).

Nesta perspectiva Lindón na sua produção científica e Souza convergem para o estudo da cidade, para além das materialidades e da subtração dos sujeitos que nela habitam. Estudar, para Souza (2011), o espaço social implica estudar os produtores do espaço, sem negligenciar suas práticas espaciais. É entender que a cidade é produzida em uma dinâmica que envolve agentes de diferentes origens, aqueles vinculados ao Estado, ao capital, como as grandes multinacionais, incorporadoras, entre outros, ativistas sociais, e aqueles que simplesmente se identificam como sujeitos habitantes das cidades.

Para Souza (2011) a visão de sobrevoos acaba sendo uma limitação epistemológica e política, o autor está discutindo a profundidade de certas palavras aplicadas por nós cientistas sociais, suas implicações nos trabalhos acadêmicos e no exercício da profissão como geógrafos que planejam o espaço urbano, segundo:

A dificuldade para os pesquisadores e planejadores profissionais em enxergarem a complexidade de interesses envolvida na disputa simbólica entorno de determinadas palavras, notadamente daquelas que se apresentam carregadas de forte significado político e ideológico. Essa complexidade simplesmente não admite ser adequada ou completamente apreendida por meio de uma “visão de sobrevoos” (SOUZA, 2011, p. 149).

Diante desta proposição da quebra de uma “visão de sobrevoos” a proposta do holograma espacial configura-se com a possibilidade de analisar a cidade a partir da sua complexidade, sendo que por parte dos cenários urbanos com foco na compreensão da trama de significados que constituem o lugar, os quais são interpretados através da análise de relatos de vida, ou seja, da escuta de narrativas espaciais. No entanto, Lindón (2007a) destaca que além das narrativas é possível demarcar hologramas espaciais de outras formas, além do relato de vida através de fotografias, de obras arquitetônicas, monumentos e outros signos que marcam o espaço da cidade.

Os hologramas espaciais são uma proposta metodológica qualitativa aberta, composta por dois momentos, primeiramente ancorado no lugar onde as narrativas nos remetem e a uma rede de lugares que são visibilizados pelos relatos dos sujeitos habitantes da cidade, conforme Lindón (2006a, p. 109):

O primeiro destes planos da interpretação espacial – a localização – toma como ponto de partida o lugar em si mesmo onde está ancorada a narrativa, a partir deste momento chegamos em outros lugares invisíveis aparentemente que estão invisíveis que podem estar superpostos as formas espaciais do lugar diretamente referido.

As narrativas para Lindón (2008) permitem a reconstrução das experienciais vividas, tendo em vista que as pessoas recorrem ao espaço e a espacialidade de diferentes formas, por exemplo:

Ao narrar se faz uma referência a um lugar particular podendo ser uma simples forma de indicar uma localização dos acontecimentos, ou em outros casos estão relacionados a atribuição de significados sociais de certos lugares e práticas espaciais associados aos lugares. A referência ao lugar passa a fazer parte dos significados dos lugares sendo transferíveis as experiências espaciais dos sujeitos que os habitam (LINDÓN, 2008, p. 24).

A construção da narrativa para autora em duas dimensões: na interação entre pesquisador e narrador, para isso ele precisa se sentir confortável, seguro para isso, é necessário que o entrevistador se entregue ao narrador para que ele narre livremente o seu relato, sem cortes, repressões ou

condicionamentos impostos pelo entrevistador, após é a narrativa sendo construídos pelo narrador onde ele compartilha fatos, memórias, segredos, neste momento para Lindón (2008e) o narrador recria momentos em determinados cenários urbanos situados no tempo-espaço recorrendo a uma rede de lugares, cabe ao pesquisador estar atento a conjunto de códigos que o narrador expõe no seu relato. O terceiro passo da interação é o narrador com ele próprio, na medida em que seu relato vai recriando situações, lembranças, como ele se recria ao se ouvir, assim misturando-se ao lugar em suas tramas de significados. As interações descritas acima constituem a condição multifacetada do narrador. A pesquisadora nos diz:

[...] una narrativa de vida espacial es un relato organizado y secuencializado espacio-temporalmente entretejido de significados de experiencias vividas por el sujeto em ciertos lugares y com ciertas otredades, Es un relato en el cual lugar (com toda su singularidad) forma parte de la experiencia allí vivida en alguna forma de experiencia, le imprime marca y lo vivido marca el lugar de maneras que pueden perdurar para futuras vivências (LINDÓN, 2008e, p.270)

A narrativa em Lindón (2008, 2008) está relacionada intrinsecamente com os sujeitos habitantes, aos seus relatos que atribuem significados aos lugares que habitam, contudo nesta pesquisa ousamos para além das narrativas que possuem os sujeitos habitantes que expressam através da linguagem suas experiências espaciais e suas tramas e significados, entendemos a relação entre narrar e a linguagem através de Stuart Hall.

Para Hall (2016) a linguagem nos permite dar sentido ao mundo em que vivemos, são através dela que se dá a produção de sentidos, os significados são produzidos e compartilhados na cultura em que estamos imersos. A linguagem sustenta o diálogo cultural, pois segundo Hall: a linguagem opera como um sistema representacional.

A linguagem para autor não é apenas palavras faladas e escritas, pois ela faz uso de signos e símbolos sejam eles sonoros, escritos, imagens eletrônicas, notas musicais e até objetos para significar ou representar para os indivíduos nossos conceitos, ideias e sentimentos, sendo ela responsável pela representar nossas ideias em uma cultura. (HALL, 2016, p.18)

O Holograma Espacial por ser a proposta teórico-metodológica de Lindón (2007a) para compreender os imaginários urbanos, entendidos por nós como um conjunto de representações que são marcadas pela linguagem, isto

é, palavras escritas, faladas, signos e símbolos compartilhada pelos sujeitos habitantes da cidade de Porto Alegre, por isso entendemos as narrativas espaciais para além da proposta de Lindón (2008a) que restringe as narrativas dos sujeitos habitantes que utilizam a linguagem falada e estão ligadas com suas biografias no lugar em que vivem, ampliamos a concepção de narrativa utilizando a concepção de Hall de linguagem que nos permite trabalhar com signos e símbolos que marcam os cenários urbanos escolhidos para investigação.

Através desta concepção de linguagem que tomamos de empréstimo de Hall entendemos outras dimensões das cidades que conjuntamente expressão narrativas sobre a construção e permanência dos imaginários urbanos relacionados a imigração europeia no sul do país, os quais acabam por invisibilizar e até mesmo enclausurar os signos negros da história da cidade de Porto Alegre.

Entendemos que o conjunto do material turístico de Porto Alegre produz ou reproduz uma determinada narrativa sobre a cidade que ênfase a contribuição dos imigrantes europeus, este argumento será explorado no capítulo que trata da narrativa turística sobre a cidade, assim como narrativas dos monumentos que marcam o cenário urbano do centro da cidade e do Parque Farroupilha recortes escolhidos para o desenvolvimento desta pesquisa e para obtenção de dados empíricos que permitiram compreender os imaginários urbanos de Porto Alegre.

No primeiro momento os hologramas espaciais nos permitem ir além de simplesmente decifrar os sentidos dos lugares, mas reconstruir os lugares invisíveis ou parcialmente visíveis.

Contudo, precisamos problematizar a invisibilidade que Lindón (2006a) procura reconstruir com sua metodologia, os lugares são invisibilizados por relações de dominação entre os grupos sociais que habitam a cidade e pelas narrativas históricas tradicionais que estabelecem, por exemplo: que os portugueses da Ilha dos Açores chegaram ao local que posteriormente seria chamado de Porto Alegre, como se neste local fosse um grande vazio. O perigo de uma história única é a construção de um imaginário urbano que reconhece certos grupos como formadores deste espaço e invisibiliza outros. As formas arquitetônicas contribuem com a constituição desta história única,

assim como signos que materialmente marcam o centro de Porto Alegre até a Redenção.

Sobre a cidade e dominação, Abreu (2011) nos oferece pistas de que a cidade não é homogênea, assim como suas memórias coletivas, por isso é necessário a vigilância epistemológica como pesquisadores, segundo o autor: a cidade não é coletivo de memórias homogêneas, para definição das memórias coletivas não poderia ser a população, pois o que faz surgir memórias são as relações sociais que se estabeleceram naquele lugar que estão permeadas por dominação, cooperação e conflito, assim é necessário estar atento a estas relações quando iniciar uma interpretação holográfica.

A perspectiva holográfica busca quebrar com a visão corológica do espaço, isto é, de apenas observar a distribuição dos seres vivos e das materialidades no espaço, fogem das visões geográficas que observam os espaços a partir de uma visão área que não aprofunda a dinâmica dos espaços, adotar a proposta teórico-metodológica do estudo dos cenários urbanos de maneira holográfica, isto é, assumir que os cenários urbanos possuem outros cenários dentro de si, isto é, neles estão contidos outros lugares da cidade, e ainda encarar a complexidade do tecido urbano, a fragmentação e a impossibilidade de conhecer a cidade em sua totalidade.

Em resumo o holograma espacial utilizado nesta pesquisa busca quebrar com apenas a descrição dos fenômenos espaciais, aprofundando a análise dos dados obtidos através das narrativas dos sujeitos habitantes da cidade e do conjunto de signos que marcam o espaço do centro da cidade e do Parque Farroupilha.

O holograma espacial tem seu início na escolha dos cenários urbanos, os quais contêm lugares com significados, através deles recorreremos às narrativas dos sujeitos que foram transcritas transformando-se em textos, bem como outras técnicas de coleta de dados, tais como questionários online, entrevistas semiestruturadas nos pontos do Museu de Percurso Negro, análise de conteúdo do material turístico de Porto Alegre e dos jornais do correio do povo recolhidos nas datas da semana do aniversário de Porto Alegre/RS, semana Farroupilha, semana da Consciência Negra e dos monumentos do centro da cidade. Nos próximos capítulos exploraremos a análise

hologramática destes dados com a finalidade de comprovar ou refutar a tese que guia este estudo.

Para finalizar este tópico sobre os hologramas espaciais, apresentamos de forma esquemática, os passos que aqui tomamos para chegar aos resultados obtidos pela pesquisa para que leitor compreenda um quadro síntese (Figura 02).

Figura 02 – Quadro Síntese

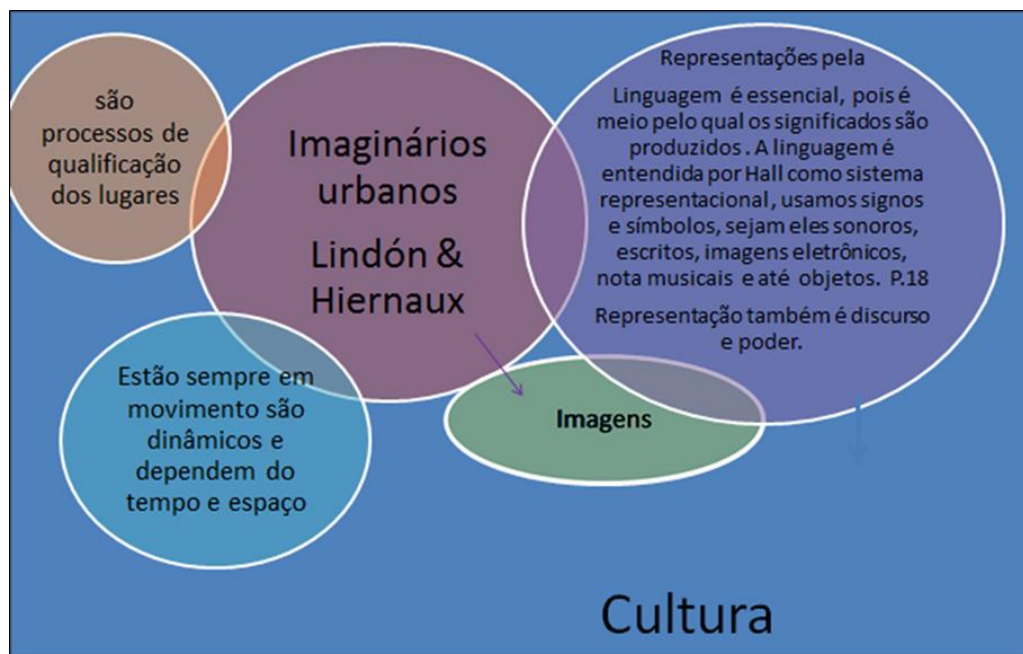


Elaboração da autora

A figura 2 é a síntese dos caminhos da análise hologramática dos imaginários urbanos de Porto Alegre parte uma proposta teórico-metodológica aberta para compreender os imaginários urbanos que parte dos cenários urbanos que são lugares socialmente construídos, os quais necessitam das narrativas espaciais para obtenção de dados qualitativos, narrativas estas que são compostas pela linguagem da cidade que não advém apenas da fala dos sujeitos que as habitam, mas também dos signos e símbolos que marcam os cenários urbanos. Explicitaremos este trajeto em cada um dos capítulos que seguem para que leitor possa compreender a construção dos hologramas espaciais desta pesquisa.

A figura 3 resume os conceitos que estão sendo trabalhados nesta tese, optei pela imagem para que o leitor tenha um panorama geral e um guia para leitura do trabalho.

Figura 03 – Conceitos guia da Tese



Elaboração da autora

3 CAMINHOS, TRAÇADOS, TRAJETOS, SENSIBILIDADE E PERCURSOS DE UMA METODOLOGIA QUE SE FEZ NO TRILHAR DE UMA TESE

Os trajetos metodológicos nem sempre estão implícitos nos trabalhos acadêmicos, às vezes aparecem como fórmulas a serem aplicadas. O compromisso de explicar um processo como da construção dos imaginários urbanos através de uma hipótese pode induzir o pesquisador a perder sua sensibilidade para os seus “achados” da pesquisa que não estão nos seus roteiros pré-estabelecidos ou formatados, segundo as normas que nos levam acreditar que a pesquisa de caráter acadêmico está longe da militância e das experiências do pesquisador.

Contudo, problemas de pesquisa complexos não podem seguir fórmulas pré-prontas ou procedimentos metodológicos únicos. Já não é tão válido seguir a ideia em tempos de complexidade, inovação técnica e extrema criatividade,

encontremos um único caminho metodológico para responder a uma investigação.

Assim, diante da complexidade posta por esta pesquisa, busquei aplicar diferentes técnicas de coleta e análise de dados que foram interpretadas a partir da proposta teórico-metodológica de Lindón (2007a; 2007b) – Os Hologramas Espaciais. Antes de explicitar as opções de coleta e análise de dados, descrevo os trajetos que foram percorridos para chegar aos resultados apresentados ao longo do texto. Mas, primeiramente acho importante ressaltar que toda tese tem uma história e enquanto alguns pesquisadores trilham caminhos solitários e outros, por acreditarem em uma produção científica solidária e compartilhada optam por explicitar a história de seus trabalhos. Eu me encaixo no segundo grupo.

O tema desta tese, sobre os imaginários urbanos relativos a determinados locais da cidade, nasceu durante a pesquisa de mestrado. Ele foi um dos responsáveis pela vontade de continuar pesquisando e, o que o ingresso no doutorado favoreceu. Os primeiros anos do curso foram dedicados a uma longa revisão bibliográfica sobre os conceitos de imaginários, imaginários sociais, representações, lugar, raça e invisibilidade do negro no RS.

Após a revisão bibliográfica formulada, o projeto de qualificação e a sua defesa pública, busquei percorrer os caminhos que me levaram a traçar estratégias para dar conta da pergunta, da hipótese, do objetivo geral e dos específicos. Para lembrar o leitor:

- Pergunta de tese: Como, e o porquê, da invisibilidade das representações negras persistiu nos imaginários urbanos, da Cidade de Porto Alegre, entre 2010 - 2014, embora houvesse representações da escrita espacial negra na sua história?
- Objetivo Geral: Compreender os processos de persistência da invisibilidade das representações negras nos imaginários urbanos da cidade de Porto Alegre - RS, entre 2010-2014.
- Hipótese: Embora entre os anos de 2010 - 2014, inúmeras iniciativas tenham sido direcionadas para visibilização das representações da escrita espacial negra na história de Porto Alegre, como o Museu de

Percurso Negro, ainda persiste o imaginário dominante, constituído por representações que valorizam a cidade branca e de imigração europeia.

Os objetivos específicos foram descritos logo abaixo, em conjunto com os procedimentos de coleta e de análise de dados, os quais formaram as narrativas-pontos do Holograma Especial – Invisibilidade Espacial Negra na história da cidade de Porto Alegre. Contudo, alerto o leitor que no capítulo com o mesmo nome, está descrito passo a passo os trajetos metodológicos e suas reflexões, antes narrarei alguns momentos importantes da tese.

Um resumo dos principais conceitos que nortearam a tese:

- Imaginários Urbanos: Construto social, ou seja, um modelo/imagem criado mentalmente, formado a partir das representações materiais e imateriais de grupos sociais, de fatos históricos, de pontos turísticos ou paisagens naturais que marcam e qualificam através de signos e símbolos o lugar-cidade. Contudo, é importante fazer uma ressalva, pois os imaginários urbanos se traduzem materialmente, quando, por exemplo, em nossas práticas socioespaciais evitamos determinados espaços por termos um imaginário tofóbico em relação a eles.
- Representações: *produção* de sentidos pela linguagem, sendo está formada por objetos, signos, símbolo, imagens, discursos. Podendo ser materiais ou imateriais.
- Invisibilidade Negra RS: A invisibilidade em nosso caso, não é relativa a existência de escritas espaciais na história do RS, mas o por não serem visíveis ou o por serem visíveis somente em situações negativas.

O campo da pesquisa contemplou a participação em eventos que ocorreram na cidade de Porto Alegre entre 2014 e 2017, com a finalidade de aproximação da temática e das pessoas envolvidas com ela, para escuta dos discursos e lutas. Na verdade, esta pesquisa iniciou antes mesmo do doutorado, com minha inserção no curso da UNIAFRO para professores da rede básica do RS sobre a lei 10.639, quando passei a ver uma camada da cidade que ainda não tinha tido acesso, isto é, a percepção da escrita espacial negra marcada por representações materiais e imateriais. Uma Porto Alegre

marcada através do recorte racial foi apresentada através da experiência dos Territórios Negros e do Museu de Percurso Negro (mapa 02) A experiência está materializada através do primeiro mosaico de imagens.

Mapa 02 -



Os registros fotográficos dos trajetos que consistiram na busca constante por explicações, por fendas, por pistas que poderiam responder à hipótese formulada para este estudo, não se deram por um caminho linear. A participação em diferentes eventos relacionados à temática racial em Porto Alegre foi o fermento para conhecer pessoas importantes, as quais foram entrevistadas, desenvolvendo laços de confiança e de afeto. Isto demonstra que esta tese não se resume apenas em um trabalho, mas num documento que possa servir para o fomento de políticas públicas de visibilidade do Museu de Percurso Negro e de outras políticas de representação da escrita espacial negra na histórica desta cidade.

Então para que o leitor possa visualizar alguns destes trajetos, construí mosaicos de imagens que registraram exaustiva busca da reposta da problemática de pesquisa, caminhos que me permitiram aprender, compreender e alimentar a luta e a resistência pela visibilidade da população negra no RS fora do processo de estereotipagem ou do seu congelamento histórico no período da escravização.

Os objetivos específicos relatados abaixo resultaram em narrativas espaciais, que considereei como pontos do Holograma Espacial. Abaixo segue os procedimentos metodológicos utilizados para dar conta de cada um dos objetivos

1. **Narrativas Turísticas** – A coleta de dados foi realizada de forma direta na Secretária de Turismo de Porto Alegre, obtendo-se documentos impressos, guia do Museu do RS, mapas, cartões postais e panfletos em língua portuguesa, inglesa, francesa e espanhola. Após, separei os documentos em corpus de pesquisa diferentes. Nos panfletos apliquei a Análise de Conteúdo que gerou categorias. Para o guia do Museu do RS, foi gerada uma cartografia temática, para que o leitor observasse a localização dos museus em Porto Alegre e ausência do Museu de Percurso Negro. Nos mapas verifiquei a presença ou ausência das representações negras nos pontos turísticos de Porto Alegre. O processo está esmiuçado no capítulo referente a esta narrativa
2. **Narrativas dos Monumentos** – A partir de uma planilha dos monumentos históricos de Porto Alegre, adquirida junto a secretaria de

Cultura, contendo sua localização, sítio atual e anterior. Estes monumentos foram classificados por meio da sua referência de origem. Por exemplo: monumento relacionado com escritores, monumento relacionado com imprensa, imprensa, relacionado com a política representativa, política e assim por diante. Assim, como o guia de Museu do RS, foi gerada uma cartografia temática para localização dos monumentos. O recorte foi o Centro Histórico, pois é onde o Museu de Percurso Negro está situado local da cidade de visibilidade – O centro Histórico e pela circulação de pessoas. A narrativa turística a descrição do passo a passo encontra-se na seção do capítulo sobre os monumentos.

3. **Narrativa das Ruas ao Virtual** – é o resultado das entrevistas semiestruturadas realizadas com os circulantes do Centro Histórico nas obras do Museu de Percurso Negro, sobre suas percepções das representações da escrita espacial negra de Porto Alegre. E ainda as respostas obtidas via questionário online com a finalidade de verificar as representações de uma parte população de Porto Alegre sobre a escrita espacial negra histórica nessa cidade

Para a escrita do capítulo sobre os imaginários de resistência, recorri aos narradores intelectuais, artistas, militantes que possuem trabalhos importantes de intervenção urbana para quebra do imaginário urbano dominante de Porto Alegre.

Realizei nove entrevistas narrativas com ponto de partida das suas produções fotográficas, poéticas, científicas, entre outras. As entrevistas foram gravadas, transcritas parcialmente para a construção das suas narrativas/biografias. Os nomes utilizados são dos próprios narradores, os quais consentiram o uso por entenderem que estou trabalhando com visibilidade negra e seria contraditório trocar o nome deles para atender um procedimento de pesquisa, que evita nomear os entrevistados para sua não identificação. Para o caso desta tese seria um tanto contraditório aplicar esta metodologia sem refletir sobre ela. Nas próximas linhas descrevo os trajetos que realizei durante a investigação para explicitar ao leitor que a complexidade da problemática forçou a percorrer caminhos diferentes, os quais permitiram

que me envolvesse no tema, construísse relações de confiança e perdesse minhas inseguranças.

O primeiro trajeto se deu na realização do *City Tour* da Secretaria de Turismo. Consiste em um passeio com ônibus pelos principais pontos históricos de Porto Alegre, por duas linhas de turismo, o *City Tour Zona Sul* e o *City Tour Centro Histórico*, na região central da cidade. O trajeto passa por onde se dá o “nascimento” da cidade, destacando a Praça da Matriz, a Usina do Gasômetro, às margens do lago Guaíba, e o Parque da Redenção. Ao realizar o trajeto no ônibus se escuta narração da História da Cidade, que inicia com a chegada dos casais açorianos/portugueses neste espaço, a narração continua, e algumas surpresas ocorrem em campo. Paramos no Mercado e na fala deste ponto turístico, não se fala do Bará do Mercado, mas, observei naquele momento uma grande concentração de praticantes da religião de matriz africana saindo do Mercado Público, embora não se faça referência sobre este ponto como de interesse turístico assim como não se registra a importância deste espaço para os praticantes desta religião.

A partir desta experiência realizei mais uma vez o percurso dos Territórios Negros. Naquele momento era uma edição de comemoração do dia da consciência negra – 20 de novembro. Apesar de ampla divulgação o ônibus não estava lotado. O diálogo entre a experiência do *City Tour* centro e os territórios negros alimentaram a problemática desta tese. Dois ônibus, trajetos semelhantes, com perspectivas diferentes de percepção da cidade de Porto Alegre, contradições de representações da cidade, a cidade tradicional e a cidade marcada pela representação da escrita espacial negra.

Para complementar estas informações e suspeitas da invisibilidade negra no turismo de Porto Alegre, procurei a secretária de turismo da cidade para solicitar todo material referente de divulgação de Porto Alegre.

Seguindo os eventos, iniciei as entrevistas semiestruturadas, no Centro Histórico de Porto Alegre, de novembro de 2016 a janeiro de 2017. Na realização das entrevistas contei com a companhia de outros três pesquisadores geógrafos – Cristiano Quaresma de Paula, Bruno Silveira e Natália Silva Schutz –, os quais auxiliaram nas entrevistas e nos registros fotográficos. Ainda realizei uma saída de campo com o fotógrafo e geógrafo Wagner Innocencio para registros fotográficos nos marcos do Parque

Redenção e do Museu de Percurso Negro (Figura 04), pois havia a preocupação com a produção de imagens para ilustrar a tese e o questionário online construído para a pesquisa. Foram realizadas 46 entrevistas nos marcos do Museu de Percurso Negro e aplicados 336 questionários online no período de maio a julho de 2017.

Figura 04 – Saída de Campo no Parque Redenção



Fonte: Wagner Innocencio

A participação do curso Territórios Negros, abriu portas para aproximação de pessoas importantes para escrita espacial negra de Porto Alegre. Algumas delas foram entrevistadas para a tese como consta no capítulo: Imaginários Urbanos de Resistência e O sul de Oliveira Silveira um capítulo sem final.

Ainda sobre aproximação do campo e construção de laços afetivos e de confiança com entrevistados, participei também da Exposição Porto Negro com a curadoria de Ingrid Noal que aconteceu de agosto em setembro de 2017, participei das rodas de conversa e conheci importantes artistas plásticos negros – Leandro Machado e Guliano Luca e ainda a fotógrafa Irene Santos que estão presentes com suas narrativas no capítulo – imaginários urbanos de resistência.

Além destes eventos participei da Marcha Zumbi dos Palmares (Figura 05) em novembro de 2016 para comemoração do 20 de novembro, dia da Consciência Negra, que iniciou no Parque da Redenção e terminou no viaduto

da João Pessoa, durante a Marcha, reencontrei militantes, intelectuais, escritores negros e negras, e também conheci pessoas importantes relacionadas com as resistências negras no RS e no Brasil.

Figura 05 - Marcha Zumbi dos Palmares (nov. 2016)



Fonte: Helena Bonetto

Particpei também, da apresentação do grupo temático pedagógico - Ponto Z (Figura 06), criado por Waldemar Pernambuco Moura Lima, conhecido como Mestre Pernambuco. Importante memória do Movimento Negro em Porto Alegre, das lutas e resistência, atua em diferentes movimentos, sendo uma voz constantemente chamada para diferentes intervenções no espaço da cidade de Porto Alegre.

É um grupo temático pedagógico, pois as músicas são todas relacionadas com a visibilidade da escrita negra no Brasil, e para efetivar a lei 10.639 do ensino da História da África na escola básica. O show é uma aula sobre o eurocentrismo. Após a apresentação, tive a enorme alegria de conhecer a professora doutora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, a qual foi indicada pelo Movimento Negro para a Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação, como relatora do documento que regulamenta a lei 10.639/2003 e estabelece as Diretrizes Curriculares

Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Figura 06 – Apresentação Grupo Temático Pedagógico Ponto Z



Fonte: Helena Bonetto

A Exposição Porto Negro (Figura 07) com a curadoria da artista plástica Ingrid Noal, inaugurada em agosto de 2016. Particpei das rodas de conversa, o que permitiu a aproximação com os artista visual – Leandro Machado e com o fotógrafo e artista visual Giliano Lucas, abrindo caminho para que eles estivessem presentes neste trabalho, irei apresentá-los no capítulo - *Holograma da Visibilidade Negra em Porto Alegre/RS – as narrativas de resistência.*

Figura 07 – Exposição Porto Negro – Memorial Érico Veríssimo – Trabalhos Leandro Machado, Giliano Lucas, Pelópidas Thebano, Estevão Lula da Fontoura e registros das rodas de conversa.



Fonte: Ingrid Noa

Também acompanhei alguns encontros do Sopapo Poético (Figura 08), lugar para o encontro de poetas, artistas, pesquisadores negros e negras. O Sarau acontece sempre na última terça-feira de todos os meses, no Centro de Referência do Negro Nilo Feijó, no bairro Menino Deus, Porto Alegre, lugar importante para troca de saberes, para construir afetos e relações.

Em março de 2017 escrevi sobre a ida ao Sopapo Poético, como um dos objetivos da pesquisa era aproximar-se da fotógrafa e historiadora Irene Santos, importante por sua criação fotográfica organizada em diferentes exposições, pela participação da exposição Porto Negra e pelos livros: Negro em Preto e Branco - História Fotográfica Da População Negra De Porto Alegre e Colonos E Quilombolas - Memória Fotográfica Das Colônias Africanas De Porto Alegre. Obras que visibilizaram a escrita espacial negra em Porto Alegre. Um dos momentos mais importantes da tese foi essa aproximação com a fotógrafa Irene Santos que deu início a um contínuo diálogo até a entrevista no seu ateliê que durou mais de cinco horas. Sua narrativa está no Capítulo *Imaginários de Resistência*.

Figura 08 – Sopapo Poético – Irene Santos – Lançamento do documentário Outros Carnavais



Fonte: <https://www.facebook.com/SopapoPoetico>

Além de acompanhar os eventos, realizei saídas de campo nos marcos do Museu de Percurso Negro, entrevistei as pessoas que circulavam nas suas proximidades, foram 46 entrevistas. As entrevistas estão detalhadas na sessão do capítulo *Holograma Espacial da Invisibilidade Negra em Porto Alegre – Narrativa da Rua ao Virtual*. Entrevistar pessoas desconhecidas na rua implica desafios: primeiro, superar a timidez, encontrar a melhor forma de abordagem para que as pessoas estejam confortáveis, ter paciência com inúmeras negativas, ter atenção e empatia com diferentes respostas.

Além disso, também era um momento de informar a população da existência do Museu de Percurso, de sua história e importância para Porto Alegre, tendo em vista que grande maioria dos entrevistados não sabia de sua existência. Abaixo (Figura 09) o mosaico da primeira saída de campo, que continuaram em dezembro de 2016 e janeiro de 2017.

Figura 09 – Primeiro Campo nos marcos do Museu de Percurso Negro



Fonte: Helena Bonetto e Cristiano Quaresma de Paula

Outra Saída de Campo importante foi durante a disciplina de Geografia Cultural da UFRGS, na qual realizei o estágio docente. Nesta oportunidade, tivemos a participação do antropólogo professor Dr. Iosvaldyr Carvalho Bittencourt Jr, pesquisador dos Territórios Negros de Porto Alegre, do Maçambique de Osório/RS, entre outros temas relacionados às escritas históricas negras no RS, no Brasil e em outros países. A saída de campo foi importante para entender o processo de constituição, organização e implementação do Museu de Percurso Negro em Porto Alegre. Observações importantes sobre sua concepção coletiva a partir de intelectuais, artistas, pesquisadores, militantes negros e negras organizados através do Centro de Referência Afro-Brasileira (CRAB) Iosvaldyr Bittencourt Jr, que foi o antropólogo que realizou a pesquisa sobre os territórios negros e o acompanhamento do projeto observando, relatando e mediando as reuniões. A interlocução com professor Dr. Iosvaldyr Carvalho Bittencourt Jr Iosvaldyr aconteceu durante toda pesquisa tornando-se uma escuta permanente e importante para execução e finalização, prova que não se faz tese sozinha.

Após e concomitante aos campos, participações em eventos, construí as narrativas espaciais que compõem o Holograma da Invisibilidade Negra em Porto Alegre/RS. As narrativas são entendidas aqui como uma linguagem composta através das representações (símbolos, signos, discursos, imagens)

materiais e imateriais da cidade de Porto Alegre presentes no Centro Histórico, nos panfletos turísticos, cartões postais, mapas turísticos e nas respostas das entrevistas presenciais e virtuais. Indo além da fala transcrita de entrevistas, ela busca narrar a invisibilidade ou ausência das representações da escrita negra histórica na cidade, as quais alimentam os imaginários urbanos dominantes desta cidade.

Cada uma das narrativas espaciais, (turística, dos monumentos e da Rua a Virtualidade) constitui-se em um ponto do Holograma Espacial, o qual entendendo que cada ponto contém a totalidade da cidade. Através dos pontos podemos compreender a cidade como um todo em sua complexidade. O Holograma Espacial de Lindón (2007a, 2007b) possibilita uma perspectiva teórico-metodológica com objetivo de compreensão dos imaginários urbanos sem a fragmentação da cidade. Este melhor detalhado no capítulo com nome de *Holograma Espacial da Invisibilidade Negra em Porto Alegre*, onde cada uma das narrativas torna-se uma seção do capítulo.

Encerro este capítulo escrevendo que estas páginas não dão conta de todos os caminhos, trajetos, históricas, cafés, risadas, generosidade e diálogo que construí com os interlocutores e porque não autores também desta tese, aqui acredito deixar nítido primeiro a posição de escrever em primeira pessoa, sendo uma quebra ao que manuais de pesquisa e a minha formação em Ciências Sociais em que segui os rumos da Ciência Política e da Sociologia, onde predomina a terceira pessoa nas pesquisas, enquanto na Antropologia o uso da primeira pessoa na escrita é mais recorrente. Sem esquecer-se da continuidade da minha formação em andamento na licenciatura em Geografia e o mestrado na mesma área, onde também é recorrente o uso da terceira pessoa nos trabalhos acadêmicos.

Assumir a primeira pessoa na escrita é assumir a autoria do trabalho nos seus limites e possibilidades, é não invisibilizar a autora neste caso e seu lugar de fala, é se comprometer politicamente, socialmente com as palavras escritas em posição de aprendizado e aberta sempre ao diálogo, espero ter alcançado o objetivo.

Finalizo o capítulo aqui a escrita, deixando em aberto, pois no capítulo do Holograma Espacial da Invisibilidade Negra em Porto Alegre/RS o leitor

encontrará novamente os procedimentos metodológicos adotados para construção e análise de cada narrativa, seguimos juntos até lá.

4 HOLOGRAMA ESPACIAL DA INVISIBILIDADE NEGRA EM PORTO ALEGRE/RS

O Holograma Espacial aqui apresentado é composto por pontos constituídos de narrativas espaciais: turísticas, dos monumentos do Centro Histórico de Porto Alegre e das entrevistas realizadas na rua e através de questionários online (Da rua à virtualidade). Através destas busquei verificar as representações que compõem o imaginário urbano dominante e como qualificam a cidade-lugar de Porto Alegre. Demonstrei através dos dados coletados e das análises que os imaginários urbanos dominantes de Porto Alegre são alimentados por representações dos imigrantes portugueses, italianos e alemães e outros que compuseram o grupo de imigrantes europeus⁷, os quais são reconhecidos e representados de forma “positiva”.

O holograma espacial apresentado foi organizado através da união de pontos que se encontram relacionados a representações (compostas por signos e símbolos) que marcam a cidade em grandes grupos narrativos, o primeiro compreende aqueles relacionados ao turismo dito oficial de Porto Alegre, unido a eles estão às narrativas dos monumentos que marcam o espaço do Centro Histórico de Porto Alegre, e por último as narrativas da rua à virtualidade.

Em outro capítulo apresento os imaginários de resistência, os quais foram identificados através das entrevistas narrativas com membros de projetos, propostas artísticas, poéticas e intervenções urbanas que buscam quebrar com o imaginário urbano dominante sobre o Rio Grande do Sul e Porto Alegre.

É necessário compartilhar com o leitor que apesar de seguir procedimentos classificatórios do corpus desta pesquisa, o qual possui dados de diferentes origens, em pontos específicos do holograma espacial sobre a invisibilidade negra em Porto Alegre, sempre acontecia uma tensão, pois existiam dados que estão relacionados a outros pontos, além daquele que foi classificado.

⁷ As representações materiais, ou seja, os monumentos estão localizados no Centro Histórico da cidade de Porto Alegre.

Então, optei por apresentar os dados no momento em que o texto pedia que fosse inserido. Aqui podemos observar que as limitações da pesquisa acadêmica, pois não corresponderá nunca a realidade, sendo sempre por ela tensionada a ir além do que estava previsto.

O holograma espacial possui então mais de um ponto, onde cada um deles, analiticamente apresenta considerações relevantes que corroboram com a tese de que os imaginários urbanos de Porto Alegre são alimentados por representações que valorizam e demarcam o espaço do lugar-cidade de forma “positiva” quando estão relacionadas aos imigrantes europeus.

Os grupos de imigrantes que mais são mencionados: os portugueses, os italianos e os alemães como produtores históricos do espaço urbano, nas suas diferentes formas de expressão, cultura, economia, religiosidade. Em contrapartida, representações dos negros na escravização ou em lendas urbanas que também desvalorizam este grupo permanecem “congeladas” nesse mesmo ponto, fixadas, imóveis, como se não fossem produtores do espaço urbano históricos dessa cidade.

4.1 NARRATIVAS TURÍSTICAS

Iniciamos o Holograma Espacial através da narrativa turística e dos monumentos de Porto Alegre, ainda que já tenhamos descrito dos procedimentos metodológicos no capítulo que XX, antes tomamos a liberdade de aprofundar os caminhos escolhidos para verificar as representações que compõem as narrativas espaciais do turismo institucional de Porto Alegre.

O turismo que trataremos neste capítulo é aquele cerceado pelos documentos oferecidos pela Secretária de Turismo de Porto Alegre. Não está, portanto, em pauta o turismo alternativo. A ideia é capturar através de uma perspectiva hologramática a cidade que o governo municipal de Porto Alegre apresenta aos turistas em geral.

É importante registrar que os dados sobre número de turistas em Porto Alegre disponibilizados nos boletins de informação turística de 2010, 2011 e 2012⁸ não contém o número total de turistas que visitaram a capital gaúcha.

⁸ Para mais informações acessar o site da Prefeitura de Porto Alegre http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/turismo/usu_doc/boletim_estatisticofev2011.pdf

As informações referem-se ao número de atendimentos realizados nos Centros de Informações Turísticas.

Conforme o Boletim de 2012, os maiores grupos de visitantes brasileiros são oriundos principalmente dos Estados: de São Paulo, do Rio Grande do Sul, do Rio de Janeiro, do Paraná, de Minas Gerais, de Pernambuco, de Santa Catarina, da Bahia, do Ceará e do Distrito Federal, enquanto entre os visitantes estrangeiros predominam os oriundos dos seguintes países: Argentina, Uruguai, Estados Unidos, Alemanha, Portugal, Espanha, França, Colômbia, Chile e Itália. Contudo, os dados oferecidos são imprecisos quanto a quantidade de turistas, quais os pontos que procuram e o porquê de visitarem Porto Alegre.

Para este capítulo foram empregados os seguintes procedimentos metodológicos: primeiramente o contato com a Secretaria de Turismo através de mensagem eletrônica para solicitação dos materiais confeccionados para divulgação turística de Porto Alegre. Após foi realizada a visita à Secretária de Turismo para uma conversa com uma das técnicas de turismo e a formalização da solicitação dos documentos, tais como: panfletos, guias, mapas e cartões postais confeccionados pela Secretaria de Turismo de Porto Alegre, que são oferecidos aos turistas que visitam a cidade.

O objetivo deste capítulo consiste em averiguar a existência de representações negras nestes documentos, o tipo de investigação apropriado é uma pesquisa documental direta, das amostras de mapas, panfletos e guias de museus, obtidos junto à Secretaria de Turismo de Porto Alegre. O tratamento dos dados é feito de forma qualitativa, de modo a categorizar as informações advindas da pesquisa documental e seguidas da análise de conteúdo desses materiais.

Para a análise hologramática, o material turístico foi primeiramente selecionado tendo como recorte inicial a temporalidade do recorte de pesquisa, isto é, o período de entrega do Museu de Percurso Negro em Porto Alegre, que corresponde de 2010 - 2014. Contudo foi importante incorporar materiais até o ano de 2016, pois poderiam já refletir a implementação e assim na sua visibilidade junto aos órgãos institucionais da Prefeitura de Porto Alegre.

Os materiais coletados foram ordenados, classificados e numerados. Apresento no quadro 01 abaixo o perfil dos documentos analisados. Para a organização contei com uma planilha de Excel separada por itens para identificação de cada material. O conjunto compôs o seguinte corpus:

Quadro 04 – Perfil dos Documentos da Secretaria de Turismo de Porto Alegre coletados em março de 2017

TIPOS DE DOCUMENTOS – CORPUS	QUANTIDADE
Panfletos	12
Panfletos em Língua Português	10
Panfleto em Língua Espanhola	01
Panfleto em Língua Francesa	01
Mapas	02
Cartões Postais	11
Guia dos Museus do Rio Grande do Sul	01

Fonte: Secretaria de Turismo de Porto Alegre – RS

Seguem-se os passos que são descritos por Bauer (2007) para construir o *corpus* de análise das narrativas turísticas. Os documentos foram separados por tipo e finalidade, isto é, panfletos com panfletos, mapas com mapas, guia dos museus e do Rio Grande do Sul e cartões postais. Após foi aplicada análise de conteúdo (AC) a partir de Bardin (1979). Para autora, a AC permite a construção de conhecimento a partir as inferências do texto, sendo que para constituição do Holograma Espacial permite verificar os conteúdos que estão invisíveis para o simples leitor. As inferenciais obtidas através do texto possibilita relacionar os dados obtidos com o contexto da investigação. De acordo com Bauer:

Os analistas de conteúdos inferem a expressão dos contextos e o apelo desses contextos. Se focarmos a fonte, o texto é uma expressão. Fonte e público são o contexto e o foco da inferência. Um corpus de texto contém registros de eventos, valores, regras e normas e traços de conflitos e do argumento (BAUER, 2007, p. 192)

Aplicando a AC foram construídas as categorias, observando-se os signos que compõem as representações de cada categoria. Em conjunto com AC foi aplicada a proposta do interrogatório da imagem de HALL (2006) naquelas presentes nos panfletos e cartões postais para representar a cidade,

buscando-se verificar a existência ou inexistência de signos associados aos negros como produtores históricos do espaço urbano. Portanto, a visibilidade e a valorização da escrita espacial dos imigrantes europeus trazidos para o Rio Grande do Sul.

No caso dos panfletos analisados observou-se a repetição dos conteúdos, para os cartões postais a repetição de imagens, para os mapas a repetição de locais pontos turísticos, no guia dos museus o objetivo era verificar quais seriam os museus de Porto Alegre para construção de um mapa de localização dos museus e verificar a existência do Museu de Percurso Negro nos mapas o mesmo procedimento do guia, mas sem a construção do mapa.

As categoriais construídas através da leitura e sistematização dos conteúdos dos panfletos foram Porto Alegre uma cidade Multicultural, O gaúcho a identidade Única de um Estado, Locais para Visitação e Valorização dos imigrantes europeus, Imagens de Abertura dos Panfletos, o Negro enclausurado e o Mito Fundador – os casais açorianos. Seguem abaixo no Quadro 2- os signos e símbolos para cada uma destas categorias.

Em cada uma delas identificamos as representações dos negros e dos imigrantes europeus e abaixo descrevi cada categoria e suas respectivas representações.

Conforme os pressupostos tomados em Stuart Hall (2006) cheguei a denominação de imaginários urbanos como representações compostas pelos símbolos e signos - sonoros, escritos, imagens eletrônicas, notas musicais ou objetos - entendidos como linguagem que vai além da fala, como meio pelo qual pensamentos, ideias e sentimentos são representados.

Portanto, as narrativas espaciais não são apenas a linguagem na expressão da fala, mas materialidades que demarcam a cidade-lugar de Porto Alegre. Através delas observei os imaginários urbanos dominantes desta cidade e enfatizando os marcadores espaciais (linguagem) na cidade ou em outros contextos. Pode-se verificar que os panfletos, os mapas, o guia dos museus, os cartões postais produzem uma narrativa institucional da cidade, portanto não são apenas “comunicações faladas ou escritas” que produzem narrativas, mas símbolos, signos e objetos que marcam o espaço da cidade. As linguagens aplicadas nestes documentos se constituem em típicas

representações que produzem narrativas da cidade de Porto Alegre, um alimento para os imaginários urbanos, assim percebidas pelos turistas, as narrativas espaciais. As marcas e os marcadores são representações que derivaram dessa narrativa.

O quadro 2 abaixo corresponde as categorias construídas a partir do *corpus* dos panfletos turísticos de Porto Alegre.

Quadro 05 – Categorias dos Panfletos Turísticos

Categorias	Signos que compõem as representações
PORTO ALEGRE CIDADE MULTICULTURAL	Os panfletos de modo geral apresentam a cidade como “caldeirão” de misturas, onde a “mistura” de todos os tipos de imigrantes resultou em uma cidade aberta às múltiplas manifestações culturais. Os negros também estariam aqui como imigrantes. Os signos que compõem estas representações encontram sempre na afirmação da fundação de Porto Alegre pelos casais açorianos, o trabalho dos imigrantes italianos e alemães para desenvolvimento do Estado.
O GAÚCHO NOSSA ÚNICA IDENTIDADE	O Gaúcho aparece como um produto a ser consumido em suas tradições, isto é, culinária, chimarrão e danças, além de suas virtudes e bravura. É o símbolo de um Estado que deu certo pela “mistura” de diferentes grupos sociais os quais contribuíram para constituição desta identidade gaúcha.
PORTO ALEGRE CAPITAL DA CULTURA	Os signos aqui estão relacionados ao teatro São Pedro, às livrarias, ao cinema e aos espaços culturais de Porto Alegre. Os museus citados são MARGS, Memorial do Rio Grande do Sul e Santander Cultural. Não existe nenhuma referencia o Museu do Percurso Negro em panfletos, mapas ou como ponto turístico.
IMAGENS DE ABERTURA DOS PANFLETOS	Redenção, Usina do Gasômetro, laçador, Rua dos Andradas, Cidade Baixa são as mais frequentes.
O NEGRO ENCLASURADO	O único signo apresentado nos

	panfletos que faz referência aos negros na cidade de Porto Alegre é o Bará do Mercado. Apenas em único panfleto encontramos uma explicação sobre sua existência.
LOCAIS PARA VISITAÇÃO E VALORIZAÇÃO DOS IMIGRANTES EUROPEUS	Em ordem de frequência: Redenção também chamada de Parque Farroupilha, Usina do Gasômetro, Praça da Alfândega, Praça da Matriz, Cidade Baixa, Catedral Metropolitana, Theatro São Pedro,
O MITO FUNDADOR – OS CASAIS AÇORIANOS	Em todos os panfletos sem exceção contribuem para alimentar que este local era “terra de ninguém” antes dos casais açorianos aqui chegarem, doze panfletos e todos eles iniciam sempre com a mesma afirmação aqui chegaram 60 casais e povoaram esta terra.

Fonte: Secretária de Turismo de Porto Alegre
Elaboração: Helena Bonetto

Na categoria - PORTO ALEGRE CIDADE MULTICULTURAL – verifiquei que os signos da diferentes culturas presentes na cidade, enfatizam os seguintes aspectos: “Rio Guaíba como porta de entrada para imigração e para cidade cosmopolita”, “cidade formada por uma mistura de culturas europeias, em especial portugueses, italianos, alemãs e africanos, o viés indígena dos guaranis”, “o desenvolvimento da migração italiana e alemã” e a cidade de Porto Alegre é apresentada como Multicultural, mas sua Fundação está calcada na vinda dos casais portugueses açorianos em 1772, e após acolheu imigrantes de todo mundo: “Ao longo dos séculos protestantes e muçulmanos, é também apresentada como “Multicultural com suas belezas naturais, culturais e paisagens”.

Nesta categoria de suposta multiculturalidade de Porto Alegre esta sempre marcada primeiramente pelos migrantes europeus, na sequencia: portugueses, italianos e alemães, os quais são representados através de seus estados nacionais ao contrário da população negra representada através de uma origem continental e não de suas origens territoriais individualizadas.

Em doze panfletos os imigrantes europeus são citados em dez, em diferentes seções. Os africanos em apenas dois e sempre de forma genérica e

nenhuma referencia positiva. Não há nenhum outro signo que remetesse aos negros como produtores do espaço da cidade nesta categoria.

Na categoria - O GAÚCHO NOSSA ÚNICA IDENTIDADE – são apresentados elementos da cultura do Estado do Rio Grande do Sul. Nesta categoria a o gaúcho é o referente da identidade cultural do Estado. Seria nela que a “mistura” de todos imigrantes resultaria na identidade da população habitante de seu território. Uma cultura singular, como uma atração para turista consumir. Seus principais signos seriam a coragem e bravura, tendo seus elementos materiais constituintes desta cultura o chimarrão, o churrasco, as danças tradicionais. Os signos são reforçados sempre por imagens e pelo monumento situado numa das entradas à cidade de Porto Alegre – o Laçador. Nele dá-se a diluição de todas as culturas em uma só, apagando as diferenças e os conflitos entre os grupos sociais que formaram Porto Alegre. A figura do gaúcho vem para estabelecer uma igualdade de contribuições entre imigrantes europeus, negros e povos originários, igualdade, conforme a afirmação contida no panfleto 8:

Cultura Genuína. Primos Argentinos, Uruguaios. Região colonizada por espanhóis, portugueses e africanos, seguido por uma forte imigração alemã e italiana. E todos estes povos se fundiram em grande caldeirão produzindo uma cultura única, genuína e singular. Assim, o Estado tem fornecido ao Brasil, ao longo da história, grandes intelectuais, políticos, esportistas e, em especial, nomes importantes de todos os campos das artes (Panfleto 8, Secretária de Turismo de Porto Alegre, 2016).

A cultura genuína teria sua valorização nos elementos arquitetônicos com inspiração europeia e condicional os negros a clausura da escravização, como verifiquei na categoria.

A categoria sobre os LOCAIS PARA VISITAÇÃO E VALORIZAÇÃO DOS IMIGRANTES EUROPEUS – evidencia representações positivas dos imigrantes europeus, os pontos turísticos relativos a prédios importantes, como por exemplo: “Catedral Metropolitana - estilo inspirado na Renascença Italiana inaugurada em 1971. Construção obedece ao projeto do arquiteto italiano Joao Batista Giovanele”; “Theatro São Pedro – Construção com elementos barroco português. O estilo é dos teatros italianos da época, 1858 data do prédio”, “Praça da Alfândega , construída no fim do século 18, foi um dos primeiros sítios de ocupação dos açorianos que iniciaram a fundação da cidade”; “Feira

do Livro, estátua de Mário Quintana e Carlos Drummond”, entre outras referências.

Além de sempre ter uma apresentação dos pontos turísticos a partir dos imigrantes europeus, quando existe uma enunciação que nos remete à população negra faz-se referência a escravização, o “Solar do Câmara - foi a primeira casa residencial construída em alvenaria em Porto Alegre. Visite a biblioteca, construção onde antigamente ficava uma senzala e preserva as janelas afuniladas que evitavam a fuga dos escravos”; “Fonte do Pai Cabina e faça um pedido ao “Santo dos Escravos” e a Igreja das Dores, a qual é lembrada por sua interminável reforma que seria causada pela maldição de escravo que foi injustamente acusado de roubo de joias, ele jogou uma maldição que uma das torres da igreja nunca seria terminada”. O Parque da Redenção também teve seu nome trocado, inicialmente dado o nome de Redenção em 1884, em virtude dos campos da Redenção, que homenageava a luta pela libertação dos escravos. Porto Alegre teria sido a primeira cidade a libertar seus escravos, 4 anos antes da lei Áurea. Já em 1930, o parque ganha um projeto do arquiteto e urbanista Alfredo Agache, que confere unidade através do eixo central e a previsão de jardins e recantos. Também após uma exposição comemorativa a Revolução Farroupilha passa a ser chamada oficialmente de Parque Farroupilha.

Nesta categoria observamos a invisibilidade da presença da cultura negra em Porto Alegre em outros espaços públicos, tais como a Praça da Alfândega, local de forte comércio onde a população negra encontrava-se e trabalhava, chamada também de Praça das Quitandeiras. O apagamento do nome do Parque Redenção para Farroupilha mostra uma tendência a apagar esta população da história da cidade, e ainda neste local os negros aparecem encapsulados a escravização, e assim como, na lenda urbana sobre a Igreja das Dores no centro de Porto Alegre. Aqui podemos observar a invisibilidade das representações negras em Porto Alegre e a enclausura dos signos que as compõem no período da escravização, tal como Hall (2006) descreve em sua análise sobre as representações raciais dos negros britânicos e norte americanos, a visibilidade desta população nos panfletos está sempre relacionada a escravização e sem nenhuma representação positiva desta população em Porto Alegre. Fato que corrobora para comprovar a tese desta

pesquisa, pois os locais de visitação que são atribuídos aos imigrantes europeus são sempre representados de forma positiva e é conteúdo de todos os panfletos, enquanto os negros são representados apenas no período da escravização estes signos alimentam o imaginário urbano da cidade de Porto Alegre.

Na categoria - O MITO FUNDADOR – OS CASAIS AÇORIANOS - Em todos os panfletos sem exceção contribuem para alimentar que este local era “terra de ninguém” antes dos casais açorianos aqui chegarem, doze panfletos e todos eles iniciam sempre com a mesma afirmação aqui chegaram 60 casais e povoaram esta terra. Esta categoria exemplifica o que Pesavento (1999) fala sobre os imaginários urbanos das cidades, ela afirma que sempre existe um mito fundador que é contado e recontado tornando-se verdade.

O imaginário urbano dominante de Porto Alegre repete possui representações do mito fundador de Porto Alegre, ao se utilizar dele em todos os panfletos sobre a cidade, de acordo com Pesavento (1999) o mito fundador, como se sabe, é fundamental para a representação de um pertencimento, que construir-á uma comunidade simbólica de sentido (PESAVENTO, 2002, p. 246). “Conseqüentemente em que a população deste local reconheça-se com parte desta comunidade”. O problema do mito fundador é a força na qual ele se constitui como um imaginário urbano, representando apenas o grupo que ocupou um determinado espaço tornando-o o seu lugar sem reconhecer outras populações que estavam ali ou que conjuntamente estavam no processo de ocupação do espaço. Atribuir aos portugueses a constituição do território da cidade de Porto Alegre é não reconhecer a existência dos negros escravizados que juntamente com os casais Portugueses açorianos entre os anos de 1763 e 1773 desembarcaram nas terras que ganhariam o nome de Porto dos Casais e após Porto Alegre e ainda dos grupos de povos originários que já povoam estes local.

Em Santos (2005) encontramos a afirmação que juntamente com os casais açorianos, os negros escravizados também chegaram nesta terra que já era povoada pelos povos originários, é possível verificar a afirmação acima:

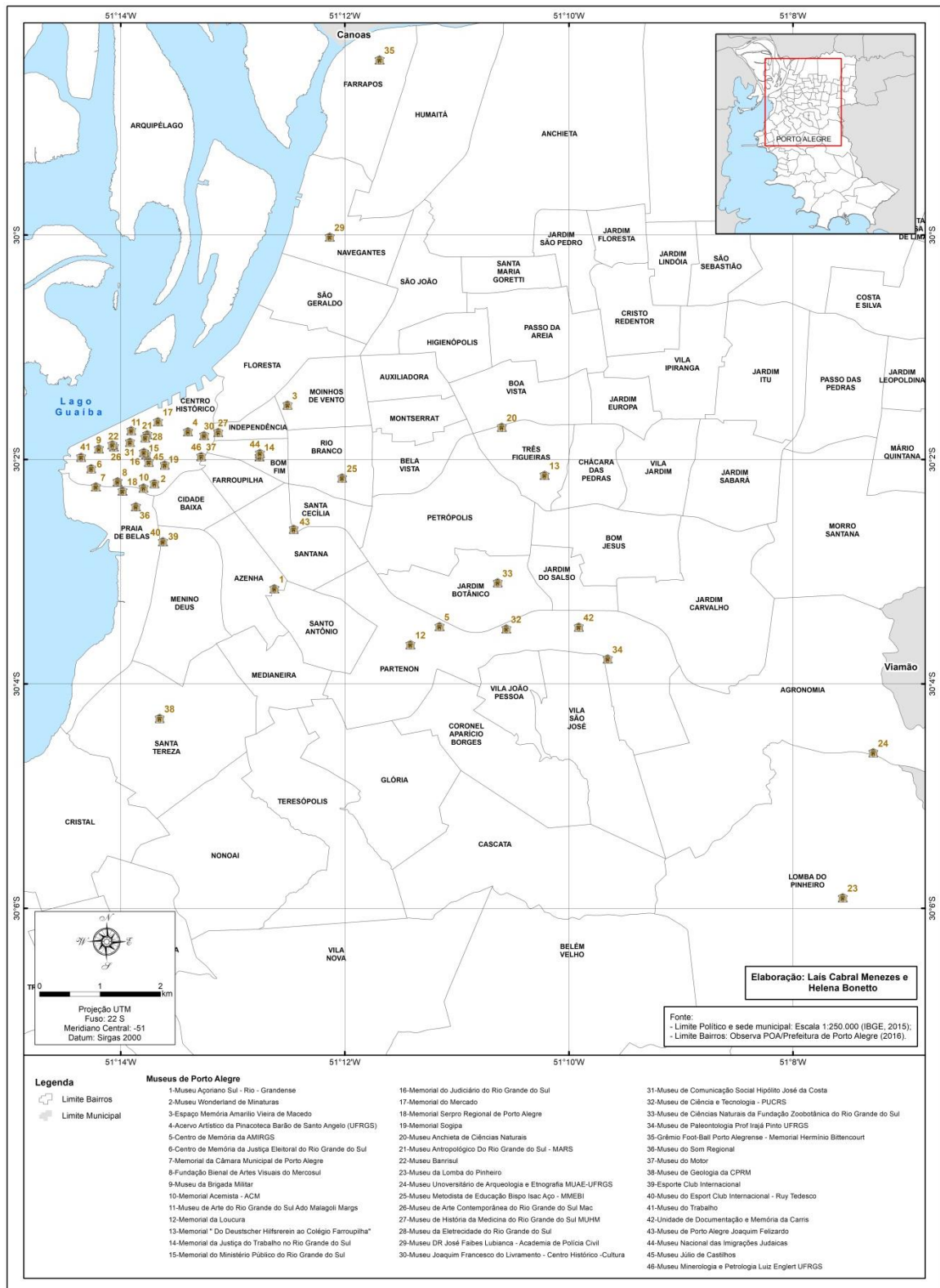
O mito fundador, não nos diz que juntamente com os casais açorianos, a negros escravizados também que a afirma e ainda recortes de anúncios de jornais tornam evidente o forte povoamento pelos negros da capital gaúcha, a qual chegou a ter um número de

escravizados maior do que outras capitais brasileiras que as quais têm suas identidades vinculadas aos negros, como Salvador, por exemplo: Com a vinda dos agentes do governo também vieram os escravos. A partir de 1772 não há registros históricos documentais do número de escravos e seus nomes. Seguramente todo o trabalho era feito por eles. O calvário urbano em Porto Alegre começaria e também a resistência contra a opressão escravista, por meio de constantes fugas de escravos formando os primeiros QUILOMBOS da cidade (SANTOS, 2005, p.27).

Os postais de Porto Alegre, oferecidos pela Secretária de Turismo estão centrados em paisagens naturais, prédios históricos, tais como: Mercado Público, Cais do Porto, Parque Farroupilha, Pôr do sol no Guaíba, Catedral São Pedro, Casa de Cultura, Praça da Alfândega e Teatro São Pedro.

Os mapas analisados apresentam os mesmos pontos turísticos dos panfletos e o guia dos museus foi apresentado aqui através do mapa abaixo (Mapa 3), vejamos as considerações analíticas sobre o material.

Mapa 03 -



Elaborado: Menezes; Bonetto (2018).

A narrativa oficial do turismo de porto Alegre alimenta os imaginários dominantes sobre a cidade, através da vinculação de fatores positivos a imigração europeia e o congelamento dos negros no período de escravização desta população, observação já feita por Hall (2006) quando analisa as representações dos negros nos jornais britânicos, no cinema e na publicidade. A imagem dos negros está sempre vinculada à escravização dando a entender que sua história como sujeitos produtores do espaço encerrasse neste período. Este “congelamento” legitima e contribui para o discurso de dominação de uma cultura pela outra, no que tange aos aspectos oficiais, segundo Barbosa (2006) correspondem a escola, mídia, universidade tornem-se sendo um instrumento de perduração do imaginário de um Estado que representa a Europa Brasileira.

Contudo, não podemos esquecer que ao tratarmos de turismo e ainda de turismo oficial, estamos aqui falando de uma cidade como um produto a ser vendido e consumido pelos que chegam a capital. O turismo produz espaços a serem consumidos, quais seriam então as representações de Porto Alegre que seriam facilmente vendidas?

O consumo para Santos (2007) em sua leitura sobre o livro Vida Cotidiana de Henri Lefebvre estaria entre o real e o imaginário. As motivações para consumo determinados espaços, segundo a autora, não estão mais somente nas paisagens naturais, mas em motivações psicológicas que provoquem experiências, e ainda as especificidades locais são atrativo espacial para consumo turístico, para pesquisadora não adianta mais copiar símbolos consolidados é preciso apostar nas singularidades e as identidades locais.

Os elementos de venda observados nos panfletos estão relacionados ao clima do Estado que seria singular, pois enquanto no restante do país, faz calor, aqui faz frio, sendo este dos nossos elementos de singularidade, após aparece com força total os pontos turísticos relacionados à sua história e exaltação desses pontos como representações da arquitetura de estilo europeu em solo porto-alegrense.

E ainda, no caso do regime de representações que compõem as narrativas turísticas oficiais de Porto Alegre, o fato de demarcar o espaço com signos que remetem a cultura, o trabalho e a história da população negra em Porto Alegre, fere primeiramente a imagem do gaúcho vendida como produto a ser consumido pelo turista, por ter símbolos tais como: chimarrão, churrasco,

os centros tradicionalistas, como atrativos turísticos que nos tornam singulares em comparação ao restante do Brasil, assim desconstruído o imaginário urbano de uma cidade localizada na Europa Brasileira (Estado do RS) com uma população típica desta região fronteira.

Sobre a narrativa turística e suas representações de uma única identidade – a gaúcha: encontramos respaldo em problematizações realizadas por autores como Machado (1994) ao escrever sobre o gauchismo e o reino da distinção, quando diz, que nos afirmamos gaúchos por que:

[...] as diferenças reais entre os habitantes do Rio Grande do Sul e os demais brasileiros, bem pesadas, são mínimas. A representação – a construção sociocultural – contraria as evidências empíricas. Nós somos gaúchos, mais do que tudo, porque queremos nos ver no espelho dos imaginários como portadores de uma especificidade (MACHADO, 1994, p. 114).

A narrativa “nós somos gaúchos” representa a diluição das diferenças que se constitui como ferramenta para permanência dos imaginários urbanos e sociais. A utilização de uma identidade única com signos que representam sempre nossa singularidade, como por exemplo: o chimarrão, o churrasco agregado ao clima que se diferencia do resto do país nos torna singular.

Seria uma heresia quebrar com este imaginário urbano e social, reconhecendo as diferentes identidades formadoras dos espaços urbanos e rurais neste Estado, então recriamos e contamos essa história com orgulho sem observar a violência simbólica de cada dia e impossibilidade de uma identidade plural que efetivamente represente os grupos formadores deste Estado historicamente, pois os gaúchos como diz Machado (1994) usufruem da distinção da singularidade deste imaginário, conforme o autor:

Ora, aos gaúchos agrada pensar que o Rio Grande do Sul é o Estado mais politizado do Brasil, mais culto, rico, limpo, branco e bem-alimentado, mas ninguém postulou ser a consciência moral da podridão verde-amarela (MACHADO, 1994, p. 117).

Por fim, agrada aos gaúchos vender esta identidade como produto a ser consumido para turismo, a singularidade-distinção deste povo formado principalmente pela migração europeia para Estado.

4.2 NARRATIVAS DOS MONUMENTOS HISTÓRICOS À REDENÇÃO

O ponto aqui apresentado do holograma espacial é composto pela narrativa dos monumentos desde o Centro Histórico até o Parque Redenção. Os monumentos para Corrêa (2018) são representações materiais do passado marcando espaços públicos e, também, a memorialização com sentido político.

Os monumentos históricos que demarcam a cidade e reforçam os imaginários urbanos dominantes sobre a cidade de Porto Alegre são dos grupos majoritários que ocupam cargos de poder como representantes locais, na imprensa ou religiosos, costumeiramente representados como produtores do espaço urbano historicamente. Como se expõe nesta tese os imigrantes portugueses, italianos e alemães. Contudo, já observamos nas narrativas espaciais do turismo oficial desta cidade que a identidade gaúcha é uma escrita no espacial do RS e ganham um peso maior valorativo quando comparada com os imigrantes europeus.

Os monumentos são textos para serem lidos, portanto uma linguagem materializada na cidade através de representações, recriando paisagens, de acordo com:

São integrantes do processo de transformação urbana, os monumentos recriaram paisagens, foram elas dotadas de inúmeros símbolos, preenchidos, “com signos portadores de mensagens ideológicas, que contribuem para modelar o imaginário social” (CORRÊA, 2018, p. 3).

Os monumentos modelam os imaginários urbanos de uma cidade por representarem determinados grupos. Para realizar o levantamento dos monumentos solicitei para Secretaria de Cultura de Porto Alegre um inventário dos monumentos da cidade com objetivo de verificar quais deles localizavam-se no Centro Histórico. E quais os grupos sociais são representados e demarcam a cidade-lugar Porto Alegre. Utilizei como ferramenta para localização dos monumentos a cartografia temática esta ferramenta envolve diferentes elementos, pois a cartografia temática tem como objetivo representar espacialmente um fenômeno social ou natural. A cartografia temática trata-se para Duarte:

Da parte da cartografia que diz respeito ao planejamento, execução e impressão de mapas sobre um fundo básico, ao qual serão anexadas informações através de simbologia adequada, visando atender as necessidades de um público específico. E tem como objetivos fornecer, com o auxílio de símbolos dispostos sobre uma base de referência, uma representação convencional dos fenômenos localizáveis de qualquer natureza e de suas correlações (DUARTE, 1991, p.138).

O resultado da cartografia temática foi um mapa de localização dos monumentos no Centro Histórico, mapa que a Secretária de Cultura de Porto Alegre, afirmou não ter ainda no ano que foi realizada a solicitação. O mapa 3 segue abaixo, no quadro abaixo se encontra os dados disponibilizados Secretária de Cultura sobre os monumentos, a tabela original continha dados com nome do monumento, data de implantação, localização atual e antiga para alguns casos.

Quadro 06 – Inventário dos Monumentos do Centro Histórico de Porto Alegre

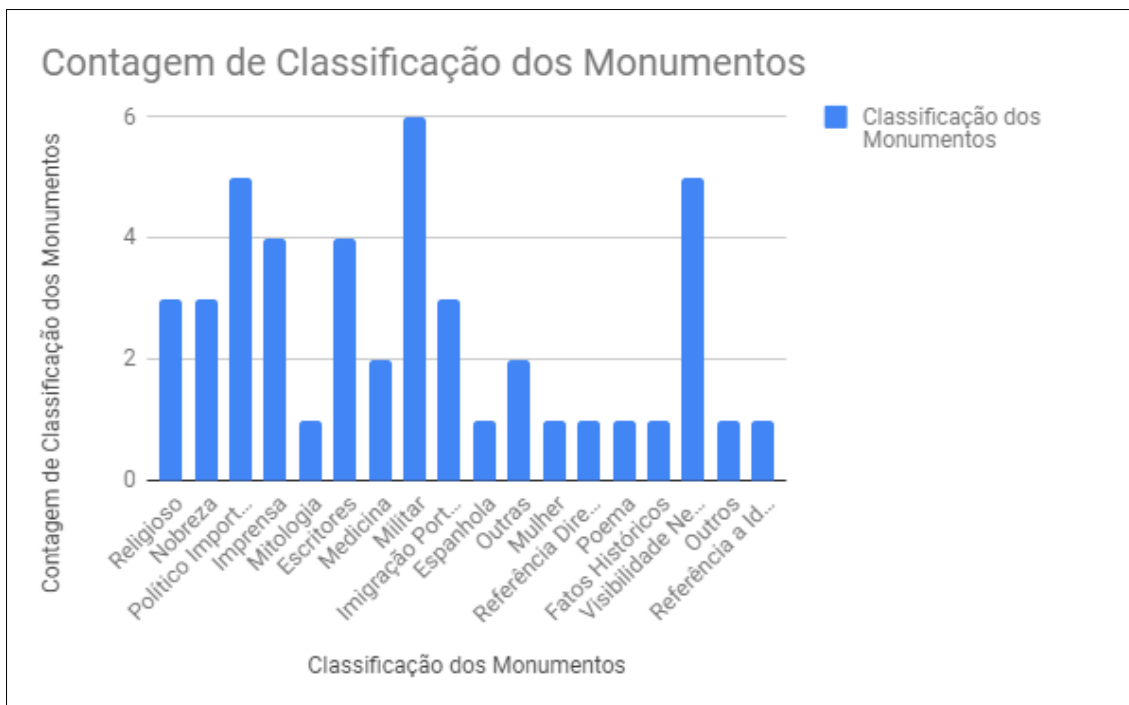
DENOMINAÇÃO	LOCALIZAÇÃO	DATA	Categorias
Frade de Arenito Praça Argentina	Praça Argentina	Séc. XIX	Religioso (Visibilidade Branca)
Conde de Porto Alegre	Praça Conde de Porto Alegre	1885	Nobreza (Visibilidade Branca)
Monumento a Júlio de Castilhos	Praça da Matriz	1913	Político (Visibilidade Branca)
Busto de Caldas Junior	Praça da Alfândega	1913	Imprensa (Visibilidade Branca)
Monumento ao Barão de Rio Branco	Praça da Alfândega	1916	Nobreza (Visibilidade Branca)
Busto do Barão de Santo Ângelo	Praça da Alfândega	1918	Nobreza (Visibilidade Branca)
As Ninfas da Fonte	Praça Edgar Schineider	1927-28?	Mitologia (Visibilidade Branca)
"A Samaritana"	Praça da Alfândega	1925	Religioso (Visibilidade Branca)
Busto de Apolinário Porto Alegre	Praça Argentina	1927	Escritor (Visibilidade Branca)
Busto de Osvaldo Cruz	Praça Osvaldo Cruz	1928	Medicina (Visibilidade Branca)

Estátua Equestre do General Osório	Praça da Alfândega	1933	Militar (Visibilidade Branca)
Obelisco da Colônia Portuguesa	Avenida Sepúlveda	1935	Imigração Portuguesa (Visibilidade Branca)
Fonte Talavera	Praça Montevideu	1935	Espanhola (Visibilidade Branca)
Busto de Antônio Carlos Lopes	Praça da Alfândega	1936	Outras
Busto de Otávio Rocha	Praça Otávio Rocha	1939	Militar (Visibilidade Branca)
Busto de Eduardo Guimarães	Praça Dom Feliciano	1944	Escritor (Visibilidade Branca)
Busto de Mario Totta	Praça Dom Feliciano	1951	Médico (Visibilidade Branca)
"Carta-testamento" Getúlio Vargas	Praça da Alfândega	1955	Político (Visibilidade Branca)
Busto de Leonardo Truda	Praça da Alfândega	1956	Imprensa
Homenagem a Mãe	Praça Com. Souza Gomes	1958	Mulher Valorização Materna
Herma de André Leão Puente	Praça da Matriz	1958	Outras
Cabeça de Arnaldo Ballvé	Praça da Alfândega	1962	Imprensa (Visibilidade Branca)
Herma de Alcides Maia	Praça Daltro Filho	1963	Imprensa (Visibilidade Branca)
Marco a José Bertaso	Praça da Alfândega	1965	Político (Visibilidade Branca)
Medalhão de Rubén Dario	Praça da Alfândega	1966	Escritores (Visibilidade Branca)
Painel Viaduto Loureiro da Silva	Viaduto Loureiro da Silva	1970	Político (Visibilidade Branca)
Herma de Osvaldo Vergara	Praça da Matriz	1974	Referência ao Direito (Visibilidade Branca)
Monumento aos Açorianos	Largo dos Açorianos	1974	Imigração Portuguesa (Visibilidade Branca)
Monumento a Loureiro da Silva	Av. Loureiro da Silva	1974	Político (Visibilidade Branca)
Busto de Jerônimo Coelho	Praça Dom Feliciano	1975	Imigração

			Portuguesa (Visibilidade Branca)
Cabeça Raul Pilla	Praça Raul Pilla	1977	Militar (Visibilidade Branca)
Brigadeiro Sampaio	Praça Brigadeiro Sampaio	1980	Militar (Visibilidade Branca)
placa com poema "O Mapa"	Praça da Alfândega	1984	Poema (Visibilidade Branca)
Busto San Martin	Praça Argentina	1985	Militar (Visibilidade Branca)
Marco da Legalidade	Praça da Matriz	1986	Fato Histórico
Segunda Herma do General Artigas	Praça Revolução Farroupilha	1987	Militar (Visibilidade Branca)
Monumento a Zumbi	Largo dos Açorianos	1997	Visibilidade Negra
Busto de Champagnat	L. Pde. Marcelino Champagnat	1997-1998	Religioso (Visibilidade Branca)
Quintana e Drummond	Praça da Alfândega	2001	Escritor
Povo Tombado em 2001	Praça Argentina	2001	Outros
Painel Epopéia Riograndense, Missioneira e Farroupilha	n/i	2008	Referência a Identidade Gaúcha (Visibilidade Branca)
Tambor	Praça Brigadeiro Sampaio	2010	Religioso, artístico e cultural (Visibilidade Negra)
Pegada Africana	Praça da Alfândega	2011	Identidades Negras (Visibilidade Negra)
Bará do Mercado	Mercado Público	2013	Religiosa (Visibilidade Negra)
Painel Afrobrasileiro	Largo Glênio Peres	2014	Referências a população Negra (Visibilidade Negra)

Fonte Secretária da Cultura
Elaboração: Helena Bonetto

Gráfico 03 – Contagem dos Monumentos do Centro Histórico por Classificação



Fonte: Secretária de Cultura de Porto Alegre Elaboração da autora

Mapa 04: Monumentos do Centro Histórico



Elaborado por: Menezes; Bonetto (2018).

Nas linhas abaixo, segue o que operacionalizamos das noções de imaginários, como conjunto de representações, entendendo que elas são produzidas através da linguagem que expressa signos que carregam sentidos fixados por nós e estão envoltos por uma cultura.

Portanto, um monumento entendido como representação de determinados grupos religiosos, raciais e sociais, os quais são significativos na cidade ou no país, verificando os grupos dominantes naquela cidade, Estado ou região. Sendo que os grupos não dominantes não são materializados em signos icônicos nos lugares da cidade, não existe interesse por parte dos administradores de marcar os espaços através de grupos historicamente estigmatizados, ainda mais aqueles que acabam por desconstruir o imaginário social de que o Rio Grande do Sul é Europa Brasileira.

Trabalhos como de Dorberte in (2011) corroboram com a afirmação acima. O autor ao analisar o estatuário fachadista e monumental do quatriênio de 1910 – 1914 chega a conclusão que:

[...] o fachadismo e os monumentos oficiais, isto é, aqueles entregues pelos gestores do espaço urbano, nos níveis municipais, estaduais ou federais, traduzem o ideário positivista do grupo que controlava o aparelho de Estado, enquanto que, no estatuário fachadista civil, plasmou-se a ideologia de seus patrocinadores, seja enquanto homem de negócios seja quanto descendentes de imigrantes.

O positivismo foi uma importante doutrina seguida no Rio Grande do Sul, a qual tinha como principal lema “ordem e progresso”, manter a ordem social e a eliminação de conflitos sociais advindos do confronto entre as classes sociais. Como afirma Dorberte in (2011):

[...] para cumprir com o papel de evitar os conflitos sociais o Estado deveria ser forte, centralizador e autoritário, controlado por partido coeso e disciplinado, onde a hierarquia prevalece e onde a subordinação fosse encarada como necessidade natural (DORBERTEIN, 2011, p. 27).

Os positivistas acreditavam no poder da arte assim como na ciência, que era preciso dominá-la, pois as duas teriam a força para representar. O monumento a Júlio de Castilhos, classificado por nós como referência ao Governador, é um exemplo da atuação do positivismo como forma de difusão de suas ideias e da conquista de novos adeptos. Difundir a doutrina era uma das

estratégias dos positivistas para expansão de suas ideias. Júlio de Castilhos foi considerado um dos “heróis” da Revolução Farroupilha⁹.

No caso de Porto Alegre, os monumentos são elementos concretos que solidificam representações no espaço público da cidade a determinados grupos que se constituem como elites políticas, culturais e de campos determinados do conhecimento como a medicina. Ao percorrermos o Centro Histórico de Porto Alegre encontramos representações materiais de militares, políticos importantes e representantes da imprensa, também referências a identidade gaúcha. Em Viera (2013) encontra-se respaldo para esta afirmação, conforme o autor:

Até o fim do século XX em Porto Alegre, se verificam centenas de bustos, monumentos e outras obras de arte que visibilizam a tradição do gaúcho, além da colonização alemã, à italiana, e açoriana não incluindo os negros nessas representações públicas (Souza, 2013, p. 56).

O autor avalia os monumentos da cidade de Porto Alegre como um todo não apenas do Centro Histórico, por isso faz referência a outros elementos que não estão presentes em nosso quadro 3.

O primeiro monumento negro foi de homenagem a Zumbi dos Palmares em 1997, passando-se 13 anos da implementação das obras do Museu de Percurso Negro no Centro Histórico.

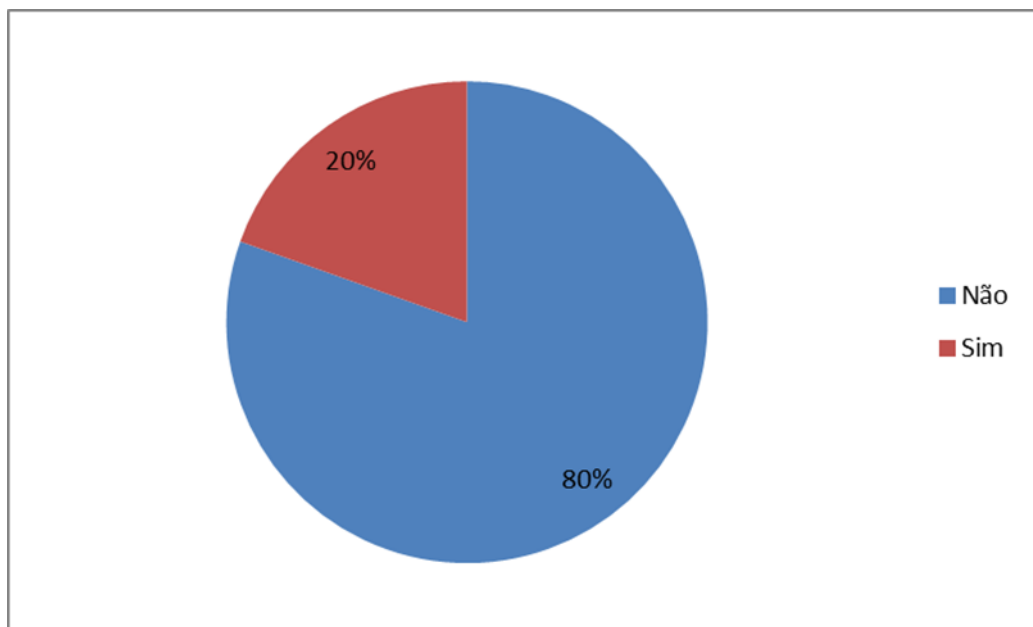
Apesar de Souza (2013) afirmar que existem diversos monumentos de representação dos negros e das negras da cidade de Porto Alegre, discordo desta afirmação quanto a sua visibilidade pelos moradores desta cidade.

Fato que se evidenciou ao entrevistar 40 pessoas que circulam pelos monumentos do Museu de Percurso Negro, 80,4% que não percebe as obras e não relacionam com a escrita histórica dos negros e negras em nossa cidade, apenas 19,6% percebem os monumentos e relacionam com a escrita histórica dos negros e das negras em nessa cidade (Gráfico 04).

⁹ Não sendo o objetivo deste capítulo é conversar sobre o positivismo e sua materialização na cidade Porto Alegre, já amplamente estudada por como Dorbertein (2011) e focar na invisibilidade e visibilidade das representações materiais negras em Porto Alegre.

A implementação foi um avanço político, mas ainda precisamos de políticas de representação para quebrar com o imaginário dominante centrado para imigração europeia do Estado RS.

Gráfico 04 – porcentagem de pessoas que percebem os monumentos do Museu de Percurso Negro no Centro Histórico de Porto Alegre



Fonte: Pesquisa de campo realizada pela autora de nov.2016 à jul.2017

Outro fator abordado por Corrêa (2018) é o sentido político da localização dos monumentos, que revelam conflitos raciais e de classe. Para o autor a localização e traduz-se o poder que um grupo social ou racial impõe sobre outro.

Souza (2013), ao apresentar a localização dos primeiros monumentos de representações negras, sendo primeiro localizados fora do Centro Histórico de Porto Alegre, analisa de forma ingênua, pois a implantação fora deste eixo, invisibiliza as escritas históricas desta população, são sete monumentos ao total em toda Porto Alegre, sendo que os três primeiros estão localizados no bairro Cidade Baixa, no bairro Ipanema e no Parque Marinha do Brasil (na Avenida Borges de Medeiros). O primeiro é uma homenagem ao Líder Zumbi dos Palmares, que fica junto de via de grande circulação, vizinha ao Centro de Porto Alegre e espaço frequentemente usado para manifestações políticas, culturais e artísticas, outro João Cândido Felisberto, também conhecido como "Almirante negro" e a Mãe Oxum (Orixá Africano representado pelos lagos, cachoeiras e rios).

A narrativa espacial dos monumentos do caminho do Centro Histórico até o Parque da redenção tem sua escrita espacial tomada principalmente por alusão a militares, políticos, médicos, no período de tempo de 1885 até os anos 1997. Em 1997 o monumento em Homenagem aos 300 anos da morte do líder negro Zumbi dos Palmares, concebido e executado pela artista visual Cláudia Stern, ganhadora do concurso público da Associação de Mulheres Negras Gaúchas. O monumento é a primeira representação material que inicia a escrita espacial histórica dos negros e negras na cidade de Porto Alegre¹⁰.

Continuando a narrativa espacial, após 1997, teremos novos monumentos somente no ano de 2011, com a implementação do Museu de Percurso. No ano de 2011 a primeira obra o Tambor (Figura 09), localizado na Praça Brigadeiro Sampaio, a Pegada Africana (Figura 10) na Praça da Alfândega em 2011, o Bará do Mercado Público em 2013 (Figura 11) e o Painel Afrobrasileiro (Figura 12) no Largo Glênio Peres em 2014 (Mapa 04).

Figura 10 – Tambor na Praça Brigadeiro Sampaio



Fonte: Wagner Innocencio

¹⁰ No entanto, não realizamos saída de campo para verificar sua percepção, concentrei minha investigação sobre a visibilidade e invisibilidade da escrita negra na cidade referente aos monumentos do Museu de Percurso Negro.

Figura 11 – Pegada Africana na Praça da Alfândega



Fonte: Wagner Innocencio

Figura 12 – Bará do Mercado Público de Porto Alegre



Fonte: Wagner Innocencio

Figura 13 – Painel Afrobrasileiro no Largo Glênio Peres



Fonte: Wagner Innocencio

A escrita espacial histórica do negro na cidade novamente foi negada por um hiato de 14 anos e somente com o Projeto do Museu de Percurso Negro é retomada para representar os locais em que os negros e as negras trabalhavam, circulavam, tinham suas práticas religiosas e culturais.

Então, não são os monumentos em si que narram esse espaço, mas quem e o que representam. Para Corrêa (2018) são materialidades responsáveis por reforçar tradições, transmitem valores de grupos como sendo de toda população e reafirmam identidades religiosas, raciais e sociais.

A temporalidade desses monumentos é a invisibilidade das escritas negras em Porto Alegre. É a invisibilidade histórica desta população como produtora deste espaço, e como um dos entrevistados falou: “existe uma cidade uma cidade Branca e uma cidade Negra de Porto Alegre” (Airan Albaino, 2017).

Além da temporalidade, os monumentos especialmente a Pegada Africana, do artista Vinicius Vieira Souza, não é visível pelo seu formato, pois

se encontra rente ao chão da rua das Andradas próxima a Praça da Alfândega, as formas urbanas para serem notadas precisam ter elementos de destaque, tais como: cores, materiais diferenciados e um tamanho que atença.

A pegada Africana (Figura 13) não se destaca no percurso da rua da Praia, pois como podemos observar as cores se confundem com o calçamento e a escala também encontra-se rente ao chão, as pessoas que transitam por ela, nas entrevistas declaram nem ter percebido a sua existência naquele local, então somente marcar o espaço com a representação negra material neste caso não garante sua visibilidade.

Figura 14 – Pegada Africana



Fonte: Wagner Innocencio

Após abordar as representações do Museu de Percurso Negro, passamos a analisar os monumentos do Parque da Redenção.

Figura 15 – Nomes do Parque da Redenção



Fonte: Wagner Innocencio

Observando as placas de renomeação do parque, podemos observar o que Canclini (2007), nos diz sobre o estudo das toponímias de uma cidade, ou seja, o nome de determinados lugares são representações da memória coletiva da cidade, a mudança dos nomes implica na construção de uma narrativa que apaga e invisibiliza as representações negras que no caso do parque também acabam por estarem relacionadas a temas sobre a escravização desta população.

A mudança de nome também aconteceu para valorizar da “Revolução Farroupilha”, que hoje sabemos que foi uma “revolução” da elite latifundiária contrários ao império brasileiro, que reivindicavam melhor tratamento em relação aos impostos, por exemplo. Em Juremir Machado encontramos as perguntas corretas:

Até quando adularemos os admiradores de um passado que não existiu somente porque as pessoas precisam de mitos e de razões

para passar o tempo, reunir-se e vibrar em comum? Até quando os folcloristas sufocarão os historiadores? Até quando o mito falará mais alto do que a História? Até quando não se dirá nos jornais que os farroupilhas foram indenizados pelo Império com verbas secretas? Que brigaram pelo dinheiro? Que houve muita corrupção? Que Bento Gonçalves e Neto não eram republicanos quando começaram a rebelião? Que houve degola, sequestros, apropriação de bens alheios, execuções sumárias, saques, desvio de dinheiro, estupros, divisões internas por causa de tudo isso e processos judiciais? (MACHADO, 2012, documento online).

A administração da cidade de Porto Alegre em 1935, de Alberto Bins do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), Intendente eleito/Primeiro Prefeito nomeado. Com Revolução de 1930, foi mantido no cargo por mais sete anos pelo interventor estadual Flores da Cunha, mudou o nome de Parque da Redenção para Parque Farroupilha, a intenção era apagar a representação histórica dos negros naquele espaço, todavia não contava que a nomeação da toponímia perdurasse até os dias de hoje.

Figura 16 – Monumento ao Expedicionário



Fonte: Wagner Innocencio

Em 2017 o monumento completou 60 anos, projetado pelo arquiteto e escultor pelotense Antônio Caringi — venceu disputa em concurso público — sendo uma homenagem e reconhecimento aos soldados brasileiros (pracinhas)

que sobreviveram e lutaram contra o nazifascismo na Europa, durante a segunda guerra mundial.

Figura 17 – Recanto do Europeu



Fonte: Wagner Innocencio

O Parque da redenção foi projetado com recantos de homenagem aos grupos que estão presentes no RS como imigrantes, Recanto do Europeu, Recanto Oriental, Recanto Solar, Recanto Alpino. O recanto dos Europeus é composto por locais distintos a *Fonte Francesa* (chafariz de ferro, doado pelo governo da França no século XIX), *Palmeiras-da-Califórnia*, *Pergolado Romano* (com colunas jônicas, pórtico triangular e trepadeiras).

O autor do anteprojeto do Parque Farroupilha segundo Luz (2000) que idealizou este espaço em 1930, se utilizou de elementos da escola francesa de jardinagem, tendo um eixo principal cortado por diagonais, sendo que o autor nos evidencia que o projeto apesar de ser eclético, concretizam as representações de determinados grupos dominantes: “os jardins sempre expressaram muito bem em cada período histórico as ideias das camadas sociais dominantes naquele momento” Luz (2000, p.05).

Especificamente, sobre o porquê do recanto europeu e não recanto africano poderia estar ligado ao que a materialização naquele ao que comumente atribuímos comumente atribuímos a o que é civilizado.

Figura 18 – Recanto do Europeu



Fonte: Wagner Innocencio

Figura 19 – Recanto Oriental



Fonte: Wagner Innocencio

Figura 20 – Fonte Francesa (chafariz de ferro, doado pelo governo da França no século XIX)



Fonte: Wagner Innocencio

Figura 21 - Placa Lanceiros Negros



Fonte: Wagner Innocencio

A narrativa dos monumentos do Centro Histórico ao Parque Redenção é marcada pela presença de monumentos que no tempo-espaço da cidade são historicamente recentes, mas os quais não são percebidos pela população que circula nestes espaços. O maior e mais visitado parque, teve seu nome trocado e pelas contradições desta cidade, dificilmente se ouve alguém se referir a Redenção como Parque Farroupilha, que torna invisível por duas vezes as representações negras naquele espaço.

Primeiro por homenagear uma revolução que se presta somente para manter uma tradição e uma identidade forjada “o gaúcho”, a identidade a qual não reconhece em seu imaginário social o negro como formador desse Estado, como vimos em Maestri (2008), e que foi alimentada pelo sangue dos negros recrutados junto aos estancieiros e lutavam pela sua liberdade, ou seja, sua carta de alforria e não pelos ideais Farroupilhas. No final da Guerra - Os Lanceiros Negros foram traídos e mortos no massacre, a Traição de Porongos, na noite de 14 de novembro de 1844.

Segundo, é erguida uma placa que pelo seu tamanho e localização na borda do Parque e em relação aos outros monumentos que fazem referência aos europeus e a imigração japonesa para o Estado, visíveis, coloridos e estão

localizados em locais centrais no Parque, então mesmo estando lá uma placa de homenagem aos Lanceiros Negros pelo seu tamanho não é percebida pela população.

Concluimos que a narrativa dos monumentos ainda encontrou a invisibilidade das representações negras na cidade, os monumentos estão lá, mas suas formas, suas cores e sua relação com a escrita dos negros e das negras nesta cidade, ainda é invisível pela população, ainda sendo engolidos pelo imaginário urbano dominante da cidade de valorização aos imigrantes e da identidade do gaúcho.

Não podemos também esquecer que a cidade de Porto Alegre para além destes lugares aqui analisados, Porto Alegre é grafada por representações de heróis regionais republicanos e positivistas, e ainda encontra-se referenciada a inspirações francesas, de liberdade, igualdade e fraternidade, contudo estão representados no espaço público os algozes, sem representações e visibilidade dos negros que estiveram envolvidos na abolição da escravização em Porto Alegre, segundo Zubaran (2009), a qual busca problematizar o discurso construído pelas elites políticas regionais que se apropriaram das tradições libertárias e inviabilizaram as narrativas negras organizadas em sociedades e clubes, os quais seus protagonistas não estão materializados no espaço do Parque Redenção que recebe esse nome justamente pela Abolição dos escravizados em Porto Alegre.

O Parque Farroupilha está marcado por monumentos que representam os assassinos dos negros durante o Massacre de Porongos, didaticamente trabalhado pelo grupo de Rap - RAFUAGI - Manifesto Porongos¹¹ de Porto Alegre, que mostra os monumentos e a responsabilidade neste massacre que ganhou visibilidade a poucos anos. Na entrada, bem localizado encontra-se Barão de Caxias que combinou o massacre, ainda denunciando todos aqueles que no imaginário social da grande maioria da população são heróis, tais como: Duque de Caxias, Bento Gonçalves, a monumentalização destes “heróis” invisibiliza fatos históricos como a Batalha de Porongos e alimenta imaginários sociais sobre fatos históricos que são contados apenas por um lado da história, o das elites econômicas do RS.

¹¹ Para quem tiver interesse em ouvir a música-
<https://www.youtube.com/watch?v=YkHY4A14Gg8>

4.3 NARRATIVA DA RUA AO VIRTUAL

A narrativa da rua é o resultado das entrevistas presenciais no Centro Histórico de Porto Alegre com pessoas que circulavam pelos marcos do Museu de Percurso Negro e das respostas obtidas através da aplicação de questionários online usando a plataforma do *google formulários*. O objetivo foi verificar a visibilidade das representações negras em comparação com as representações dos imigrantes europeus na cidade de Porto Alegre a partir do ponto de vistas dos moradores de Porto Alegre.

Para isso foram aplicadas duas formas diferentes de coleta de dados: uma direta com entrevistas no Centro Histórico de Porto Alegre com pessoas que transitavam pelas obras do Museu do Percurso Negro entre os anos de 2016 e 2017. Eram entrevistas semiestruturadas com perguntas sobre a percepção das obras e sobre a visibilidade dos negros como produtores históricos do espaço urbano de Porto Alegre. Ao todo foram entrevistados 46 pessoas nas obras do Museu de Percurso Negro.

A outra forma, indireta ou virtual, o questionário online foi adotado nesta pesquisa para atender a prerrogativa de verificar as representações contidas nos imaginários urbanos de uma ampla maioria da população que habita a cidade.

O questionário foi formado por perguntas de múltipla escolha e abertas para verificar algumas representações que os moradores da cidade de Porto Alegre possuem em relação ao lugar em que vivem. Esse procedimento origina-se do desafio de pensar em pesquisa na escala de uma cidade, de não aceitar esse fato como limitação.

A proposta do uso do questionário hospedado no *google formulários* tem como objetivo experimentar ferramentas diferentes para coleta de dados, de estar aberta a introduzir outras técnicas, e assim me posicionando como uma jovem pesquisadora, a qual está aprendendo com doutorado a todo o momento. Então, aqui se encontra o resultado deste esforço metodológico, o qual vem se constituindo como instrumento de pesquisa que possibilita atingir um maior número de pessoas, além de oferecer dados organizados em tabelas e gráficos para serem trabalhados posteriormente. Lidar com a virtualidade

como uma ferramenta de pesquisa permite-nos entrar em contato com maior número de pessoas.

Optei por perguntas de múltipla escolha para traçar o perfil dos entrevistados e, para verificar as representações dos moradores, por perguntas abertas para observar as respostas com maior espontaneidade.

Certamente há limites no uso de um questionário em pesquisa cujo objetivo consiste em abordar imaginários urbanos, pois teoricamente estaríamos em uma dimensão apenas simbólica, contudo convém lembrar a definição de imaginários urbanos engloba representações que estão materializadas através das imagens, discursos e objetos pela cidade de Porto Alegre.

A coleta de dados quantitativa recebe inúmeras críticas, tais como: se forem generalistas e não aprofundarem questões relativas à dimensão simbólica (percepções, sentimentos e visibilidade dos indivíduos). Mas, não podemos esquecer que são importantes na cobertura de maior número de pessoas. Existem vantagens da sua aplicabilidade, tal como ter acesso aos entrevistados de maneira mais rápida e com grande volume de respostas. Além disso, de proporcionar impessoalidade e a liberdade de respostas, principalmente quando as questões forem polêmicas e trouxerem constrangimento ao entrevistado.

Os dados coletados nas entrevistas semiestruturadas realizadas nos locais dos monumentos do Museu de Percurso Negro ocorreram em novembro de 2016, dezembro de 2016 e, em janeiro de 2017. As entrevistas tiveram a colaboração de outros pesquisadores geógrafo em novembro de 2016 e janeiro de 2017.

Em janeiro de 2017, era eu autodeclarada branca, um pesquisador autodeclarado negro, e mais uma pesquisadora autodeclarada branca. Para os relatos criei um *blog no módulo* privado que funcionou como um diário de campo para o registro de minhas memórias, percepções sobre os levantamentos de campo.

Figura 22 – Primeira Saída de Campo/Painel Afrobrasileiro (nov.2016)



Fonte: Cristiano Quaresma

Figura 23 – Primeira Saída de Campo/ Pegada Africana (nov.2016)



Fonte: Cristiano Quaresma

Figura 24 – Primeira Saída de Campo/ Tambor (nov.2016)



Fonte: Cristiano Quaresma

Figura 25 – Quarta Saída de Campo com colegas geógrafos Natália e Bruno (jan.2017)



Fonte: Helena Bonetto

O relato de campo realizado no dia 06 de janeiro de 2017 falava o seguinte:

Chegando à Pegada Africana, nos nós dividimos e passamos a conversar com as pessoas que passavam por ali, entrevistamos 12 pessoas que passaram pelo marco do Museu do Percurso Negro. É importante destacar que éramos três pesquisadores, sendo que um de nós era negro. Resolvi fazer está experiência para verificar se as respostas dos entrevistados mudam por serem interpeladas por uma pessoa negra ou uma pessoa branca. Quais seriam as reações? Como seria a empatia? E o que pensariam?

O campo foi rápido: durou uma hora no máximo. As pessoas que entrevistei demonstraram surpresa ao saberem da existência de um museu do Percurso Negro, falaram que não é divulgado na grande mídia, um dos entrevistados disse que era necessário que se fizesse uma reportagem sobre o Museu para divulgação para população.

É possível observar que ao lado da Pegada Africana encontram-se as estatuas de homenagem aos escritores: Mário Quintana e Carlos Drummond de Andrade, as pessoas pararam para tirar foto com as estatuas, fazem pose, ficam alguns minutos por ali contemplando. Fico pensando o que faz com que as pessoas parem para observar a estátua dos escritores e não faz com que as pessoas percebam a Pegada Africana ao lado das estatuas? Qual a relação que se estabelece entre objeto e observador, que se torna uma interrogação e faz com que seja uma incomodação para se levar no próximo campo.

Nas fotos a pegada Africana e meus fiéis pesquisadores de sexta-feira, compartilhar o campo é uma experiência que deve ser mais explorada, pois na mesma hora que se faz ele já é possível conversar, refletir, transformar o andamento, compartilhar as incomodações e também torna mais agradável e seguro este momento.

É possível pensar também no fazer acadêmico, o qual é extremamente solitário, individual, competitivo, durante a tese e durante minha trajetória de vida e de academia tenho pensado sobre outras possibilidades de se fazer pesquisa, e fico extremamente feliz de construir uma tese que não é feita apenas por uma mão, mas por muitas. Estar no campo com Bruno e com Natália é a certeza de que podemos modificar os trajetos daquilo que parece estável e inquebrável, mas que felizmente nós pudemos contestar nesta sexta-feira de janeiro (Helena Bonetto, 06 de janeiro de 2017, Porto Alegre)".

Como nesta tese abordamos as representações raciais, não poderia deixar este exercício de fora da escrita: duas pessoas em campo, pesquisadoras, com a mesma formação, são recebidas de forma diferente.

Primeiramente, com relação a Bruno existia estranhamento, como a não crença de que ele estava fazendo uma pesquisa e se realmente era aluno da UFRGS. Perguntas como “o que você quer?” eram comuns. Ou demonstrações de não crença que ele estava cursando o mestrado quando ele mostrava seu cartão UFRGS, tornam concreto o processo de estereotipagem das representações raciais que foi discutida por Hall (2006), pois ainda nos dias de hoje a população em geral tem em seu imaginário social a impossibilidade de homem negro ou mulher negra estar na universidade e ainda em Programa de Pós-graduação. Os “sustos” provocados pela aproximação de Bruno durante a

pesquisa de campo também estão relacionados às representações raciais de homem negro e jovem estarem ligadas à violência, à possibilidade de ser um criminoso. A experiência de pesquisa torna concreto o binarismo que Hall (2006) e outros pesquisadores citados ao longo do trabalho falam, negro/violência, negro/crime e no meu caso uma jovem branca e mulher é o oposto: branca/não oferece perigo, mulher/não está relacionada com crime, mulher branca/alta escolaridade, em todos os meses de campo fui sempre acolhida sem espantos, ou questionamentos. Portava meu cartão da universidade, mas não presenciei as reações acometerem Bruno no dia em que fomos a campo juntos. O fato ocorrido com Bruno durante o campo exemplifica a materialização das representações raciais historicamente construídas no Brasil, onde “lugar de negro não é na universidade estudando e pesquisando”.

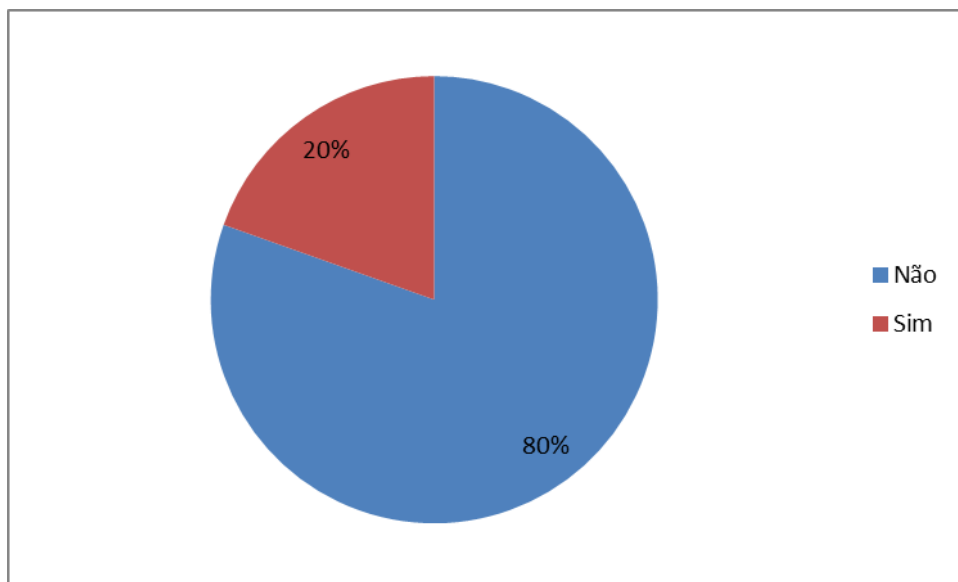
Os dados coletados em campo foram orientados pelas seguintes perguntas:

- O entrevistado/entrevistada percebia o marco do Museu de Percurso Negro?
- Faz relação com alguma cultura em Porto Alegre de diferentes nacionalidades (Negra, Alemã, Italiana, Açoriana, outras?)
- Lembra-se de alguma cultura importante na história de Porto Alegre?
- Se alguém viesse visitá-lo onde levaria?
- Dos lugares que escolheu, acredita que algum tem relação com a cultura negra na cidade?
- Qual a sua idade? Como se autodeclara: branco, preto, pardo ou amarelo?
- Onde reside em Porto Alegre ou em outra cidade?

Dos quarenta e seis entrevistados 66% eram mulheres e 35% homens, a idade variava de 18 anos a 75 anos. Com relação à autodeclaração utilizei a classificação do IBGE, pretos, pardos, brancos e amarelos, mas para construção do gráfico uni pretos e pardos na categoria negros, 63% dos entrevistados se autodeclararam como Brancos.

Sobre a Percepção dos Marcos do Museu de Percurso Negro, verificamos que dos 46 entrevistados, 80% apontaram que não percebiam os marcos e apenas 20% dos entrevistados sim.

Gráfico 05 - Visibilidade dos Marcos do Museu de Percurso Negro



Fonte: Helena Bonetto

As respostas relativas a se faz relação entre o marco do Museu de Percurso Negro e algumas das culturas presentes em Porto Alegre: Negra, Alemã, Italiana, Portuguesa- Açoriana, entre outras? São afirmam quanto a invisibilidade das representações negras materializadas nos marcos do Museu de Percurso Negro.

A visibilidade dos marcos não se estabelece em função da localização do entrevistado, pois são vistos com objetos que marcam o espaço do Centro de Porto Alegre, sem serem relacionados a escrita espacial negra histórica nesta cidade, é o que observamos nas respostas abaixo:

Apenas 30% dos entrevistados relaciona os marcos com a cultura negra em Porto Alegre, o restante 70% não atribui a nenhuma cultura presente na cidade.

Gráfico 06 - Relação com a cultura em Porto Alegre: Negra, Alemã, Italiana, Portuguesa - Açoriana, outras?



Fonte: Helena Bonetto

As observações realizadas durante as saídas de campo nos marcos do Museu de Percurso Negro me levam a afirmar a invisibilidade das representações negras em Porto Alegre.

Sobre a formação da cidade, o mito de que os primeiros a chegarem neste local perduram a inexistência de outras populações antes da chegada dos casais açorianos portugueses aqui, conforme as falas: “A única lembrança que tem sobre a história da cidade é o casal de açorianos” sobre a relação com a cultura negra e outras culturas dos imigrantes europeus obtemos as seguintes falas de diferentes entrevistados /entrevistadas:

A única lembrança que tem sobre a história da cidade é o casal de açorianos, Não havia notado o mural, não sabia se fazia referência das questões negras na cidade, lembrava do Mercado Público pela religiosidade africana, não lembrava que os negros foram importantes para cidade, mas que outros grupos sim, italianos e os japoneses, sobre a importância dos negros para cidade ninguém fala por causa do racismo, não havia notado o mural, sobre Porto Alegre só lembrava dos casais açorianos , parece uma pegada de gato, quando penso em Porto Alegre, penso em italianos, dos índios, em relação aos negros nunca pensei em algo significativo, não lembro de nenhuma referência negra na cidade, não sabemos porque não divulgado o Museu do Percurso Negro, Não lembra da história da cidade - A cidade não tem vocação turística, lembro de alguns quilombos, “Nós moramos em bairro relacionado com negros, a vila é

dos negros", Não conheci a história do lugar, A história do negro não foi contada de propósito". (depoimentos entre novembro de 2016 e dezembro de 2016 e janeiro de 2017).

É possível constatar que primeira à referência aos açoriano-portugueses é recorrente, sendo que os imigrantes alemães e italianos são lembrados frequentemente, mantendo a invisibilidade total ou parcial da escrita dos negros na cidade de Porto Alegre.

Durante uma das conversas que marcaram o campo, com vendedores de churrasquinho que ocupam o largo Glênio Peres há mais de 20 anos. O casal inter-racial, sendo a esposa negra, ao conversamos sobre o Painel Afro-brasileiro ela diz que não sabia da existência do Museu de Percurso Negro, "mas que sabia que aquela obra representava sua ancestralidade", mas pontuou algumas questões sobre o porquê da invisibilidade negra em Porto Alegre. Lembrou do carnaval quando acontecia nas proximidades do centro e da "muvuca" que era, "naquele momento eu vi que tinha negros em Porto Alegre, o meu povo estava todo no centro da cidade, agora acabaram com Carnaval, não vejo mais ninguém" (Entrevista dez. 2017) A entrevistada faz menção à transferência do Carnaval de Porto Alegre do centro para o Sambódromo que fica distante, no local chamado de Porto Seco.

Após a análise das 46 entrevistas realizadas nos marcos do Museu do Percurso Negro no Centro Histórico de Porto Alegre, passo as principais constatações obtidas através dos questionários online.

O questionário online foi hospedado na ferramenta *google* formulários (Figura 26) foi aplicado nos meses maio á julho de 2018. Com ele obtive 336 repostas¹².

O levantamento dos dados sobre o perfil dos respondentes contemplou as seguintes perguntas de múltiplas escolhas: idade, autodeclaração racial, renda e se morava ou não em Porto Alegre.

¹² É importante alertar ao usuário da ferramenta sobre os limites que encontrei. O primeiro é o número de repostas é sempre uma a menos que aparecem na tela, pois a plataforma conta a primeira linha da planilha de repostas como respondente a mais. Outra questão são os gráficos, no caso de repostas que envolvam o número de repostas por pessoas convém sempre revisar "qual seu sexo?" Não existe mulher e meia e homem e meio, número de moradores de Porto Alegre, não existe meio habitante. Os gráficos elaborados pela ferramenta como resumo das repostas, quase sempre estão errados, é importante transferir para Excel, no meu caso foi para versão 2010, ou outra ferramenta as repostas para produzir os gráficos nesta outras ferramentas, mesmo a plataforma online do *google* que assemelha-se ao Excel não oferece os gráficos com as porcentagens corretas.

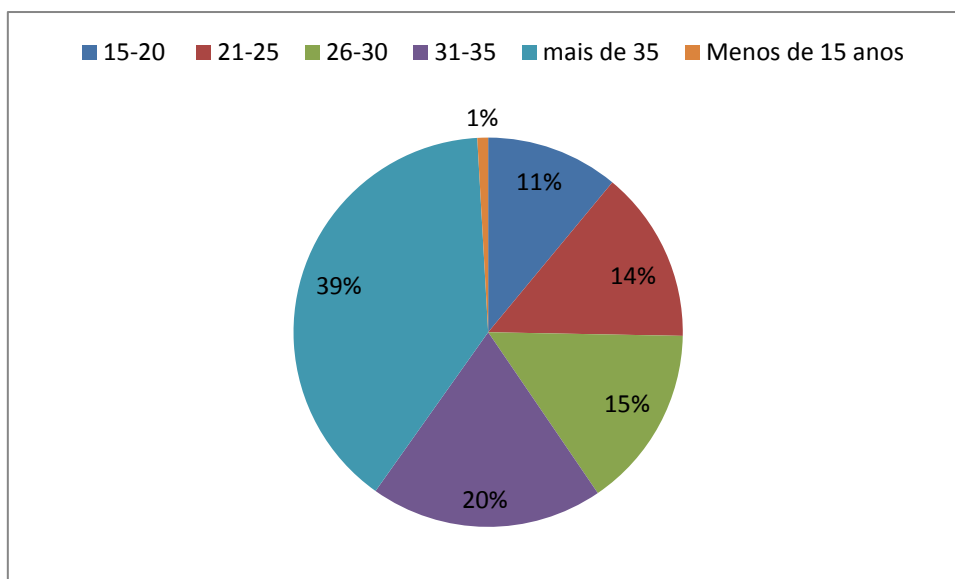
Figura 26 – Questionário Imaginários Urbanos de Porto Alegre

The screenshot shows a web-based questionnaire interface. At the top, there is a header with the title 'Imaginários Urbanos de Porto Alegre' and a star icon. Below the header, there are tabs for 'PERGUNTAS' and 'RESPOSTAS' with a count of '337'. The main content area contains the title 'Imaginários Urbanos de Porto Alegre' followed by a detailed introduction in Portuguese. The introduction explains that the questionnaire is part of a doctoral research project in the Urban Imaginaries Program at the Federal University of Rio Grande do Sul, developed by Helena Bonetto. It mentions the research focus on the Restinga neighborhood and the goal of exploring urban perspectives. The text concludes with acknowledgments to photographers and collaborators. Below the introduction, the first question is '1. Idade *' (Age *), with two radio button options: 'menos de 15 anos' (less than 15 years) and '15-20'.

Elaboração da autora

Através das repostas chegamos ao seguinte perfil de respondentes: A idade dos entrevistados em sua maioria 39% foi declara como mais de 35 anos no gráfico abaixo verificamos a faixa de idade dos entrevistados.

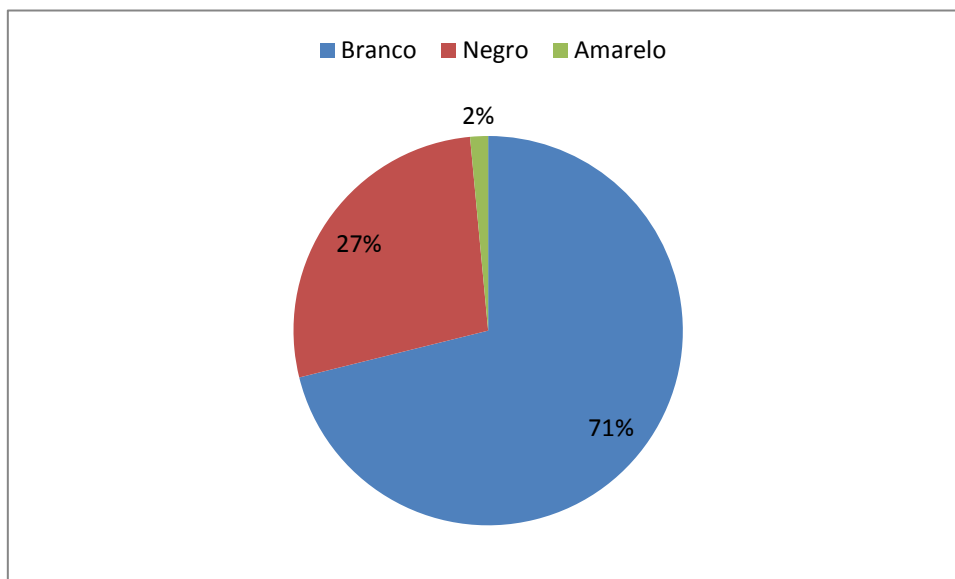
Gráfico 07 - Idade dos Entrevistados



Fonte: Helena Bonetto

Sobre a autodeclaração usando as categorias do IBGE, branco, pardo, preto e amarelo, agregando os dados das categorias pardo e preto na categoria negro, entre os entrevistados encontramos autodeclarados 71% brancos, 27% negros e 2% amarelos

Gráfico 08 - Autodeclaração dos entrevistados

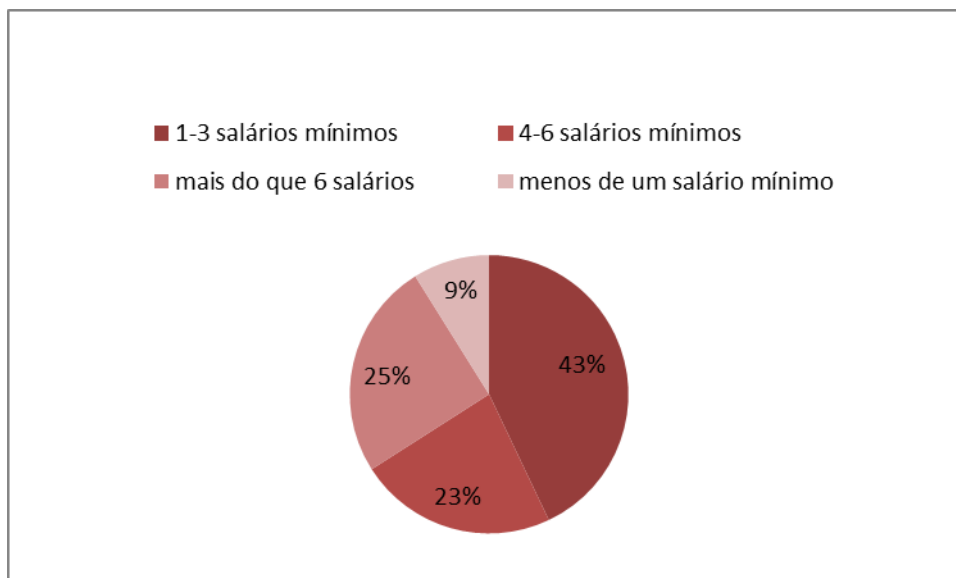


Fonte: Helena Bonetto

Primeiramente hospedei numa página em uma rede social que criei para a pesquisa, intitulada: Imaginários Urbanos de Porto Alegre. Após disparei via e-mail a outras redes o link do questionário solicitando sempre que reenviassem para outras pessoas. Posso dizer, então, que a maioria branca não está relacionada diretamente a minha rede de amigos e colegas, pois foi disparado para universos diferentes inclusive para associações de moradores, professores de diferentes pontos da cidade de Porto Alegre e organizações não governamentais.

Foi perguntada a renda aos entrevistados. Observei que a concentração de renda dos entrevistados era de 1 á 3 salários mínimos, que no período da pesquisa o Salário Mínimo Nacional correspondia a R\$ 937,00.

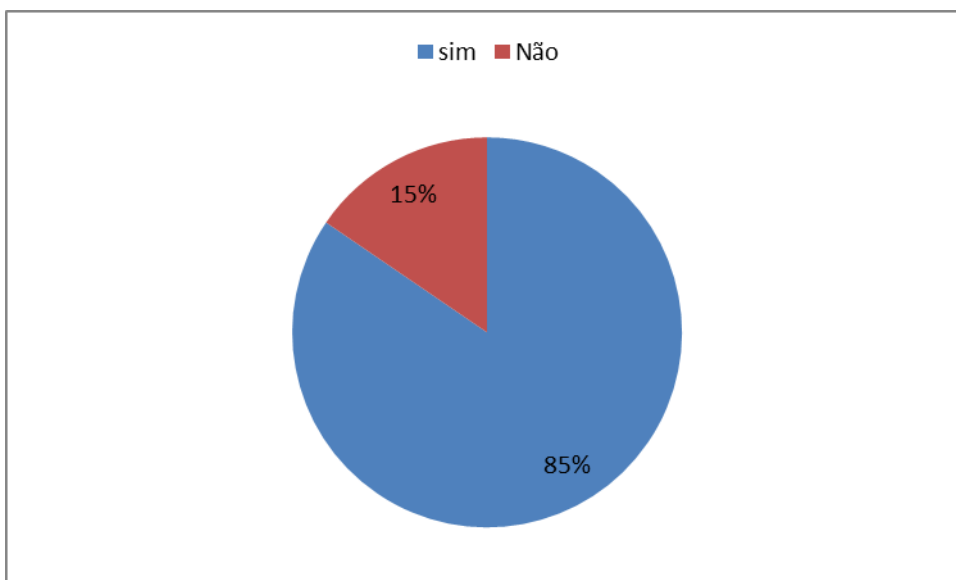
Gráfico 09 - Renda dos entrevistados



Fonte: Helena Bonetto

Em relação o local de moradia 85% mora em Porto Alegre e apenas 15% não, como mostra o gráfico abaixo:

Gráfico 10 - Localização da Moradia dos entrevistados



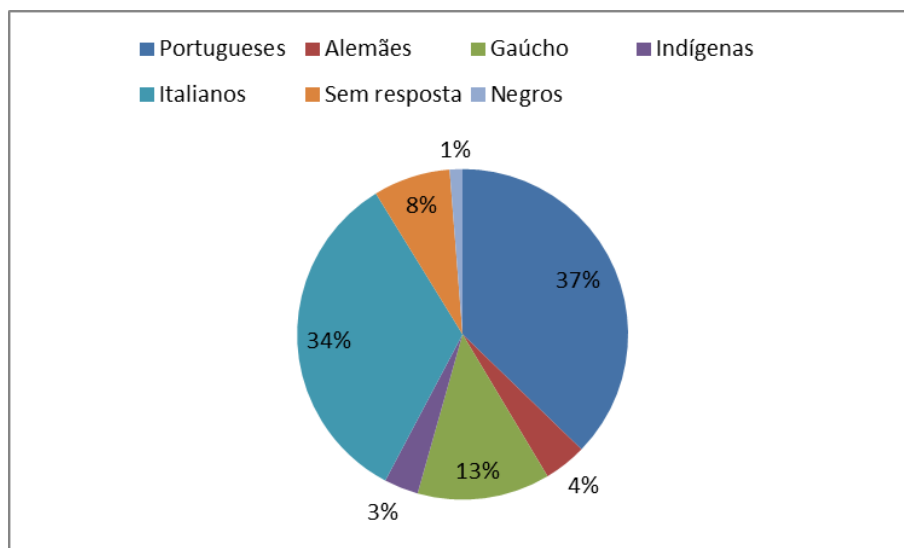
Fonte: Helena Bonetto

O perfil dos entrevistados e das entrevistadas está associado às representações que possuem do Rio Grande do Sul e de Porto Alegre. O primeiro cruzamento foi de autodeclaração (brancos e negros) e a pergunta: Quando você escuta falar sobre o Rio Grande do Sul, você pensa

automaticamente em que grupos culturais? Tinha como objetivo verificar qual grupo cultural é o primeiro a ser nomeado quando pensamos nesse Estado, entre os brancos o grupo cultura relacionado são os portugueses 37%, os italianos em segundo lugar 34% e após 13% “gaúchos”.

Somente 1% dos autodeclarados brancos respondeu que pensa na população negra como grupo cultural relacionado com RS: O dado é significativo para pensarmos na invisibilidade desta população neste Estado, pois permanecem sendo os mais lembrados os imigrantes portugueses e italianos.

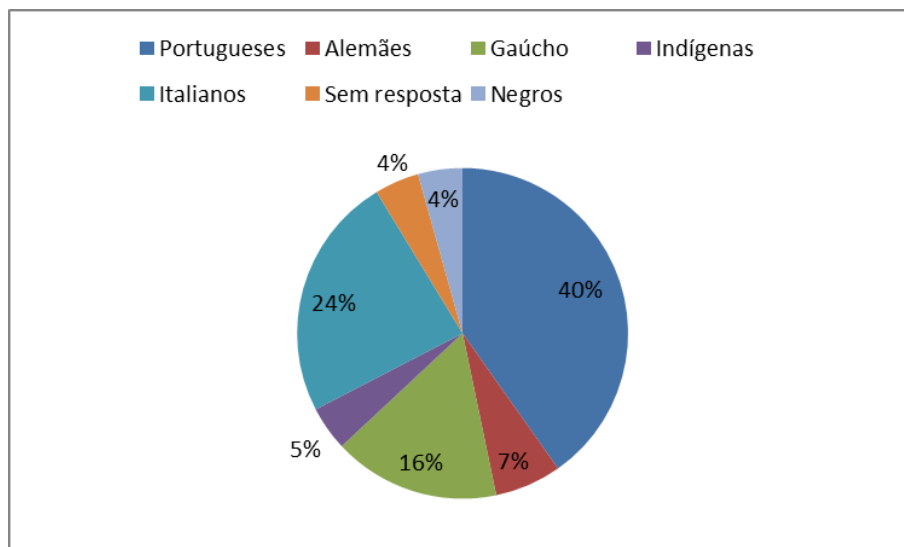
Gráfico 11 - Cruzamento dos dados de autodeclarados brancos na pergunta: Quando você escuta falar sobre o Rio Grande do Sul, você pensa automaticamente em que grupos culturais?



Fonte: Helena Bonetto

Para verificar a relação de grupos culturais entre autodeclarados negros e brancos, realizei o mesmo cruzamento com as respostas dos autodeclarados negros. Mesmo com essa mudança as respostas não se alteram com relação aos grupos culturais: os portugueses são os mais lembrados novamente e depois os italianos (Gráfico 10):

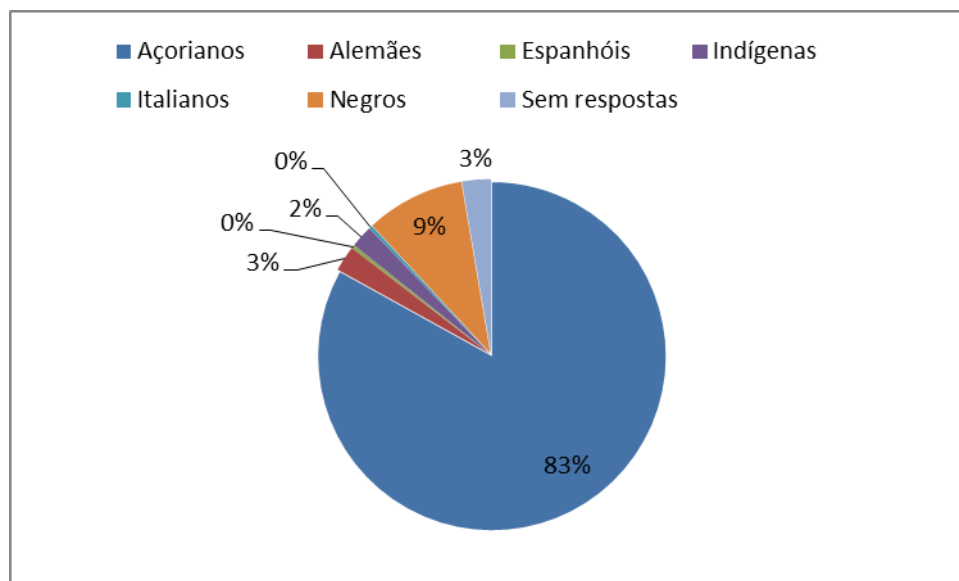
Gráfico 12 - Cruzamento dos dados de autodeclarados negros na pergunta:
Quando você escuta falar sobre o Rio Grande do Sul, você pensa automaticamente em que grupos culturais?



Fonte: Helena Bonetto

A pergunta "Quando você pensa na história de Porto Alegre, quais destes grupos se destacam pela importância?" traz as opções, de múltipla escolha, entre os povos: açorianos, indígenas, alemães, italianos, negros e outros. O objetivo foi verificar quais os grupos são mais lembrados pela população relacionados com a história da cidade. A resposta de 83% de açorianos nos permite afirmar que o mito fundador dos 60 casais açorianos perdura o imaginário dominante sobre a criação da cidade.

Gráfico 13 - Quando você pensa na história de Porto Alegre quais destes grupos se destacam pela importância?

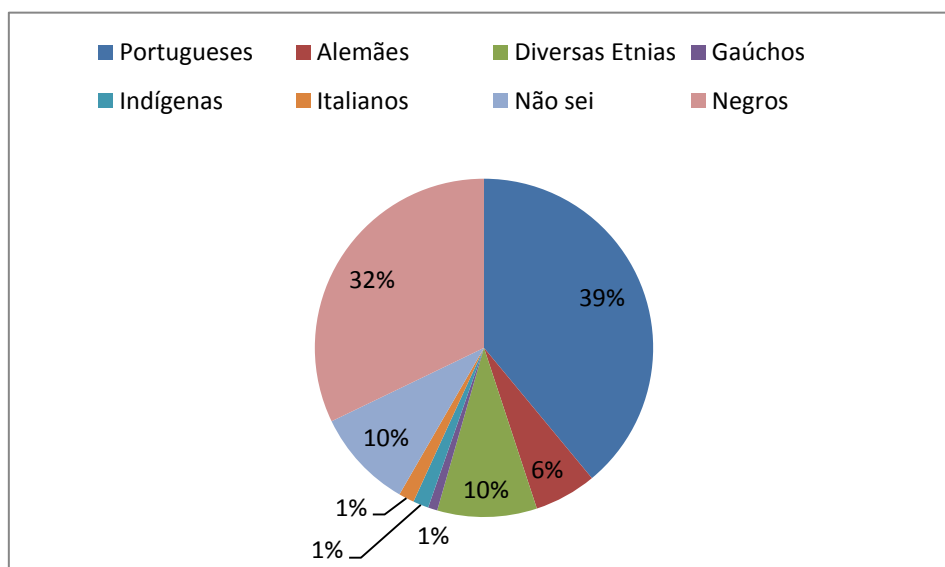


Fonte: Helena Bonetto

Com relação ao desenvolvimento da Cidade de Porto Alegre, de acordo com o gráfico 13, observamos que os portugueses são apontados em primeiro lugar como contribuintes, mas nesta pergunta os negros tornam-se visíveis como grupo cultural que contribui para o crescimento desta cidade.

Contudo, se somarmos todos os imigrantes europeus, ainda prevalece a ideia de que as populações imigrantes europeias constituíram o grupo que mais contribui para o desenvolvimento da cidade. Não podemos deixar de ler esses gráficos de forma crítica, pois indicam os grupos que constituíram historicamente as representações de mão de obra livre que trabalharam para o desenvolvimento e crescimento do país. Representação essa calcada nas políticas de branqueamento empregadas pelo Estado Brasileiro, visando a “limpeza racial” de nosso país, assunto já trabalhado no capítulo sobre o conceito de raça, a autora SCHWARCZ (1993) nos fala sobre as políticas de branqueamento empregadas pelo Estado brasileiro ao incentivar a imigração de italianos para substituição da mão de obra negra escravizada.

Gráfico 14 - Qual destes grupos culturais vocês acredita que mais contribui para desenvolvimento da cidade de Porto Alegre?



Fonte: Helena Bonetto

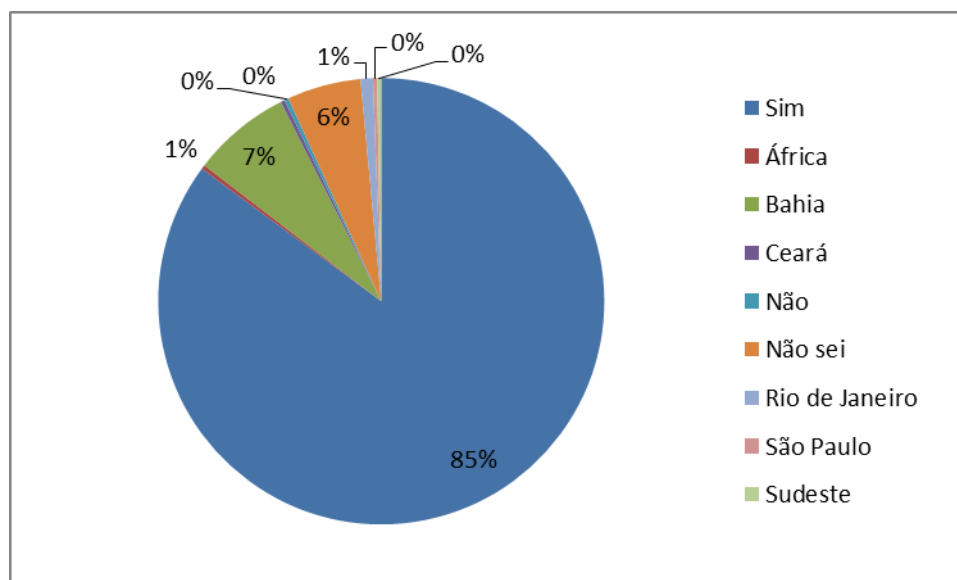
Constata-se que 85% dos entrevistados reconhecem as representações materiais da escrita espacial negra histórica em Porto Alegre do Museu de Percurso Negro. A pergunta era aberta, para os entrevistados localizarem as representações no território brasileiro, entre as respostas apontam que poderiam estar na África, no Estado da Bahia, no Estado do Rio de Janeiro e até mesmo no Estado de São Paulo.

Figura 27 - As imagens estão localizadas em Porto Alegre? Caso não, em que Estado brasileiro poderiam estar?



Fonte: Wagner Innocencio

Gráfico 15 - As imagens estão localizadas em Porto Alegre? Caso não, em que Estado brasileiro poderiam estar?

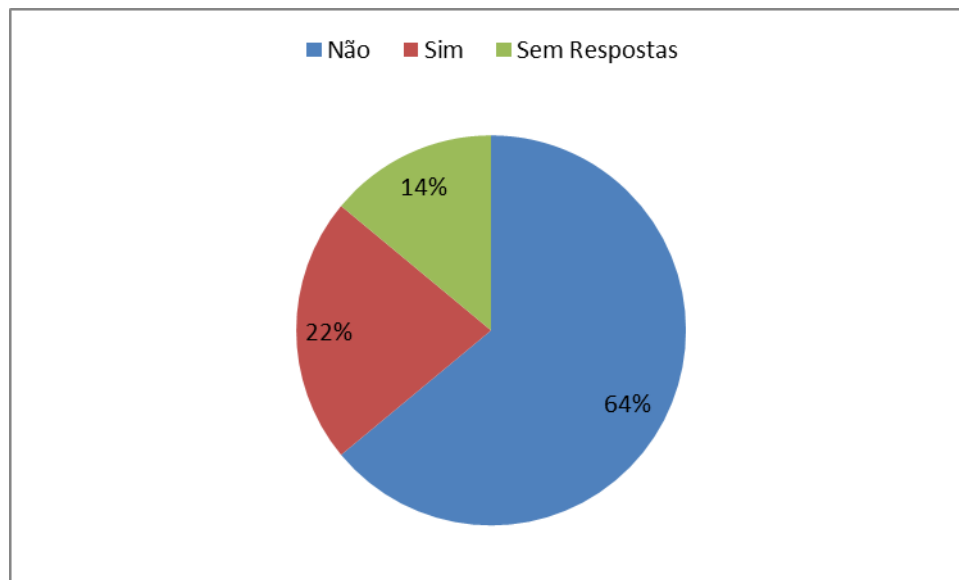


Fonte: Helena Bonetto

Contudo, apesar de localizarem as representações materiais do Museu de Percurso Negro em Porto Alegre, 64% dos entrevistados não conhece o Museu de Percurso Negro. Isso corrobora com a invisibilidade do Museu

apontada nas entrevistas com as pessoas que circulam pelas representações junto aos marcos do percurso no Centro Histórico de Porto Alegre.

Gráfico 16 – Você conhece o Museu do Percurso Negro em Porto Alegre?



Fonte: Helena Bonetto

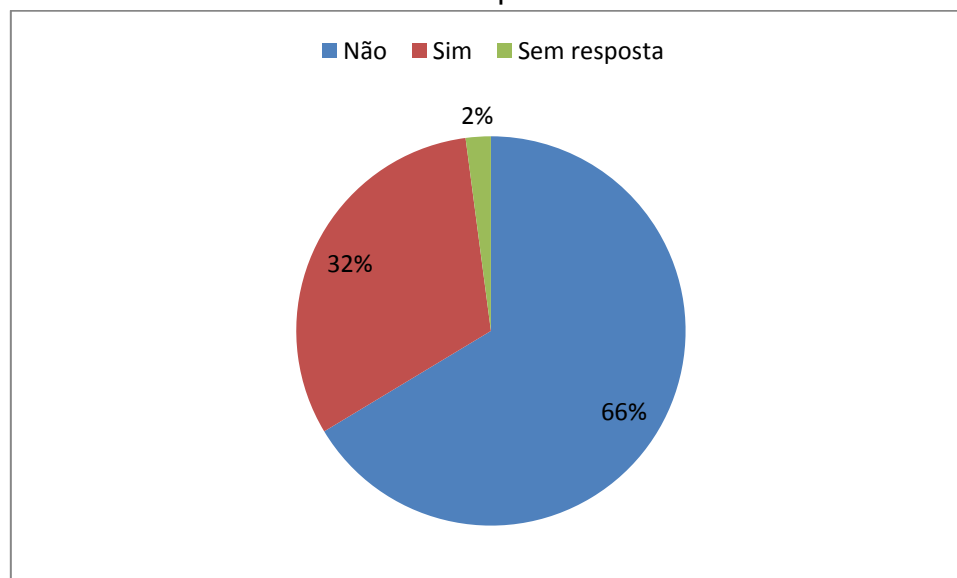
Para verificar outra representação material da escrita histórica negra em Porto Alegre, que faz referência à “Revolução Farroupilha”, os entrevistados foram indagados se já haviam visto a Placa que homenageia os Lanceiros Negros (Figura 28), mortos no episódio de Porongos. O resultado foi que 66% dos entrevistados nunca viram a placa dos Lanceiros Negros localizada no parque da Redenção. Podemos atribuir a sua localização na borda do Parque da Redenção, seu tamanho e a altura em relação aos recantos europeu e oriental e outros monumentos e a própria invisibilidade da história dos negros no Estado RS.

Figura 28 – Placa Espaço Lanceiros Negros



Fonte: Wagner Innocencio

Gráfico 17 - Você já observou esta placa no Parque da Redenção ou Parque Farroupilha?

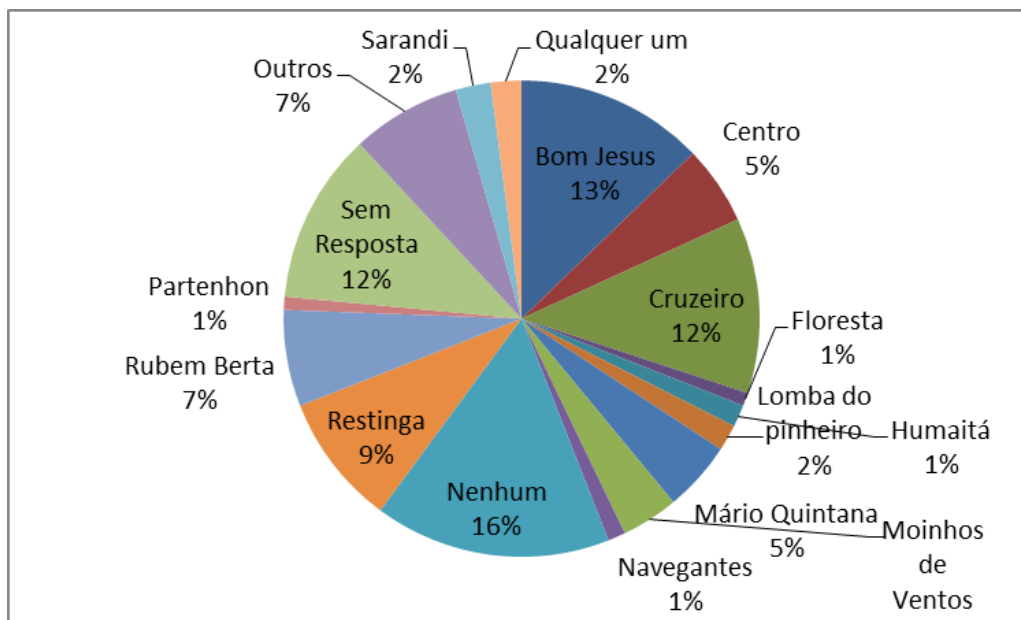


Fonte: Helena Bonetto

Para finalizar a descrição dos dados obtidos através do questionário online, acredito ser importante deixar aqui expresso um resultado que pode

provocar outros pesquisadores que se dedicam aos imaginários urbanos, pois na pergunta sobre qual bairro você não circularia em Porto Alegre, as repostas dos entrevistados foram:

Gráfico 18 – Bairros que você evitaria em Porto Alegre



Fonte: Helena Bonetto

O bairro Bom Jesus e a Restinga, dois lugares da cidade marcados pela grande presença negra em sua população, aparecem como os mais evitados. Será que os estereótipos relacionados a esta população, vinculados historicamente no Brasil, determinam os imaginários urbanos relativos a estes lugares? E alimentam imaginários de violência, tráfico e criminalização, como a mídia local contribui para propagação destas representações nos dois bairros? Não tenho as respostas, mas acredito ser um campo aberto a pesquisa, mais especificamente a compreensão dos imaginários urbanos topofóbicos da cidade de Porto Alegre.

Na narrativa espacial da rua ao virtual concluímos que as entrevistas realizadas junto aos marcos do Museu do Percurso Negro, evidenciam a invisibilidade das representações materiais da escrita da história dos negros na cidade de Porto Alegre. Os marcos do percurso do museu no Centro Histórico (Tambor localizado na Praça Brigadeiro Sampaio, Pegada Africana localizada na Praça da Alfândega, Painel Afrobrasileiro e Bará do Mercado) não são

percebidos pela população que transita por eles. Apesar dos marcos estarem expressamente relacionados à cultura negra, os entrevistados e entrevistadas não estabelece relação com cultura negra, afirmando a invisibilidade desta população, conforme a definição de Leite (1996) de invisibilidade, a escrita negra espacial está representada no Centro Histórico de Porto Alegre, mas não é vista por quem circula naquele lugar.

Apesar dos marcos materializarem as representações da escrita histórica dos negros na cidade de Porto Alegre e no RS, persiste a invisibilidade, mas os entrevistados explicitaram a necessidade de tornar visíveis para uma maioria da população através de divulgação pelos meios de comunicação, nas escolas e outros canais de acesso. Um dos entrevistados chegou a dizer, “tu tinha que chamar o Correio do Povo aqui” e divulgar o Museu, a invisibilidade de outras representações. Também foram traduzidas através de espantos, perguntas e afirmações do tipo: “nem sabia que os negros eram tão importantes assim na história de Porto Alegre”. Verificamos aqui que a necessidade de uma política pública de visibilidade com representações afirmativas da população negra em nosso país é urgente e necessária para a reformulação dos imaginários urbanos dominantes que estereotipam esta população e congelam sua história na escravização. Os dados obtidos através do questionário online corroboram com as respostas presenciais, ao perguntarmos sobre qual grupo cultural você lembra quando escuta falar do RS. O grupo mais lembrado por autodeclarados negros e autodeclarados brancos foram os portugueses.

De acordo com Leite (1996) a região sul é reconhecida até hoje pela brancura da sua população, traduzida pela lembrança dos imigrantes europeus (portugueses, alemães e italianos), até hoje fixados no imaginário dominante que qualifica este lugar do país como detentor de inúmeras qualidades (trabalhadores, civilizados e fundamentais para desenvolvimento) em relação a outros Estados.

Em relação a sua capital, o mito fundador da cidade, um dos componentes da formação de imaginários dominantes, permanece vivo e sólido como representação deste lugar. Fica conservada a suposição de que açorianos/portugueses vieram povoar um local no qual havia um vazio populacional. Sem visibilizar nem ao menos os negros escravizados que foram

sequestrados para trabalharem neste local. Observamos que em relação ao desenvolvimento da cidade, os entrevistados reconhecem a importância da população negra para o desenvolvimento, contudo ainda predomina o imaginário dominante dos imigrantes europeus como representações do desenvolvimento e crescimento.

Finalizando a narrativa da rua ao virtual, entendo que os dados corroboram para permanência da invisibilidade das representações da escrita histórica dos negros em Porto Alegre e no RS, onde o imaginário urbano relativo a Porto Alegre ainda está preso principalmente ao mito fundador da cidade.

4.4 O NÓ DOS PONTOS-NARRATIVAS – O HOLOGRAMA ESPACIAL – A COMPROVAÇÃO DE UMA TESE

O holograma espacial construído nesta pesquisa através dos pontos compostos pelas narrativas turística, dos monumentos e da rua à virtualidade, foi à proposta teórico-metodológica empregada para verificar os imaginários urbanos que qualificam a cidade-lugar de Porto Alegre.

O holograma possibilita compreender o espaço a partir da sua tridimensionalidade. É através dele que podemos observar que a cidade posta em uma camada única aos nossos olhos, possui outras camadas, ou seja, aquela referente à escrita espacial negra histórica como também ao dos povos originários que formaram esta cidade.

Apesar das práticas socioespaciais dos habitantes de Porto Alegre acontecem de forma fragmentada, na perspectiva hologramática vasculham-se pontos-narrativas capazes de trazer uma visão mais inteira e implicada da cidade. Com maior expressão entre as partes e o todo, e não apenas a soma das partes, ou simplesmente uma soma delas. Acredita-se que o todo está na parte assim como a parte está no todo.

O princípio hologramático (Morin, 2015; Paula, 2017; 2018) foi adaptado por Bonetto (2013 e 2017) a fim de aprofundar o uso da proposta teórico-metodológica de Lindón (2007b) para a compreensão e captura da visibilidade e invisibilidade que qualificam os lugares da cidade.

Para Lindón (2007b) é preciso a reconstituição de um cenário urbano, o qual é ponto de partida para holograma espacial. Partindo deste pressuposto o cenário urbano do problema aqui em discussão é o Centro Histórico de Porto Alegre, que alimentou os panfletos, mapas, cartões postais analisados, e também é a localização dos marcos e das representações do Museu de Percurso Negro e que correspondem à escrita espacial negra histórica da cidade de Porto Alegre. Eles compuseram uma linguagem narrativa destes espaços.

As narrativas espaciais, como propõe Lindón (2008), nos diz que através delas podemos reconstruir às experiências vividas através do ato de narrar, pois nesta operação as pessoas recorrem ao espaço e espacialidades diferentes. Contudo, este estudo não se deteve apenas nas falas das pessoas sobre suas experiências. Recorreu-se as narrativas de documentos da Secretaria Municipal de Turismo e dos monumentos que marcam o Centro Histórico de Porto Alegre, pois eles também narram a cidade tornando visíveis aquelas representações materiais e imateriais que julgam serem mais importantes para Porto Alegre.

O holograma espacial construído através dos pontos-narrativas permitiu verificar que embora entre os anos de 2010 - 2014 tenham havido inúmeras iniciativas direcionadas para visibilização das representações da escrita espacial negra na história de Porto Alegre, como o Museu de Percurso Negro, persiste o imaginário dominante, sendo ele constituído por representações que valorizam uma cidade branca e de imigração europeia.

Através do holograma espacial abrimos a possibilidade de uma leitura multifacetada da cidade, empregando uma verdadeira arqueologia que buscava representações que alimentavam os imaginários urbanos desta cidade. Na arqueologia nos deparamos com representações fruto de dados qualitativos e dados quantitativos que compuseram a tessitura desta tese.

Concluimos que a tessitura de dados afirma a invisibilidade das representações da escrita espacial da história dos negros em Porto Alegre para população da cidade e para os órgãos institucionais, tais como o turismo, e quando são visíveis estão cristalizadas ou enclausuradas no período histórico da escravização desta população ou são lembradas a partir de lenda que estereotipam a população negra, como, por exemplo, a lenda relativa a Igreja

das Dores, localizada no centro histórico de Porto Alegre. Encontramos constatações semelhantes com análise de Hall (2006) sobre as representações dos negros nas revistas e jornais britânicos e norte americanos em que os negros encontravam-se enclausurados na escravização ou representados através de processos de estereotipagens.

Confirma-se assim que o imaginário urbano dominante relativo à cidade de Porto Alegre ainda é alimentado pelas representações da imigração europeia, principalmente dos casais açorianos, o que chamamos de mito fundador da cidade e pela valorização de elementos nos monumentos e na arquitetura da cidade relativos a esta população e cultura.

Além da representação da imigração europeia estar grafada na cidade, a identidade do gaúcho está representada em monumentos e como produto turístico para ser vendido aos visitantes da cidade.

O gaúcho, o símbolo que representa a identidade da população vinculada ao RS, como uma estratégia de morte da escrita da memória negra e dos povos originários desta terra, dilui as diferenças. Sua imagem permanece ao lado daquela que enaltece o europeu como dono dos feitos históricos e é cultuada como produto exportação deste Estado.

Ao diluir as diferenças culturais entre os povos que constituíram e solidificaram o gaúcho como a representação deste pedaço do país, mas a identidade forjada na singularidade desta população, invisibiliza a escrita espacial negra histórica quando a não reconhece como formadora deste RS, fato que foi expresso pelo poeta e militante Oliveira Silveira, em seu livro poemas “Pelo escuro – Poemas afro-gaúchos”, em um dos seus poemas (“Obrigado, Minha Terra”). Silveira (2012) traduz em versos a relação tensa entre a identidade gaúcha forjada e assumida como sendo o RS e a escrita espacial da história dos negros desta terra:

Obrigado rios de São Pedro pelo peso da água em meu remo.
 Feitorias do linho-cânhamo
 obrigado pelos lanhos.
 Obrigado loiro trigo
 pelo contraste comigo.
 Obrigado lavoura
 pelas vergas no meu couro.
 Obrigado charqueadas
 por minhas feridas salgadas.
 Te agradeço Rio Grande
 o doce e o amargo

pelos quais te fiz meu pago
 e as fronteiras fraternas
 por onde busquei outras terras.
 Agradeço teu peso em meus ombros
 músculos braços e lombo.
 Por ser linha de frente no perigo
 lanceando teus inimigos.
 Muito obrigado pelo ditado
 “negro em posição é encrenca no galpão”.
 Obrigado pelo preconceito
 com que até hoje me aceitas.
 Muito obrigado pela cor do emprego
 que não me dás porque sou negro.
 E pelo torto direito
 de te nomear pelos defeitos.
 Tens o lado bom também
 - terra natal sempre tem.
 Agradeço de todo o coração
 e sem nenhum perdão.
 (SILVEIRA, 2012, p.199)

Os autores já citados ao longo da tese afirmam a invisibilidade dos negros na construção da identidade gaúcha, como já visto em Maestri (2008) e Oliven (1992; 1994; 1996). Para Oliven (1994) a imagem que se tem do RS foi construída através a invisibilização dos negros e valoriza as figuras heroicas gaúchas e dos imigrantes europeus e seus descendentes. Oro (1994) aponta em seu trabalho sobre “Nós, os macumbeiros”, as mesmas considerações que afirmamos nesta tese. Segundo o autor:

Vemo-nos como um Estado “branco” e moderno, cristalizando aqui, de certa maneira, o ideal do “branqueamento” historicamente perseguido no país. O RS constitui, de fato, um dos estados com maioria branca, porém, poucas vezes, porém, se faz menção, a inestimável contribuição da mão-de-obra da população de descendência africana para construção da riqueza do Estado. Está atribuída mais facilmente aos portugueses, alemães e italianos e seus descendentes (ORO 1994, p. 78).

Além de estarem representadas como o braço trabalhador que desenvolveu este espaço economicamente. O imaginário dominante relativo sobre a cidade de Porto Alegre é formado por um conjunto de representações que destacam a imigração europeia e seus valores culturais, econômicos e históricos, ainda que finalize o texto com a argumentação inicial, é importante destacar que foi conquistada por um percurso de investigação que demonstra através das narrativas turísticas, dos monumentos e das entrevistas presenciais e virtuais que ela está materializada nos objetos, discursos e

imagens que representam a cidade de Porto Alegre. Alimentado por representações que valorizam a imigração europeia para sul do país mesmo com materialização das escritas espaciais da história dos negros, através do Museu de Percurso Negro.

5 HOLOGRAMA DA VISIBILIDADE NEGRA EM PORTO ALEGRE/RS – AS NARRATIVAS DE RESISTÊNCIA

Apesar de termos visto que os imaginários urbanos dominantes são compostos por representações que valorizam os imigrantes europeus e congelam a população negra no período da escravização, não podemos cair no erro de apenas ficar nesta afirmativa. Verificamos a constituição de imaginários urbanos de resistência, isto é, os construtos mentais alimentados pelas representações que marcam a cidade a partir de escritas invisibilizadas nos imaginários dominantes, justamente pela ausência delas emergem movimentos individuais ou coletivos para sua materialização no lugar-cidade de monumentos, imagens, discursos, do trabalho e das memórias da escrita espacial da história negra em Porto Alegre.

As representações contidas nos projetos e criações artísticas têm como objetivo demarcar o espaço público de Porto Alegre com signos e símbolos, os quais representem a escrita espacial negra histórica fora dos processos de estereotipagem e do período congelamento da escravização.

Os projetos e as criações artísticas tratados nesta tese são narrados a seguir: Museu do Percurso Negro por Iosvaldyr Carvalho Bittencourt Junior, Exposição Porto Negro – Ingrid Noal, Arqueologia do Caminho – Leandro Machado, Territórios Negros – Manoel Ávila, Negro em Preto e Branco / Colonos e Quilombolas – Irene Santos, Ensaio Herdeiros de Zumbi – Larissa e Marlon e O Espelhos – Giuliano Lucas.

Ao final do capítulo início um ponto do holograma que não foi possível e terminar, o ponto que materializa visibilidade/invisibilidade da escrita espacial histórica negra na cidade de Porto Alegre.

Pontuei acima os projetos que foram investigados como iniciativas de resistências aos imaginários dominantes desta cidade, mas não desconheço a importância do Movimento Negro no Brasil e de outras formas de organizações negras em Porto Alegre, pois as resistências são lutas que se constituíram historicamente no Brasil, conforme Cortes (2010, p.68):

Ao longo dos meus 56 anos, de janela sobre a história do negro em Porto Alegre, deito o olhar à paisagem não de um Movimento Negro, mas à ação, ao longo da nossa história recente, de um Negro em movimento. Como agitador cultural, move-se em diferentes direções: artes visuais ou plásticas, artes cênicas e carnaval de rua; cinema e vídeo; literatura, música, artesanato, folclore e o acervo concernente ao patrimônio histórico e cultura.

Abaixo sigo escrevendo as narrativas dos meus interlocutores que em seus movimentos constroem e visibilizam as representações da escrita espacial negra histórica na cidade de Porto Alegre iniciando com Museu de Percurso Negro através de losvaldyr Bittencour Jr.

1 - Museu do Percurso Negro por losvaldyr Bittencourt Jr

losvaldyr Bittencourt Jr é Doutor em Antropologia pela UFRGS, pesquisador engajado e comprometido com a valorização da cultura negra e com sua materialização nos territórios. O pesquisador entende que seus trabalhos de pesquisas devem contribuir para trazer a cidadania e a valorização da população negra e de sua cultura, não sendo por acaso que no doutorado investigou o Maçambique de Osório para pesquisar.

Viajei para Osório para entrevistá-lo. Já nós conhecíamos do tempo que eu era professora no curso Pré-Vestibular Esperança Popular no bairro Restinga, em Porto Alegre. Na época ele era coordenador do grupo de bolsistas no Programa Conexões de Saberes, no qual eu atuava ministrando aulas de Sociologia, em meados de 2008. Após, tive contato com suas ideias através das suas produções de artigos e participações em livros, principalmente sobre os territórios negros de Porto Alegre dispersa em diferentes livros.

No mestrado, dedicou-se a observar os encontros dos negros no Centro de Porto Alegre com as memórias das observações quando jovem, na esquina do Zaire, Rua das Andradas e com Bordes de Medeiros, Centro Histórico de Porto Alegre.

Local onde se reuniam as negras e os negros, sendo alguns vinculados ao Movimento Negro. Também participou do Núcleo Lima Barreto, o qual era

mais voltado para literatura onde também encontrava com Oliveira Silveira, Vera Lopes, Ronald Augusto¹³, entre outras pessoas.

Na esquina do Zaire e na esquina democrática acontecia geravam signos e símbolos, a partir do encontro, da comunicação de boca em boca ou através do folhetim do Zaire, nas palavras do pesquisador:

Em 1982 estava exaltar a matriz África, pela primeira o Brasil ia enfrentar uma seleção africana na copa, então vamos torcer para Brasil? Com todo esse sentimento de amor, de brasilidade a seleção brasileira, criou-se um dilema, ai os negros optaram torcer pela seleção do Zaire, se nossos irmãos vão ganhar? Voltamos com cheios de orgulho. A seleção brasileira ganhou, mas se o Zaire, teria gente com a camiseta do Zaire, esquina do Zaire, são negros que estavam se reunindo no centro de Porto Alegre, afirmando sua negritude, reescrevendo um negritude (Iosvaldyr Bittercourt Jr, fev. 2017).

A leitura das territorialidades negras de Iosvaldyr Bittercourt Jr se deu por suas observações, participações, referenciais teóricos de Michel Maffesoli, Gilles Deleuze, entre outros escritores. O centro de Porto Alegre e ainda um controle da circulação dos negros naquela área, pois os seguranças das lojas não permitiam que se ficasse parado ali.

É por essa trajetória e expressão intelectual que Iosvaldyr é convidado para trabalhar como antropólogo do projeto do Museu de Percurso Negro. Realizou os registros das reuniões, mediações e a pesquisa sobre os territórios negros no Centro Histórico de Porto Alegre. Ele conta que todos os marcadores simbólicos do museu foram decididos através de reuniões coletivas com artistas, pintores, escultores, pesquisadores e militantes negros.

Museu de Percurso foi demanda de um grupo de militantes negros que criou o Centro de Referência Afro-brasileira (CRAB), gestado a partir de 1996

¹³ Oliveira Silveira Pesquisador, historiador, poeta e um dos idealizadores da transformação do dia 20 de novembro, no Dia da Consciência Negra para saber mais: Pesquisador, historiador, poeta e um dos idealizadores da transformação do dia 20 de novembro, no Dia da Consciência Negra.

Vera Lopes, mulher, negra e gaúcha, que há mais de 30 anos usa os palcos como espaço de militância pelo corpo ou pela fala, ver mais em: <http://www.afreaka.com.br/notas/vera-lobes-e-os-significados-corpo-negro-em-cena>;

Ronald Augusto, músico, letrista, ensaísta e possui ainda um trabalho significativo no âmbito da literatura, para saber mais acessar: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/413-ronald-augusto>.

mediante aqueles encontros. Odo CRAB é formado seriam militantes negros, griôs¹⁴ da história e cultura negra em Porto Alegre.

Ali ocorreram decisões importantes como a escolha de determinados símbolos, através da intervenção de importantes referências da comunidade negra de Porto Alegre, Nilo Feijó e Mãe Norinha: o primeiro marco implantado em 2011, o Tambor, o qual poderia ter sido máscaras africanas, este impasse foi resolvido por Nilo Feijó em reunião no Clube Negro Satélite de Prontidão, o qual deveria ser o Tambor, pois ele permeia as manifestações culturais negras, o tambor está na capoeira, no batuque, no candomblé, no jongo entre outras. A cor do Tambor foi apontada por Mãe Norinha Oxalá, o Tambor vai ser Amarelo, pois é a cor amarela da Mãe Oxum e pela proximidade Rio Guaíba.

O pesquisador ressalta a importância da ocupação territorial materializada por suas marcas, não invalidando os aspectos subjetivos, do imaginário, da produção de sentido, novos significados.

Iosvaldry Bittencourt Jr finaliza apontando uma saída para divulgação e vivência do Museu de Percurso Negro pelos turistas e moradores da cidade de Porto Alegre, o município deveria realizar um planejamento de divulgação e manutenção do museu incluindo publicações, materiais de divulgação, contratação de monitores e uma em a saída do *city tur* da cidade com foto no museu.

O Museu de Percurso Negro demarca territórios de sociabilidade negra, de trabalho negro, de religiosidade e de suas manifestações culturais no centro da cidade de Porto Alegre. O Mercado Público demarcado com a obra do Bará do artista Leandro Machado, faz com que todos os dias milhões de gaúchos saibam a importância da religiosidade e da cultura negra para a prosperidade da nossa cidade.

No mercado público da cidade, imponente em seu tamanho e com uma arquitetura classificada como barroca seu centro marcado com uma obra do Museu de Percurso Negro que faz jus ao assentamento do Bará naquele local.

¹⁴ Nas comunidades com ancestralidade negra, o griôs é quem transmite através da oralidade, saberes, tradições, conselhos.

Figura 29 – Iosvaldyr Bittencourt Jr - Saída de Campo – Geografia Cultural - UFRGS



Fonte: Helena Bonetto

Figura 30 – Iosvaldyr Bittencourt Jr - Saída de Campo – Geografia Cultural - UFRGS



Fonte: Helena Bonetto

2 - Exposição Porto Negro por Ingrid Noal

Saindo da narrativa de Iosvaldyr Bittencourt Jr, chegamos a Exposição Porto Negro (Figura 32), curada por Ingrid Noal, artista plástica e pesquisadora das artes afro-brasileiras. Ingrid Noal foi à única entrevistada autodeclarada branca, mas sua narrativa está aqui presente pela importância da sua curadoria da Exposição Porto Negro. O projeto nasce da sua inquietação, após a defesa do Trabalho de Conclusão da Licenciatura em Artes Plásticas na UFRGS, momento em que foi surpreendida pela banca através de interrogações sobre as dimensões da produção de uma arte afro-brasileira e da sua importância diante das contribuições de outras populações e culturas e de reflexão sobre a prática da lei 10.639 nas escolas de ensino. Ingrid Noal conta também que foi surpreendida pela afirmação da inexistência de artistas visuais negros em Porto Alegre.

Neste contexto, a artista inicia uma caminhada para conceber uma exposição, pois acredita que somente o trabalho de conclusão era pouco para intervir na realidade posta. Então parte para organização de uma exposição com artistas negros/negras e de rodas de conversas com alguns dos expositores para proporcionar um espaço de trocas, de diálogos e da criação de redes entre os participantes em Porto Alegre e outros locais do Brasil.

A partir de alguns contatos que já possuía foi convidando os artistas para participarem da exposição que foi realizada no Centro Cultural CEEE - Érico Veríssimo, localizado na rua das Andradas 122, Centro Histórico.

A localização da exposição não se deu ao acaso. Foi estratégica, pois a curadora tinha como objetivo a visitação do grande público, a qualidade na estrutura para exposição, a visibilidade da produção destes artistas e a facilidade da participação nas rodas de conversa, tendo em vista que infelizmente em lugares fora do centro da cidade a participação do público fica restrita.

Ingrid Noal narra que somente a exposição não era o objetivo do projeto. As rodas de conversas eram importantes para movimentar a cidade, os artistas conversarem e ter espaço para estabelecer conexões e contatos com outros artistas daqui e de fora de Porto Alegre e Estados que estão a frente como:

São Paulo. A vinda de Moises Patrício e Rômulo Conceição um artista renomado no cenário nacional foi um importante para este diálogo.

A pesquisadora relata que a Exposição Porto Negro recebeu a visita da população negra, mas houve pouca visita das pessoas do circuito das artes institucionais. Ela acredita na importância de ocupar espaços institucionais como Centro Cultural CEEE - Érico Veríssimo¹⁵ justamente para dizer que esta arte não é inferior em relação a outras produções artísticas e nas próprias palavras de Ingrid Noal:

Então é importante sim, para dizer que porto alegre não é uma cidade apenas, única de colonização açoriana e europeia, a religiosidade branca e ocidental pode estar dentro do museu, porque a negra não pode (Noal, dez. 2015).

A participação da roda de conversas da exposição Porto Negro possibilitou a aproximação dos artistas que acabaram participando da tese expuseram e o diálogo para compreensão de como seus trabalhos constroem outras narrativas espaciais a partir de representações que afirmam outros espaços potentes de Porto Alegre.

Entre eles estão: o artista visual Leandro Machado e o fotógrafo e artista visual Giuliano Lucas com o trabalho sobre os rostos que representam e são referências negras fora do processo de estereotipagem e do congelamento do período escravização da população negra no RS.

¹⁵ <http://www.cccev.com.br/index.php/sobre-o-cccev>

Figura 31 – Roda de Conversa na Exposição Porto Negro



Fonte: Ingrid Noal

Figura 32 – Roda de Conversa na Exposição Porto Negro



Fonte: Wagner Innocencio

3 - Arqueologia do Caminho por Leandro Machado

Leandro Machado artista plástico define-se como negro artista e não como um artista negro, pois a última denominação o restringe em um determinado nicho. Para ele, assim como os brancos artistas podem falar de tudo, Leandro Machado quer ter a mesma liberdade sobre os temas que irá abordar em seus trabalhos. Acredita que o ingresso na universidade era um caminho e uma possibilidade de motivação para que outros da sua família também desejassem estar naquele espaço. A universidade é um espaço árido: “Sentia que a presença negra não era bem vinda, é o racismo que não se expressa, não se diz” (MACHADO, 2016).

O artista plástico participou da criação dos marcos do Museu de Percurso Negro especificamente da concepção do Bará do Mercado com Pelópidas Thebano e do Tambor com Gutê, Leandro Machado, Elaine, Mattos, Pelópidas Thebano e Xaplin.

Os monumentos grafam e materializam a escrita espacial histórica negra na cidade de Porto Alegre. Dando o devido respeito, valor, merecimento, assim como se dá as outras culturas.

As esculturas que fazem parte do Museu de Percurso alimentam a constituição de outro imagético sobre os negros em Porto Alegre. Tornam-se referência para os novos, mostrando a arte como potência e, como uma pedra do Drummond, daqui a pouco só se dá o devido o respeito quando for uma grande pedra.

O projeto Arqueologia do Caminho - que foi materializado em livro com mesmo nome - foi um convite de Sabrina Stephanou, uma caminhada e percepção da cidade, pois ele acredita no fato de Porto Alegre ser muito mais do que as imagens que vemos na mídia, nos jornais, nos cartões postais, imagens que sempre se repetem, são sempre os mesmos pontos da cidade o Mercado Público, o Chalé da praça, Gasômetro, a Redenção, o bairro Moinhos de Vento. A Porto Alegre que vendem para quem vem de fora e para quem esta aqui. Machado diz

[...] eu sei que existe uma outra Porto Alegre, mais potente ou igualmente potente, eu sei porque transito em outros espaços, pensando nisso, então saio caminhando, parando em local e depois

retomado, percorrendo zona norte, zona sul, zona leste [...] (depoimento de Leandro Machado, nov. 2016).

Para o desenvolvimento desse projeto, contou com a parceria do fotógrafo e amigo Paulo Corrêa, então foram os dois artistas fotografando a cidade, a participação de Paulo Corrêa foi importante, pois Leandro Machado é introvertido e ele extrovertido. Os caminhos não eram pré-estabelecidos, mas os bairros sim. Eram aqueles que se distanciavam do centro da cidade. Era impressionante observar como locais, tal como o Parque Chico Mendes são tão lindos, mas pouco frequentados pelos moradores das proximidades.

A cada caminhada uma história, uma conversa e registros de Porto Alegre. Construimos uma cartografia que chamamos de anti-mapa. Segundo Machado: “estão coloridos os lugares por onde passamos e as áreas centrais estão em gris” (Machado, nov.2016).

No livro *Arqueologia do Caminho*, encontramos a potência de representações de outras Porto ALEGRES que não estão nos discursos oficiais sobre a cidade. Cada fotografia revela muitas paisagens materializadas em imagens-possibilidades, em cada um dos textos, discursos, vozes e gritos do colorido anti-mapa, signos e símbolos compartilhados na caminhada de Leandro Machado e Paulo Correa através dos seus olhares: peculiares, singulares, cuidadosos, vibrantes e a afetuoso que tornaram visíveis outras cidades que estavam perdidas naquilo que estigmatizamos como “periferias”.

4 – Espelhos: Giuliano Lucas

Giuliano Lucas, fotógrafo e artista visual, participaram da Exposição Porto Negro, com seu trabalho – O Espelho, o qual já havia transbordado os espaços das instituições fechadas para as ruas, demarcando espaços de ancestralidade negra em Porto Alegre, a origem do trabalho esta no Projeto Casa Grande¹⁶, no qual ao final do processo era necessário apresentar algum

¹⁶ O Projeto Casa Grande tinha como objetivo construir um espaço físico e simbólico autônomo de experimentação e colaboração artística. Vencedor do Premio Funarte de Arte Negra 2013 e realizado entre 2014 e 2015 na cidade de Porto Alegre, foi desenvolvido no contexto do Rio Grande do Sul, Estado que historicamente exalta a herança europeia em seus traços e em sua cultura, o projeto buscou interferir na dimensão micropolítica do sistema da arte local e nacional - constituído hegemonicamente por artistas, curadores, críticos, colecionadores, historiadores, público e demais agentes de cor branca – utilizando a arte contemporânea como estratégia conteúdo encontra-se disponível no site: <http://www.projetocasagrande.org>

trabalho, O Espelho (Figura 34) é um fotografia impressa de A0 de múltiplos rostos de personalidades negras chamada - O espelho é uma ação de identidade e de alteridade. A descrição abaixo sobre cada uma das personalidades é do autor.

O Espelho parte da memória, resistência ao racismo no RS e luta de sua avó – a Senhora Pedrilha Pereira, moradora da Lomba do Pinheiro, após Abdias Nascimento, como uma referência de resistência política, principalmente, nas horas difíceis quando o fotografo, tinha que lidar com violências, simbólicas e físicas mesmo, “a figura do Abdias do Nascimento, me traz uma força para enfrentamento do cotidiano e do estar na universidade pública”.

Logo depois o Amarildo do Nascimento, pedreiro que desapareceu em 2013 no Rio de Janeiro, após ser levado por policiais militares a uma sede da Unidade Pacificadora (UPP) falando sobre a fragilidade do corpo negro, nós sabemos que todo dia o Estado mata um Amarildo, todo dia o Estado elimina o corpo negro, seguindo o rosto João Cândido Felisberto, O Almirante Negro, foi da Marinha Brasileira líder da Revolta da Chibata. ¹⁷

a escolha se deu por possuírem trajetórias comuns, ficou muitos anos na Marinha do Brasil, e a figura do Almirante Negro, lá dentro ela vista como sinal de subversão, insubordinação.

Na linha na central são fotos de três mulheres – Anastácia presente nas lembranças familiares das minhas tias, minha avó e bisavó, todos tinham imagens da Anastácia em casa com moedas para comprar pão e leite, eu cresci tendo essa imagem com objeto devoção. Anastácia é muito forte no imaginário popular, em que é chamada de escrava Anastácia, sendo que ele não a trata como escravizada, pois mesmo após a sua morte ela carregou este estigma de ser chamada de “escrava”, assim Anastácia é uma santidade, é uma referencia de intervenção espiritual, é uma mulher negra lutadora a frente do seu tempo e martirizada pela época, o fato de estar no centro é proposital estar no centro, linha chave do trabalho, a força, linha de resistência.

¹⁷ Saber mais - <http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/hist%C3%B3ria-e-mem%C3%B3ria/historia-e-memoria/2014/07/17/jo%C3%A3o-c%C3%A2ndido>

Figura 33 - Espelho, 2015, Giuliano Lucas.



Fonte: Giuliano Lucas

Passamos a Cláudia Silva Ferreira, é exercício de luta, mencionar que o nome dela é Cláudia Silva Ferreira, e não mulher arrastada, como a imprensa fez questão de falar, tem que ser lembrada por isso, não outro nome que a imprensa fala, pela resistência no meu trabalho. Na parte inferior tem o rosto do Milton Santos, recorro como um mentor dentro das diversas searas da vida, sua produção incrível tem duas coisas importantes, que acho tão leve e de fácil entendimento e tento incorporar no meu trabalho.

O Oliveira Silveira é importante para resistência negra em Porto Alegre e no Brasil estava sempre pelo centro da cidade, despertava no fotógrafo curiosidade pela sua presença permanente em seu olhar, inspirador para fazer música, pois seus poemas segundo Giuliano Lucas “ao mesmo tempo que tinha uma doçura na escrita e uma denúncia” (Giuliano Lucas, dez. 2017).

Por último o Grande Otelo, um artista gênio, referência no campo. O ato de unir o seu rosto as referências negras da sua trajetória, faz com que se reconheça nela, é como se olhar no espelho, a marcação das ruas de Porto Alegre, principalmente daqueles relacionados com ancestralidade negra em bairros chamados de Colônia Africana, mas que atualmente segundo fotógrafo: com seu trabalho

[...] todo uma memória que não referenciada com relação aos habitantes, de seus bairros que foram ocupados por outras populações, como comunidades judaicas, levam para rua e colo em bairros onde eram conhecidos como colônia africana, eu retorno esse rostos negros, nessa matriz referenciada, a rua acaba sendo mais uma camada desse trabalho como diversas bairros tiveram seus nomes trocados, como exemplo bairro Rio Branco (Giuliano Lucas, dez. 2016).

O trabalho ganha as ruas, transcendendo as paredes do museu, dos espaços fechados, a criação do fotógrafo, é impresso A0, sendo colado em bairros chamados de Colônia Africana, os quais tiveram seus nomes trocados, como o bairro Rio Branco, neste processo estabelecendo relação com identidade, corpo e lugar.

O Espelho de Giuliano Lucas além de ter sido exposto no final do Projeto Casa Grande, na exposição Porto Negro e nas ruas de Porto Alegre e no campus da UFRGS, a composição de rostos carregados de memórias que representam sua história como artista visual na teia de uma sociedade em que racismo é persistente, contudo o fotógrafo foge do comum para o inesperado,

visibilizando sua negritude através da afirmação de outras quando de um lado dos retratos está presente (ele) e do outro (nós), assim essa união, abre o caminho para afirmação de outras negritudes que circulam pelas ruas de Porto Alegre e para quebra desta estrutura tão bem feita chamada racismo à brasileira.

5 – Territórios Negros por Manoel José Ávila da Silva

Manoel José Ávila da Silva historiador formado pela UFRGS e professor da rede Pública do município de Porto Alegre, natural de Pelotas, cidade que passava as férias de verão durante infância e adolescência. Quando jovem circulava na esquina do Zaire e pela esquina democrática, lugares em que se conectava com o Movimento Negro. Acredita que a experiência de ser negro se constrói através das referências, das relações sociais, pelos espaços que se ocupa, vivências que deram condições para formar-se como um jovem negro em Porto Alegre. A concepção dos Territórios Negros se deu através do diálogo com Adriana Santos na Secretária de Educação do Município de Porto Alegre, no período que trabalhava na assessoria das relações étnico-raciais. Os pontos que abrangem o percurso são realizados dentro de ônibus, compostos pelos seguintes: O trajeto passa pelos Largos Glênio Peres e da Força (Praça Brigadeiro Sampaio), o Pelourinho (Igreja Nossa Senhora das Dores), o Mercado Público, o Campo da Redenção (Parque Farroupilha), a Colônia Africana (Bairros Bom Fim e Rio Branco), a Ilhota (perto do Centro Municipal de Cultura e da avenida Érico Veríssimo) e o Quilombo do Areal da Baronesa (Travessa Luis Garanha), o roteiro encerra no Largo Zumbi dos Palmares.

O professor historiador Manoel José Ávila da Silva, após alguns anos trabalhando em universidades e por circunstâncias profissionais acaba indo trabalhar com Adriana Santos na acessória para relações étnico-raciais da Secretaria da Educação do Município de Porto Alegre (SMED) em 2007. Em uma formação para os professores da rede municipal, quando foi chamado para realizar uma oficina sobre os Territórios Negros. Lembra que o Museu de Percurso Negro já estava em movimento a partir de reuniões no Centro de Referência Afro-Brasileira (CRAB). Então construíram um curso de formação

sobre os Territórios Negros, um percurso que poderia ser realizado pelos professores na época, a partir do trajeto de Oliveira Silveira, o qual tinha demarcado afirmando como caminhada e na poesia, e a Cavalgada dos Lanceiros Negros. Ambos não inventaram o percurso, pois já existia a história. Para esse projeto, Manoel pensa de forma pedagógica os caminhos que poderiam ser realizados, primeiro entendiam que os “lugares deveriam falar por si”, as pessoas que realizavam o percurso precisavam olhar para lugar e através da mediação perceber as outras camadas da cidade, para o historiador:

[...] como se lugar fale por si, espaço falam-se pela sua existência, a capacidade de olhar para os lugares e tem a percepção, as camadas de abstração, que os alunos possam ter uma dádiva de abstração, exercitar abstração, ver as diferentes camadas da cidade, essa a camadas acabamos vendo as mesmas, está na cidade, se mais gente visse isso, se agente tá na cidade, se mais gente visse isso, independente da zero ora e do correio do povo agente desenhava essa cidade “ açoriana” de outro, se procurarmos em outros signos, não adianta tu tirar camadas e continuar com as mesmas referencias (Manoel José Ávila da Silva, jan. 2017”).

Os Territórios Negros assim como outros projetos mostram a potência de Porto Alegre, mesmo sendo contraditória na reação entre a valorização dos imigrantes europeus e os projetos de visibilidade da ancestralidade negra, emergem aqui no RS possibilidades de mostrar a outras cidades, Manoel José Ávila da Silva entende o Percurso dos Territórios Negros, como ação pedagógica que nos permite ver a cidade a partir da camada da escrita espacial negra e sua ancestralidade.

6 - Negro em Preto e Branco/Colonos e Quilombolas por Irene Santos

Figura 34 - Negro em Preto e Branco e Colonos e Quilombolas



Fonte: Helena Bonetto

Fotógrafa e historiadora, Irene Santos, é responsável por trabalhos que visibilizam a história dos negros em Porto Alegre e no RS: Negro em Preto Branco – História Fotográfica da População Negra de Porto Alegre e Colonos e Quilombolas – Memória Fotográfica das Colônias Africanas em Porto Alegre. Irene Santos que frequentava as reuniões do grupo Palmares juntamente com Oliveira Silveira, dividia seu tempo entre o banco, a fotografia e as reuniões. Conta que na universidade não tinha espaço para discussões. Eram poucos negros, o Oliveira Silveira reunia uns poucos, e nos reuníamos nos sábados a tarde para conversarmos, nos encontros do grupo Palmares, no segundo andar do Mercado Público.

Foi a primeira mulher negra a entrar no Banco do Estado do Rio Grande do Sul (Barrisul). No banco já trabalhava com fotografia e após alguns anos montou seu próprio estúdio, passando a trabalhar com fotografias para cirurgia plástica. Irene Santos, lembra que no tempo em que todos os fotógrafos se conheciam, era a única fotógrafa, e após ela, Elizabeth Guerra. Fazia muitas fotos de teatro, de divulgação de música, e enviávamos fotos para Zero Hora,

Jornal do Comércio, Correio do Povo, porém, publicavam quando queriam e quando publicavam não lhe conferiam crédito, “não era como hoje, ficamos um tempão brigando para colocarem créditos, agora colocam até foto pequenas, (Irene Santos, maio. 2018).”

A fotógrafa nos conta que o projeto Negro em Preto e Branco foi uma inspiração, o livro foi financiado pelo Fumproarte¹⁸, mas a princípio era para ser outro projeto chamado, Efêmeros e Ambulantes sobre artistas de rua e grafiteiros, mas ao chegar na reunião do Fumproarte, constatou que já tinham pessoas que iriam trabalhar com mesmo tema, chegou uma reunião antes, e tinham outras pessoas que iam fazer do mesmo tema, Irene nos diz:

[...] o projeto escrito, não tinha entregue, ai faltava dez dias, não vou fazer, cheguei em casa e comecei a ver os detalhes, e comecei achar os defeitos, não vou fazer pensei, ai cheguei em casa e comecei a ver minhas coisas, a maioria das fotografias são amigas que possuem a mesma história de vida, foi uma inspiração, me dei conta que eu tinha as fotos iguais a delas, a foto podia ser minha, só mudava os rostos ai fiquei com isso, vou colocar isso em um livro, era para ser fotografia, ai comecei a fazer, fiz uma reunião sobre projeto, , nunca ninguém tinha feito assim sobre negros, passou como uma novidade, recebeu muitos elogios... (Irene Santos, jun.2018)”.

O pensamento de Irene Santos é visual, foi na fotografia que encontrou o que a fazia feliz, “achei a atividade que me faz feliz, eu me divirto com isso”. Só se deu conta de que o projeto Negro em Preto em Branco estava ligado com visibilidade desta população em Porto Alegre durante o processo

“as pessoas que vinham me trazer as fotos, se emocionando, realizando que foi me dando conta que estavam trazendo memória, é o tesouro que tinham em casa, a riqueza, a memória”. As fotos não tem identificação, pois somos nós, eu posso ser um das pessoas da fotos, apesar de não ser, nos estamos aqui dentro (Irene Santos, mar. 2018).

O livro Colonos e Quilombolas foi uma homenagem a Jaime Moreira, senhor que conheceu em suas pesquisas e que já havia publicado um livro sobre a Colônia Africana de Porto Alegre. Ele morreu aos 95 anos, foi a alma

¹⁸ O Fumproarte, criado pela lei 7328-04/10/1993, presta apoio financeiro a projetos artístico-culturais. É administrado por uma gerência específica, juntamente com a Administração de Fundos da Secretaria Municipal da Cultura. A aplicação dos recursos deste fundo é decidida pela Comissão de Avaliação e Seleção (CAS), composta por seis representantes eleitos anualmente pelo setor artístico-cultural do município e mais três representantes indicados pela administração municipal para mais informações consultar:

http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smc/default.php?p_secao=295

do livro. O nome do livro é trocadilho com o nome dado aos colonos italianos e alemães, os colonos aqui são os negros e negras que moravam nas Colônias Africanas de Porto Alegre. É uma provocação para aqueles que acreditam que não poderia haver existiu Colônias Africanas no sul do país.

É indiscutível que Irene Santos é uma referencia para comunidade negra e fora dela, em todos os eventos que participei durante os quatro anos da tese, qualquer pesquisador que queira iniciar a compreensão sobre a comunidade negra em Porto Alegre, deve iniciar pelos teus trabalhos, Irene Santos visibiliza histórias e ancestralidade que marcam a cidade com sua escrita, evidenciando outras representações raciais que não aquelas estereotipadas historicamente no Brasil.

7 - Ensaio Herdeiros de Zumbi: Urban Project por Larissa Oyarzabal e Marlon Laurêncio

Os projetos Herdeiros de Zumbi foram pensados e realizados por Marlon Laurêncio, fotógrafo e graduando em artes plásticas na UFRGS e Larissa Oyarzabal, licenciada em Geografia pela UFRGS. Através de uma conversa surgiu a ideia de entrevistar pessoas negras para falar de alguma situação de racismo que teria deixado cicatriz em suas vidas. Em cada sessão de fotografias, o momento de trocas de experiência entre negros e negras.

Os fotos tinham como o ambiente os pontos da cidade de Porto Alegre, a beleza urbana de Porto Alegre, juntamente com as narrativas de situações de racismo sofridas por negros e negras,

As fotografias/narrativas são imagens e discursos potentes que constroem referencias diferentes daqueles que estamos acostumados a ver na televisão, em que segundo Larissa Oyarzabal: “tu vê pessoas negras ou muito estereotipadas, negra barraqueira da favela (jan.2017)”. E ainda, visibilizam nossa beleza fora da estereotipagem.

O ensaio Herdeiros de Zumbi abre a discussão sobre o racismo intrínseco em nosso cotidiano, plasmando imagens de jovens negros e negras nas paisagens de pontos turísticos tradicionais de Porto Alegre constituindo-se em representações raciais negras “positivas”.

Através das narrativas que emergem de resistências, da luta e concluímos que a cidade de Porto Alegre só poderá se utilizar da palavra multicultural quando os imaginários de resistência ressoarem entre a população que habita quando institucionalmente ocuparem espaço no turismo, nos monumentos, nas escolas e outras instituições. E através deles que iniciamos uma caminhada de valorização de uma Porto Alegre de ancestralidade negra e não somente do produto de representações europeias.

Identificar os imaginários urbanos de resistência é verificar primeiro a necessidade de um direito a cidade no que tange as representações negras em seu espaço público através da valorização histórica desta população com seu trabalho e cultura, como produtores do espaço urbano. A partir deste ponto também combater o racismo institucional através de políticas públicas que incidam na visibilidade destas representações valorativas ou “positivas” desta população em Porto Alegre, assim estendendo o direito as representações não apenas aos descendentes de imigrantes europeus, mas também aos descendentes dos povos africanos que “compulsoriamente” foram obrigados a deixar seu território para habitar uma terra estranha e ainda nos dias de hoje são visíveis só em determinados momentos do cotidiano relacionados a topolização dos lugares.

Os projetos aqui representados por pesquisadores, historiadores, militantes, fotógrafos e artistas plásticos, materializam a luta histórica de resistência e para desconstruir os imaginários dominantes de que o sul do país é apenas local de brancos e imigrantes europeus e visibilizar signos “positivos” nas representações dos negros como produtores históricos do espaço urbano. Intervindo neste espaço e compondo assim as representações que alimentaram os imaginários de resistência pontuando assim uma cidade multicultural, mas sem uma política de representação desta multiculturalidade e ainda não há valorizando como positiva e fundamental para formação e desenvolvimento de Porto Alegre.

Os imaginários de resistência são fruto da luta política pelas representações e ao combate a violência simbólica sistemática que podemos nomear de racismo institucional, explicado através análise na tese dos materiais institucionais (panfletos, mídia, monumentalização da cidade pelas gestões administrativas da prefeitura), resistência da sociedade civil através de

iniciativas individuais ou realizadas por organizações, o racismo institucional (um exemplo deste ataque sistemático as representações negras é a suspensão do carnaval na cidade com a suposta afirmação por parte da gestão da falta de verba para evento, não foi abordado na tese, mas inúmeras juntaram-se para manifestar e protestar contra a suspensão.

A constituição de outras representações raciais sobre a escrita espacial negra em Porto Alegre, através dos exemplos descritos acima, combate o imaginário urbano dominante desta que foi construída e fundada por imigrantes europeus é insatisfatório para explicar sua multiplicidade e complexidade e ainda apresenta possibilidades para construção de políticas de representação para cidade, para meios de comunicação, livros didáticos entre outras camadas da realidade, além disso, é o caminho para chegarmos uma democracia real, em que a população negra esteja realmente incluída nela.

6 O SUL DE OLIVEIRA SILVEIRA – POR RONALD AUGUSTO - UM CAPÍTULO PARA CONTINUAR

Tenho consciência de que este capítulo pode ser alvo de críticas, apontamentos e até mesmo desconforto, não falar de Oliveira Silveira, da sua poesia e da sua resistência pode significar cometer o erro de invisibilizar a escrita espacial histórica dos negros na cidade de Porto Alegre.

Iniciei esta pesquisa de doutorado acreditando que poderia dar conta de todas as formas ou dimensões que compõem as representações que alimentam os imaginários urbanos da cidade de Porto Alegre/RS. Pulsa em mim uma perturbação absurda relativa a visibilidades dos imigrantes europeus na sua área sempre ligada a civilidade, o progresso, o conhecimento e desenvolvido na região meridional do Brasil que não falar de Oliveira Silveira, seria continuar como política de representação dos imigrantes de forma positiva e cometer a violência simbólica da não representação dos escritores negros neste país, este capítulo não tem um ponto final, compreendia o sexto objetivo específico da tese.

O sentido deste objetivo era comparar as representações da cidade de Porto Alegre contidas nos poemas de Oliveira Silveira e de Mário Quintana com a finalidade de verificar as representações de cada dos poetas que alimentariam os imaginários desta cidade, de Mário Quintana com a finalidade de verificar as representações de cada dos poetas que alimentariam os imaginários desta cidade, devido a grandiosidade deste objetivo e sua complexidade que exigiria mais tempo para sua abordagem analítica nesta tese e ainda estar ciente que seria uma outra tese, contudo não consegui abrir mão de escrever pelo menos o início deste estudo, pois uma tese não se acaba na sua defesa, ela nos acompanha pelo resto de nossas vidas e não escrever sobre Oliveira Silveira também seria negligenciar meu campo, que insistentemente “gritou” o nome dele todos os dias que andei sozinha ou aprendi com Ingrid Noal, Irene Santos, Leandro Machado, Iosvaldyr Bittencourt Jr, Giuliano Lucas, Manoel e Ronald Augusto.

A invisibilidade de Oliveira Silveira é a materialização da invisibilidade dos negros do Estado do Rio Grande do Sul, pois todos os dias quando estou

em sala de aula e conto um pouco do trabalho para meus alunos, colegas de escola ou até amigos, já se foram longos anos após a fundação de Porto Alegre, sim existente uma farta literatura sobre a produção do espaço pelos negros, mas infelizmente não ganha espaço nas ruas, nas vielas das escolas, nos jornais de circulação ou até mesmo como pontos turísticos e ainda nos dias de hoje, violentamos todos os dias a memória de um dos poetas mais importantes de Rio Grande do Sul, quando ele nem sequer é citado, estudado ou homenageado, afinal quem de nós leu Oliveira Silveira?

O fato é que os entrevistados e as entrevistadas para tese e nos eventos que participei, de uma forma ou outra, Oliveira Silveira esteve e está presente como referencia de poeta, luta e resistência. Contudo inviabilizado por um imaginário dominante que visibiliza os imigrantes europeus e invisibiliza os negros, ele foi citado como sendo a inspiração, o ponto de partida para intervenções urbanas e até mesmo para reescrita da história de uma cidade que ainda possui um imaginário dominante composto por representações “positivas” dos imigrantes europeus principalmente dos Portugueses, Italianos e Alemães, nomeados em panfletos turístico de modo recorrente e sempre vinculados a beleza arquitetônica de suas contribuições ao seu trabalho ardo de transformar este Estado em “ celeiro do Brasil”, não entrarei aqui a invisibilidade negra a construção forjada de uma identidade gaúcha que torna todos membros de um Estado, com uma história única, costumes e tradições comuns.

Através da escuta atenta do poeta Ronald Augusto, iniciei a compreensão sobre sua visibilidade para comunidade negra e sua invisibilidade para o restante da população que habita Porto Alegre e RS, nas palavras de Ronald Augusto quem gosta de poesia devia conhecer Oliveira Silveira, como Manoel Bandeira.

Oliveira Silveira é a história da poesia e resistência negra em Porto Alegre seus passos estão grafados no centro da cidade, trajeto que percorria, encontrava seus amigos, interlocutores, em suas mãos carregava suas palavras, o poeta Oliveira Silveira propôs a primeira mudança do Hino do Rio Grande do Sul, no trecho que ficar explicito o racismo deste estado “Povo que não tem virtude acaba por ser escravo”.

Oliveira Silveira era antes de tudo um grande poeta, Ronald Augusto, conta que conheceu como poeta e depois como intelectual negro, seus poemas são engajados, são poemas participantes, Ronald Augusto começa a fazer poesia por volta de 1975 e 1976, neste processo iniciou a procura por poetas negros, conforme ele não havia encontrado negros escrevendo na tradição literária ocidental e depois brasileira, após algum tempo descobri um poeta Oliveira Silveira, ai fui no lançamento do livro dele, no alto do Mercado Público, a partir dali encontravam-se em rodas de poesia e pelo centro de Porto Alegre.

Era comum encontrar Oliveira Silveira nos arredores do mercado, ou na esquina democrática. O Oliveira era conhecido através do grupo Palmares, tinham proposto o 20 de novembro, tinha essa importância histórica. Após alguns anos ficaram muito próximos, Ronald Augusto descobriu que moravam perto, Oliveira Silveira tinham o costume de trocar cartas.

Ronald Augusto lançou seu primeiro livro em 1983, Homem ao Rubro, Oliveira Silveira, estava presente, comprou dois ou três exemplares e distribuiu para outros e mandou para outros escritores negros, um deles foi Oswaldo de Camargo que estuda a produção literária negra desde o período colonial a contemporaneidade, depois 1986, saiu um livro dele, a primeira antologia, de escritores negros do período colonial, era o mais contemporâneo, primeira vez que alguém tem coragem de colocar Machado de Assis, Cruz e Souza, não teve medo de tirar estes escritores, ele coloca esses caras no percurso negro, Maria Helena da Silveira.

Segundo Ronald Oliveira Silveira tinha uma preocupação constante de disseminar, manter viva a cultura negra, o debate cultural, era um professor no sentido mais amplo, esse grupo era ele trabalhava para afirmar a cultura negra, ele tinha consciência da naturalização da imagem, da visibilidade étnica é dos brancos, em de Porto Alegre e RS, um estado que a custo começou aceitar a diversidade, é formado por uma diversidade étnica, ele quer impor, consagrar uma constituição alemã, italiana, no máximo a máxima “bugre” do gaúcho. Oliveira Silveira, nos últimos anos esteve presente em exposições sobre o negro gaúcho, sempre esteve atento, ele percebi a exclusão dessa cultura dos Centros Tradicionalistas Gaúchos (CTGs), não queriam negros lá, durante muito tempo não admitia negros lá, isso começou a acabar em 1950-60, quarenta anos atrás tinha CTGs que não admitia negros, por isso ele fazia os

poemas que afirmavam e para mostrar que gaúcho é negro também, não só italiano, alemão, entre outros.

Oliveira Silveira, com ninguém, nunca deixou de tocar de forma forte e explícita na questão do racismo uma pessoa firme, sem perder a ternura era professor de ensino médio, ele conhecido da comunidade e negra, todo mundo bate nas costas dele e não fazia nada, ele deveria ser um grande nome da literatura do RS, nesse sentido que o Oliveira precisava também ser reconhecido para além da comunidade e negra, a poesia, o repertório da poesia de Oliveira Silveira, para leitor em geral deve ser lido como Mário Quintana.

Sua última conversa com Oliveira aconteceu na Palavraria, ele tocou violão pela primeira vez que ele tocou, ele tinha timidez não tocava em público, foi muito legal, foi um grupo pequeno.

Oliveira Silveira é mais do que uma tese, é uma referência, representa a cultura negra no RS, sua memória deve estar grafada na cidade em um monumento juntamente com Carlos Drummond e Mário Quintana, na Praça da Alfândega no Centro Histórico da Cidade de Porto Alegre, seus poemas devem tornarem-se leitura obrigatória na escola e um dever do estado do RS, tornar pública sua poesia, sua história e sua memória, quem perde somos nós, e já estamos perdendo a muitos anos, este capítulo é só uma gota de possibilidades do que ainda precisamos trabalhar para cidadania da população negra em Porto Alegre e no Brasil.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente é importante situar o leitor que a tese não se encerra com a escrita das considerações finais, ela é na verdade encerrada, em função das temporalidades impostas pelos regimes de produção dos Programas de Pós-graduação no Brasil e em outros países. Nestes quatro anos e meio de doutorado vi colegas, amigos e até mesmo professores adoecendo, eu própria não escapei dessa lógica.

Acabo por me despedir de um trabalho que ainda julgo ser potente em continuidade para futuro aprofundamento: conceitual, metodológico e teórico. Seu corte abrupto em função dos tempos me causou e causa ainda desconforto e frustrações. E, para além da pesquisa e seus trajetos, acredito na urgência da implementação de acompanhamento psicológico para os alunos que ingressam na pós-graduação, o que evitaria uma série de constrangimentos, exposições públicas, desencadeamento de doenças psiquiátricas, como: a ansiedade e a depressão.

Além da sensibilidade da extensão de prazos, quando o aluno for acometido por essas doenças. É chegada hora de humanizar os processos acadêmicos, haja vista que vivemos em uma total desumanização da academia, eu felizmente tive um orientador sensível e amigos/amigas que me acolheram diante das inúmeras adversidades e do adoecimento durante a tese, foi praticamente um desafio diário para não esmorecer.

Após a denúncia sobre a produtividade acadêmica e seus efeitos nos estudantes de pós-graduação. Passo às considerações teórico-metodológicas que foram resultantes dessa tese, a qual teve como problemática de pesquisa: como e o por quê, a invisibilidade das representações negras persistiram nos imaginários urbanos dominantes entre os anos de 2010-2014, embora houvessem representações da escrita espacial negra na história da cidade de Porto Alegre?

O objetivo geral: compreender os processos de persistência de invisibilidade das representações negras nos imaginários urbanos da cidade de Porto Alegre - RS entre 2010-2014.

E a hipótese era que embora entre anos de 2010-2014, inúmeras iniciativas tenham sido direcionadas para visibilização das representações da escrita espacial negra na história de Porto Alegre, como o Museu de Percurso Negro, ainda persiste o imaginário dominante, constituído por representações que valorizam a cidade branca e de imigração europeia.

O debate sobre o conceito de raça e seu uso histórico durante o século XVIII e XIX e como categoria estruturante das relações sociais no Brasil e como elemento explicativo das desigualdades sociais entre brancos e negros em nosso país, foi importante para compreender o processo da racialização do cotidiano e das práticas socioespaciais, imersas pelos fatores históricos acabaram por valorizar o trabalho, a cultura e a religiosidade ligada à imigração europeia no Brasil e mais intensivamente nos estados que compõem do sul do país. Os atributos relacionados a população branca são visibilizados através das culturas às quais pertencem, tais como: portuguesa, alemã e italiana. À população branca originada a partir da imigração é atribuído o trabalho e o desenvolvimento do país, tendo em vista as políticas de branqueamento adotadas pelo estado brasileiro no século XIX para substituição de mão-de-obra negra escravizada pelos colonizadores portugueses.

A escrita espacial negra histórica foi marcada pela estereotipagem de suas características físicas, cultura e religiosidade, sendo desvalorizadas pelo estado brasileiro. Apesar de uma suposta democracia racial em nosso país, isto é, todas as racas são iguais, somos resultado da “mistura”, vimos que ela acaba sendo mais um elemento constitutivo do racismo à brasileira, pois elementos que compõem as representações negras ora estão incorporados a identidade nacional ora não. Vive-se uma falácia no cotidiano, e podemos afirmar que esta dicotomia acaba por determinar a visibilidade das representações relativas a população branca de origem europeia e invisibilizar as representações negras nos imaginários urbanos das cidade de Porto Alegre, lugar investigado nesta tese.

Outro desafio de ordem teórica foi compreender as definições de imaginários sociais e, após, imaginários urbanos. Partimos da formulação do conceito de imaginários urbanos dos autores Alicia Lindón e Daniel Hiernaux, definido por eles como sendo um conjunto de representações que qualificam os lugares das cidades e ainda orientam as práticas socioespaciais. Contudo, os

autores não deixam nítido o que seriam as representações. Para avançar na definição sobre o que seriam as representações recorri a abordagem de Stuart Hall que opta pela via da cultura para explicar como o sistema de representações raciais relativas a população negra nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha se constituem e são expressas através da linguagem, a qual é formada não só por palavras faladas, escritas, discursos, objetos e imagens.

Proponho, então, a seguinte definição de imaginários urbanos, a qual emergiu do processo de pesquisas: constructo social, ou seja, um modelo/imagem criado mentalmente, formado a partir das representações materiais e imateriais de grupos sociais, de fatos históricos, de pontos turísticos ou paisagens naturais que marcam e qualificam através de signos e símbolos o lugar-cidade. Além disso, é importante fazer uma ressalva, pois os imaginários urbanos se traduzem materialmente, quando, por exemplo, em nossas práticas socioespaciais evitamos determinados espaços por termos um imaginário topofóbico em relação a eles.

Para operacionalização foi necessário aplicar diferentes técnicas de coleta de dados que envolveram pesquisa de campo junto aos marcos do Museu de Percurso Negro, bem como entrevistas semiestruturadas nos mesmos locais, coleta de materiais publicitários na Secretária de Turismo e solicitação de levantamento de monumentos presentes no Centro Histórico de Porto Alegre e, ainda, entrevistas do tipo narrativas com militantes, intelectuais e artistas negros, os quais são referências para comunidade negra em Porto Alegre. Enfrentar dados de origens diversas exigiu organização e construção de banco de dados para permitir adequada visualização dos materiais. Não direi que foi uma tarefa fácil, pois questioneei a “força” dos dados todos instantes da pesquisa, se realmente eles permitiriam a afirmação da hipótese da investigação ou a refutavam. Abri caminho para que os dados “falassem” deixando a constante preocupação com a tendência positivista da necessidade de coleta-testagem-comprovação, pois os dados qualitativos que envolvem levantamento de significados exigem mais interpretação do que testagens. Através do uso da proposta teórico-metodológica de Lindón (2008a), dos Hologramas Espaciais, Trabalhei com os trajetos sinuosos das pesquisas qualitativas, unindo hologramas e narrativas espaciais, e agregando a proposta da autora das narrativas que compostas por elementos materiais e imateriais.

Isto é, construções formadas não apenas pela transcrição das entrevistas, mas por textos, imagens, monumentos e discursos, os quais entendi como linguagem que expressam o conjunto de representações sobre a cidade de Porto Alegre.

É importante lembrar que o princípio do holograma é conter em si o todo, permitindo uma leitura da cidade sem fragmentação e da sua totalidade, sem ser totalizante. o Holograma Espacial sobre a invisibilidade das representações negras na cidade de Porto Alegre é formado pelas narrativas turísticas, dos monumentos e das entrevistas nas ruas e pelos questionários aplicados no ambiente virtual.

O processo de pesquisa demonstrou que ao longo de cada uma das narrativas as representações relativas aos imigrantes europeus recebem grande destaque, tanto em quantidade como na ênfase de suas características positivas. Por exemplo, italianos e alemães estão ligados à ideia de que com o seu trabalho contribuíram para o desenvolvimento da cidade. A presença desse discurso se contrasta com a ausência de uma ideia equivalente sobre a contribuição do trabalho negro. Quando se busca essa imagem, ela vem associada à escravização desta população. Isso quer dizer, aquilo que foi obra de seu trabalho aparece transfigurado como obra do branco. Na narrativa turística não há representação que valorize a escrita histórico-espacial negra, sendo visíveis os aspectos negativos e de desvalorização, congelamento da escrita negra no período da escravidão, a invisibilidade da religiosidade traduzida no Bará do Mercado, e a suspensão do o Museu de Percurso Negro não são trazidos nos materiais de divulgação.

As narrativas proporcionadas pelos monumentos dão visibilidade bem maior ao branco. Pode-se entender como uma questão social decorrente das desigualdades raciais em nosso país. A elite brasileira aparece bem representada em monumentos de representantes políticos, religiosos, jornalistas e escritores no Centro Histórico. No entanto, monumentos da escrita espacial negra são implementados a partir 1997 (monumento em homenagem a Zumbi dos Palmares e após só em 2011 com a primeira obra do Museu de Percurso Negro).

Contudo, emerge das considerações um elemento novo que não foi considerado na formulação da tese: a força da construção da identidade

gaúcha presentes nos materiais de divulgação turísticos, nos monumentos e mencionada nas entrevistas presenciais e virtuais. A formação de uma identidade gaúcha possui representações visíveis pela cidade e é um importante elemento constituinte dos imaginários dominantes relativos à Porto Alegre e ao estado do Rio Grande do Sul. Ela se ampara no imaginário de democracia racial, igualando os povos e suas culturais, mas tendo este objetivo a escrita espacial negra histórica permanece invisível na formação do “gaúcho”, sendo alvo da escrita e da denuncia de Oliveira Silveira em seus poemas sobre o tema. Este tema oferece um dos caminhos para continuidade da compreensão dos imaginários urbanos da cidade de Porto Alegre, o que implica considerar também o jogo de escalas que sobrepõe a história da cidade e a história da formação do estado RS.

Por fim, o último capítulo traz um contraponto ao argumento central sobre a invisibilidade negra no imaginário da cidade, compreende o destaque das falas dos entrevistados sobre os imaginários urbanos de resistência. Embora a pesquisa tenha revelado um imaginário com invisibilidade negra na formação da cidade, também se revela o esforço das iniciativas em conferir sua visibilidade. Retrata as iniciativas individuais e coletivas em prol da visibilização da escrita negra espacial histórica nesta cidade. Dedico ele à memória dos entrevistados, e entendo que ainda é preciso continuar aprofundando leituras e análises do material para que ele possa cumprir com a sua finalidade de uma pesquisa acadêmica.

Precisamos ainda evidenciar a escrita espacial histórica negra de Porto Alegre através da visibilidade da ancestralidade desta população impregnada em toda a cidade de Porto Alegre pelo seu trabalho e cultura.

Assim, espero que este documento possa contribuir para formação de políticas de visibilidade das representações da escrita espacial negra em Porto Alegre em suas diversas dimensões chegando finalmente a formação de professores da escola básica e o público em geral. Acredito que a elaboração de materiais didáticos sobre o Museu de Percurso Negro como folhetos de divulgação e sua inclusão no mapa de pontos turístico da cidade são de extrema urgência para que possamos tornar visíveis estas iniciativas, bem como a inclusão do roteiro dos territórios negros na linha do *City Tur* – o ônibus turístico da cidade, por ora acredito na necessidade de continuar estudando e

aprofundar leituras para chegar na afirmação de que a cidade de Porto Alegre é branca e a invisibilidade das representações negras em nossa cidade são fruto do projetos de branqueamento da população brasileira, da exaltação da identidade do gaúcho e das práticas da branquitude e seus privilégios. Acredito que ainda existe um caminho a percorrer, mas já foi iniciado a partir da investigação aqui apresentada. Através da perspectiva da pesquisa qualitativa e com a metodologia de análise de dados a partir do holograma espacial, o mérito desta pesquisa foi a reunião dos procedimentos de coleta e análise de dados empregados para compreensão, interpretação e discussão do problema. A partir do holograma espacial e o apoio das ideias dos imaginários urbanos e das representações foi possível demonstrar que persiste a invisibilidade apesar das iniciativas em direção contrária, através dos aportes e dos documentos e dos estudos sobre raça e de dominação e da leitura sobre a sua(s) geografia(s) foi possível chegar a compreensão narrada nesta tese.

O holograma permitiu demonstrar a invisibilidade do negro no imaginário da cidade os fatores simbólicos que não apenas o sustentam, mas igualmente as práticas concernentes ao sistema de poder racialização no Brasil. Isto é, uma forma de estar e viver no mundo como se brancos fossem neutros, tendo em vista que não foram racializados historicamente ao contrário dos negros que sempre tiveram seus corpos e práticas racializados.

A ideia de raça deve ser discutida, pois no cotidiano naturalizamos a atribuição de comportamentos a determinados fenótipos, como por exemplo: os negros nascem para dançar, na prática da branquitude os brancos são civilizados, intelectuais, sempre valorizados como trabalhadores, entre outras características. Na prática da branquitude dos privilégios são notórios em diferentes dimensões socioespaciais, em que as representações que marcam a cidade não estão fora delas e tornando-se permanentes nos imaginários dominantes da cidade de Porto Alegre.

É de suma importância identificar que estamos dentro de um sistema de poder marcado pela branquitude, com privilégios de representação materiais e imateriais que marcam os espaços públicos da cidade de porto Alegre, para combate ao racismo e para educação antirracista e promoção da equidade entre as raças. Tudo soa como se estamos nos primeiros passos principalmente nas discussões relativas aos privilégios arraigados pelas

práticas da branquitude em nosso país e da valorização das suas escritas nas cidades brasileiras, a educação antirracista é relacionada e não deve ser uma luta apenas dos negros de nosso país, mas de toda nossa sociedade.

Assim finalizo está tese, mas sigo ainda pesquisando este tema, para que se possa aprofundar a relação entre a racialização, a cidade, a branquitude, as representações e os imaginários e propor alternativas para finalmente chegarmos a mudanças dos imaginários urbanos dominantes para imaginários que visibilize a escrita espacial negra histórica na cidade de Porto Alegre. Sigo estudando, lutando e resistindo como mulher e educadora do ensino público.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de. Sobre a Memória Das Cidades. In: In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA:, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). **A Produção do Espaço Urbano**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 19-42.

ANJOS, CARLOS DOS. **A variação ontológica de raça na modernidade: Brasil e Cabo Verde**, Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, Vol. 49, N. 1, p. 20-25, jan/abr 2013.

BARBOSA, Wilson do Nascimento. **Cultura Negra e Dominação**. Porto Alegre: Unisinos, 2006.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Ed. 70: Martins Fontes, 1979.

BASTIDE, ROGER & FERNANDES, FLORESTAN. *Branços e negros em São Paulo*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1959.

BAUER, Martin; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2007

BERND, Zilá; BAKOS, Margaret M. *O trabalho: o negro liberto*. In: *O negro: consciência e trabalho*. Porto Alegre: UFRGS, 1991.

BITTENCOURT JUNIOR, Iosvaldyr Carvalho. *Territórios Negros* -. In: SANTOS, Irene (Org.). **NEGRO em Preto e Branco: História Fotográfica da População Negra de Porto Alegre**. Porto Alegre: Prefeitura de Porto Alegre, 2005.p. 36-49.

Brasil – Constituição Federal 1988. LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003. Disponível: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2003/lei-10639-9-janeiro-2003-493157-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso jan. 2014

CANCLINI, Néstor Garcia. *Diálogo con Néstor García Canclini ¿Qué son los imaginarios y cómo actúan en la ciudad?*. Revista Eure, Santiago de Chile, v XXXIII, n. 99, p.89-99, ago. 2007.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Imaginarios Urbanos*. 4. ed. Buenos Aires: Eucleba, 2010. p. 184. Disponível em:<https://drive.google.com/file/d/0B5UfjjAP0C2FOENDdm1Fa1ZVRzQ/view>.

CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1982.

CÔRTEZ, Antônio Carlos Côrtes. As Caras Pretas -. In: SANTOS, Irene (Org.). **NEGRO em Preto e Branco: História Fotográfica da População Negra de Porto Alegre**. Porto Alegre: Prefeitura de Porto Alegre, 2005. p.68-71.

CORRÊA, R. L. Monumentos, política e espaço. Geo Crítica / Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, 15 de febrero de 2005, vol. IX, núm. 183. Acesso em: 16 abr. 2018. Côrtes (2005, p. 37)

DEBARBIEUX, Bernard. Los Imaginarios de las Naturaleza . In: Lindón, Alicia; HIERNAUX, Daniel (Org.). **Geografía de los imaginarios**. Barcelona: Anthropos Editorial, 2012. P. 140-156.

DOBERSTEIN, Arnaldo Walter. **Estatuária e Ideologia**. Porto Alegre: Cidade, Letra e Vida, 2011.

DURAND, Gilbert O **imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem / **Gilbert Durand**; tradução Renée Eve Levié. - 3ª ed.

DURAND, Gilbert. As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral. 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. Ver a cidade: cidade, imagem, leitura. São Paulo: Nobel, 2008.

GERMANO, Íris. Carnavais de Porto Alegre: etnicidade e territorialidades negras no Sul do Brasil. In: SILVA, Gilberto Ferreira da; SANTOS, José Antônio dos; CARNEIRO., Luiz Carlos da Cunha (Org.). **RS negro : cartografias sobre a produção do conhecimento**. Porto Alegre: Edipucrs, 2003. p. 100-122.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Como trabalhar com "raça" em sociologia. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, p.93-107, jun. 2003. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S15179702200300010008&lang=pt#nt01>. Acesso em: 11 jul. 2016.

HALL, Stuart. Cultura e representação. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HIERNAUX, Daniel. De los imaginarios a las prácticas urbanas: construyendo la ciudad de mañana. Iztapalapa 64-65: Revista de Ciencias Sociales y Humanidades, Iztapalapa - México, D. F., n. 29, p.15-35, jan-dez 2008. Disponível em: <http://danielhiernaux.net/publicaciones/index2.php>>. Acesso em: 11 set. 2012

HIERNAUX, Daniel. Los Imaginarios Urbanos: De la teoría y los aterrizajes en los estudios urbanos. EURE: Revista Latinoamericana de Estudios Urbano-Regionales, Instituto de Estudios Urbanos y Territoriales, Pontificia Universidad

Católica de Chile vol. XXXIII, núm. 99, agosto, 2007a. p. 17-30. Disponível em: <<http://www.scielo.cl/pdf/eure/v33n99/art04.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2012.

HIERNAUX, Daniel; LINDÓN, Alicia. “Imaginaros urbanos desde América Latina. Tradiciones y nuevas perspectivas” en: Imaginaros urbanos en América Latina: urbanismos ciudadanos, Fundación Antoni Tapies, Barcelona, pp. 157-167, 2007b.

HIERNAUX, Daniel; LINDÓN, Alicia. Los imaginarios urbanos de la dominación y la resistencia: un punto de partida. Iztapalapa 64-65: Revista de Ciencias Sociales y Humanidades, Iztapalapa - México, D. F, n. 29, p.7-12, jan-dez 2008. Disponível em: <<http://danielhiernaux.net/publicaciones/index2.php>>. Acesso em: 11 set. 2012.

JACKS, MORIGI e OLIVEIRA, 2009, p. 87-88).

JACKS, Nilda; MORIGI, Valdir; DIAS, Lisete. **Porto Alegre Imaginada**. Porto Alegre: UFRGS, 2012.

KERSTING, Eduardo Henrique de Oliveira. Negros e a modernidade urbana em Porto Alegre: a colônia africana (1890-1920). 1998. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, UFRGS, Porto Alegre.

LEGROS, Patrick et al. Sociologia do Imaginário. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

LEITE, Ilka Boaventura (Org.). Negros no sul do Brasil. Invisibilidade e territorialidade. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996.

LIMA, Rogério; FERNANDES, Ronaldo Costa. **O imaginário da Cidade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000. 194 p.

LINDÓN, Alicia. Del Suburbio como paraíso a la espacialidad periférica del miedo. In: LINDÓN, Alicia; HIERNAUX, Daniel; AGUILAR, Miguel Ángel. Lugares e Imaginaros en la Metrópolis. 1. ed. Iztapalapa, México: Antrophos, 2006. p. 184.

LINDÓN, Alicia. El constructivismo geográfico y las aproximaciones cualitativas. Revista de Geografía Norte Grande, Santiago de Chile, n. 3, p.5-21, jun. 2007b. Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0718-34022007000100001&script=sci_arttext>. Acesso em: 12 jul. 2012. 89

LINDÓN, Alicia. La ciudad y la vida urbana a través de los imaginarios urbanos. Revista Eure, Santiago de Chile, v. XXXIII , n. 99, p.7-16, ago. 2007c. Disponível em: <<http://www.scielo.cl/pdf/eure/v33n99/art02.pdf>>. Acesso em: 03 maio 2012.

LINDÓN, Alicia. Los imaginarios urbanos y el construtivismo geográfico: los hologramas espaciais. *Revista Eure*, Santiago de Chile, v XXXIII, n. 99, p.31-46, ago. 2007a. Disponível em:

<<http://www.scielo.cl/pdf/eure/v33n99/art04.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2012.

LUZ, Luis Fernando da. PARQUE FARROUPILHA O lago e os eixos como elementos de composição: O lago e os eixos como elementos de composição. **Arqttexto**, Porto Alegre, n. 1, p.85-93, 2000. Semestral. Disponível em:<https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_0/0_Luis%20Fernando.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2018.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo : Martins Fontes, 1997.

MACCANNELL, Dean. Los dos imaginarios. In: Lindón, Alicia; HIERNAUX, Daniel (Org.). **Geografía de los imaginarios**. Barcelona: Anthropos Editorial, 2012. p. 108-117.

MAESTRI, Mário. O negro e o imaginário étnico gaúcho. In: *Diversidade Étnica e Identidade Gaúcha*. Documentos, Santa Cruz do Sul: UNISC, n. 5, 1994.

Martel (2006), que estuda a cidade de San Salvador

Monteiro, Charles. *Porto Alegre e suas escritas : história e memórias da cidade*. Porto Alegre : Edipucrs, 2006.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MORIN, Edgar. **Um ponto no Holograma – A História de Vidal meu pai**. 1. ed. Porto Alegre: Girafa, 2006.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. 2. ed. São Paulo : Autêntica, 1999.

MUNHOZ, Gláucia de Souza. O onírico como tentativa de conhecer o imaginário social do espaço urbano. In: GUIMARÃES, Raul Borges et al (Org.). *Memória e Imaginário Urbano: Geografia de Morpheus*. Presidente Prudente: Azimute, 2006. Cap. 2. p. 21-31.

MUNHOZ, Gláucia de Souza. O onírico como tentativa de conhecer o imaginário social do espaço urbano. In: GUIMARÃES, Raul Borges et al (Org.). *Memória e Imaginário Urbano: Geografia de Morpheus*. Presidente Prudente: Azimute, 2006. Cap. 2. p. 21-31.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado**. São Paulo: Perspectiva, 2016.

OLIVEIRA, Livia. O Sentido de Lugar. In: MARANDOA JUNIOR, Eduardo; HOZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (Org.). **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 3-16.

OLIVEIRA, Silveira; **Obra Reunida por AUGUSTO, Ronald** Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2012.

OLIVEN, Ruben George. A invisibilidade social e simbólica do negro no Rio Grande do Sul. In: LEITE, I. B. (Org.). *Negros no Sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996. p. 13-32.

OLIVEN, Ruben George. O Renascimento do Gauchismo.. In: BERNARD, Zilá et al (Org.). **Nós, os gaúchos**. Porto Alegre: UFRGS, 1994. Cap. p. 77-80.

ORO, Ari et al. Nós, os macumbeiros. In: BERNARD, Zilá et al (Org.). **Nós, os gaúchos**. Porto Alegre: UFRGS, 1994. Cap. p. 78-89.

Pablo Navarro (NAVARRO, 2009, p. 17-18).

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra História : imaginando o imaginário. Revista Brasileira de História, n. 29, 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O imaginário da cidade: visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2. ed. Porto Alegre : Editora da UFRGS, 1999.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Os Excluídos da Cidade. Cadernos porto e vírgula, Porto Alegre, n.11, p. 80-89, 1995.

PESAVENTO, Sandra. Imagens Urbanas. 1. ed. PORTO ALEGRE: UFRGS, 1997. v. 1.

PESAVENTO, Sandra. As leituras da memória: a cidade imaginária de um cronista no sul. Anos 90 (UFRGS), Porto Alegre, v. 14, n. dez, p. 47-60, 2000.

PESAVENTO, Sandra. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias.. Revista Brasileira de História, v. 27, p. 7-23, 2007.

PESAVENTO, Sandra. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. Cuadernos Del Sur História, Bahia Blanca, v. 28, p. 235-255, 1999.

PESAVENTO, Sandra. Imagens Urbanas. 2. ed. PORTO ALEGRE: UFRGS, 2008. v. 1.

PESAVENTO, Sandra. Imaginário da cidade: visões literárias do urbano (Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre). 2. ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 2002. v. 1.

PESAVENTO, Sandra. Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em História Cultural. 1. ed. Porto Alegre: Asterisco, 2008. v. 1. 260p.

PINHEIRO, Délio José Ferraz; SILVA, Maria Auxiliadora da (Org.). **Visões Imaginárias da Cidade da Bahia: Um diálogo entre a geografia e a literatura.** Salvador: Edufba, 2004. 184 p.

Quijano, Aníbal. ¡Que tal raza! (Tema central). **En: Ecuador Debate.** Etnicidades e identificaciones, Quito: CAAP, (no. 48, diciembre 1999): pp. 141-152. ISSN: 1012-1498. Acesso em: 05 jul.2014

RAMOS, Alberto Guerreiro. Introdução crítica à sociologia brasileira. Rio de Janeiro: UFRJ, 1959.

RELPH, Edward. Reflexões Sobre Emergência, Aspectos e Essência de Lugar. In: MARANDOA JUNIOR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (Org.). **Qual o espaço do Lugar.** São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 17-32.

ROSA, Marcus Vinicius de Freitas. **Além da invisibilidade: história social do racismo em Porto Alegre durante o pós-abolição (1884-1918).** 2014. 312 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, História Social., Unicamp, Sao Paulo, 2014. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/281205/1/Rosa_MarcusViniciusdeFreitas_D.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2016.

SANTOS, Irene et al. **Colonos e Quilombos: Memória Fotográfica das Colônias africanas de Porto Alegre.** Prefeitura de Porto Alegre: Porto Alegre, 2010.

SANTOS, IRENE. **Negro: em preto e branco: história fotográfica da população negra** de Porto Alegre. Prefeitura de Porto Alegre, 2005.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo : EDUSP, 2006.

SANTOS, Milton. Ser negro no Brasil hoje. Folha de São Paulo – Caderno Mais. São Paulo, 07 de maio de 2000. Disponível em <http://www.ige.unicamp.br/~lmelgaco/santos.htm>. Acesso em 10 de abril de 2016.

SANTOS, Renato Emerson dos (org.) Diversidade, espaço e relações étnico-raciais: O negro na geografia do Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2007

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo": raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana.** 2012. 122 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Psicologia Social, Usp, Sao Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-21052012-154521/pt-br.php>>. Acesso em: 30 maio 2016.

SCHWARCZ, Lília Moritz. O espetáculo das raças : cientistas, instituições e questão racial no Brasil : 1870-1930. São Paulo : Companhia das Letras, 1993.

SILVA Téllez, Armando. Imaginários urbanos. São Paulo, SP: Perspectiva, 2001.

SILVA, Juremir Machado da. **Diferença e Descobrimento**: O que é o imaginário. Porto Alegre: Editora Meridional, 2012. 175 p.

Silva, Juremir Machado. O Reino da distinção. In: BERNARD, Zilé et al (Org.). **Nós, os gaúchos**. Porto Alegre: UFRGS, 1994. Cap. p. 107-114.

Singer, Paul Israel. Desenvolvimento econômico e evolução urbana : análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife. 2. ed. São Paulo : Ed. Nacional, 1977

SOUZA, Vinicius Vieira de. Artes Visuais de referencia afrobrasileira no espaço público de Porto Alegre. In: MATTOS, Jane Rocha (Org.). **Museus e africanidades**. Porto Alegre: Edições Museu Júlio de Castilhos, 2013. p. 55-84.

SOUZA:, Marcelo Lopes de. A Cidade, a Palavra e o Poder Praticas. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA:, Marcelo Lopes de; ENCARNAÇÃO, Maria (Org.). **A Produção do Espaço Urbano**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 146-166.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

VARGAS, Pedro Rubens. O Museu de Percurso do Negro na perspectiva de seus idealizadores Os militantes do Movimento Negro. In: MATTOS, Jane Rocha (Org.). **Museus e africanidades**. Porto Alegre: Edições Museu Júlio de Castilhos, 2013. p. 85-100.

VILAS BOAS, Ilma Silva; BITENCOURT JÚNIOR, Iosvaldyr Carvalho; SOUZA, Vinicius Vieira de. **Museu de Percursos do Negro em Porto Alegre**. Porto Alegre: Grupo de Trabalho Angola Janga, 2010. 172 p.

Zero Hora. **Dados do IBGE colocam municípios do Estado como campeões em credos**. Disponível em:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2012/06/dados-do-ibge-colocam-municipios-do-estado-como-campeoes-em-credos-3806966.html>. Acesso: 11 abr.2015